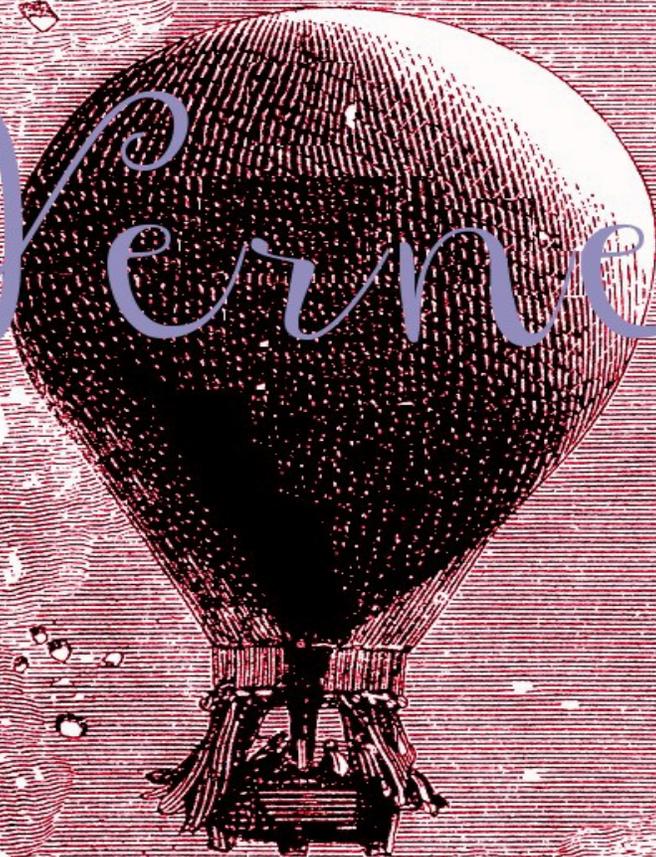


Jules

Verne



**CINCO
SEMANAS EM
UM BALÃO**

JULES VERNE
CINCO SEMANAS EM
UM BALÃO

Tradução brasileira de OTÁVIO DE VASCONCELOS

EDITORA MATOS PEIXOTO, S. A.



BIBLIOTECA
DO EXILADO

Título original francês
CINQ SEMAINES EN BALON

Os direitos desta tradução pertencem a EDITORA MATOS PEIXOTO, S. A.

Índice

Autor

EXCELSIOR

REPERCUSSÃO

O SEGREDO DO DOUTOR Fergusson

EXPLORAÇÕES AFRICANAS

CARTA GEOGRÁFICA AFRICANA

UM CRIADO IMPOSSÍVEL

O BALÃO

JANTAR DE DESPEDIDA

Joe LECIONA COSMOGRAFIA

Fergusson EXPLICA

O VITÓRIA

O INFELIZ MAIZAN

A DOIS MIL METROS

ASSALTO INESPERADO

BEBEDEIRA REAL KAZEH

TEMPORAL

O ELEFANTE REBOCADOR

AS FONTES DO NILO

A SENHORA BLANCHARD

INTERVENÇÃO DIVINA

ASSALTO NOTURNO

O MISSIONARIO

A MORTE DE UM JUSTO

PREOCUPAÇÕES DE Fergusson

O DIA SEGUINTE

O POÇO DO DESERTO

PESQUISAS DESESPERADAS

O OASIS

OS SONHOS DE Joe

UMA PAISAGEM MAGNÍFICA

OS POMBOS INCENDIARIOS

SACRIFÍCIO SUBLIME

EXPLORAÇÃO DO LAGO TCHAD

O FURACÃO

A HISTORIA DE Joe

OS ÁRABES PERSEGUEM Joe
UMA NOITE PERTO DE AGADÉS
O NIGER
OS MONTES HOMBORI
PARADA ACIMA DE UM BOSQUE
O INCÊNDIO
O RIO SENEGAL
CONCLUSÃO

Autor

JÚLIO VERNE nasceu em Nantes, no estuário do Liger, a nove de fevereiro de 1828. Seu pai, Pedro Verne, foi notável advogado, profissão tradicional dos homens de sua família. Sua mãe, de família rica de armadores, chamava-se Sofia Alote.

A casa em que nasceu o grande ficcionista situava-se na lóbrega rua de Kervegar. Era a mansão dos Alote, pois Pedro, ao casar-se com moça rica, não tinha ainda meios de oferecer-lhe lar à altura de sua tradição.

O nome escolhido Júlio era homenagem ao avô paterno, também advogado. Desde logo, pretendeu-se que, com o nome, o recém-nascido herdasse a vocação do avô, a sua inteligência e o seu vigor profissional.

No ano seguinte, nascia Paulo, único irmão de Júlio, pois todos os outros filhos do casal, daí por diante, foram meninas. Nas previsões da família, Júlio seguiria, como os Verne, a carreira das leis enquanto Paulo se inclinaria para a tradição dos Alote e seria homem do mar.

Não tardou que Pedro Verne começasse a ter desenganos, quanto ao sonho de fazer de Júlio um continuador da profissão preferida da família. O rapaz revelava espírito inquieto e fantasioso, muito mais próximo do romancista do que da personalidade formal e circunspeta do advogado. A leitura o atraía de modo especial e sempre foi terrível devorador de livros. Preferia, porém, aventuras, novelas e ficções e deixava em plano remoto o estudo sistemático a que era obrigado, como estudante. Talvez por isto tenha guardado, indelévelmente, na memória e no coração, os seus tempos de aluno da senhora Darrigade. Aos oito anos, Júlio e seu irmão de sete matricularam-se no estabelecimento. A senhora Darrigade tinha também paixão pelas aventuras e costumava narrar a seus alunos, com calor e colorido, histórias e fantasias que os extasiavam. Júlio era, talvez, quem mais se deixava empolgar pelas narrações da mestra. Ia a ponto de; encerradas as aulas, organizar com os companheiros lutas de piratas e marinheiros, vivendo, naquele arremedo realista, a fantasia que morava em sua alma infantil.

Os autores que conquistaram a preferência do jovem leitor incomparável, foram Swift, Defoe e Chateaubriand. A história de Robinson Crusó e de Átala polarizaram o entusiasmo de Júlio Verne e lançaram em sua formação a argamassa que iria revelar o mais vigoroso ficcionista do mundo.

Da escola da senhora Darrigade, Júlio e Paulo passaram ao internato do colégio de São Donato. Findo o curso, os dois irmãos Verne regressaram a casa e tiveram grande alegria.

Seus pais já não moravam no severo lar dos avós, mas em vivenda alegre e própria, em Chanteney, a poucos quilômetros da cidade, na outra margem do Liger. Aquelas férias e aquele verão transcorreram como o melhor sonho da juventude do escritor. A vida ao ar livre, a companhia alegre de rapazes de sua idade e, principalmente, o seu primeiro idílio, namoro infantil com a bela Carolina Doussault, marcaram aquele pequeno período de gratas e, depois, amargas recordações para Verne.

Aos folguedos e ao idílio Júlio não sacrificava sua paixão :pela leitura. Descobrira, com

entusiasmo, novo autor Válder Scott, e às suas aventuras históricas, que o jovem devorava, arrebataram-no de tal modo, que ele seguia, pacientemente, nas cartas geográficas, o desenrolar da narrativa.

Com o passar do tempo, o velho Pedro Verne via aumentar sua preocupação. Júlio manifestava total indiferença pela carreira das leis e quase repugnância pela obrigação dos estudos sistemáticos dos cursos em que se matriculava. E quando, pouco antes de terminar os estudos secundários, disse ao pai que sua verdadeira vocação era a literatura, o bom velho sentiu grande pesar e quis convencer o filho que a advocacia era o caminho natural e o melhor para ele.

Pelo grande amor, pela veneração que devotava ao pai, Júlio resolveu-se pelo sacrifício. Comprometeu-se a estudar Direito, sem que expulsasse de sua convicção a idéia de, no futuro, entregar-se à literatura.

10 Em outro verão, em outras férias, Carolina Doussault de novo apareceu em Chanteney. Era, agora, uma jovem vaidosa, certa de seus encantos, triunfante de puberdade e já não estava disposta a deixar-se cortejar por colegas. Júlio não encontrou na mulher a ternura da menina e sentiu que aquela pusera ponto final nos amores que esta encorajava. Ferido em seu amor próprio, pensou em dar uma lição à orgulhosa e bela Carolina, e, no inverno seguinte, estudou com afinco, a fim de fazer-se, desde logo, homem prático, com vida econômica definida. Mas o plano de Júlio frustrou-se, pois não tardou a ser anunciado o noivado de Carolina com cavalheiro de posição social e econômica estabilizada. Este foi o primeiro desengano amoroso de Júlio Verne. E entrou-lhe tanto na alma que, daí por diante, até aos vinte e oito anos, fechou o coração aos casos sentimentais.

Para iniciar o curso de Direito, obedecendo a seu pai, Júlio Verne foi mandado a Paris, em 1848. Levou, ali, vida difícil, cheia de asperezas. Com receio de que excesso de dinheiro pudesse desviar o filho do melhor caminho, Pedro Verne só lhe mandava o estritamente necessário. Mesmo assim, Júlio gastava a maior parte na aquisição de livros, porquê a leitura era a sua maior paixão.

Cedendo à atração da vida literária, exacerbada pela excitante convivência com o mundo parisiense, Verne, ajudado por algumas pessoas influentes, mas principalmente pela força da própria vontade e da insistência de sua vocação, conseguiu ser recebido no salão da senhora Barrera, onde conheceu vários escritores em evidência. Fez, logo, largo círculo de simpatias. Sua agilidade verbal, seu permanente humor e a variedade de seus conhecimentos faziam dele interlocutor agradável, excelente conversador, que atraiu para si a atenção dos freqüentadores. Alexandre Dumas levou sua simpatia por ele a ponto de dar-lhe desinteressado conselho sobre o rumo que devia seguir, em matéria literária. Tendo em vista o fértil engenho que revelava, aconselhou-o a dedicar-se à comédia musicada e à opereta.

A esta altura, aproximavam-se os exames do primeiro ciclo do curso e Júlio Verne, consciente dos seus deveres e do compromisso feito com o pai, adiou todos os projetos literários. Embora não houvesse estudado muito, nem tivesse entusiasmo pelo curso, obteve notas razoáveis, conquistadas mais com a sua natural inteligência e com a sua prodigiosa capacidade de assimilação.

Ao regressar, em férias, foi carinhosamente recebido em casa pelo velho pai que sentia renascer as esperanças de fazê-lo advogado. Pensava que, com o correr dos tempos e o seguimento do curso, as tendências literárias desaparecessem.

Ao voltar a Paris, para a segunda etapa do curso, Júlio Verne entregou-se de corpo e alma à sua primeira obra do gênero aconselhado por Dumas *As Palhas Rompidas* destinada a passar para o rol das coisas sem glória.

Entretanto, já no verão seguinte, certo empresário de Nantes pediu permissão a Verne para encenar a obra num teatro local. E, por ocasião da estréia, desejou que a família do novo teatrólogo presenciasse a representação. Sofia Alote, levada pelo amor de mãe, aprovou a obra, mas Pedro Verne não pôde deixar de reprovar o filho, por haver perdido tempo com gênero tão mofino. O Próprio Júlio deu-lhe razão. Não lhe satisfazia inteiramente o teatro vaudevillesco. Ansiava por coisa melhor, mais séria, mais original.

"Ao completar o curso de Direito, tinha que se decidir. Ou iria redigir petições e recursos ou definitivamente penderia para a literatura; o mundo sofria, então, radical mudança. A técnica e as invenções revolucionavam a vida da humanidade. Cada dia o mundo assistia a uma conquista científica nova. Hoje, a tração pelo vapor. Amanhã, os aeróstatos. No dia seguinte, a eletricidade. Dentro da realidade da vida, estas coisas fantásticas que pareciam milagres.

Júlio Verne acompanhava com paixão o evolver do mundo. Sabia que a paixão não era sua, somente. Muitos se empolgavam pelo progresso e pelo avanço da técnica. As notícias a respeito eram devoradas demorada e minuciosamente pelo povo.

Estas circunstâncias apontavam o caminho literário que Verne iria seguir. E elas se encadearam de tal maneira que se poderia dizer que o destino interferia no futuro e na glória do escritor. A circunstância seguinte foi o conhecimento com Jaques Arago, irrequieto viajante e naturalista. Jaques, com suas narrações, vivas e movimentadas, inendescia a alma ardente de Verne. Suas narrativas de viagens, aventuras, de terras desconhecidas, de atos de heroísmo apresentavam um mundo de sonho concretizado pela realidade da ciência.

Não poderia, pois, ser surpreendente a decisão de Júlio Verne, renunciando à segurança e à tranqüilidade do escritório de advocacia que seu pai lhe oferecia, para arriscar o seu futuro na literatura. Ao invés de Nantes, na banca profissional, Paris, na incerta procura de editores. Juntamente com a dor de haver causado grande mágoa a seu pai e da fome, que, às vezes, era sua companheira, Júlio mantinha a sua fé, enquanto vivia intensamente no refinado ambiente literário da capital da França.

Por esta época, novo autor chamou a atenção de Verne. Era Edgar Allan Poe. Seus entroschos misteriosos e apaixonantes seduziam os leitores comuns, e Verne, especialmente, empolgou-se pela sua obra. Mas viu-lhe uma lacuna. A falta de preparação científica que tirava a verossimilhança de suas Histórias.

Aquele seria o caminho de Verne. A ficção científica, fundamentada no empolgante do entroscho e no conhecimento científico da tese explorada. Precisava, entretanto, de sustentar-se e era preciso, ainda por uns tempos, escrever peças musicais de teatro. Aproveitava, porém, o tempo que lhe restava para estudar com dedicação os assuntos científicos da época, preparando-se para fazer obras maravilhosas como as de Poe, mas com fundamento científico que lhes desse o máximo de interesse e de verossimilhança.

Aos vinte e quatro anos Verne inicia a sua sensacional carreira de escritor. O pórtico de sua glória foi um semanário popular, chamado Museu das Famílias, no qual, depois de múltiplas atividades de sobrevivência, Júlio foi admitido, exatamente para encarregar-se de seção em que se trataria de narrações sobre temas científicos.

Talvez se possa dizer que o destino reservara caprichosamente para Verne a glória da ficção

científica. Realmente, mesmo depois que iniciou suas sensacionais narrações no semanário, continuou a escrever peças de teatro musicado, não só pela necessidade de ganhar dinheiro, como pelo gosto pelo jocoso. Nenhuma de suas peças, porém, teve qualquer êxito.

Em contraste, seus artigos no Museu das Famílias alcançaram desde logo grande sucesso. A tiragem da revista começou a subir e Júlio Verne, com a segurança de sua subsistência, pôde dedicar-se inteiramente ao gênero que o consagraria através dos anos.

Seu pai, Pedro Verne, já se empolgara pela vocação literária do filho e já se reconciliara intimamente com a sua profissão, principalmente por haver reconhecido que ela em nada deslustrava a honra e a tradição de austeridade da família. Pedro, porém, iria ter outro desgosto.

O escritor apaixonou-se por jovem viúva, senhora Honorina Hebé, que trazia duas filhas do casamento anterior. O velho Pedro Verne não aceitava a escolha, mas teve, uma vez mais, que ceder, diante da vontade firme do filho. Afinal, assistiu ao casamento e ainda presenteou o casal com cinqüenta mil francos.

Aos trinta anos, com plena segurança de sua preparação e de sua capacidade, Júlio Verne decidiu-se a escrever a primeira obra extensa, à qual dedicou todos os seus momentos livres, durante três anos. Terminou-a em 1861, e começou, então, o drama do escritor novo a busca de editor. Nenhum dos editores de Paris se animava a publicar o livro. Julgavam que Cinco Semanas em Balão constituiria sério risco editorial, visto que se tratava de literatura sem precedentes em todos os tempos.

O escritor, entretanto, conheceu um extraordinário tipo de aventureiro, empreendedor e corajoso, apaixonado pelos problemas da navegação aérea e que se chamava Nadar. Este homem singular leu detidamente a novela e ficou empolgado. Era amigo de J. Hetzel, o mais importante editor da França, na época. Hetzel era homem avançado e já havia contribuído para a fama de outros escritores. Com a mesma perspicácia, sentiu o valor da obra que acabara de ler e, sem relutância, firmou contrato com Júlio Verne. Aquele contrato, quase de risco, em pouco, diante do sucesso retumbante, transformou-se em contrato por vinte anos de toda a produção do escritor. Com os novos êxitos, o contrato foi mais uma vez ampliado para toda a produção futura, sem limite de tempo.

O êxito foi fulminante. O público, cansado dos dramas tradicionais, cheios de falso romantismo, deliciava-se com aquelas leituras apaixonantes, onde a aventura mais inesperada se casava com os mais avançados conhecimentos científicos, antecipando-os e superando-os. Não só na França, mas em todo o mundo.

Júlio Verne, formado literalmente entre o romantismo e o realismo, adotou nova concepção romântica da ciência e soube aliar o exótico e a aventura de maneira tão racional que, colocando suas criações sempre no plano do possível e do verossímil, passou a ser autêntico divulgador da ciência.

Como acontece a todos os que despontam, não faltaram detratores a Júlio Verne. Os intelectuais mais intransigentes acusavam sua obra de pouco literária e os cientistas rigorosos e sistemáticos desdenhavam do que chamavam de ciência vulgar. Mas entre uns e outros não faltaram os que souberam apreciar o valor próprio da obra do fértil escritor, verdadeira enciclopédia humana criada por vigoroso narrador, servido por senso de humor do melhor quilate.

Verne faleceu em vinte e quatro de março de 1905, em Amiãs. Mas a história das descobertas

científicas cada vez mais deu realce aos seus méritos. Mostra que ele possuía, sem dúvida, a fantasia de inventor de gênio e que foi esta força criadora que muitas vezes levou os homens de ciência a dirigir suas investigações para determinados pontos da ciência e do progresso.

O que ninguém ousará negar é que as obras de Júlio Verne, em seu extraordinário conjunto, vêm constituindo, há um século, a mais excitante e inteligente leitura para a adolescência, sem que haja surgido, até hoje, o continuador condigno desta obra.

A Academia Francesa não recebeu Júlio Verne como um dos seus membros, mas todo o mundo o consagrou como verdadeiro clássico de um gênero literário que ele fundou e levou a máxima expressão literária.

Suas personagens continuam, indiferentes aos anos, a viver no mundo dos jovens de todos os países, aplaudidas como se fossem atores verdadeiros das fabulosas narrativas que alcançaram todas as línguas, todos os climas, todos os países, todos os corações que palpitam neste planeta, em cujo seio penetraram e de onde partiram para as fabulosas aventuras que Júlio Verne imaginou, como profeta da ciência e criador de irresistível gênero literário.

OS EDITORES.

EXCELSIOR

A catorze de janeiro de 1862, era grande a afluência na assembléia da Real Sociedade Geográfica de Londres, localizada na Praça Waterloo, 3. O presidente, Francisco M..., fazia importante comunicação aos seus colegas, através de discurso freqüentemente interrompido por aplausos.

A extraordinária peça de eloquência terminava finalmente por algumas frases empoladas e transbordantes de patriotismo:

"A Inglaterra sempre esteve à vanguarda das nações pela intrepidez de seus viajantes que seguem a trilha dos descobrimentos geográficos. O doutor Fergusson, um dos seus gloriosos filhos, não negará a sua origem. Esta tentativa, se obtiver êxito, vinculará, completando-as, as nações esparsas da cartografia africana e, no caso de malograr, pelo menos permanecerá como das mais audaciosas concepções do gênero humano. "

– Viva! Viva! berrou a assistência, eletrizada pelas empolgantes palavras.

– Viva o intrépido Fergusson! bradou um dos membros mais expansivos da assembléia.

Gritos entusiásticos retumbaram. O nome de Fergusson estrugiu em todas as bocas. O recinto vibrou.

Entretanto, lá se encontravam numerosos homens envelhecidos e fatigados, viajantes destemidos cujo temperamento inconstante os transportara às cinco partes do mundo. Todos. Afinal, quem era esse doutor e a qual empreendimento pretendia consagrar-se?

O pai de Fergusson, bravo capitão da marinha inglesa, familiarizara o filho, desde a mais tenra idade, com os perigos e as aventuras de sua profissão. A criança, que parecia jamais ter conhecido o temor, revelara imediatamente espírito vivo, inteligência de pesquisador e propensão invulgar para os trabalhos científicos. Demonstrara, além disso, habilidade pouco comum para sair-se bem em qualquer circunstância.

Bem cedo sua imaginação inflamara-se à leitura das narrativas das empresas ousadas e das explorações marítimas. Estudou apaixonadamente as descobertas que assinalaram a primeira parte do século dezenove. Sonhou com a glória dos grandes exploradores e até mesmo, creio, com a de Selkirk, o Robinson Crusóé, a qual lhe não parecia inferior àquelas. Quantas horas deliciosas passou ele com o herói na sua ilha de John Fernandes! Muitas vezes aprovou as idéias do marinheiro abandonado, muitas outras discutiu os seus planos e projetos, pensando que teria agido de outro modo em tal caso, seguramente tão bem como ele ou, talvez, melhor ainda! Mas o que era ponto pacífico é que não teria abandonado a ditosa ilha onde se sentia feliz como rei sem súditos, ainda que o quisessem fazer primeiro lorde do Almirantado!

Sem dúvida, teriam que se desenvolver tais qualidades em quem passou a mocidade pelas quatro partes do mundo.

O pai, homem instruído, não podia, de resto, deixar de contribuir para desenvolver sua viva inteligência com estudos sérios de hidrografia, física e mecânica e com elementos de botânica, medicina e astronomia.

Quando faleceu o digno capitão, Samuel Fergusson, com vinte e dois anos de idade, já havia feito uma viagem à volta do globo. Alistou-se no corpo de engenheiros bengaleses, onde se

distinguiu em várias ações. Mas a vida de soldado não lhe agradava. Assim como não aspirava ao comando, também não gostava de obedecer. Pediu demissão e, já caçando, já herborizando, dirigiu-se para o norte da península indica, atravessando-a desde Calcutá até Surate, em simples passeio de amador.

De Surate passou à Austrália e fez parte, em 1845, da expedição do capitão Stuart, incumbido de descobrir o mar Cáspio que se supunha existir no centro da Nova Holanda.

Samuel Fergusson voltou à Inglaterra em 1850 e, tentado mais do que nunca pelo demônio das descobertas, acompanhou o capitão Mac Clure, até 1853, na expedição que costeou o continente americano desde o estreito de Beringue até o cabo Farewell.

A constituição robusta de Fergusson resistiu maravilhosamente a todo gênero de fadigas e a todos os climas. Nem as maiores privações o incomodavam. Era o tipo perfeito do viajante, com um estômago que à vontade se dilata ou se contrai, com pernas que se estendem ou encolhem conforme o leito da ocasião, capaz enfim de adormecer a qualquer hora do dia e levantar-se a qualquer hora da noite.

Não é de espantar que nosso infatigável viajante visitasse, de 1855 a 1857, todo o oeste do Tibete, resultando dessa exploração curiosas observações etnográficas.

No transcurso das diversas viagens, Samuel Fergusson fora o correspondente mais ativo e interessante do Daily Telegraph, jornal de cento e quarenta mil exemplares diários. Era bastante conhecido, embora não fosse membro de nenhuma instituição douta, nem das reais sociedades geográficas de Londres, Paris, Berlim, Viena ou São Petersburgo, do Clube dos viajantes ou sequer do Real Instituto Politécnico, onde pontificava seu amigo, o estatístico Kokburn. Esse sábio, no intuito de lhe ser agradável, chegou mesmo um dia a propor-lhe resolver o seguinte problema: dado o número de quilômetros percorridos pelo doutor à volta do mundo, quantos fizera a sua cabeça a mais do que os pés, considerada a diferença dos raios?

Ou então, conhecido o número de quilômetros percorridos pelos pés e pela cabeça do doutor, calcular a sua exata estatura.

Mas Fergusson sempre se manteve afastado das sociedades eruditas, pertencendo à igreja militante e não à tagarelante; achava o tempo melhor empregado a pesquisar do que a discutir, a descobrir do que a discorrer.

Conta-se que um inglês foi um dia a Genebra com a intenção de visitar o lago; mandaram-no subir para unia dessas antigas carruagens onde as pessoas se sentavam de lado, como nos ônibus, e sucedeu por acaso que o nosso inglês ficou colocado de modo a dar as costas para o lago. O veículo fez pachorrentamente a sua viagem circular sem que ele pensasse em voltar-se uma única vez, tendo regressado a Londres contentíssimo com o lago de Genebra.

O doutor Fergusson, porém, virara-se muitas vezes nas suas viagens, e tanto se voltou que viu muitas coisas. Nisso, aliás, obedecia ao seu temperamento, e temos boas razões para crer que era um tanto fatalista, mas de um fatalismo muito ortodoxo, contando consigo e com a Providência, dizendo-se mais impelido do que atraído para as suas viagens, à maneira de uma locomotiva que não se dirige, antes é dirigida pelos trilhos.

– Eu não persigo o meu caminho dizia ele muitas vezes, é o meu caminho que me persegue. Ninguém, portanto, se surpreenderá da serenidade com que acolheu os aplausos da Real Sociedade; estava acima dessas ninharias, não tendo orgulho e ainda menos vaidade; achava perfeitamente natural a proposta que fizera ao presidente Francisco M... e nem sequer notou o

imenso sucesso que ela produziu.

Após a sessão, o doutor foi conduzido ao Clube dos Viajantes, onde o aguardava soberbo banquete em sua honra. Foram erguidos numerosos brindes com vinhos franceses aos célebres viajantes que se haviam destacado em terras africanas. Bebeu-se, por ordem alfabética, o que é verdadeiramente inglês, à saúde de uns e à memória de outros. Finalmente, foi brindado o doutor Samuel Fergusson, que, com sua incrível tentativa, iria ligar os trabalhos desses viajantes e completar a série das descobertas africanas.

REPERCUSSÃO

Do projeto no dia seguinte, em sua edição de quinze de janeiro, o Daily Telegraph publicava o seguinte:

"O segredo das vastas solidões da África vai ser enfim conhecido. Um novo Édipo vai dar-nos a chave do enigma que os sábios de sessenta séculos não descobriram ainda. Outrora, descobrir as nascentes do Nilo não passava de tentativa insensata, de irrealizável quimera.

O doutor Barth, o doutor Livingstone e os capitães Burton e Speke abriram três grandes vias à civilização moderna: o primeiro, seguindo o caminho traçado por Denham e Clapperton até o Sudão. O segundo, multiplicando as suas investigações desde o cabo da Boa Esperança até a baía do Zalnbeze. Os últimos, finalmente, em virtude da descoberta dos grandes lagos interiores. No ponto de interseção destas três linhas, onde ainda não pôde chegar viajante algum, fica o coração da África. É para ele que devem convergir todos os esforços.

Os trabalhos daqueles valentes soldados da milícia científica vão conjugar-se com a tentativa audaz do doutor Samuel Fergusson, cujas descobertas já por muitas vezes os nossos leitores têm apreciado.

Este intrépido descobridor propõe-se atravessar em balão toda a África, de leste a oeste. Se estamos bem informados, o ponto de partida desta viagem inaudita deve ser a ilha de Zanzibar, em frente à costa oriental. Só à Providência é lícito saber qual será o ponto da chegada.

A proposta desta expedição científica foi ontem dirigida oficialmente à Real Sociedade Geográfica. Votou-se a quantia de duas mil e quinhentas libras para os gastos da empresa.

Contamos ter os nossos leitores em dia com as notícias deste cometimento, que não tem precedentes nos fastos geográficos."

Como é fácil de imaginar, o artigo teve enorme repercussão. Levantaram-se ondas de incredulidade e o doutor Fergusson passou' por ser pessoa puramente quimérica.

Mas todas as dúvidas desapareceram em breve. Iniciava-se em Londres os preparativos para a viagem: fábricas de Lião haviam recebido importante encomenda de tafetá para a construção do aeróstato e o governo britânico colocava à disposição do doutor o navio Resoluto, sob o comando do capitão Pennet.

Surgiram manifestações de estímulo e de felicitações. As minúcias do empreendimento apareceram com destaque em diversas publicações. Um jornal alemão, em artigo assinado, procurou demonstrar enfaticamente as possibilidades da viagem, suas probabilidades de êxito, a natureza dos obstáculos a ser enfrentados e as imensas vantagens da locomoção por via aérea. Censurou apenas o ponto de partida, julgando mais acertada a partida de Macuá, pequeno porto da Abissínia, de onde Jaime Bruce, em 1768, partira à procura das nascentes do Nilo.

Os jornais do mundo inteiro e todas as publicações científicas relatavam o fato em todos os seus aspectos.

Apostas consideráveis foram feitas em Londres como em toda a Inglaterra sobre a existência real ou fictícia do doutor Fergusson, sobre a própria viagem, que, segundo alguns, não seria

realizada e em que outros acreditavam, sobre a questão do êxito e sobre a probabilidade ou improbabilidade do regresso de Fergusson.

Assim, os olhos de todos, crédulos, incrédulos, ignorantes e sábios, fixaram-se na pessoa do doutor, que se transformou no homem do dia. De bom grado, fornecia esclarecimentos preciosos acerca de sua expedição, mostrando-se sempre muito amável. Foi procurado por vários aventureiros, que desejavam compartilhar da glória e dos perigos de sua façanha, mas a todos recusou, sem apresentar as razões de sua atitude.

Igualmente foi procurado por numerosos inventores de mecanismos aplicáveis 'à direção de balões, que não conseguiram fazê-lo interessar-se pelos novos sistemas. Aos que lhe perguntaram se havia descoberto algo nesse sentido, recusava-se a dar explicações. E continuava trabalhando cada vez com mais atividade nos preparativos da sua viagem.

O SEGREDO DO DOUTOR Fergusson

O doutor Fergusson tinha um amigo. Não se tratava de repetição de sua personalidade, de alter ego, pois não pode existir amizade entre dois seres absolutamente idênticos.

Contudo, se possuíam qualidades, aptidões e temperamentos distintos, em Dick Kennedy e Samuel Fergusson parecia pulsar um só coração, o que, longe de perturbá-los, agradava-os.

Dick Kennedy era escocês em toda a extensão da palavra. Franco, resoluto, obstinado. Vivia na pequena cidade de Leith, arrabalde de Edimburgo. Dedicava se algumas vezes à pesca, mas, na realidade, era consumado caçador. Era tido como excelente atirador. Conseguia acertar na lâmina de uma faca e dividi-la em duas partes tão espantosamente iguais que, se fossem a seguir colocadas em balança, mostrariam diferença mínima de peso. Era homem alto, elegante, desembaraçado e parecia dotado de força hercúlea. Tinha a pele bronzeada pelo sol, olhos vivos e negros, natural atrevimento, de modo que sua figura irradiava bondade, simpatia e solidez.

A amizade iniciara-se na Índia, quando ambos integravam o mesmo regimento. Enquanto Dick se dedicava à caça de tigres e elefantes, Samuel concentrava-se nas plantas e nos insetos. Jamais tiveram ocasião de salvar a vida um do outro, nem de se auxiliarem em qualquer outra tarefa. Daí a amizade inalterável. Se o destino os separou algumas vezes, reuniu-os sempre a simpatia.

Depois que regressaram à Inglaterra, foram freqüentemente separados pelas longínquas expedições do doutor. Mas quando este voltava, tratava logo de dedicar parte do seu tempo ao amigo escocês.

Dick falava do passado, Samuel preparava o futuro. Um olhava para diante, outro para trás. O espírito inquieto de Fergusson estava sempre em contraste com a completa placidez de Kennedy.

Depois da sua viagem ao Tibet, o doutor esteve perto de dois anos sem falar em novas explorações. Dick chegou a pensar que havia conseguido serenar o instinto de viagens e as tendências aventureiras do seu amigo.

Receava que as aventuras acabassem mal, mais tarde ou mais cedo. Não se viaja impunemente entre antropófagos e feras. Kennedy queria levar Samuel a desistir de novas aventuras, afirmando que, ele já tinha feito bastante para a ciência e demais para a gratidão humana.

O doutor não respondia. Ficava pensativo e passava secretos, ou experimentando, noites entregue a cálculos singulares mecanismos, com que fim ninguém sabia. Pressentia-se que seu cérebro amadurecia grande pensamento. Que será que anda planejando? pensou Kennedy, quando o amigo o deixou para voltar a Londres, no mês de janeiro. A resposta chegou-lhe certa manhã, através do artigo do Daily Telegraph.

– Meu Deus! exclamou ele. O homem está doido! Querer atravessar a África em balão! Não faltava mais nada! Aí está no que ele andava a pensar há dois anos!

O bom Kennedy acompanhava as suas exclamações com outros tantos murros na própria cabeça.

A insinuação de sua criada, de que aquilo poderia não ser mais que mistificação, respondeu:
– Então eu não o conheço? Viajar pelo ar? Disto só ele se lembraria. Parece que tem inveja às águias! Mas não pode ser e eu hei de dissuadi-lo. Se o deixassem, seria capaz de partir para a lua!

Na tarde daquele mesmo dia, Kennedy, meio inquieto, meio exasperado, tomou o trem em direção a Londres, onde chegou no dia seguinte.

Três quartos de hora depois chegava à porta da pequena habitação do doutor. Subiu as escadas e anunciou-se com cinco murros vigorosos na porta.

Foi o próprio Fergusson que veio abrir.

– Dick! disse ele, sem se mostrar muito admirado. Eu mesmo.

– Você, em Londres, por ocasião das belas caçadas de inverno?

– Sim, aqui estou.

– E que o trouxe aqui?

– Vim impedir uma loucura tremenda.

– Uma loucura? repetiu o doutor.

– E verdade o que diz este jornal? perguntou Kennedy, mostrando-lhe o exemplar do Daily Telegraph.

– Ah! E disso que estavas falando? Esses jornais são bem indiscretos! Mas vamos sentar, meu caro Dick.

– Não quero sentar-me. Pretende mesmo fazer essa viagem?

– Claro que sim. Os preparativos já estão adiantados e eu...

– Os seus preparativos! Mas onde estão eles, que os quero esmigalhar, que os quero fazer em pedaços.

O escocês mostrava-se realmente encolerizado.

– Calma, calma, meu caro amigo. Compreendo sua irritação. Tudo porque não lhe participei os meus novos projetos...

– E tem coragem de dizer que são novos projetos!

– Tenho estado ocupadíssimo explicou Samuel, ignorando a interrupção. Tenho tido um milhão de coisas para fazer. Mas esteja certo de que eu pretendia escrever-lhe antes de partir...

– Não interessa...

– Eu pretendia convidá-lo para ir comigo.

O escocês deu um salto que faria inveja a muito cabrito. Ah, é? exclamou. Então quer que nos enviem a ambos para o hospício?

– Pode acreditar que eu contava com sua companhia, meu caro Dick.

Kennedy permanecia estupefato.

– Escute-me durante dez minutos disse tranqüilamente o doutor e quando acabar de falar irá agradecer-me.

– Está falando sério mesmo?

– Seríssimo.

– E se eu não quiser ir com você? Vai querer, sim.

... chegava a porta da pequena habitação do doutor.

– E se não quiser?

– Nesse caso... eu irei só.

– Vamos sentar disse o caçador e conversar calmamente. Já que você está falando sério, vale a pena discutir o assunto.

– Vamos discuti-lo almoçando?

Os dois amigos instalaram-se, um em frente do outro, em pequena mesa, entre pilhas de sanduíches e enorme bule.

– Meu caro Samuel disse o caçador, o seu projeto é insensato! É absurdo e impraticável!

– Só veremos depois da experiência. Nem devia haver experiência.

– E pode dizer-me por quê?

– E os perigos, Samuel? Os obstáculos de toda sorte?

– Os obstáculos respondeu Fergusson com seriedade foram criados para serem vencidos.

Quanto aos perigos, quem poderá evitá-los? Tudo na vida é perigoso. Pode constituir perigo o simples ato de uma pessoa sentar-se à mesa ou colocar o chapéu na cabeça. Assim, devemos considerar o que está para chegar como já chegado, encarar o futuro como presente, pois, afinal de contas, o futuro não passa do presente um pouco mais adiante.

– É... disse Kennedy, erguendo os ombros. Você é sempre fatalista!

– Sim, sempre, mas no bom sentido da palavra. Escute, não nos preocupemos com o que a sorte nos reserva. Lembre-se do velho ditado: "O homem que nasceu para a força jamais morrerá afogado!"

Não havia o que responder, mas Kennedy apresentou uma série de argumentos que não encontraram ressonância.

– Mas, enfim disse ele após uma hora de discussão, se você deseja mesmo atravessar a África, se isso é imprescindível para sua felicidade, por que não se utiliza das rotas comuns?

– Por quê? repetiu o doutor, animando-se. Porque até agora todas as tentativas fracassaram! Desde Mungo-Park, assassinado no Níger, até Vogel, que desapareceu no Vadaí, desde Oudney, morto em Murmur, Clapperton, morto em Saccatou, até o francês Maizan, cortado em pedaços; desde o major Laing, assassinado pelos tuaregues, até Roscher, massacrado em princípio de 1860, numerosas vítimas foram inscritas no martirologio africano! Porque lutar contra os elementos, contra a fome, a sede, a febre, contra os animais ferozes e contra tribos ainda mais ferozes é impossível! Porque o que não se pode fazer de uma forma faz-se de outra! Para terminar, porque, quando não se pode passar pelo meio, o jeito é passar pelo lado ou por cima)

– O pior é que não é só por cima replicou Kennedy o mas pelo alto!

– E daí? retrucou o doutor com o maior sangue-frio. Não tenho nada a temer. Tomei minhas precauções para evitar a queda do meu balão. No entanto, se surgir algum defeito, o máximo que poderá acontecer é que eu desça à terra firme como qualquer outro explorador. Mas tenho certeza de que meu balão não me faltará.

– Terá de contar com essa possibilidade.

– Não, meu caro Kennedy. Não pretendo desfazer-me dele antes de minha chegada à costa ocidental da África. Com ele, tudo é possível. Sem ele, estarei sujeito aos perigos e obstáculos naturais das outras expedições. Com ele, nem o calor, nem as torrentes, as tempestades, o simum, os climas insalubres ou os animais selvagens me fazem medo! Se fizer muito calor, subo. Se fizer frio, desço. Ultrapasso montanhas e transponho precipícios. Atravesso rios e domino tempestades. Atravesso as torrentes, como pássaro! Caminho sem me cansar, e paro sem ter necessidade de repouso! Pairo sobre as cidades novas! Vôo com a

rapidez do furacão, tanto nas maiores altitudes, como a trinta metros da terra, e o mapa africano se desenrolará aos meus olhos no maior Atlas do mundo!

Kennedy começava a sentir-se empolgado, mas o quadro evocado por Fergusson já lhe dava vertigem. Contemplava Samuel com misto de admiração e temor. Já se sentia oscilando no espaço.

– Bem, vejamos, meu caro Samuel. disse ele. Então você descobriu meio de dirigir balões?

– De maneira alguma. Isso é uma fantasia.

– Mas nesse caso você irá...

– Aonde a Providência quiser levar-me. Mas do oriente para o ocidente.

– Por que isso?

– Porque pretendo utilizar-me das monções, pois a direção é constante.

– É isso mesmo! exclamou Kennedy, após instante de reflexão. As monções... sim, claro... na verdade pode-se... há qualquer coisa de.. .

– Qualquer coisa não, meu amigo interrompeu Fergusson. Há tudo. O governo inglês colocou um navio à minha disposição. Ficou também acertado que três ou quatro embarcações irão cruzar a costa ocidental na ocasião presumível de minha chegada. Em três meses, no máximo, estarei em Zanzibar, onde providenciarei o enchimento do meu balão. De lá, nós nos lançaremos...

– Nós?! exclamou Dick.

– Ainda tem alguma objeção a fazer, meu caro? Pode falar...

– Alguma objeção? Eu poderia encontrar mil objeções, mas diga-me uma coisa. Você espera ver o país, subir e descer quando tiver vontade, mas não poderia fazer nada disso sem perder gás. Até agora não se encontraram outros meios de proceder e foi justamente isso que sempre impediu as longas caminhadas pela atmosfera.

– Meu caro amigo, dir-lhe-ei apenas isto: não vou perder uma só molécula de gás, nem mesmo um simples átomo. E poderá descer quando bem entender? Quando bem entender.

– E como conseguirá isso?

– É segredo, meu amigo. Confie em mim e que meu emblema seja o seu: Excelsior!

– Vá lá, Excelsior! repetiu o caçador, que não sabia uma palavra de latim.

Mas estava firmemente decidido a opor-se, por todos os meios ao seu alcance, à partida do amigo. Fingiu estar de acordo e contentou-se em observar. Quanto a Samuel, foi cuidar dos preparativos.

EXPLORAÇÕES AFRICANAS

A rota aérea que o doutor Fergusson pretendia seguir não havia sido escolhida ao acaso. Estudara seriamente o seu ponto de partida e não foi sem razão que deliberou partir da ilha de Zanzibar. Esta ilha, situada perto da costa oriental da África, acha-se a seis graus de latitude austral, quer dizer, a setecentos e noventa e seis quilômetros abaixo do equador. De Zanzibar, partira a última expedição enviada aos Grandes Lagos destinada à descoberta das nascentes do Nilo.

Mas é conveniente indicar quais as expedições que o doutor Fergusson esperava ligar entre si. As principais eram a do doutor Barth, em 1849, e a dos tenentes Burton e Speke, em 1858. O doutor Barth era um hamburguês que obtivera permissão, juntamente com seu compatriota Overweg, para integrar a expedição do inglês Richardson, a qual ia em missão ao Sudão.

Aquele vasto país está situado entre quinze e dez graus de latitude norte, o que significa que, para lá chegar, é necessário penetrar mais de dois mil, setecentos e oitenta quilômetros no interior da África. Até então, a região era apenas conhecida pela viagem de Denham, Clapperton e Oudney, de 1822 a 1824. Richardson, Barth e Overweg, sequiosos de levar mais longe suas investigações, chegaram a Tunis e a Trípoli, como seus antecessores, e alcançaram Mazurque, capital de Fezânia.

Abandonaram, então, a linha perpendicular e fizeram desvio para oeste, até Gate, guiados pelos tuaregues. Após mil dificuldades, com pilhagens, vexames e ataques a mão armada, sua caravana chegou ao imenso oásis do Asben. O doutor Earth separou-se dos companheiros, fez excursão à cidade de Agades e tornou a juntar-se à expedição que novamente se pôs em marcha a doze de dezembro. Ao chegarem à província de Damerghou, os três viajantes separaram-se e Barth tomou o caminho de Cano, onde chegou à custa de muita paciência e consideráveis tributos.

Embora acometido de forte febre, deixou aquela cidade a sete de março, acompanhado unicamente de um criado. A principal finalidade de sua viagem era reconhecer o lago Chad, do qual ainda estava distante quinhentos e sessenta quilômetros. Avançando pelo leste, atingiu a cidade de Zuricolo, no Bornu, que é o núcleo do grande império central da África. Aí tomou conhecimento da morte de Richardson, abatido por fadiga e privações. Depois, passou a Kouka, capital do Bornu, às margens do lago. Finalmente, ao cabo de três semanas, a catorze de abril, doze meses e meio depois de haver deixado Trípoli, atingiu a cidade de Ngornu.

A vinte e nove de março de 1851, partiu em companhia de Overweg em visita ao reino de Adamua, ao sul do lago. Chegou apenas até à cidade de Iota, um pouco abaixo do grau de latitude norte. Foi o limite extremo alcançado ao sul pelo intrépido viajante.

Em agosto voltou a Kouka, de onde alcançou sucessivamente Mandara, Barghimi, Kanem e o limite extremo ao leste, a cidade de Masena, situada a dezessete graus e vinte minutos de longitude oeste pelo meridiano de Greenwich.

A vinte e cinco de novembro de 1852, após a morte de Overweg, seu último companheiro, internou-se para o oeste, visitou Socoto, atravessou o Níger e finalmente chegou a Tombuctu,

onde definiu durante oito longos meses, em meio a vexames do xeque, a maus tratos e miséria. Entretanto, a presença de um cristão não pôde mais ser tolerada na cidade, pois os fulas ameaçavam sitiá-la. Assim, o doutor partiu a dezessete de março de 1854, refugiando-se na fronteira, onde permaneceu por trinta e três dias na mais completa privação. Regressou a Cano em novembro, tornou a entrar em Kouka e de lá retomou o caminho de Denham, depois de quatro meses de espera. Após rever Trípoli, em fins de agosto de 1855, chegou a Londres a seis de setembro, sem nenhum de seus companheiros.

Foi esta a arrojada viagem de Barth.

Fergusson anotou cuidadosamente que ele interrompera a caminhada a quatro graus de latitude norte e dezessete de longitude oeste.

Vejam agora o que fizeram os tenentes Burton e Speke, na África oriental.

As várias expedições que subiram o Nilo jamais conseguiram atingir as nascentes misteriosas daquele rio. Segundo o relatório do médico, Fernando Verne, a expedição, tentada em 1840, sob os auspícios de Mehemet-Ali, interrompeu-se em Gondocoro, entre os paralelos quatro e cinco, norte. Em 1855, Brun-Rollet, nomeado cônsul da Sardenha, no Sudão oriental, partiu de Cartum e, com a identidade suposta de Yacoub, negociante de borracha e marfim, chegou a Belênia, além de quatro graus. Pouco depois regressava enfermo a Cartum, onde veio a morrer em 1857.

Nem o doutor Peney, chefe do serviço médico egípcio, que num pequeno vapor alcançou um grau abaixo de Gondocoro, morrendo de esgotamento em Cartum, nem o veneziano Miani, que, contornando as cataratas situadas mais abaixo de Gondocoro, atingiu o paralelo dois, nem o negociante maltês André Debono, que estendeu ainda mais sua expedição sobre o Nilo, conseguiram ultrapassar o intransponível limite.

Em 1859, Guilherme Lejean, encarregado de missão pelo governo francês, foi ter a Cartum pelo Mar Vermelho e tomou outro navio no Nilo com tripulação de vinte e um homens e vinte soldados. Todavia, não conseguiu ir além de Gondocoro, correndo ainda os maiores perigos em meio aos negros, que se achavam em plena revolta. A expedição dirigida por Escayrac de Lauture tentou igualmente sem sucesso chegar às famosas nascentes.

Aquele marco funesto sempre detivera o avanço dos viajantes. Já outrora os enviados de Nero haviam atingido o grau nove de latitude. Como vemos, em dezoito séculos, não se avançaram senão cinco ou seis graus, ou melhor, cerca de quinhentos quilômetros.

Diversos viajantes tentaram chegar às nascentes do Nilo, partindo de algum ponto da costa oriental da África. De 1768 a 1772 o escocês Bruce partiu de Maçua, porto de Abissínia, percorreu o Tigre, visitou as ruínas de Axum, viu as nascentes do Nilo onde elas não se encontravam e não obteve nenhum resultado real. Em 1844, o doutor Kraph, missionário anglicano, fundou estabelecimento na costa Zanguebar e descobriu, em companhia do reverendo Rebmann, duas montanhas a quinhentos quilômetros da costa, que são os montes Quilimanjaro e Quênia.

Em 1845, o francês Maizan desembarcava sozinho em Bagamaio, em frente de Zanzibar, chegando a Deja-la-Mhora, onde pereceu entre cruéis suplícios por ordem do chefe da localidade.

Em 1859, no mês de agosto, o jovem viajante Roscher, de Hamburgo, partiu com caravana de mercadores árabes, atingiu o lago Niassa e ali foi assassinado enquanto dormia.

Finalmente, em 1857, os tenentes Burton e Speke, ambos oficiais do exército de Bengala,

foram enviados pela Sociedade de Geografia de Londres para explorar os Grandes Lagos africanos. A dezessete de junho, partiram de Zanzibar, dirigindo-se diretamente para o oeste. Após quatro meses de sofrimentos atrozes, quando lhes saquearam a bagagem e espancaram seus carregadores, chegaram a Kazeh, centro de reuniões de traficantes e de caravanas.

Aí colheram documentos preciosos sobre os costumes, o governo, a religião, a fauna e a flora da região. Em seguida, dirigiram-se ao primeiro dos Grandes Lagos, o Tanganica, situado entre os graus três e oito de latitude austral, onde chegaram a catorze de fevereiro de 1858 e passaram a visitar as diversas tribos, na maior parte canibais que habitavam as margens.

Tornaram a partir a vinte e seis de maio, chegando a Kazeh no dia vinte de junho. Aí, Burton, exausto, caiu doente por muitos meses. Na mesma ocasião, Speke empreendeu excursão de mais de quinhentos quilômetros, até chegar ao lago Ukereué, só conseguindo divisar a sua abertura a três de agosto.

Voltou a Kazeh a vinte e cinco do mesmo mês, retomando em companhia de Burton o caminho de Zanzibar, onde chegaram no mês de março do ano seguinte. Ao retornarem à Inglaterra, foram os dois destemidos exploradores agraciados pela Sociedade de Geografia de Paris com o prêmio por ela outorgado anualmente.

Fergusson observou com atenção que eles não haviam transposto nem o grau dois de latitude austral, nem o vinte e nove de longitude leste. Tratava-se, portanto, de reunir as explorações de Burton e Speke às do doutor Barth, o que significava vencer extensão territorial de mais de doze graus.

CARTA GEOGRÁFICA AFRICANA

O doutor Fergusson apressava ativamente os preparativos da partida. Dirigia pessoalmente a construção do aeróstato, examinando certas modificações sobre as quais guardava silêncio absoluto.

Havia já muito tempo que se dedicava ao estudo do idioma árabe e de vários dialetos sudaneses, conseguindo rápidos progressos graças às suas naturais tendências poliglóticas.

Enquanto esperava, seu amigo caçador não o abandonava um instante. Sem dúvida, temia que o doutor alçasse vôo sem avisá-lo. Continuava insistindo naquele assunto com os mais persuasivos argumentos, que absolutamente não persuadiam Samuel Fergusson e sempre terminavam em súplicas patéticas que pouco o impressionavam. Aos poucos, Dick foi sentindo que o amigo escapava de suas mãos.

O pobre escocês era digno de compaixão. Não podia mais contemplar o firmamento sem ficar aterrorizado. Quando dormia, assaltavam-no horríveis pesadelos, em que se via despencando de incomensuráveis alturas. Devemos acrescentar que, durante os pesadelos, caiu da cama algumas vezes. Sua primeira preocupação foi a de mostrar a Fergusson forte contusão que sofrera na cabeça por ocasião de uma das quedas.

– E note bem ajuntou com simplicidade, foi só de meio metro de altura! Nada mais que meio metro e um galo destes!

Imagine! A insinuação, cheia de melancolia, não conseguiu comover o doutor.

– Nós não vamos cair limitou-se este a declarar.

– E se cairmos?

– Não vamos cair.

Kennedy não teve o que responder.

O que mais exasperava Dick era que o doutor parecia fazer total abstração da personalidade do amigo. Considerava-o irrevogavelmente destinado a tornar-se seu companheiro aéreo. Quanto a isso não restava a menor dúvida. Samuel usava e abusava do pronome da primeira pessoa do plural:

Nós avançaremos..., nós estaremos perto de..., nós partiremos... Fazia o mesmo com o adjetivo possessivo no singular: Nosso balão..., nossa barquinha..., nossa exploração. E também no plural: Nossos preparativos..., nossas descobertas... nossas subidas...

Dick vibrava com aquilo, embora estivesse firmemente decidido a não partir. Contudo, não desejava contrariar demais o amigo. Sem se aperceber bem, já fizera vir sorrateiramente de Edimburgo algumas roupas variadas e suas melhores espingardas de caça.

Um dia, após ter reconhecido que com muita sorte poderia ter uma oportunidade em mil de ser bem sucedido, simulou aquiescer à vontade do doutor. Porém, a fim de evitar a viagem, lançou mão de uma série de pretextos. Criticou a utilidade da expedição, bem como sua oportunidade. Aquele descobrimento das nascentes do Nilo seria realmente necessário? Iriam na verdade trabalhar para o bem da humanidade? Quando, afinal, as tribos da África fossem civilizadas, sentir-se-iam elas com isso mais felizes? Quem sabe, talvez, a civilização tivesse lá chegado antes que à Europa? Além disso, não se poderia esperar um pouco mais? A

travessia da África naturalmente seria realizada algum dia e de forma menos temerária. Dentro de um mês, de seis meses, antes de um ano, algum explorador sem dúvida lá chegaria. Tais insinuações produziram efeito totalmente contrário no doutor, que respondeu com impaciência:

– Por acaso você queria; desgraçado e pérfido amigo, que a glória coubesse a outro? Acha que eu seria capaz de renegar minha origem? De recuar ante obstáculos que nem ao menos são de grande importância?

– Mas... gaguejou Kennedy, que usava com grande assiduidade essa conjunção.

– Mas repetiu o doutor não sabe que minha viagem tem de competir com o sucesso de outros empreendimentos? Por acaso não sabe que novos exploradores estão avançando em direção ao centro da África?

– No entanto...

– Olhe para este mapa.

Dick obedeceu, resignado.

– Suba o curso do Nilo prosseguiu Fergusson.

Olhe para este mapa.

– Estou subindo respondeu o escocês com docilidade. Chegue a Gondocoro.

– Já cheguei.

E Kennedy pôs-se a imaginar como era simples uma viagem daquelas... por mapa.

– Tome uma das pontas deste compasso ordenou o doutor e faça centro nesta cidade que os mais corajosos mal chegaram a transpor.

– Pronto...

– Agora, localize a ilha de Zanzibar, a seis graus de latitude sul.

Já localizei.

– Agora siga este paralelo e chegue a Kazeh.

– Já está.

– Suba pelo grau trinta e três de longitude até à abertura do lago Ukereué, o local onde parou o tenente Speke.

– Aqui estou! Um pouco mais e eu mergulharia no lago.

– Pois bem. Sabe o que se pode deduzir das informações colhidas entre as tribos que vivem às margens?

– O quê?

– É que este lago, cuja extremidade inferior está a dois graus e trinta segundos de latitude, deve também estender-se a dois graus e meio acima do equador.

– É isso mesmo!

– Ora, desta extremidade setentrional corre um rio que por força irá encontrar-se com o Nilo, caso não se trate do próprio Nilo.

– Interessante.

– Agora, apóie a segunda ponta do compasso sobre esta extremidade do lago Ukereué.

– Pronto, amigo Fergusson.

– Quantos graus existem entre as duas pontas?

– Dois.

– E sabe a que corresponde isso?

Não faço a mínima idéia.

– Apenas a duzentos e vinte quilômetros, quer dizer, nada.

– Quase nada, Samuel.

– Muito bem, sabe o que acontece no momento?

Palavra que não!

Então, ouça. A Sociedade de Geografia considerou de grande importância a exploração deste lago divisado por Speke. Sob seus auspícios, o tenente, hoje capitão Speke, associou-se ao capitão Grant, do exército hindu, para levar a cabo uma grande expedição, largamente subvencionada. Sua missão é voltar ao lago e ir de lá até Gondocoro. Receberam subsídio de mais de cinco mil libras e o governador do Cabo colocou soldados à disposição deles. Partiram de Zanzibar em fins de outubro de 1860. Na mesma ocasião, o inglês John Petherick, cônsul de Sua Majestade em Cartum, recebeu do governo inglês aproximadamente setecentas libras, para equipar navio a vapor, carregá-lo de provisões suficientes e permanecer em Gondocoro. Lá aguardará a chegada da caravana do capitão Speke para reabastecê-la.

– Boa idéia comentou Kennedy.

– Agora você deve compreender que nos precisamos apressar, se quisermos tomar parte nos trabalhos de exploração. Enquanto se avança com segurança para o descobrimento das nascentes do Nilo, outros viajantes se dirigem corajosamente para o coração da África.

– A pé? indagou Kennedy.

– Sim, a pé respondeu o doutor, sem atentar para a insinuação. O doutor Krapf propõe-se viajar para o oeste, pelo Djob, rio situado abaixo do equador. O barão de Decken saiu de Mombaça, reconheceu as montanhas de Quênia e Quilimanjaro e se dirige para o centro.

– Também a pé?

– Também a pé. Ou, então, montado em burro. Finalmente, o senhor de Heuglin, vice-cônsul da Austria em Cartum, acaba de organizar expedição bastante importante, cuja principal finalidade é procurar o viajante Vogel que, em 1853, foi enviado ao Sudão para associar-se aos trabalhos do doutor Barth. Em 1856, deixou Bornu e decidiu explorar a região desconhecida que se estende entre o lago Chade e o Darfour. Depois, nunca mais apareceu. Algumas cartas chegadas em junho de 1860 à Alexandria informaram que havia sido assassinado por ordem do rei do Vadaí. Outras cartas, porém, enviadas pelo doutor Hartmann ao pai do viajante, diziam que existiam rumores de que Vogel estava aprisionado em Vara. Em vista disto, foi organizado um comitê sob a presidência do duque regente de Saxe-Coburgo Gora, do qual meu amigo Petermann é o secretário. Uma subscrição nacional custeou as despesas da expedição, à qual aderiram numerosos sábios. O senhor de Heuglin partiu de Macuá no mês de junho e, ao mesmo tempo que procura vestígios de Vogel, terá de explorar toda a região compreendida entre o Nilo e o Tchad, isto é, ligar as operações do capitão Speke às do doutor Barth. E, assim, a África terá sido atravessada de leste a oeste.

– Muito bem disse o escocês. Já que tudo está tão bem encaminhado, o que é que nós vamos fazer lá?

O doutor Fergusson não respondeu, limitando-se a erguer os ombros.

UM CRIADO IMPOSSÍVEL

O doutor tinha um criado que se chamava Joe. Era excelente rapaz. Possuía ótimo caráter, estava sempre de bom humor, confiava cegamente no patrão e cumpria suas ordens com perfeição, às vezes até antes de serem dadas. Se fosse feito por encomenda o criado não poderia ter saído melhor. Fergusson tinha-o a par de toda a sua vida e com bastante razão. Joe era honesto e excepcional! Decidia seu jantar, tinha o mesmo gosto do patrão, arrumava as malas, não se esquecia nem das meias nem das camisas, guardava as chaves e os segredos e jamais tirava proveito da situação!

Tinha Fergusson na mais alta conta, acolhendo com respeito e confiança toda e qualquer decisão do doutor. Quando este falava, ninguém deveria ser tolo em contestar. Tudo o que o patrão pensava era justo. Tudo o que dizia, sensato. Tudo o que ordenava, praticável. Tudo o que empreendia, possível. Tudo o que concluía, admirável. Seria mais fácil picar Joe em pedaços que fazê-lo mudar de opinião a respeito do doutor.

Quando o doutor concebeu o plano de atravessar a África pelo ar, para Joe isto passou a ser fato consumado, sem qualquer obstáculo. No instante em que Fergusson resolvera partir, para ele era o mesmo que já tivesse chegado, em companhia de seu fiel servidor, pois o notável rapaz, sem que nada lhe tivesse sido comunicado, sabia perfeitamente que tomaria parte na viagem.

Aliás, iria de fato prestar inestimáveis serviços com sua inteligência e sua maravilhosa agilidade. Se resolvessem nomear professor de ginástica para os símios do jardim Zoológico, sem dúvida Joe obteria o lugar, se assim o entendesse. Saltar, trepar, correr a toda velocidade, executar mil estripulias impossíveis, para ele era brincadeira.

Se Fergusson era a cabeça e Kennedy o braço, Joe devia ser a mão. Já acompanhara o patrão em várias outras viagens e possuía alguns laivos de ciência à sua maneira. Contudo, distinguia-se sobretudo por uma filosofia agradável, um otimismo encantador. Achava tudo fácil, lógico, natural e, conseqüentemente, jamais se lastimava ou praguejava. Entre outras qualidades, seu poder e alcance de visão eram surpreendentes. Mas nem por isto era orgulhoso.

Em vista de toda sua confiança no doutor, não é de se admirar que tivesse inúmeras discussões com Kennedy, naturalmente conservando sempre a devida deferência.

Um duvidava, o outro acreditava. Um era a prudência clarividente, o outro a confiança cega. O doutor encontrava-se, assim, entre a dúvida e a crença e cabe aqui explicar que não o preocupava nem uma coisa nem outra.

– E então, senhor Kennedy dizia o criado.

– O que é que há, Joe?

– Parece que se está aproximando o momento de embarcarmos para a lua.

– Você quer dizer para a terra da lua, não é? É um pouco mais perto, mas os perigos não são menores.

– Perigo? Com um homem como o doutor Fergusson?

– Longe de mim tirar suas ilusões, mas o que ele pretende é coisa de doido. Ele não fará a

viagem.

– Não fará a viagem! Ainda não viu o balão na oficina Mittchel?

– Não vou perder meu tempo com isso.

– Pois saiba que perde um belo espetáculo! Que maravilha! Que formato bonito! Precisava ver a barquinha do balão, que beleza! A gente vai ficar completamente à vontade dentro dela!

– Você pensa seriamente em ir com o seu patrão?

– Claro que sim afirmou Joe com convicção. Com ele vou a qualquer lugar! Acha que eu iria deixá-lo sozinho, quando já corremos o mundo juntos? Quem vai cuidar dele É melhor que perca as esperanças. Além do mais, é importante que vá conosco. Para um caçador como o senhor, a África é uma região maravilhosa e, seja como for, não se arrependerá de ter feito essa viagem.

– Sim, eu sei que não me arrependeria, caso essa tentativa fosse realizada.

– A propósito, sabe que é hoje o dia da pesagem? Que pesagem?

– Como é natural, meu patrão, o senhor e eu vamos pesar-nos.

– Como os jóqueis?

– Sim, como os jóqueis. Só que não vão pedir que o senhor emagreça se estiver muito pesado. Aceitam da forma que estiver.

– Não pretendo deixar que ninguém me pese afirmou o escocês com determinação.

– Mas, meu senhor, parece que isso é necessário para o aparelho.

– Ora! O aparelho não se vai incomodar.

– E se, por falta de cálculos exatos, não pudermos subir? E dai? É exatamente o que desejo!

– Não diga isso, senhor Kennedy. O meu patrão vem buscar-nos a qualquer momento.

– Eu não vou.

– O senhor não vai fazer uma coisa dessas com ele. Você verá.

– Eu sei disse Joe, rindo-se. O senhor fala assim porque ele não está aqui. Mas quando chegar, e disser: "Dick, eu preciso saber o seu peso exato", eu sei que o senhor não se vai negar.

– Repito que não irei.

Naquele momento, o doutor entrou no seu gabinete de trabalho, onde se dava a palestra. Olhou bem de frente para Kennedy, que não se sentia muito à vontade.

– Dick disse o doutor, venha com Joe, preciso saber o peso exato dos dois.

– Mas...

– Pode ficar de chapéu na cabeça. Vamos. Kennedy acompanhou-o.

Dirigiram-se os três para a oficina dos Mittchel, onde uma balança romana os aguardava. O doutor necessitava conhecer quando estiver cansado? Quem o ajudará a saltar um precipício? Quem tomará conta dele quando ficar doente? Não, senhor Dick, estarei sempre ao lado do doutor Fergusson.

– Você é um rapaz admirável!

– Além do mais, o senhor irá conosco.

– Lógico que irei! confirmou Kennedy. Quer dizer, irei com vocês para tentar até o último momento impedir que Sessenta e nove quilos e meio disse o doutor. ... o Samuel cometa semelhante loucura! Vou até Zanzibar, para procurar demovê-lo desse projeto insensato.

– Não conseguirá nada, senhor Kennedy. Meu patrão pensa muito antes de fazer alguma coisa, mas quando toma decisão, nada há que o faça desistir.

– Veremos.

o peso de seus companheiros, a fim de estabelecer o equilíbrio de seu aeróstato. Fez Dick subir à plataforma da balança e este, sem oferecer resistência, balbuciou a meia-voz:

– Bem, isso não quer dizer que eu esteja comprometido a coisa alguma.

– Sessenta e nove quilos e meio disse o doutor, anotando numa caderneta.

– Sou pesado demais?

– Que nada, senhor Kennedy replicou Joe. Além disso eu sou muito leve e tudo fica compensado.

Enquanto falava, Joe tomou com entusiasmo o lugar do caçador.

– Cinquenta e quatro quilos e meio disse o doutor, registrando.

– Agora é a minha vez disse Fergusson.

E anotou na caderneta sessenta e um quilos, à frente de seu nome.

– Nós três juntos declarou ele não pesamos mais de cento e oitenta quilos.

– Patrão disse Joe se fosse necessário para a sua expedição, eu trataria de emagrecer vinte quilos, deixando de comer.

– Eu sei, mas não há necessidade disso, meu rapaz respondeu o doutor. Pode comer à vontade.

O BALÃO

Havia muito tempo que Fergusson vinha preocupando-se com os pormenores de sua expedição. Como é fácil imaginar, foi o balão, maravilhoso veículo destinado a transportá-los pelos ares, o objeto de sua constante solicitude.

Logo de início, para não ter de fazer o aeróstato com grandes dimensões, resolvera enchê-lo com gás hidrogênio, que é catorze vezes e meia mais leve que o ar. Não só a produção deste gás era fácil, como era o tipo que já dera os melhores resultados nas experiências aerostáticas.

O doutor, após cálculos exatos, descobriu que, para levar os objetos indispensáveis à viagem e seu aparelho, devia carregar peso de mil, oitocentos e catorze quilos. Era necessário portanto, descobrir qual seria a força ascensional capaz de erguer este peso e, conseqüentemente, a respectiva capacidade. Um peso de mil, oitocentos e catorze quilos é representado por deslocação de ar de mil, seiscentos e sessenta e um metros cúbicos, o que equivale a dizer que mil, seiscentos e sessenta e um metros cúbicos pesam aproximadamente mil, oitocentos e catorze quilos.

Dando ao balão esta capacidade e enchendo-o, em lugar de ar, com gás hidrogênio, que, catorze vezes e meia mais leve, pesa apenas cento e vinte e cinco mil, cento e noventa e um quilos!, resta uma quebra de equilíbrio, ou seja, diferença de quase mil, seiscentos e noventa quilos. É justamente esta diferença entre o peso do gás contido no balão e o peso do ar circunvizinho que constitui a força ascensional do aeróstato.

Todavia, se fossem introduzidos no balão os mil, seiscentos e sessenta e um metros cúbicos de gás a que nos referimos, ele ficaria totalmente cheio, o que não deve acontecer, já que, à medida que o balão atinge as camadas menos densas de ar, o gás que ele contém tende a dilatar-se, não tardando assim a romper o envoltório. Por esta razão, só dois terços dos balões são ocupados pelo gás.

Mas o doutor, em virtude de certo projeto que só ele conhecia, decidiu encher o aeróstato somente pela metade, dando-lhe capacidade quase dupla, uma vez que era necessário carregar mil, seiscentos e catorze metros cúbicos de hidrogênio.

Preparou-o sob a forma alongada, que, como é sabido, é a mais conveniente. O diâmetro horizontal foi de dezesseis metros e meio e o vertical, de vinte e quatro metros e setenta e cinco centímetros. Obteve, desta forma, um esferóide cuja capacidade elevava-se em cifras redondas a três mil duzentos e quarenta metros cúbicos.

Se Fergusson tivesse podido utilizar dois balões, suas probabilidades de êxito seriam maiores. Se um se rompesse no ar, poderia, desfazendo-se do contrapeso, sustentar-se por meio do outro. Entretanto, a manobra de dois aeróstatos torna-se imensamente difícil, por ter-se de conservá-los em idêntica força ascensional.

Após longas reflexões, por disposição engenhosa, reuniu as vantagens oferecidas por dois balões sem sofrer os inconvenientes que o fato acarretaria. Construiu dois de dimensões diferentes, colocando um no interior do outro. O balão exterior, com as dimensões atrás citadas, continha outro menor, da mesma forma, que não media mais que quinze metros de

diâmetro horizontal e vinte e dois de diâmetro vertical. A capacidade do balão interno era, pois, de dois mil, quatrocentos e doze metros cúbicos. Devia flutuar no gás que o cercava. Uma válvula aberta permitia que os dois balões se comunicassem entre si.

Esta disposição apresentava a vantagem de, caso falhasse a saída do gás quando quisesse descer, imediatamente deixar escapar o do balão maior. Mesmo que se esvaziasse por completo, o menor ficaria intacto. Era só desfazer-se do envoltório externo, como de peso incômodo, e o segundo aeróstato, sozinho, não ofereceria ao vento a pouca resistência dos balões parcialmente cheios.

Além disto, em caso de acidente, de um furo no balão externo, o outro estaria capacitado a substituí-lo.

Os dois aeróstatos foram construídos com tafetá trançado de Lião, revestido de guta-percha. Esta substância gomo-resinosa é de absoluta impermeabilidade e totalmente inatacável pelos ácidos e pelo gás. O tafetá foi justaposto, dobrado, ao pólo superior do globo, onde se processa quase todo o esforço.

O envoltório podia reter o fluido por tempo ilimitado. Pesava oitenta gramas por metro quadrado. Ora, sendo a superfície do balão externo de aproximadamente três mil, oitocentos e vinte oito metros quadrados, seu envoltório pesava duzentos e noventa quilos. O envoltório do segundo balão pesava cerca de duzentos e trinta e um quilos. Assim, o peso total era de quinhentos e vinte e seis quilos.

A rede destinada a sustentar a barquinha foi confeccionada com corda de cânhamo de enorme resistência e as duas válvulas foram objeto de meticulosa atenção, como seria feito com a leme de um navio.

A barquinha, de forma circular e com diâmetro de cinco metros, era de vime, reforçada por leve armação de ferro e revestida na parte inferior de molas elásticas destinadas a amortecer os choques. Seu peso, conjuntamente com o da barquinha, não passava de cento e vinte e sete quilos.

O doutor mandou construir, além disso, quatro caixas de chapas de ferro de duas linhas de espessura. Eram ligadas entre si por tubos munidos de torneiras. Aí encontrava-se uma serpentina de mais ou menos dois dedos de diâmetro que terminava por duas ramificações de comprimento desigual, medindo a maior oito metros de altura e a menor, apenas cinco.

As caixas de chapas de ferro foram colocadas na barquinha de forma a ocupar o menor espaço possível e a serpentina, que somente mais tarde deveria ser ajustada, foi empacotada separadamente, assim como possante pilha elétrica de Bunsen. Este aparelho fora tão habilmente construído que não pesava mais de trezentos e dezessete quilos e meio, abrangendo vinte e cinco galões de água contidos em caixa especial.

Os instrumentos destinados à viagem consistiam de dois barômetros, dois termômetros, duas bússolas, um sextante, dois cronômetros, um horizonte artificial e um altazimute para levantar a planta dos objetos distantes e inacessíveis. O observatório de Greenwich colocou-se à disposição do doutor, mas este não se propunha a fazer experiências de física. Desejava tão-somente reconhecer sua direção e poder determinar a posição dos principais rios, montanhas e cidades.

Muniu-se de três âncoras de ferro, submetidas a sérias experiências, bem como de escada de seda leve e resistente, de dezesseis metros de extensão.

Calculou igualmente o peso exato dos víveres. Consistiam de café, chá, biscoito e carne-seca.

Além de suficiente reserva de aguardente, colocou duas caixa-d'água, contendo cada uma quase cem litros.

O consumo destes alimentos deveria pouco a pouco ir diminuindo o peso levantado pelo aeróstato. O equilíbrio de um balão na atmosfera é de extrema sensibilidade. A perda de peso quase insignificante pode ocasionar deslocação bastante apreciável.

O doutor não se esqueceu nem do toldo que devia recobrir parte da barquinha, nem as cobertas que compunham toda a roupa de cama da viagem, nem as espingardas do caçador e nem as provisões de pólvora e balas.

JANTAR DE DESPEDIDA

11 dez de fevereiro, os preparativos achavam-se quase concluídos e os aeróstatos, colocados um no interior do outro, estavam inteiramente terminados. Haviam sido submetidos a forte pressão pelo ar comprimido em suas partes laterais. Tal prova evidenciara sua solidez e tornara evidente os desvelos com sua construção.

Joe não cabia em si de contente. Sempre atarefado, mas alegre, contando minúcias do acontecimento a quem nada lhe perguntava, vivia orgulhoso, principalmente por seguir em companhia do patrão. Creio mesmo que ao mostrar o aeróstato, ao revelar as idéias e os planos do doutor e em muitas outras ocasiões, o digno rapaz tenha ganho algumas meiascoroas, ainda que a contragosto. Mas a verdade é que tinha todo o direito de especular um pouco sobre a admiração e a curiosidade de seus contemporâneos.

A dezesseis de fevereiro, o Resoluto lançou âncora à frente de Greenwich. Era um navio de hélice, de oitocentas toneladas. Seu comandante, o capitão Pernet, era homem amável e demonstrava particular interesse pela viagem do doutor.

O porão do Resoluto foi disposto de maneira a alojar o aeróstato, que para lá fora transportado. Foram também embarcadas dez toneladas de ácido sulfúrico e dez de ferragem velha para a produção de gás hidrogênio. O aparelho destinado a desenvolver o gás foi colocado ao fundo do porão.

Duas confortáveis cabinas aguardavam o doutor Fergusson e seu amigo Kennedy. Este, embora jurando que não partiria, apresentou-se a bordo com autêntico arsenal de caça. Os três viajantes instalaram-se a bordo no dia dezenove de fevereiro. Foram recebidos com grande deferência pelo comandante e seus oficiais, o que não impressionou o doutor, sempre frio e preocupado unicamente com a expedição. Dick procurava dissimular a emoção que sentia, enquanto Joe exultava em explosões cômicas, tornando-se sem demora o gaiato do navio.

No dia vinte, grande jantar de despedida era oferecido pela Real Sociedade de Geografia. O comandante Pernet e o doutor ministrava verdadeiros cursos de geografia...

Seus oficiais compareceram à homenagem, que transcorreu entre grande animação e libações lisonjeiras. Os brindes foram erguidos em número suficiente para assegurar a todos os convivas uma existência de centenários. Dick Kennedy teve boa parte nas felicitações. A sobremesa chegou mensagem da rainha. Apresentava seus cumprimentos aos dois viajantes e fazia votos pelo sucesso do empreendimento. A meia-noite, com adeuses emocionados e calorosos apertos de mão, os convivas separaram-se.

No dia seguinte, vinte e um de fevereiro, às três horas da madrugada, acenderam-se as fornalhas. As cinco, erguia-se a âncora e, sob o impulso da hélice, o Resoluto deslizou em direção à foz do Tâmis.

Durante as longas e ociosas horas da viagem, o doutor ministrava verdadeiros cursos de geografia na sala dos oficiais. Estes rapazes empolgavam-se com as descobertas realizadas nos últimos quarenta anos na África. Relatou-lhes ele as explorações de Barth, de Burton, de Speke e de Grant. Descreveu-lhes aquela misteriosa região aberta por todos os lados às pesquisas da ciência. No norte, o jovem Duveyrier explorara o Saara e na sua volta a Paris

trouxera consigo os chefes tuaregues. Por sugestão do governo francês, organizaram-se duas expedições, as quais, descendo do norte em direção ao oeste, cruzar-se-iam em Tombuctu. Ao sul, o incansável Livingstone avançava constantemente na direção do equador e, depois de março de 1861, subia, em companhia de Mackenzie, o rio Rovoonia. Sem dúvida, o século dezenove não terminaria sem que a África revelasse os segredos que vinha ocultando por seis mil anos.

O interesse dos ouvintes de Fergusson foi particularmente demonstrado quando ele discorreu sobre os preparativos de sua viagem. Quiseram verificar seus cálculos, discutindo-os e fazendo com que o doutor tomasse partes nos debates.

Surpreenderam-se todos com a quantidade relativamente reduzida dos mantimentos que ele levava. Um dos oficiais interrogou-o a esse respeito.

– Isto o surpreende, não é? ponderou Fergusson.

– Sem dúvida.

– Mas qual a duração que imagina irá ter a minha viagem? Meses inteiros? Engana-se. Se se prolongasse por muito tempo, nunca mais voltaríamos. De Zanzibar à costa do Senegal, a distância é aproximadamente de sete mil quilômetros. Ora, calcule quatrocentos quilômetros por doze horas e verá que, viajando-se dia e noite, não se levará mais que sete dias para atravessar a África.

– Mas nesse caso não poderá ver nada, fazer levantamentos geográficos, ou inspecionar a região.

– Acontece replicou o doutor que sou eu quem dirige o balão e poderei não só subir e descer à vontade, como parar quando julgar conveniente. Nossos víveres são suficientes para dois meses. Se viessem a faltar, nosso competente caçador se encarregaria de conseguir boas caças.

– Senhor Kennedy, com certeza irá dar tiros de mestre . disse um jovem guarda-marinha, olhando para o escocês com inveja.

– Sem se falar na glória que juntará aos momentos agradáveis que vai passar comentou outro.

– Senhores disse o caçador , sou grato por seus cumprimentos, mas eles não têm razão de ser.

– Como!! exclamaram de todos os lados. O senhor não vai com o doutor Fergusson?

– Não só isto, como estou aqui para tentar demovê-lo dessa viagem até o último momento.

– Não dêem atenção ao que ele diz declarou Fergusson, com sua habitual fleuma. É assunto que não se deve nem discutir. No fundo, ele sabe perfeitamente que partirá comigo.

– Pelo amor de Deus! exclamou Kennedy. Garanto que...

– Não garanta coisa alguma, meu caro Dick. Você foi medido, pesado, e o mesmo aconteceu com sua pólvora, suas espingardas e as balas, de modo que o melhor é não se falar mais nisso.

Realmente, depois daquele dia até a chegada a Zanzibar, Kennedy não mais abriu a boca para falar naquele assunto ou em outro qualquer.

Joe LECIONA COSMOGRAFIA

o resolutivo navegava com rapidez em direção ao cabo da Boa Esperança. O tempo permanecia bom, embora o mar se mostrasse mais agitado.

A trinta de março, vinte e sete dias após a partida de Londres, a montanha da Mesa delineou-se no horizonte. A cidade do Cabo, situada na base de um anfiteatro de colinas, surgiu na extremidade das lunetas marítimas e pouco depois o Resolutivo baixava a âncora no porto. Mas só permaneceram lá um dia, para reabastecimento de carvão. Na manhã seguinte, o navio já zarpava para o sul, a fim de dobrar o ponto meridional da África e entrar no canal de Moçambique.

Não era a primeira viagem por mar que Joe fazia e, assim, não tardara a sentir-se em casa. Era querido por todos pela sua franqueza e por seu bom-humor. Grande parte da celebridade do patrão refletia-se nele. Escutavam-no como a um oráculo e ele não se enganava mais que qualquer outro oráculo.

Assim, enquanto o doutor se entregava às suas descrições na sala dos oficiais, Joe reinava no castelo de proa, contando a história à sua maneira, procedimento, aliás, seguido pelos grandes historiadores de todos os tempos.

Tratava-se naturalmente da viagem aérea. Conseguira com dificuldade fazer com que os espíritos recalcitrantes aceitassem o empreendimento. Contudo, após consegui-lo, a imaginação dos marinheiros, estimulada pela narrativa de Joe, não achava mais nada impossível.

O esfuziante narrador persuadiu ao seu auditório de que, realizada aquela viagem, outras se seguiriam. Tratava-se tão somente do início de longa série de proezas sobre-humanas.

– Saibam, meus amigos, que quando se experimenta este meio de locomoção, não se pode mais passar sem ele. Em nossa próxima expedição, em lugar de voarmos para o lago iremos para cima, subindo sempre.

– Quer dizer que... irão à lua! exclamou maravilhado um dos ouvintes.

– Qual lua, qual nada! respondeu Joe. Palavra de honra, isso está ficando muito comum! Todo mundo planeja ir à lua. Além do mais, lá não existe água e a gente é obrigado a levar enormes quantidades de provisões. Até ar engarrafado, por pouco que se necessite respirar. Não, nada de lua. Iremos e visitar aquelas belas estrelas, aqueles interessantes planetas de que meu patrão me fala tão a miúdo. Começaremos por conhecer Saturno...

– O tal do anel? indagou um marinheiro.

– Justamente.

– É verdade que irão àquelas alturas? perguntou alguém, estupefato. Será que o seu patrão tem parte com o demônio?

– Não! Ele é bom demais para isso.

– E depois de Saturno? interpelou-o um dos mais impacientes da turma.

– Depois de Saturno? Bem, faremos uma visita a Júpiter. É um lugar muito esquisito, onde os dias só têm nove horas e os anos correspondem a doze dos nossos.

– Então um ano lá equivale a doze da terra? inquiriu o grumete.

– Exatamente, menino. Lá, você ainda estaria mamando em sua mãe e aquele ali, que deve ter cinqüenta anos, seria um garoto de quatro anos e meio.

– É incrível! exclamaram todos a uma só voz.

– Mas é a pura verdade. O que é que vocês querem? Quando a gente insiste em ficar vegetando neste mundo, não se aprende nada, fica-se ignorante. Agora, dêem um pulo a Júpiter e verão!

Riram-se todos, acreditando apenas em parte nas histórias. Joe falou-lhes ainda de Netuno, onde os marujos são otimamente recebidos, e de Marte, onde os militares são figuras importantes. Quanto a Mercúrio, era terra de facínoras, povoada exclusivamente por ladrões e negociantes, tão semelhantes uns aos outros que se tornava impossível distinguí-los. E, finalmente, fez-lhes descrição realmente encantadora de Vênus.

– E quando voltarmos desta expedição, seremos condecorados com a Cruz do Sul, que brilha lá em cima presa à lapela do bom Deus.

– Bem merecido! disseram os marinheiros.

Assim passavam divertidas as longas noites no castelo de proa, enquanto em outro ponto do navio realizavam-se as palestras instrutivas do doutor.

Certa vez, em que foi abordado o assunto da direção dos balões, solicitaram a Fergusson que desse sua opinião a respeito.

– Não creio disse ele que se venha a conseguir dirigir os balões. Conheço todos os sistemas experimentados. Nenhum deles é praticável. Como sabem, é questão que me interessa sobremaneira e estudei-a a fundo. Todavia, cheguei à conclusão de que não poderia resolvê-la com os meios fornecidos pelos atuais conhecimentos de mecânica. Seria necessário descobrir-se motor de potência extraordinária e ao mesmo tempo de leveza impossível. Assim mesmo, não se poderiam vencer as correntes mais fortes.

– Entretanto ponderou alguém existe grande afinidade entre um aeróstato e um navio, que se dirige à vontade.

– Discordo retrucou Fergusson. Existe pouca, se não nenhuma. O ar é infinitamente menos denso que a água, na qual só metade do navio está submersa, enquanto o aeróstato acha-se inteiramente mergulhado na atmosfera e fica imóvel em relação ao fluido que o cerca.

– Julga então que a ciência aerostática estagnou?

– Não, absolutamente! É preciso procurar outro meio de, no caso de não se conseguir dirigir o balão, pelo menos mantê-lo nas correntes atmosféricas favoráveis. À medida que ele se eleva, elas se tornam mais uniformes e são constantes em sua direção. Não são afetadas pelos vales e montanhas que sulcam a superfície do globo, causa principal das mudanças dos ventos e da variação de seu rumo. Ora, uma vez determinadas essas zonas, o balão só terá de colocar-se nas correntes que lhe convierem.

– Mas, nesse caso considerou o comandante Pennet, para atingi-las seria necessário estar constantemente subindo ou descendo. Aí está a grande dificuldade.

– Como assim?

– Bem, seria um obstáculo para as viagens de longo curso e não para os simples passeios aéreos.

– Por que não?

– Porque só se sobe para perder lastro e se desce para perder gás e, com isso, as provisões de gás e lastro se esgotarão rapidamente.

- Meu caro Pannet, aí é que está a questão. É a única dificuldade que a ciência terá de vencer. Não se trata de dirigir balões. Trata-se de movê-lo de cima para baixo, sem consumir o gás que representa sua força, seu sangue, sua alma.
- Tem razão. Esse problema ainda não foi solucionado, ainda não se encontrou esse meio.
- Perdão, mas já foi encontrado. Por quem?
- Por mim. Pelo senhor!
- Sim. Sem isto não iria arriscar-me a atravessar a África em balão. Vinte e quatro horas depois, eu já estaria sem gás. Mas o senhor não falou sobre isso na Inglaterra. Exato. Julguei desnecessário e inútil discutir este ponto em público. Fiz em segredo as experiências preliminares e fiquei satisfeito. Não havia necessidade de mais nada. Pode-se saber o seu segredo?
- Pois não. Senhores, meu expediente é bastante simples. A atenção do auditório elevou-se ao mais alto grau e o doutor tomou a palavra.

Fergusson EXPLICA

"Já se tentou muitas vezes começou o doutor subir e descer à vontade, sem perder gás ou lastro do balão. Um aeronauta francês, Meunier, procurou conseguir isto comprimindo o ar em recinto fechado. Um belga, o doutor Van Hecke, chegou a desenvolver, por meio de asas e palhetas, força vertical, que seria suficiente na maioria dos casos.

Os resultados práticos obtidos por esses meios foram insignificantes. Resolvi então atacar a questão mais diretamente. De início, suprimo completamente o lastro, a não ser para casos de força maior, como a ruptura do meu aparelho, ou a necessidade de erguer-se repentinamente para evitar obstáculos imprevistos.

Os meios que emprego para a ascensão ou descida consistem unicamente em dilatar ou comprimir, por temperaturas diversas, o gás contido no interior do aeróstato. E aqui está como obtenho este resultado.

Naturalmente viram subir com a barquinha do balão várias caixas cuja utilidade desconhecem. Estas caixas são cinco.

A primeira contém cento e doze litros de água, á qual adiciono algumas gotas de ácido sulfúrico para aumentar sua condutibilidade e a decomponho por meio de farte pilha de Bunsen. A água, como sabem, compõe-se de dois volumes de gás hidrogênio e um de gás oxigênio.

Este último, sob a ação da pilha, vai, pelo seu pólo positivo, a uma segunda caixa. Uma terceira, colocada sobre esta, e com o dobro de capacidade, recebe o hidrogênio que chega pelo pólo negativo.

Duas torneiras, uma das quais com o dobro de abertura da outra, fazem essas duas caixas comunicarem-se com uma quarta, chamada caixa de mistura. Aí, realmente, misturam-se os dois gases resultantes da decomposição da água. A capacidade dessa caixa de mistura e de aproximadamente um metro e meio quadrados.

Na parte superior desta caixa fica um tubo de platina, munido de torneira.

A esta altura, já devem ter compreendido, meus senhores. O aparelho que acabo de descrever não passa de maçarico de gás oxi-hidrogênio, cujo calor é mais que o do fogo das forjas. Passarei, assim, à segunda parte do aparelho.

Da parte inferior do balão, que é hermeticamente fechado, saem dois tubos, separados por pequeno intervalo. Um parte das camadas superiores do gás hidrogênio, outro, das camadas inferiores.

Esses tubos são providos, em pequenos intervalos, de fortes articulações de borracha, que lhes permitem sustentar-se às oscilações do aeróstato.

Ambos descem até a barquinha e desaparecem em caixa de ferro cilíndrica que se chama caixa de calor. Ela é fechada nas duas extremidades por dois fortes discos do mesmo metal.

O tubo que parte da região inferior do balão penetra nessa caixa cilíndrica pelo disco de baixo, tomando então a forma de serpentina helicoidal cujos aros superpostos ocupam quase toda a altura da caixa. Antes de sair, a serpentina penetra em pequeno cone, cuja base côncava, em forma de abóbada esférica, é voltada para baixo.

E pelo vértice desse cone que sai o segundo tubo que se comunica, como já disse, com as camadas superiores do balão.

A abóbada esférica do pequeno cone é de platina, a fim de não se fundir sob a ação do maçarico. Este é instalado ao fundo da caixa de ferro, no centro da serpentina helicoidal, e a extremidade de sua chama vai tocar de leve aquela abóbada.

Os senhores sabem o que é um aquecedor destinado a aquecer as habitações. Sabem como funcionam. O ar da habitação é forçado a passar pelos tubos, sendo depois devolvido com temperatura mais elevada. Ora, o que acabo de descrever não é mais que um aquecedor.

Senão, vejamos. Uma vez aceso o aquecedor, o hidrogênio da serpentina e do cone côncavo esquentam-se e sobe rapidamente pelo tubo que o conduz às regiões superiores do aeróstato. Produz-se o vácuo na parte de baixo, que atrai o gás das regiões inferiores, que se aquece, por sua vez, e é constantemente substituído. Assim se estabelece nos tubos e na serpentina corrente extremamente rápida de gás, que sai do balão e a ele retorna, aquecendo-se sem cessar.

Ora, o gás aumenta de duzentos e sessenta e sete avos de seu volume por grau de calor. Portanto, se se forçar a temperatura de dez graus centígrados, o hidrogênio do aeróstato dilatará de dez vezes duzentos e sessenta e sete avos ou de, aproximadamente, sessenta e dois metros cúbicos, deslocando, portanto, seis metros cúbicos de ar a mais, o que aumentará a sua força ascensional de setenta e dois quilos e meio. Isso é o mesmo que jogar fora o mesmo peso em lastro. Se eu aumentar a temperatura de cem graus centígrados, o gás se dilatará de cem vezes. Deslocará seiscentos e vinte metros cúbicos a mais e sua força ascensional será acrescida de setecentos e vinte e seis quilos.

Como vêem, posso facilmente obter consideráveis quebras de equilíbrio. O volume do aeróstato foi calculado de maneira a, estando ocupado pela metade, deslocar peso de ar exatamente igual ao do envoltório de gás hidrogênio e da barquinha carregada de viajantes e todos os acessórios. A esse ponto de enchimento, o balão está em perfeito equilíbrio no ar e não sobe nem desce.

Para efetuar a ascensão, levo o gás a uma temperatura superior à temperatura ambiente por meio do meu aquecedor ou maçarico. Por esse excesso de calor, ele obtém tensão mais forte e enche mais o balão, que sobe tanto quanto for a dilatação do hidrogênio:

A descida se processa, naturalmente, moderando o calor do maçarico e deixando a temperatura diminuir. Assim, a ascensão será em geral muito mais rápida que a descida.

Aliás, essa é uma circunstância até bem vantajosa. Não tenho nenhum interesse em descer rapidamente e, sim, subir, quando precisar evitar algum obstáculo. Os perigos estão embaixo e não lá em cima.

Além disso, como já disse, tenho certa quantidade de lastro que permitirá subir ainda mais depressa, caso se torne necessário. Minha válvula, situada no pólo superior do balão, não é mais que válvula de segurança. O balão conserva sempre a mesma carga de hidrogênio. As variações de temperatura que produzo nesse centro de gás encerrado provêm apenas de todos os movimentos de subida e descida.

Agora, um pormenor prático. A combustão do hidrogênio e do oxigênio na ponta do maçarico produz unicamente o vapor d'água. Assim sendo, provi a parte inferior da caixa cilíndrica de ferro de tubo de desligamento com válvula, que funciona a menos de duas atmosferas de pressão. Em consequência, já que ela abrandam essa pressão, o vapor se escapa dela própria.

Cento e doze litros de água decompostos em seus elementos constitutivos dão noventa quilos e setecentas gramas de oxigênio e onze quilos e quatrocentas gramas de hidrogênio. Isso representa, na tensão atmosférica, setenta metros cúbicos do primeiro e cento e quarenta metros cúbicos do segundo, perfazendo o total de duzentos e dez metros cúbicos de mistura. Ora, a torneira do meu maçarico, quando totalmente aberta, despende um metro cúbico por hora, com chama pelo menos seis vezes mais forte que a das grandes lanternas de iluminação. Portanto, em média, para conservar-me a altura pouco considerável, não terei de queimar mais de um terço de metro cúbico por hora. Meus cento e doze litros de água representam, assim, para mim, seiscentas e trinta horas de navegação aérea, ou um pouco mais de vinte e seis dias.

Pois bem, como posso descer à vontade, e renovar a provisão de água pelo caminho, minha viagem poderá ter duração indefinida.

Aí está meu segredo. É simples e, como tudo que é simples, não pode deixar de dar resultados. A dilatação e a contração do gás do aeróstato são o meio que descobri, que não exige nem asas embaraçosas, nem motor mecânico. Apenas aquecedor para produzir minhas mudanças de temperatura e tubo para ativá-lo, o que não é nem incômodo nem pesado.

Creio dessa forma ter conseguido reunir todas as condições de sucesso.”

O doutor Fergusson assim terminou seu discurso, sendo vivamente aplaudido. Não existia objeção que lhe pudesse ser feita. Tudo fora previsto e resolvido.

– Entretanto disse o comandante isso pode ser perigoso.

– Não importa respondeu o doutor com simplicidade, desde que seja praticável.

O VITÓRIA

Vento constantemente favorável havia acelerado A marcha do Resoluto. A passagem do canal de Moçambique foi particularmente calma, e vaticinava boa travessia aérea. Todos ansiavam pelo momento da chegada, quando teriam oportunidade de dar a última demão aos preparativos do doutor Fergusson.

Avistou-se finalmente a cidade de Zanzibar, situada na ilha do mesmo nome. A quinze de abril, às onze horas da manhã, o navio ancorava.

A ilha de Zanzibar pertence ao chefe religioso de Mascate, aliado da França e da Inglaterra, e é, indubitavelmente, sua mais bela colônia. O porto abriga considerável número de navios provenientes de países vizinhos.

Zanzibar só é separada da costa africana por um canal cuja maior largura é de cinquenta e cinco quilômetros. Possui importante comércio de borracha, marfim, ébano e é grande mercado de escravos. Concentram-se lá todas as pilhagens conquistadas nas batalhas em que os chefes do interior empenham-se incessantemente. O tráfego estende-se também a toda a costa oriental.

A chegada do Resoluto, o cônsul inglês em Zanzibar foi a bordo e colocou seus préstimos à disposição do doutor.

– Para dizer a verdade eu duvidava confessou ele, estendendo a mão a Samuel Fergusson, mas agora não duvido mais do êxito da empresa.

66 67 Ofereceu sua própria residência ao doutor, a Dick Kennedy e, naturalmente, ao valoroso Joe.

Para sua inquietação, Fergusson tomou conhecimento de várias cartas que recebera do capitão Speke. O capitão e seus companheiros haviam sido vítimas da fome e do mau tempo antes de chegarem à região de Ugogo. Só conseguiram avançar com grande dificuldade e não imaginavam poder dar novas notícias suas tão cedo.

– São perigos e privações de que estaremos livres ponderou o doutor.

A bagagem dos viajantes foi transportada para a residência do cônsul. Pensou-se em desembarcar o balão na praia de Zanzibar. Existia ali, próximo ao mastro de sinais, local apropriado, junto a enorme construção que o abrigaria dos ventos do leste. Entretanto, quando se tratava do desembarque do aeróstato, o cônsul foi advertido de que a população da ilha estava disposta a empregar a força para impedi-lo. Não há maior cegueira que as paixões fanatizadas. A notícia da chegada de um cristão que pretendia elevar-se nos ares foi recebida com irritação. Os negros, mais exaltados que os árabes, viram no projeto intenções hostis à sua religião. Imaginavam que o destino dos viajantes seria o sol e a lua. Ora, sendo os dois astros objeto de veneração por parte das tribos africanas, resolveram opor-se tenazmente aquela expedição sacrílega.

O cônsul conferenciou com o doutor Fergusson e o comandante Pennet. Este não desejava recuar ante as ameaças, mas seu amigo explicou as razões pelas quais não deveriam ser precipitados.

– Certamente, se quisermos empregar a força, removeremos os obstáculos disse o cônsul. No

entanto, meu caro comandante, poderia acontecer algum acidente irreparável ao balão e a viagem estaria perdida. O melhor é agirmos com a máxima cautela.

– Mas que havemos de fazer?

– É simples respondeu o cônsul. Vêem aquelas ilhas que ficam para além do porto? Desembarquem o aeróstato numa delas, cerquem-se de bom cordão de marinheiros e não haverá risco algum.

– Ótima idéia! exclamou o doutor. Assim estaremos à vontade para terminar os preparativos. O comandante rendeu-se perante este conselho. O Resoluto aproximou-se da ilha Cumbeni. Durante a manhã de dezesseis de abril, o balão foi posto em segurança no meio de clareira cercada de grandes matas.

Ergueram dois mastros de vinte e cinco metros de altura colocados um ao lado do outro. Um jogo de roldanas fixas às suas extremidades permitia alçar o aeróstato por meio de cabo transversal. Ele estava inteiramente vazio. O balão interno achava-se atado ao cimo do balão externo, de maneira a ser também levantado.

Os dois tubos de introdução de hidrogênio foram fixados ao apêndice inferior de cada um dos balões.

Passaram o dia dezessete a preparar o aparelho destinado a produzir o gás. Compunha-se de trinta anéis, nos quais era conseguida a decomposição da água por meio da ferragem e do ácido sulfúrico colocado em grande quantidade de água. O hidrogênio ia ter a vasto tonel central, depois de ter sido lavado à sua passagem, e de lá introduzia-se nos aeróstatos através dos tubos. Desta forma, podia-se perfeitamente determinar a quantidade de gás com que cada um deles se enchia.

A operação teve início às três horas da madrugada, durando cerca de oito horas. No dia seguinte, o aeróstato, já recoberto com a rede, oscilava graciosamente acima da barquinha, contida por inúmeros sacos de terra. O aparelho de dilatação foi montado com excepcional cuidado e os tubos que saíam do aeróstato adaptados à caixa cilíndrica.

As âncoras, as cordas, os instrumentos, as cobertas de viagem, o toldo e os mantimentos ocupavam na barquinha os lugares que lhes eram destinados. O abastecimento de água devia ser feito em Zanzibar. Os noventa quilos e meio de lastro foram repartidos em cinquenta sacos colocados ao fundo da barquinha, mas ao alcance da mão.

Os preparativos terminaram às cinco horas da tarde. Sentinelas velavam incessantemente em volta da ilha, enquanto as lanchas do Resoluto patrulhavam o canal.

Os negros continuavam a manifestar a sua cólera por meio de gritos, caretas e gestos. Os feiticeiros percorriam os grupos exaltados, insuflando ainda mais sua irritação. Alguns fanáticos chegaram a tentar chegar à ilha a nado, mas foram facilmente afastados.

Começaram então os sortilégios e as bruxarias. Os fabricantes de chuva, que se gabavam de poder comandar as nuvens, evocaram os furacões e os granizos. Para isso, colheram folhas de toda a variedade de árvores da região. Enquanto as ferviam em fogo brando, matavam um carneiro, introduzindo-lhe longa agulha no coração. Todavia, a despeito de suas estranhas cerimônias, o céu permaneceu límpido. Os negros entregaram-se então a furiosas orgias.

Por volta das seis da tarde, último jantar reuniu os viajantes à mesa do comandante e seus oficiais. Kennedy murmurava em voz baixa palavras entrecortadas e não tirava os olhos do doutor Fergusson.

A refeição foi triste. Com a aproximação do momento supremo, ninguém podia evitar as

reflexões preocupadas que lhes perpassavam pela mente. Que destino estaria reservado àqueles arrojados viajantes? Regressariam algum dia ao convívio dos amigos, ao aconchego de seus lares? Se acaso malograsse aquele meio de transporte, que sorte poderiam esperar em meio de tribos ferozes, regiões inexploradas, ou desertos imensos?

Tais idéias, às quais vinham dando até então pouca atenção, eram a causa daquele ambiente constrangedor, que nem a fleuma do impassível doutor Fergusson conseguia evitar.

Temendo algum ataque à pessoa do doutor e de seus companheiros, fizeram-nos passar a noite no Resoluto: As seis horas da manhã, deixaram sua cabina, dirigindo-se para a ilha de Cumbeni.

O balão balanceava fortemente ao sopro do vento leste, enquanto o comandante Pennet e seus oficiais presenciavam os detalhes que precediam o momento da partida.

A certa altura, Kennedy acercou-se do doutor, tomou-lhe a mão e perguntou:

– Está mesmo decidido a partir, Samuel?

– Certamente, meu caro Dick.

– Acha que eu fiz todo o possível para impedir esta viagem?

– Sim, fez.

– Neste caso, minha consciência está tranqüila e vou com você.

– Eu tinha certeza disso declarou o doutor, deixando transparecer leve emoção em sua fisionomia.

Chegou o instante do adeus. Os oficiais abraçaram com efusão seus intrépidos amigos.

Eram nove horas quando os viajantes subiram à barquinha. O doutor acendeu o maçarico, ativando a chama para que produzisse calor rápido. O balão, que se mantinha em perfeito equilíbrio, poucos minutos depois começou a elevar-se, enquanto os marinheiros ainda sustentavam algumas das cordas.

A uns seis metros de altura, o doutor, de pé e agitando o chapéu, gritou:

– Amigos, vamos dar à nossa embarcação um nome que lhe traga boa sorte! Eu a batizo como Vitória!

Formidável brado retumbou lá de baixo:

– Viva a rainha! Viva a Inglaterra!

Naquele instante, a força ascensional do aeróstato aumentava prodigiosamente. Fergusson, Kennedy e Joe deram o último adeus aos amigos.

– Larga! gritou o doutor.

E o Vitória alçou-se rapidamente nos ares, enquanto quatro peças de artilharia do Resoluto salvavam em sua homenagem.

O INFELIZ MAIZAN

Atmosfera estava límpida e o vento era leve.

O Vitória subiu quase perpendicularmente a uma altura de quinhentos metros, que foi indicada por depressão de perto de cinco centímetros na coluna barométrica.

Naquela elevação, corrente mais acentuada carregou o balão para o sudoeste. Espetáculo maravilhoso desenrolava-se ante os olhos dos viajantes! A ilha de Zanzibar surgia inteiramente à vista, destacando-se por seu colorido mais escuro, como se fosse apresentada num planisfério. Os campos tomavam aparência de pedacinhos de amostras de várias cores, o grande ramalhetes de árvores indicavam os bosques e as matas. Os habitantes da ilha surgiam como insetos. Os brados e os gritos extinguíam-se pouco a pouco e os tiros de canhão vibravam na concavidade inferior do aeróstato.

– Como tudo isto é lindo! exclamou Joe, rompendo pela primeira vez o silêncio.

Os outros não responderam. O doutor achava-se atarefado em observar as variações barométricas, anotando os diversos pormenores da ascensão, enquanto Kennedy tudo observava, por demais emocionado para poder falar.

Os raios de sol vinham em auxílio do maçarico, aumentando a pressão do gás. O Vitória atingiu altura de novecentos metros.

O Resoluto parecia agora simples barquinho e a costa africana delineava-se a oeste por imensa orla de espuma.

– Perderam a voz? perguntou Joe.

– Estamos observando respondeu o doutor, dirigindo sua luneta para o continente.

– Eu não posso ficar sem falar.

– Fale à vontade, fale quanto quiser.

O Joe entrou em ação, entregando-se a considerável abuso de onomatopéias. Os oh!, ah!, ih!, uh! escapavam-se-lhe dos lábios sem cessar.

Durante a travessia do mar, o doutor julgou conveniente manter-se naquela elevação. Podia, assim, observar extensão maior da costa. O termômetro e o barômetro, suspensos no interior do toldo entreaberto, encontravam-se ao alcance da sua vista, enquanto segundo barômetro, colocado na parte externa, devia servir durante os quartos noturnos.

Ao cabo de duas horas, o Vitória, impelido com a velocidade de pouco mais de catorze quilômetros, ganhou a costa. O doutor resolveu aproximar-se de terra. Moderou a chama do maçarico e logo o balão desceu a cem metros do solo. Achava-se sobre Mrima, denominação dada a esta parte da costa oriental da África. Densas orlas de risóforos protegiam as margens e a maré baixa deixava visíveis suas espessas raízes carcomidas pelo dente do oceano Índico. As dunas que formavam outrora a linha costeira arredondavam-se no horizonte e o monte Nguru levantava seu pico para noroeste.

O Vitória passou por uma aldeia que, examinando no mapa, o doutor verificou tratar-se de Caole. Toda a população emitia urros de cólera e temor. Passaram a arremessar em vão suas flechas contra aquele monstro dos ares, que deslizava majestosamente a salvo de toda aquela manifestação de furor.

O vento impelia para o sul, o que não chegou a inquietar o doutor. Pelo contrário, aquela direção permitia-lhe seguir a rota traçada pelos capitães Burton e Speke. Kennedy acabou por tornar-se tão loquaz quanto Joe, passando ambos a trocar frases de admiração.

– Abaixo as diligências! dizia um. Abaixo os navios! dizia outro.

– Abaixo os trens! retornava Kennedy. Neles a gente atravessa um país sem ver nada!

– Para mim agora é só balão exclamava Joe. Nem se sente a viagem e toda a natureza vai-se desenrolando aos nossos olhos!

– Que espetáculo! Parece sonho de tão maravilhoso!

– É, mas... que tal se almoçássemos? indagou Joe, a quem as alturas abriam o apetite.

– E uma idéia, rapaz.

– Muito bem. A refeição não demorará a ser preparada. Teremos biscoito e carne em conserva.

– E café à vontade aparteou o doutor. Permito que se sirva do calor do meu aquecedor. É o que ele tem até demais. Assim não precisamos ter medo de incêndio.

– Seria horrível! exclamou Kennedy. É como se tivéssemos um barril de pólvora debaixo de nós.

– Absolutamente respondeu Fergusson. Mas, enfim, caso o gás se incendiasse, ele se consumiria pouco a pouco e desceríamos à terra, o que não iria agradar-nos. Mas não se preocupe, nosso aeróstato é hermeticamente fechado.

– Então, o melhor é comermos agora disse Kennedy.

– Bem, senhores interveio Joe, agora vou preparar café.

Instantes depois, três xícaras fumegantes foram servidas, encerrando almoço substancial, temperado pelo bom-humor dos convivas, após o que cada qual voltou ao seu posto de observação.

A região distinguia-se por sua extrema fertilidade. Veredas sinuosas e estreitas desapareciam sob abóbadas verdejantes. Passavam por cima de campos cultivados de tabaco, de milho e de cevada, em pleno sazonalidade. Aqui e ali, vastos arrozais com suas hastes eretas e suas flores vermelhas. Distinguiam-se carneiros e cabras encerrados em grande engradados suspensos sobre estacas, para livrá-los dos dentes dos leopardos. Vegetação luxuriante florescia naquele solo pródigo. Em numerosas aldeias reproduziam-se as cenas dos gritos e da estupefação à vista do Vitória, e Fergusson conservava-se prudentemente fora do alcance das flechas. Os habitantes, agrupados em torno das cabanas próximas umas das outras, perseguiam por longo tempo os viajantes com suas inúteis imprecações.

Ao meio-dia, o doutor, depois de consultar seu mapa, deduziu que se encontrava sobre a região de Uzaramo. As terras eram cobertas de coqueiros, de mamoeiros e de algodoeiros.

Para Joe, em se tratando da África, aquela vegetação já parecia bastante natural. Kennedy divisava lebres e codornizes que pareciam estar pedindo tiro de sua espingarda. Mas seria desperdiçar pólvora, em vista da impossibilidade de apanhar a caça.

Os aeronautas caminhavam à velocidade de vinte quilômetros a hora e logo estavam sobre a aldeia de Tunda.

– Foi ali disse o doutor que Burton e Speke foram acometidos de febres violentas e julgaram por algum tempo que sua expedição estivesse perigando. Apesar de se encontrarem a pouca distância da costa, quase não podiam suportar o cansaço e as privações que vinham sofrendo. Em verdade, naquela região reina a malária, permanentemente. A fim de evitar que ela os

atingisse, o doutor teve de elevar o balão acima das emanções daquelas terras úmidas, absorvidas por sol ardente.

Algumas vezes, podiam divisar uma caravana descansando num kraal à espera da brisa noturna para reencetar sua viagem. São logradouros rodeados de sebe e matas, onde os mercadores se abrigam não somente das feras como também das tribos saqueadoras daquelas paragens. Viam-se os nativos em disparada, dispersando-se ao depararem com o Vitória.

Kennedy desejava examiná-los mais de perto, mas Samuel opôs-se a tal intento.

– Os chefes estão armados de mosquetes explicou e nosso balão seria ponto de mira certo para uma bala.

– Será que um furo de bala ocasionaria a queda do balão? inquiriu Joe.

– Imediatamente, não. Mas logo o buraco se transformaria em vasto rasgão e nosso gás escaparia todo por ele.

– Nesse caso, o melhor é nos mantermos a boa distância daqueles infieis. O que será que eles pensam vendo-nos assim voando? Talvez tenham vontade de adorar-nos.

– Sim, eles podem adorar-nos se quiserem ponderou o doutor, mas só de longe, que é mais seguro. Vejam, a região já começa a mudar de aspecto. As aldeias rareando, as mangueiras e toda a vegetação já desapareceram. O solo torna-se mais acidentado e tudo indica que teremos montanhas pela frente.

– Tem razão concordou Kennedy. Parece que já estou vendo elevações deste lado.

– No oeste... Devem ser as primeiras montanhas de Urizara, na certa o monte Dutumi, atrás do qual espero descer para passarmos a noite. Vou avivar a chama do maçarico. Somos obrigados a manter altura de duzentos metros.

– Não resta dúvida que sua idéia foi fantástica, meu senhor, comentou Joe. Que facilidade! É só virar uma torneira e pronto.

Assim que o balão ganhou mais elevação, disse o caçador:

e Fergusson conservava-se prudentemente fora do alcance das flechas.

– Aqui estamos bem melhor. O reflexo do sol naquela areia vermelha já se estava tornando insuportável!

– Vejam que árvores formidáveis! exclamou Joe. Só com uma dúzia delas se faria uma floresta São baobás elucidou o doutor Fergusson. Olhem aquele ali. Deve ter no mínimo trinta metros de circunferência. Pode ter sido perto dele que morreu o francês Maizan, em 1845, pois estamos sobrevoando a aldeia de Deje-la-Mhora, onde ele se aventurou sozinho. Foi agarrado pelo chefe da povoação, amarrado ao tronco de uma árvore e o negro feroz lhe cortou aos poucos as articulações enquanto retumbavam os cânticos de guerra. Depois, dilacerou-lhe a garganta, parou para afiar seu facão embotado, e acabou arrancando a cabeça do infeliz com as mãos. O pobre francês só tinha vinte e seis anos!

– Por favor, não pare por aqui, patrão pediu Joe. Subamos, subamos.

– Pois não, meu caro, ainda mais que temos à nossa frente o monte Dutumi. Se meus cálculos não falham, nós o passaremos antes das sete horas da noite.

– Não vamos viajar a noite? perguntou o caçador.

– Não, sempre que for possível evitar. Com cuidado e vigilância, poderíamos fazê-lo sem o menor perigo, mas acontece que não basta atravessar a África, é preciso também vê-la.

– Até agora não podemos queixar-nos patrão. A região mais cultivada e mais fértil do mundo em lugar de um deserto. Vá a gente acreditar nesses geógrafos!

– Ainda é cedo para tirarmos conclusões. É melhor esperarmos um pouco mais.

Por volta das seis e meia da tarde, o Vitória achava-se em frente ao monte Dutumi. Para transpô-lo, teve de erguer-se a quase mil metros, o que o doutor conseguiu simplesmente elevando a temperatura de dez graus centígrados. Na verdade, ele manobrava o balão sem a menor dificuldade. Kennedy indicava-lhe os obstáculos a vencer e o Vitória singrava os ares roçando a montanha.

As oito horas, descia a encosta oposta, cujo declive era menos acentuado. As ancoras foram lançadas para fora da barquinha e uma delas, esbarrando nos galhos de frondoso nopal, enganchou-se. Imediatamente, Joe deslizou pela corda e fixou-a solidamente. Assim que concluiu a tarefa, atiraram-lhe a escada de seda e ele galgou-a com agilidade. O aeróstato ficou quase imóvel, ao abrigo dos ventos leste.

Procedeu-se aos preparativos da refeição noturna. Os viajantes, excitados pela viagem aérea, abriram larga brecha nas suas provisões.

– Quanto caminhamos hoje? interrogou Kennedy, dando largas ao seu apetite voraz.

O doutor consultou o excelente mapa que lhe servia de guia. Depois respondeu:

– Duzentos e vinte quilômetros para o oeste.

Kennedy observou que o balão se dirigia para o sul, o que satisfazia ao doutor, que desejava, tanto quanto fosse possível, seguir o rastro de seus predecessores.

Decidiram que a noite seria dividida em três quartos, a fim de que cada um pudesse velar pela segurança dos outros dois. O doutor ficou com o quarto das nove horas, Kennedy com o de meia-noite e Joe com o das três horas da madrugada.

Assim, Kennedy e Joe envolvidos em suas cobertas, estenderam-se sob o toldo e dormiram tranqüilamente, enquanto o doutor Fergusson ficava de guarda.

A DOIS MIL METROS

Noite transcorreu calma. Todavia, ao acordar, sábado pela manhã, Kennedy queixou-se de cansaço e arrepios de febre. O tempo mudava. O céu cobrira-se de nuvens espessas, parecendo abastecer-se para desencadear novo dilúvio. Um melancólico lugar aquele Zungomero, onde chove continuamente, salvo talvez durante quinze dias do mês de janeiro.

Chuva violenta não tardou a desabar. Lá embaixo, os caminhos cortados por nullahs, espécie de torrentes momentâneas, tornavam-se impraticáveis atravancados ainda por moitas espinhosas e cipós gigantescos. Percebiam-se distintamente as emanações de hidrogênio sulfuroso a que se referira o capitão Burton.

– Segundo ele disse o doutor, e tinha toda a razão, parece que atrás de cada espinheiro está escondido um cadáver.

– Que lugar horrível! exclamou Joe. E o senhor Kennedy não se está sentindo bem por ter passado a noite aqui.

– É verdade, estou com febre bem forte.

– Não é de admirar-se, meu caro Dick. Estamos numa das regiões mais insalubres da África. Mas já vamos sair daqui.

Graças á habilidade de Joe, a ancora foi rapidamente desengatada. Por intermédio da escada, subiu à barquinha. O doutor avivou o gás e o Vitória retomou seu vôo, impelido por vento bastante forte.

De quando em quando, viam-se pequenas cabanas por entre o nevoeiro pestilento. Logo depois alterava-se o aspecto da região. É freqüente na África que área doentia e de reduzida extensão se confine com outras perfeitamente salubres.

Era visível o precário estado de saúde de Kennedy. A febre abatera sua natureza vigorosa.

– Não era caso para ficar doente disse ele, enrolando-se na coberta e deitando-se debaixo do toldo.

– Um pouco de paciência, meu caro respondeu Fergusson. Logo você estará bom.

– Samuel, se você tiver na sua farmácia de viagem alguma droga que me ponha de pé, pode aplicá-la em mim, que suportarei com olhos fechados.

– Tenho algo melhor que isso. Vou acabar com essa febre e você nem vai sentir.

– Como?

– É muito simples. Vou subir acima das nuvens que nos estão molhando e distanciar-me deste ar pestilento. Só peço dez minutos para dilatar o hidrogênio.

Os dez minutos nem haviam ainda sido completados e eles já se encontravam além da zona úmida.

– Espere mais um pouco e sentirá a influência do ar puro e do sol.

– Que remédio fantástico! exclamou Joe Nada tem de fantástico. É até bem natural. Bem, que é natural, é.

– Mando-o tomar ares melhores, como se faz tão comumente na Europa.

– Neste balão, parece que a gente está no paraíso! exclamou Kennedy, já um pouco mais a vontade.

– Pelo menos nos levará para lá observou Joe com seriedade.

Constituíam espetáculo curioso aquelas massas de nuvens aglomeradas abaixo da barquinha. Deslizavam umas sobre as outras, confundindo-se em magnífico brilho ao refletirem os raios de sol. O Vitória atingiu altura de mil e trezentos metros e o termômetro indicava certa queda de temperatura. Não se distinguia mais a terra. A oitenta quilômetros para o oeste, o monte Rubeo erguia seu cume resplandecente. Constituía o limite da região de Ugogo. O vento soprava com velocidade Não vá voar e nos deixar aqui, patrão exclamou Joe.

de trinta quilômetros horários, mas o viajantes nada sentiam, tal a estabilidade do balão.

Três horas mais tarde, realizava-se o prognóstico do doutor. Havia desaparecido os arrepios de febre de Kennedy e ele almoçou com apetite.

– Isso desmoraliza o sulfato de quinina_ declarou com satisfação.

– Não resta dúvida disse Joe , é aqui que virei passar minha velhice.

Por volta das duas horas da manhã, a atmosfera aclarou-se. As nuvens dispersaram-se e a terra reapareceu. O Vitória insensivelmente foi-se aproximando dela. O doutor Fergusson buscava corrente que o conduzisse mais para o nordeste, encontrando-a a duzentos metros do solo. A região tornara-se acidentada, montanhosa. O distrito de Zungomero desaparecia a leste com os últimos coqueiros daquela latitude.

Cimos de montanhas tomaram saliências mais pronunciadas. Aqui e ali elevavam-se alguns picos. A atenção tinha de ser constante, pois aqueles cones pontiagudos pareciam surgir inopinadamente.

– Estamos entre recifes observou Kennedy.

– Não se preocupe, que não vamos bater neles.

– Seja como for, que bela maneira de viajar replicou Joe.

Em verdade, o doutor manobrava seu balão com rara destreza.

– Se tivéssemos de caminhar por terra neste terreno acidentado, estaríamos perdidos. Desde nossa partida de Zanzibar, todos os nossos animais já teriam morrido de cansaço. Nós estaríamos como espectros e completamente desesperados. Seria constante luta com os guias e os carregadores, sempre sujeitos á sua conhecida brutalidade. Durante o dia, calor úmido, opressivo, insuportável. A noite, frio muitas vezes intolerável e picadas de certas moscas cujas mandíbulas atravessam o tecido mais espesso, o que torna a vítima louca. E tudo isso sem falar nas feras e nas tribos ferozes.

– Nem quero imaginar disse simplesmente Joe.

– Não estou exagerando prosseguiu Fergusson. Vocês seriam capazes de chorar lendo o relato de viajantes que tiveram a audácia de aventurar-se por estas regiões.

Lá pelas onze horas, passaram pela bacia de Imengé. As tribos esparsas que habitavam as colinas vizinhas ameaçavam em vão o Vitória com suas armas. Finalmente chegaram às últimas ondulações de terreno que precediam o Rubeo. Formam a terceira cadeia e a mais elevada das montanhas do Usogara.

Os viajantes tinham perfeito conhecimento da conformação orográfica da região. Estas três ramificações, das quais o Dutumi constitui o primeiro escalão, são separadas por vastas planícies longitudinais. Os pontos mais elevados compõem-se de picos arredondados, entre os quais o solo é revestido de blocos irregulares e de seixos. O declive mais abrupto das montanhas está voltado para a costa Zanzibar. As encostas ocidentais são planícies inclinadas. As depressões de terreno são cobertas de terra negra e fértil, onde a vegetação é

vigorosa. Vários cursos d'água insinuam-se para o leste e vão afluir no Quingani, em meio a gigantescos bosques de sicômoros, tamarinheiros, cabaceiros e palmeiras.

– Atenção disse o doutor Fergusson. Estamos aproximando-nos do Rubeo, cujo nome significa na língua do país passagem dos ventos. Temos de subir a certa altura para evitar as arestas agudas. Se meu mapa é exato, atingiremos elevação de mais de mil e setecentos metros.

– Teremos ocasião de subir muitas vezes assim tão alto?

– Raramente. A altitude das montanhas da África parece ser medíocre em comparação aos picos da Europa e da Ásia. De qualquer maneira, nosso Vitória as transporia com a mesma facilidade.

Pouco depois, o gás se dilatava sob a ação do calor e o balão empreendia caminhada vertical bastante acentuada. A dilatação do hidrogênio não oferecia qualquer perigo, e o aeróstato continha apenas três quartos de sua vasta capacidade. O barômetro indicou elevação de dois mil metros.

– Poderíamos viajar muito tempo assim? perguntou Joe.

– A atmosfera terrestre tem altura de doze mil metros respondeu o doutor. Com um grande balão, poderíamos ir longe.

– Ótimo! exclamou Joe. Mas prefiro ficar em altura média, nem muito alto, nem muito baixo. Não se deve ser ambicioso demais...

A doze mil metros, a densidade do ar diminui consideravelmente. O som propaga-se com dificuldade e a voz quase não é ouvida. A visão dos objetos lá embaixo torna-se confusa. Percebem-se apenas grandes massas indefinidas. Os homens e os animais ficam totalmente invisíveis, enquanto as estradas assemelham-se a fios e os lagos, a simples tanques.

O doutor e seus companheiros sentiam-se em estado normal. Uma corrente atmosférica de extrema velocidade propulsionava-os para além das montanhas áridas, sobre cujos cumes grandes blocos de neve ofuscavam a vista. O aspecto do terreno convulsionado demonstrava trabalho netunino dos primeiros dias do mundo.

O sol brilhava no zênite, lançando atrevidamente seus raios sobre os picos desertos. O doutor fez desenho minucioso das montanhas, constituídas de quatro grupos distintos em linha reta, das quais a mais setentrional é a mais alongada.

Pouco depois o Vitória descia a vertente oposta do Rubeo, margeando litoral arborizado, de verde bem escuro. Em seguida, surgiam cumes e barrancos, anunciando espécie de deserto que precedia a região de Ugogo. Mais além, estendiam-se planícies amareladas, torrificadas, rachadas, juncadas aqui e ali de plantas salinas e arbustos espinhosos.

Ao longe, embelezando o horizonte, viam-se as árvores de uma floresta. O doutor aproximou-se do solo, as âncoras foram atiradas e uma delas enganchou-se nos galhos de enorme sicômoro.

Joe resvalou pelos galhos e fixou a âncora com precaução. O doutor deixou seu aquecedor em atividade para conservar o aeróstato com certa força ascensional que o mantivesse no ar. O vento acalmara-se.

– Agora disse Fergusson apanhe duas carabinas, amigo Dick, uma para você, outra para o Joe, e tratem de trazer-me suculentas postas de antílope para o nosso jantar.

– A caça exclamou Kennedy, tomando a escada e descendo à terra.

Joe deslizara de galho em galho e aguardava embaixo, distendendo os membros. O doutor,

com o balão aliviado do peso de seus companheiros, pôde apagar inteiramente o maçarico.

– Não vá voar e nos deixar aqui, patrão exclamou Joe.

– Fique tranqüilo, rapaz, estou bem firme. Vou por meus assentamentos em ordem. Boa caça e tenham cuidado. Daqui do meu posto, posso observar as redondezas e, se notar algo de estranho, darei um tiro de carabina. Será o sinal de reunião.

– Combinado respondeu o caçador.

ASSALTO INESPERADO

A região, áspera, ressequida, constituída de terra argilosa que se fendia sob a ação do calor, parecia totalmente deserta. Aqui e ali se viam vestígios de cavernas, ossos embranquecidos de homens e animais, semicorroídos e confundidos na mesma poeira.

Após meia hora de caminhada, Dick e Joe embrenharam-se numa floresta de árvores gomasas, sempre à espreita e com o dedo no gatilho da carabina. Não sabiam com que iriam defrontar-se. Sem ser grande atirador, Joe manejava habilmente arma de fogo.

– Como faz bem andar um pouco, senhor Kennedy, apesar deste terreno não ser dos mais cômodos observou ele, tropeçando nos fragmentos de quartzo espalhados pelo caminho.

Dick fez sinal ao companheiro para calar-se e parar. Não contavam com cães para aquela caçada e, por maior que fosse a agilidade de Joe, não podia ter faro de cão. No leito de uma torrente, onde ainda se achavam estagnados alguns charcos, saciavam a sede vários antílopes. Os graciosos animais, pressentindo o perigo, mostraram-se inquietos. Depois de cada trago, endireitavam a cabeça com vivacidade, sorvendo com as narinas dilatadas o ar que denunciava a presença dos caçadores.

Kennedy contornou alguns arbustos, enquanto Joe permanecia imóvel. Pouco depois estacava, apontava a espingarda e atirava. Os bichos desapareceram num abrir e fechar de olhos. Apenas um antílope macho, atingido na espádua, tombara fulminado.– Dick precipitou-se em direção à sua presa. Era um magnífico animal de cor azulada-escura, com o ventre e a parte interna das patas alvos como a neve.

– Belo tiro! exclamou o caçador. É uma espécie muito rara de antílope e pretendo preparar sua pele para conservá-la.

– Ora essa! Está mesmo pensando nisso?

– Claro! Veja só que pele maravilhosa.

– Mas o doutor não permitirá sobrecargas.

– Tem razão. Mas dá pena abandonar animal bonito como este! Bem, não vamos abandoná-lo inteiro. Vamos tirar dele todas as propriedades nutritivas que tem e, se me der licença, garanto que vou sair-me bem.

– A vontade, amigo, mas saiba que, como caçador, tiro a pele de uma caça com a mesma facilidade com que a abato.

– Estou certo disso. Agora, vamos construir um fogão com três pedras. Há lenha e só preciso de alguns minutos para fazer uso das brasas que irá produzir.

– É para já respondeu Kennedy, pondo mãos à obra.

Poucos instantes depois ardia pujante labareda.

Joe retirara do corpo do antílope uma dúzia de costeletas e as postas mais tenras do filé, que logo se transformaram em saborosos grelhados.

– O amigo Samuel vai ficar bastante satisfeito disse o caçador.

– Sabe em que estou pensando, senhor Dick?

– Com certeza no que está fazendo, nos seus bifés.

– Nada disso. Estou pensando no que seria de nós se não encontrássemos mais o balão

quando voltássemos.

– Ora, que idéia! Acha que o doutor iria abandonar-nos aqui?

– Não, claro, mas... e se a âncora se desprendesse)

– Isso é impossível. Mas se acontecesse, o Samuel não teria trabalho em fazer o balão descer de novo. Ele é mestre nisso.

– E se o vento o carregasse e não conseguisse mais voltar?

– Ora, pare com essas suposições. Não são nada agradáveis .

– É, meu senhor, mas tudo pode acontecer. A gente tem de prever tudo...

Naquele instante, um tiro de espingarda retiniu ao espaço.

– É a minha carabina! Conheço a detonação! O sinal!

– Perigo para nós.

– Talvez para ele.

– Vamos, depressa.

Os caçadores apanharam às pressas o produto de sua caçada e retornaram, guiando-se pela trilha de galhos partidos que Kennedy tomara a precaução de fazer. A espessura dos arbustos impedia a visão do Vitória, do qual não se haviam distanciado muito.

Ouviram outro tiro.

– Deve ser urgente ponderou Joe.

– Ouça! Mais um declarou Kennedy. Está-me parecendo defesa pessoal.

Saíram em disparada. Ao chegarem à orla da floresta, divisaram imediatamente o Vitória no mesmo lugar e o doutor na barquinha.

– O que será? indagou Kennedy. Meu Deus! exclamou Joe.

– O que foi? Viu alguma coisa?

– Veja lá embaixo. Um grupo de negros está cercado o balão!

Realmente, a cerca de três quilômetros de onde se encontravam, uns trinta indivíduos comprimiam-se, gesticulando, ululando e pulando ao pé do sicômoro. Alguns, trepados na árvore, procuravam ganhar os galhos mais elevados. O perigo era iminente.

– O patrão está perdido!

– Vamos, Joe, sangue-frio e olhar atento. Estamos armados.

Haviam já transposto metade do caminho com extrema rapidez, quando da barquinha partiu mais um tiro, que atingiu uma criatura que se içava pela corda da âncora. Um corpo sem vida resvalou de galho em galho e ficou suspenso a alguns metros do solo, com os braços e as pernas balançando no ar.

– Que estranho! disse Joe, parando. Por onde estará preso aquele sujeito?

– Não importa respondeu Kennedy. Vamos! Depressa!

– Ah, senhor Kennedy! exclamou Joe, explodindo numa gargalhada. Ficou preso pela caudal. É um macaco! São todos macacos!

– Melhor do que se fossem homens observou Kennedy, avançando para o bando que uivava sem parar.

Era um grupo de temíveis cinocéfalos, ferozes e selvagens, de aparência terrível, com seus focinhos de cão. Alguns tiros de carabina puseram-nos em debandada, somente permanecendo alguns tombados ao solo, inanimados.

Imediatamente, Kennedy acercou-se da barquinha, enquanto Joe subia pelo sicômoro e desprendia a âncora. Minutos mais tarde, o Vitória elevava-se no espaço, dirigindo-se para o

leste sob o impulso de vento moderado.

– Quase houve um assalto! comentou Joe.

– Pensamos que estivesse sendo atacado pelos indígenas.

– Felizmente não passavam de macacos! respondeu o doutor.

– De longe, a diferença não é grande, meu caro Samuel.

– Assim mesmo, podia ter sido perigoso declarou Fergusson. Se a âncora se tivesse soltado com as sacudidelas que eles davam, sabe-se lá para onde o vento me teria levado!

– Não disse, senhor Kennedy?

– Você tinha razão, Joe. E naquele momento você preparava bifês de antílope que me estavam deixando com água na boca.

– É muito natural disse o doutor. A carne de antílope é deliciosa.

– Já vai poder experimentá-la, senhor. A mesa está servida.

– Então, vamos a ela disse o caçador, só o cheiro já abre o apetite de qualquer pessoa.

– Puxa! Se eu pudesse, só comeria carne de antílope o resto da vida exclamou Joe, com a boca cheia. De preferência com um copo de grogue para facilitar a digestão.

Passando da palavra à ação, apressou-se a preparar a bebida, que foi provada com tranqüilo prazer.

– Até agora, tudo correu muito bem observou o bom rapaz.

– otimamente concordou Kennedy.

– Então, senhor Dick? Está arrependido de ter vindo conosco?

– Queria ver alguém tentar impedir-me de vir!– respondeu o caçador com ar resolutivo.

Eram quatro horas da tarde e o Vitória encontrou corrente mais rápida. O sol elevava-se insensivelmente e a coluna barométrica indicou a altura de quinhentos metros acima do nível do mar. O doutor viu-se forçado a sustentar seu aeróstato por acentuada dilatação de gás e o maçarico funcionava sem cessar. Por volta das sete horas, o Vitória pairava sobre a bacia do Caniemé. O doutor logo reconheceu aquela vasta extensão de terreno desbravado, com suas aldeias perdidas entre baobás e cabaceiros. Lá ficava a residência de um dos sultões da região de Ugogo.

Depois de Caniemé, o terreno tornou-se árido e pedregoso. Mas ao cabo de uma hora de viagem, a vegetação ressurgiu em toda a sua plenitude. O vento descambava com o dia e a atmosfera parecia prestes a adormecer. O doutor fez baldadas tentativas para encontrar corrente em diferentes altitudes. Em vista da placidez da natureza, decidiu passar a noite nos ares e por medida de segurança elevou-se a perto de trezentos metros. O Vitória mantinha-se imóvel e a noite magnificamente estrelada mergulhou em silêncio absoluto.

Dick e Joe deitaram-se e dormiram profundamente. A meia-noite foi o doutor substituído na guarda pelo escocês.

– Se perceber o mínimo incidente, acorde-me logo ordenou. E não perca o barômetro de vista, que ele é a nossa bússola! A noite foi fria. Com as trevas havia-se desencadeado o concerto noturno dos animais, que a sede e a fome obrigam a abandonar suas tocas. As rãs vocalizavam sua voz de soprano, em coro com os uivos dos chacais, enquanto o tom baixo imponente dos leões sustentava os acordes daquela orquestra animada.

Ao retomar seu posto de manhã, Fergusson consultou a bússola, verificando que o vento se alterara durante a noite. O Vitória desviara-se quarenta quilômetros para o noroeste, passando agora sobre Mabunguru, região pétrea, salpicada de bloco de sienita reluzente e

toda recortada por rochas com a forma de dorso de jumento. Massas cônicas, semelhantes aos rochedos de Carnaque, guarneciam o solo como os dólmãs dos druidas. Inúmeras ossadas de búfalos e elefantes resplandeciam aqui e ali. As árvores eram escassas, a não ser para leste, onde se viam espessos bosques que envolviam algumas aldeias.

Pelas sete horas, uma rocha redonda, de perto de três quilômetros de extensão, surgiu qual imensa carcaça de tartaruga.

– Estamos em boa trilha disse Fergusson. Ali está Jihue-la-Mkoa, onde vamos parar por algum tempo. Preciso renovar a provisão de água que alimenta meu maçarico. Tratemos de enganchar em algum lugar.

– Há poucas árvores ponderou o caçador.

– Vamos tentar assim mesmo. Joe, atire as âncoras.

O balão, perdendo gradualmente sua força ascensional, aproximou-se da terra. O gancho de uma das âncoras agarrou-se a uma fenda de rocha e o Vitória imobilizou-se.

Como é natural, o doutor não apagava inteiramente o maçarico durante suas paradas. O equilíbrio do balão fora calculado com relação ao nível do mar. Ora, o terreno era em declive e, achando-se a duzentos metros de elevação, o balão tenderia a descer. Assim, tornava-se necessário sustentá-lo por meio de certa dilatação do gás. Somente no caso de completa ausência de vento, poderia o doutor deixar a barquinha pousar inteiramente na terra, quando o aeróstato, deslastrado de peso considerável, conseguiria manter-se sem o auxílio do maçarico.

Os mapas indicavam imensos poços sobre a vertente ocidental de Jihue-la-Mkoa. Para lá dirigiu-se Joe, carregando barril com capacidade para cinquenta litros. Encontrou sem dificuldade o local indicado, a pequena distancia de aldeola desabitada. Fez sua provisão de água, retornando em menos de três quartos de hora. Nada vira de extraordinário, salvo imensas armadilhas para elefantes. Chegou mesmo a cair no interior de uma delas, enquanto examinava a carcaça semicarcomida que lá havia.

Trouxe da excursão uma espécie de nêspira, que os macacos comiam com avidez. O doutor reconheceu o fruto do mbenbu, árvore muito abundante naquela região. Fergusson aguardava Joe com certa impaciência, pois uma parada ainda que rápida naquele território inóspito inspirava-lhe temor.

Embarcaram a água sem dificuldade, pois a barquinha quase tocava o solo. Joe despreendeu a âncora e pulou agilmente para o lado do patrão. Este reavivou a chama e o Vitória retomou sua rota aérea.

Encontravam-se agora a cento e cinquenta quilômetros de Kazeh, importante instituição do interior da África, onde, graças a uma corrente do sudeste, os viajantes esperavam chegar em breve, pois seguiam com velocidade de trinta quilômetros horários. A direção do aeróstato tornava-se bastante difícil. Não era possível ganharem muita altura sem dilatar grande quantidade de gás, pois a região já se achava a uma altitude média de quatro mil e trezentos metros. Ora, tanto quanto possível, o doutor preferia não forçar a dilatação. Assim seguiu prudentemente as sinuosidades de uma encosta bastante íngreme e voou baixo sobre as aldeias de Tembo e Tura-Wels. A última fazia parte de Unyamwezy, fantástica região onde as árvores atingem dimensões enormes.

Por volta das duas horas, com tempo magnífico, apesar do sol abrasador que devorava a mais leve corrente de ar, o Vitória sobrevoou a cidade de Kazeh, situada a quinhentos e cinquenta

quilômetros da costa.

– Partimos de Zanzibar às nove horas da manhã disse o doutor Fergusson consultando suas anotações e depois de dois dias de travessia já percorremos com nossos desvios perto de oito mil quilômetros. Os capitães Burton e Speke levaram quatro meses e meio para fazer o mesmo percurso!

BEBEDEIRA REAL KAZEH

Ponto importante da África central, não é propriamente uma cidade. A bem dizer, não há realmente cidades no interior da África. Kazez não passa do conjunto de seis vastas escavações. Ali se acham encerradas as casas e as choças dos escravos, com pequenos pátios e pequenas hortas cuidadosamente tratadas. Cebolas, batatas, berinjelas, abóboras e saborosos cogumelos medram com toda a facilidade. O Unyamwezy é a terra da Lua por excelência, o parque fértil e esplêndido da África. No centro acha-se o distrito de Unyanembé, região deliciosa onde vivem indolentemente algumas famílias de Omanis, árabes de origem pura.

Longo tempo andaram comerciando pelo interior da África e na Arábia. Negociavam com gomas, marfim, chitas e escravos. Suas caravanas sulcavam essas terras equatoriais. Ainda vão buscar no litoral objetos de luxo e de prazer para os negociantes enriquecidos, os quais, entre mulheres e escravos, levam nesse país encantador a existência menos agitada e mais horizontal, sempre deitados, rindo, fumando ou dormindo. Kazez está em torno dessas escavações com numerosas casas de indígenas, vastos locais para os mercados, campos de canabíneos e de datura, belas árvores e sombras aprazíveis.

Ali se encontram todas as caravanas. As do sul, com seus escravos e seus carregamentos de marfim, e as do oeste que exportam o algodão e as miçangas para as tribos dos Grandes Lagos. Nos mercados reina agitação perpétua, burburinho indefinível, composto dos brados dos carregadores mestiços, do som de tambores e cornetas, do relinchar das mulas, do zurrar dos jumentos, dos cantos das mulheres, do choro das crianças e dos golpes de cajado do chefe da caravana que bate o compasso daquela sinfonia pastoral. Ali se exibem sem ordem, ou antes em desordem encantadora, os vistosos estofos, as miçangas, os marfins, — os dentes de rinoceronte, os de tubarão, o mel, o tabaco e o algodão. Ali se realizam os negócios mais estranhos, onde os objetos só têm valor pelos desejos que inspiram.

De repente, toda aquela agitação, todo aquele movimento, todo aquele ruído cessou. O Vitória acabava de surgir nos ares, planava majestosamente e vinha descendo pouco a pouco, sem se afastar da vertical. Homens, mulheres, crianças, escravos, mercadores, árabes e negros, tudo desapareceu e se refugiou nos tembés e nas choças.

— Meu caro Samuel disse Kennedy, se continuarmos a produzir impressões semelhantes, teremos dificuldade em estabelecer relações comerciais com essa gente.

— Contudo observou teríamos operação comercial de grande simplicidade a fazer: era desembarcar tranquilamente e carregar as mercadorias mais valiosas, sem nos importarmos com os mercadores. Ficaríamos ricos.

— Oh! replicou o doutor esses indígenas têm medo no primeiro momento, mas não tardarão a voltar, por superstição ou curiosidade.

— Acha, meu amo?

— Veremos. Em todo caso, convém não nos aproximarmos muito. O Vitória não é um balão blindado nem couraçado, nem está livre de bala ou de flecha.

— Tenciona, caro Samuel, entrar em conversações com esses africanos? disse Dick.

– Se for viável, por que não? respondeu o doutor. Deve haver em Kazez mercadores árabes mais instruídos, menos selvagens. Lembro-me de que Burton e Speke só tiveram louvores quanto á hospitalidade que lhes foi dispensada pelos habitantes. Podemos tentar a aventura.

O Vitória, que insensivelmente se aproximara da terra, prendeu uma das âncoras no cimo de uma árvore junto à piaça do mercado. Toda a população espreitou naquele momento para fora dos seus buracos. As cabeças surgiam timidamente. Alguns waganga, reconhecíveis pelas insígnias de conchas cônicas, avançaram com destemor. Eram os feiticeiros do lugar.

Pouco a pouco, a multidão veio juntar-se a eles, as mulheres e as crianças cercaram-nos, os tambores romperam em vivo rufo, as mãos batiam, estendendo-se para o céu.

– E o seu modo de rezar explicou o doutor Fergusson. Se não me engano vamos ser chamados a desempenhar papel importante.

– Pois então, meu amo, desempenhe-o!

No mesmo instante, um dos feiticeiros fez um gesto e todo o clamor se mudou em profundo silêncio. Ele dirigiu algumas palavras aos viajantes, mas em língua inteiramente desconhecida. O doutor Fergusson, que nada entendera, lançou ao acaso algumas palavras em árabe e imediatamente lhe responderam na mesma língua. O orador entregou-se a torrencial arenga, muito florida. Por ela soube o doutor que o Vitória estava sendo muito simplesmente tomado pela própria Lua e que essa amável deusa se dignara descer na cidade com seus três filhos, honra que jamais seria esquecida naquela terra amada do sol. O doutor respondeu com imensa dignidade que a Lua fazia em cada mil anos o seu giro departamental, consentindo em mostrar-se mais de perto aos seus adoradores. Pediu-lhes que se não constrangessem nem receassem abusar da sua divina presença, dando-lhe a conhecer suas necessidades e desejos. o feiticeiro respondeu por sua vez que o sultão, doente havia muitos anos, reclamava os socorros do céu e convidava os Filhos da Lua a visitá-lo. O doutor transmitiu o convite aos companheiros.

– Vai à presença desse rei negro? perguntou-lhe o caçador.

– Sem a menor dúvida. Esta gente parece-me bem disposta, a atmosfera está calma, não há um sopro de vento. Nada temos a recear pelo Vitória.

– Mas, enfim, que vai fazer?

– Sossega, caro Dick; com habilidade hei de sair-me bem. acrescentou, dirigindo-se à multidão:

– A Lua, apiedando-se do soberano amado dos filhos de Unyamwezy, confiou-nos o encargo da sua cura. Ele que se prepare para receber-nos.

Os clamores, os cantos e as demonstrações redobraram, todo o vasto formigueiro de cabeças negras se pôs em movimento.

– Agora, amigos disse o doutor Fergusson, precisamos agir com previdência, pois de um momento para outro poderemos ser forçados a reembarcar à pressa. Dick fica na barquinha e por meio do maçarico manterá força ascensional suficiente. A âncora está bem presa e por esse lado nada temos a recear. Eu vou descer à terra, Joe irá comigo, mas ficará junto da escada.

– O quê! Pretende ir sozinho ver o sultão? berrou Kennedy.

– Como, doutor Samuel! Não quer que o acompanhe até lá? acrescentou Joe espantado.

– Não, irei sozinho. Essa gente está convencida de que a sua grande deusa, a Lua, veio em visita. Estou protegido pela superstição, de modo que não tenham medo e fique cada qual no

posto que lhe designei.

– Visto que assim o quer... concordou o caçador.

– Cuide da dilatação do gás.

– Não se preocupe.

A gritaria dos indígenas aumentava. Parecia que reclamavam energicamente a intervenção celeste.

– Olhe! Olhe! exclamou Joe. Acho-os um pouco exigentes com a sua boa Lua e os seus divinos filhos.

O doutor, munido de sua farmácia de viagem, desceu à terra precedido de Joe. Este, grave e digno como convinha, sentou-se ao pé da escada de pernas cruzadas à moda árabe e parte da multidão envolveu-o em círculo respeitoso. Enquanto isto, o doutor Fergusson, conduzido ao som de instrumentos, escoltado por danças religiosas, avançou lentamente para o Tembé real, situado bastante fora da cidade. Eram mais ou menos três horas e o sol resplandecia.

O doutor caminhava com dignidade. Os waganga cercavam-no, contendo a multidão. Em breve, veio ao encontro de Fergusson o filho natural do sultão, moço airoso e que de acordo com os hábitos do país era o único herdeiro dos bens paternos, com exclusão dos filhos legítimos. Prostrou-se diante do Filho da Lua, que o fez erguer-se com um gesto magnânimo. Três quartos de hora depois, por caminhos cheios de sombra e em meio a luxuriante vegetação tropical, a procissão entusiasmada chegou ao palácio do sultão, espécie de edifício quadrado, situado na vertente de uma colina. Cercava-o pelo exterior alpendre com teto de colmo à maneira de varanda, apoiado em colunas de madeira que tinham a pretensão de ser esculpidas. Longas listras de argila avermelhada adornavam as paredes, tentando reproduzir figuras de homens e de serpentes, estas naturalmente com mais êxito que aquelas. O teto da habitação não se apoiava diretamente sobre as paredes, permitindo que o ar circulasse com liberdade. Além disso, nenhuma janela e apenas uma porta.

O doutor Fergusson foi recebido com grandes honras pelos guardas e favoritos, homens de boa raça, fortes e robustos, ... Um dos feiticeiros fez um gesto e todo o clamor se mudou em profundo silêncio.

Bem feitos e saudáveis. Os cabelos, divididos em grande número de pequenas tranças, caíam-lhes pelos ombros. Por meio de incisões pretas ou azuis, listravam as faces desde as têmporas até à boca. As orelhas, horrendamente distendidas, sustentavam discos de madeira e placas de goma copal. Vestiam-se de panos fortemente coloridos. Os soldados, armados de zagaia, de arco e flechas farpadas e envenenadas com o suco do eufórbio, exibiam ainda longos sabres com dentes de serra, facalhões e pequenas achas de armas.

O doutor penetrou no palácio e, apesar da doença do sultão, o alarido, já terrível, redobrou à sua chegada. No lintel da porta, pôde notar caudas de lebres e crineiras de zebra suspensas à maneira de talismã. Foi recebido pelo bando de esposas de Sua Majestade, aos acordes harmoniosos do upatu, espécie de pratos feitos com fundos de caçarolas de cobre, e ao estrondo do kilindo, tambor de metro e meio de altura, cavado em tronco de árvore. Quase todas as mulheres pareciam lindas e fumavam, rindo, tabaco em grandes cachimbos negros. Mostravam-se bem nos seus trajés graciosos o usavam fibras de cabaceira atadas em redor da cintura. Seis dentre elas não eram as menos alegres do bando, embora um pouco à parte e destinadas a cruel suplício. Por morte do sultão deveriam ser enterradas vivas, juntamente com ele, a fim de o distraírem durante a eterna solidão.

O doutor Fergusson, depois de ter lançado a vista sobre o conjunto, aproximou-se do leito de madeira do soberano, onde jazia um homem de quarenta anos, completamente embrutecido por toda a sorte de orgias e com o qual nada mais havia a fazer. A moléstia, que se prolongava desde anos, não passava de perpétua bebedeira. O real borracho perdera quase o conhecimento e nem todo o amoníaco do mundo bastaria para pô-lo de pé.

Os favoritos e as esposas, dobrando o joelho, curvavam-se durante a solene visita. Empregando algumas gotas de violento cordial o doutor logrou reanimar por instante aquele corpo embrutecido. O sultão esboçou um gesto. Para um cadáver que há muitas horas não dava sinal de existência, o sintoma foi acolhido com enorme alvoroço e gritaria, em honra do médico. Este, já farto daquilo, afastou com rápido movimento os adoradores demasiado expansivos e retirou-se do palácio, encaminhando-se para o Vitória. Eram seis horas da tarde.

Durante a ausência, Joe esperou tranqüilamente ao pé da escada, enquanto a multidão lhe tributava os maiores respeitos. Na sua qualidade de verdadeiro Filho da Lua, ele deixava-se homenagear. Para divindade, tinha o ar de excelente homem, nada altivo e até familiar com as jovens africanas que não se cansavam de contemplá-lo. Aliás, ele dirigia-lhes palavras muito lisonjeiras.

Levaram-lhe os dons propiciatórios, ordinariamente depostos nos mzinu ou cabanas sagradas. Compunham-se de espigas de cevada e de pombé. Joe achou-se na obrigação de experimentar aquela bebida forte semelhante à cerveja, mas o seu paladar, embora afeito ao vinho e ao uísque, não pôde suportar-lhe a violência. Fez uma horrenda careta, que a assistência tomou por gentil sorriso. Em seguida, as jovens, misturando as suas vozes em lenta melopéia, executaram dança grave à sua volta.

– Ah! vocês dançam comentou ele. Pois não hei de ficar atrás e vou mostrar-lhes uma dança da minha terra.

Encetou uma jinga atordoante, contorcendo-se, arqueando-se, dançando com os pés, com os joelhos, com as mãos, esticando-se em contorções extravagantes, em atitudes inconcebíveis, em carantonhas pavorosas, dando àquele povo curiosa idéia do modo como os deuses dançam na Lua. Todos aqueles africanos, imitadores como macacos, começaram logo a reproduzir-lhe as atitudes, as pernadas e os movimentos, e foi então um alarido, um tumulto e uma agitação de que seria difícil dar idéia, mesmo fraca. No melhor da festa, Joe avistou o doutor que regressava a toda pressa, entre a população ululante e desordenada. Os feiticeiros e os chefes pareciam muito agitados. Cercavam o doutor, apertavam-no, ameaçavam-no.

Singular reviravolta! Que se teria passado? Acabara o sultão por sucumbir desastrosamente nas mãos do curandeiro celeste? Kennedy, do seu posto, viu o perigo sem lhe compreender a causa. O balão fortemente solicitado pela dilatação do gás, retesava a corda que o prendia, impaciente por erguer-se nos ares. O doutor chegou junto à escada. Um receio supersticioso continha ainda a multidão, impedindo-a de exercer violência contra a sua pessoa. Subiu rapidamente os degraus e Joe seguiu-o com idêntica agilidade.

– Não temos um instante a perder disse-lhe o amo. Nada de soltar a âncora! É preferível cortar a corda. Vamos!

– Mas que sucedeu?

– Que sucedeu? repetiu Kennedy empunhando a carabina.

– Olhem! respondeu o doutor apontando para o horizonte.

– E então? insistiu o caçador.

– Então? É a Lua! Era a Lua que com efeito se erguia, vermelha e magnífica, qual bola de fogo sobre fundo azulado. Era ela! Ela e o Vitória. Ou existiam duas luas, ou aqueles estrangeiros não passavam de impostores, intrigantes e falsos deuses! Tais haviam sido as naturais reflexões da multidão e daí a reviravolta. Joe não pôde conter imensa gargalhada. A população de Kazeh, percebendo que a presa lhe escapava, rompeu em prolongados urros. Arcos e mosquetes visaram o balão. Mas um dos feiticeiros fez aceno e as armas baixaram. Subiu na árvore, com a intenção de segurar a corda da âncora e puxar a máquina para terra. Joe precipitou-se com pequena machada.

– Corto? perguntou ele.

– Espera respondeu o doutor.

– E o negro?

– Talvez seja possível salvar a âncora e assim é melhor. Sempre haverá tempo de cortar.

O feiticeiro, tendo subido à árvore, arranhou-se de tal maneira que, quebrando os ramos, logrou desprender a âncora. Esta, violentamente atraída pelo aeróstato, apanhou o feiticeiro entre as pernas, e o pobre diabo, a cavalo naquele inesperado hipógrifo, partiu para as regiões aéreas.

Imenso foi o pasmo da multidão vendo um dos seus waganga lançar-se no espaço.

– Bravo! gritou Joe, enquanto o Vitória, graças à sua potência ascensional, subia com grande rapidez.

– Ele segura-se bem notou Kennedy. Uma pequena viagem não lhe fará mal nenhum.

– Vamos jogar fora esse negro? perguntou Joe.

– Nada disso replicou o doutor. Vamos simplesmente recolocá-lo no chão. Acho que depois de tal aventura o seu prestígio de mágico crescerá muito na opinião dos seus contemporâneos.

– São capazes de fazer dele um deus! acrescentou Joe.

O Vitória alcançou altura de cerca de trezentos metros, com o preto seguro à corda, com energia terrível. Estava calado, de olhos fixos. Era um terror misto de espanto. Um fraco vento de oeste impelia o balão para além da cidade. Meia hora depois, o doutor, vendo a região deserta, moderou a chama do maçarico e aproximou-se da terra. A sete metros do solo, o negro tomou rapidamente a sua resolução: jogou-se, caiu em pé e largou a correr para Kazeh, enquanto subitamente deslastrado o Vitória retornava aos ares.

TEMPORAL

Aí está para que serve fazer-se passar por filho da Lua sem sua permissão observou Joe. O satélite por pouco não nos pregou boa peça! Por acaso o meu amo lhe comprometeu a reputação com a sua medicina?

– É verdade interveio o caçador, quem é, afinal, o sultão de Kazeh?

– Um velho borracho meio morto respondeu o doutor cuja morte não será muito sentida. Mas a moral da história é que as honras são efêmeras e convém sempre não lhes tomarmos o gosto.

– É penal tornou Joe eu até gostava. Ser adorado! Fazer-me de deus conforme a fantasia! Mas a Lua mostrou-se vermelha, sinal de que não estava satisfeita!

Durante os comentários, nos quais Joe examinou o astro noturno de ponto de vista inteiramente novo, o céu cobriu-se de grossas nuvens para o norte sinistras e carregadas. Vento rijo, que se formara a cem metros do solo, impelia o Vitória para nor-nodeste. Por cima, a abóbada azul estava limpa, mas sentia-se o peso.

Pelas oito horas da noite, os viajantes acharam-se a trinta e dois graus e quarenta minutos de longitude e quatro graus o dezessete minutos de latitude. As correntes atmosféricas, sob a influência de tempestade próxima, arrastavam-nos com velocidade de cinquenta e seis quilômetros por hora. Por baixo, deslizavam-se rapidamente as férteis e onduladas planícies de Mfuto. O espetáculo era admirável e foi admirado.

– Estamos em pleno país da Lua explicou Fergusson pois ele conservou o nome que lhe deu a antiguidade, decerto porque a Lua aí foi adorada em todos os tempos. E uma região maravilhosa e dificilmente se encontraria vegetação mais bela.

– Se encontrássemos coisa assim, perto de Londres, não seria natural disse Joe. Por que será que tais maravilhas são reservadas a países tão bárbaros?

– Mas sabe-se lá se um dia esta região se tornará o centro da civilização? retrucou o doutor. Os povos do futuro talvez venham para cá, quando as terras da Europa estiverem esgotadas e não puderem alimentar seus habitantes.

– Você crê mesmo nisso? perguntou Kennedy.

– Sem dúvida. Veja a marcha dos acontecimentos. Considere as migrações sucessivas dos povos e chegará à mesma conclusão que eu. A Ásia foi a primeira nutriz do mundo, não é verdade? Durante quatro mil anos, talvez, ela trabalha, é fecunda, produz e depois, quando as pedras se desenvolverem lá onde se desenvolviam as searas douradas de Homero, seus filhos abandonam o seio esgotado e seco. Atiram-se então sobre a Europa, jovem e pujante, que os nutre há dois mil anos. Mas já não tem a mesma facilidade. Suas faculdades produtivas diminuem cada dia que passa. As doenças novas, que afligem anualmente os produtos da terra, colheitas adulteradas, recursos insuficientes, tudo isso é o sinal insofismável de vitalidade que se altera, de enfraquecimento próximo. Também já vemos os povos se precipitarem às nutritivas fontes de riqueza da América, como a uma fonte não inesgotável, mas ainda não esgotada. Por seu lado, o novo continente também envelhecerá. Suas florestas virgens cairão sob o machado da indústria. O solo se debilitará por ter produzido demais o que dele exigiram. De lá, onde duas colheitas desabrocham cada ano, mal sairá uma. Aí,

então, a África oferecerá às raças novas os tesouros acumulados há séculos em seu seio. Estes climas fatais aos estrangeiros se purificarão por meio de afolhamentos e drenagens. Estas águas esparsas se reunirão num leito comum para formar artéria navegável. E esta região sobre a qual estamos voando, mais fértil, mais rica, mais vital que as outras, se transformará em algum grande reino, onde se realizarão descobertas ainda mais assombrosas que o vapor ou a eletricidade.

– Ah, patrão! exclamou Joe. Eu bem que gostaria de ver isso!

– Você nasceu cedo demais, meu rapaz.

– Entretanto observou Kennedy será uma época aborrecida em que a indústria absorverá tudo em proveito próprio! Por inventarem as máquinas, os homens serão engolidos por elas! Sempre imagino que o último dia do mundo será aquele em que imensa caldeira aquecida a três bilhões de atmosferas fará nosso globo ir pelos ares!

– E acredito ajuntou Joe que não terão sido os americanos os últimos a lidar com a máquina.

– Realmente respondeu o doutor eles são grandes caldeireiros! Mas, deixando de lado discussões como esta, vamos contentar-nos em admirar esta terra da Lua, já que isso podemos fazer.

O sol, varando com seus últimos raios a massa das nuvens, ornava com crista de ouro os menores acidentes do terreno. Árvores gigantescas, ervas arborescentes, musgos rasteiros, tudo recebia a sua parte daquele eflúvio luminoso. O chão, levemente ondulado, ressaltava aqui e ali em pequenas colinas cônicas. Montanha alguma no horizonte. Imensas estacadas espinhosas, sebes impenetráveis, matagais densos separavam as clareiras onde se viam numerosas aldeias. Os eufórbios gigantescos compunham-lhes fortificações naturais, entremeando-se aos ramos coraliformes dos arbustos.

Em breve, o Malagazari, principal afluente do lago Tanganica, apareceu serpenteando sob os maciços de verdura, acolhendo os numerosos cursos de água nascidos das torrentes da época das chuvas, ou das lagoas abertas na camada argilosa do solo. Para aqueles observadores que olhavam de cima era uma rede de cascatas lançada em toda a face ocidental do país. Animais de grandes corcovas pastavam nas férteis pradarias, desaparecendo sob as altas ervas. As florestas, de onde se exalava fino aroma, ofereciam-se aos olhos como vastos ramalhetes, mas nesses ramalhetes surgiam por vezes, leões, leopardos, hienas e tigres, refugiando-se para escapar aos derradeiros colores do dia. De quando em quando, um elefante fazia ondular os cimos das matas, e ouvia-se o estalar das árvores cedendo aos seus dentes de marfim.

– Que terra de caça! exclamou Kennedy entusiasmado. Uma bala atirada ao acaso, em plena floresta, encontraria peça digna dela! Não se poderá experimentar?

– Não, Dick, a noite vem aí, ameaçadora, escoltada por tempestade. As tempestades são violentíssimas nesta região, onde o solo está disposto como enorme bateria elétrica.

– Tem razão, meu amo interveio Joe. O calor está sufocante e o vento caiu completamente. Não há dúvida de que alguma coisa se prepara.

– A atmosfera está carregada de eletricidade tornou o doutor. Qualquer ser vivo se ressentido do estado do ar que precede a luta dos elementos e confesso que nunca até hoje me senti tão impregnado dele.

– Não seria então o caso de descermos? perguntou o caçador.

– Pelo contrário, eu preferia subir. O que receio é ser levado para além da minha rota pelos choques das correntes atmosféricas.

- Pretendes abandonar a direção que vimos seguindo desde a costa?
- Se isso me fosse possível respondeu Fergusson, viraria mais diretamente para o norte, durante sete ou oito graus, para alcançar as latitudes presumíveis das nascentes do Nilo. Talvez avistássemos alguns vestígios da expedição do capitão Speke. Se os meus cálculos estão certos, encontramos-nos a trinta e dois graus e quarenta minutos de longitude, e eu desejaria subir direto até além do equador.
- Olha! exclamou Kennedy interrompendo o companheiro. Olhe aqueles hipopótamos que vêm saindo das lagoas! Que massas de carne sanguinolenta! E os crocodilos, como resfolgam ruidosamente!
- Parecem abafados! interveio Joe. Ah! que maneira encantadora de viajar e como podemos desdenhar essa bicharia maléfica! Senhor Samuel! Senhor Kennedy! Vejam aqueles bandos de animais que marcham tão apertadamente! São pelo menos duzentos. Trata-se de lobos?– Não, são cães selvagens, raça famosa que nem sequer teme os leões. É o encontro mais terrível que pode ter um viajante. Num instante o despedaçam.
- Bem! Não serei eu que lhes irei pôr focinheiraolveu o amável rapaz. Em todo o caso, se é esse o natural deles, não lhes devemos querer mal.
- O silêncio foi-se impondo pouco a pouco sob a influência da tempestade. O ar espesso ia-se tornando impróprio para transmitir os sons. A atmosfera parecia acolchoada e, como sala forrada de tapetes, perdia toda a sonoridade. As aves aquáticas, o grou coroado, os gaios vermelhos e azuis, os tordos e as moscarelas escondiam-se nas grandes árvores. A natureza inteira oferecia os sintomas de cataclismo próximo.
- Às nove horas, o Vitória pairava imóvel sobre o Msené, vasta reunião de aldeias que mal se divisavam na sombra. Por vezes o reflexo de um raio, perdido na água morna, indicava fossas regularmente distribuídas e, em última claridade, o olhar distinguia a forma calma e negra das palmeiras, sicômoros e eufórbios gigantescos.
- Sinto-me abafar! bradou o escocês, aspirando a longos sorvos aquele ar rarefeito. Estamos parados. E se descêssemos?
- E a tempestade?olveu o doutor inquieto.
- Se receia ser levado pelo vento, não creio que tenha outro partido a tomar.
- Talvez a tempestade não caia esta noite... arriscou Joe. As nuvens estão muito altas.
- É justamente por isso que hesito em atravessá-las. Seria preciso subir a grande altura, perder a terra de vista e ficar toda a noite sem saber se estamos avançando e para que lado avançamos.
- Pois decida-se, caro Samuel, o tempo urge.
- É pena que o vento tenha caído tornou Joe. Ternos-ia levado para longe da tempestade.
- É realmente uma pena, meus amigos, porque as nuvens constituem perigo para nós. Elas encerram correntes opostas que nos podem envolver em seus turbilhões e raios capazes de incendiar-nos. Por outro lado, a força das rajadas pode atirar-nos ao chão se prendermos a âncora à copa de uma árvore.
- Que faremos então?
- Conservar o Vitória em zona média entre os perigos da terra e do céu. Temos água em quantidade suficiente para o maçarico, os nossos quilos de lastro estão intactos. Em caso de necessidade eu os utilizarei.
- Então ficaremos vigiando juntos disse o caçador.

- Não, amigos, guardem bem as provisões e deitem-se. Eu os acordarei se for preciso.
- Mas, meu amo, não seria melhor o senhor descansar agora, quando nada nos ameaça ainda?
- Obrigado, meu rapaz, prefiro ficar alerta. Estamos imóveis e, se as circunstâncias não mudarem, amanhã estaremos exatamente no mesmo lugar.
- Então, boa noite.
- Boa noite, se for possível.

Kennedy e Joe estenderam-se debaixo das cobertas e o doutor ficou sozinho na imensidade. Enquanto isto, o teto das nuvens baixava insensivelmente e a escuridão fazia-se profunda. A negra abóbada ia-se arredondando em torno do globo terrestre como se o quisesse esmagar. Bruscamente, forte relâmpago, rápido e nítido, rasgou a sombra. O rasgão não fora ainda fechado quando medonho trovão abalou as profundezas do céu.

– Alerta! gritou Fergusson.

Os dois dorminhocos, acordados por aquele horrendo estrépito, puseram-se logo a postos.

– Vamos descer? perguntou Kennedy.

– Não! o balão não resistiria. Subamos antes que as nuvens se desfaçam em águas e o vento se desencadeie!

E ativou logo a chama do maçarico entre as espirais da serpentina.

As tempestades dos trópicos desenvolvem-se com rapidez só comparável à sua violência. Um segundo relâmpago fendeu a noite, seguido de vinte outros consecutivos. O céu estava sulcado de faíscas elétricas que passavam entre as grossas gotas de chuva.

– Já nos atrasamos disse o doutor. Agora temos de atravessar uma zona de fogo com o nosso balão cheio de ar inflamável.

– Então para a terra! Para a terra! insistia Kennedy. O risco de sermos fulminados é quase o mesmo e não tardaríamos a ser despedaçados pelos ramos das árvores. Estamos subindo, senhor Fergusson. Mais depressa! mais depressa!

Naquela parte da África, durante as tormentas equatoriais, não é raro contarem-se trinta a quarenta raios por minuto. O céu fica literalmente em fogo e o estampido dos trovões não se interrompe.

O vento desencadeia-se com pasmosa violência naquela atmosfera esbraseada, estorcendo as nuvens incandescentes. Dir-se-ia que o sopro de imenso ventilador atiza aquele incêndio. O doutor Fergusson mantinha o maçarico a todo calor, o balão dilatava-se e subia. De joelhos, no centro da barquinha, Kennedy segurava os panos do toldo. O balão turbilhonava a ponto de causar vertigens, os viajantes sofriam perigosas oscilações. Abriam-se grandes cavidades no invólucro do aeróstato, que o vento comprimia com violência, e o tafetá drapejava ruidosamente sob a pressão. Uma espécie de saraivada, precedida de ruído tumultuoso, sulcava a atmosfera, crepitando sobre o Vitória. Este, entretanto, prosseguia na sua marcha ascensional. Os raios figuravam tangentes inflamadas na sua circunferência. Estava-se em pleno incêndio.

– Seja o que Deus quiser! disse Fergusson. Estamos em Suas mãos e só Ele nos pode salvar. Preparemo-nos para tudo, mesmo para um incêndio. A nossa queda pode não ser rápida.

A voz do doutor mal chegava aos ouvidos dos companheiros, mas eles podiam ver-lhe a face calma em meio ao fuzilar dos raios. O balão redemoinhava, turbilhonava, mas ia subindo sempre. Ao fim de um quarto de hora tinha ultrapassado a zona das nuvens tormentosas. As emanções elétricas desenvolviam-se abaixo dele como vasta coroa de fogo de artifício

suspensa da barquinha. Era um dos mais belos espetáculos que a natureza pode oferecer ao homem. Embaixo, a furiosa tormenta, em cima o céu estrelado, tranqüilo, mudo, impassível, com a Lua projetando os seus raios pacíficos sobre as nuvens irritadas.

O doutor Fergusson consultou o barômetro. Eram onze horas da noite.

– Graças a Deus, o perigo passou disse ele. O essencial é mantermo-nos nesta altura.

– Foi medonho! comentou Kennedy. E para dar mais colorido à viagem e não me importo de ter visto uma tempestade das alturas. É um belo espetáculo!– disse Joe satisfeito.

O ELEFANTE REBOCADOR

Pelas seis horas da manhã de segunda-feira, o sol ergueu-se no horizonte. As nuvens tinham desaparecido e brando sopro refrescava os primeiros alvares matinais. A terra, toda perfumada, surgiu de novo aos olhos dos viajantes. O balão, que estivera girando sobre si mesmo entre correntes opostas, pouco tinha derivado. O doutor, deixando contrair o gás, desceu com o intuito de tomar direção mais setentrional. Durante muito tempo foram vãs as suas tentativas. Um vento arrastou-o para oeste, até à vista das célebres montanhas da Lua, que se arredondavam em semicírculo à volta da ponta do lago Tanganica. A cadeia, pouco acidentada, destacava-se contra o horizonte azulado. Dir-se-ia fortificação natural, inacessível aos exploradores do centro da África. Alguns cones isolados tinham a marca das neves eternas.

– Estamos em região inexplorada explicou o doutor. O capitão Burton adiantou-se muito para o este, mas não pôde alcançar estas montanhas célebres, chegando mesmo a negar-lhes a existência, confirmada por seu companheiro Speke. Pretende que elas nasceram na imaginação deste último. Para nós já não há dúvida possível.

– Vamos atravessá-las? perguntou Kennedy.

– Não, se Deus quiser. Espero encontrar vento favorável que me leve para o equador. Esperarei, se for preciso, e procederei no Vitória como em navio que solta a âncora para resistir aos ventos contrários.

As previsões do doutor não demorariam a realizar-se. Depois de haver experimentado diferentes alturas, o Vitória deslizou para nordeste com velocidade moderada.

– Vamos em boa direção disse ele, consultando a bússola e apenas a setenta metros da terra, com todas as circunstâncias favoráveis para reconhecer estes países novos. O capitão Speke, indo à descoberta do lago Ukereué, subiu mais para leste.

– Iremos muito tempo assim? perguntou Kennedy.

– É possível. Nossa intenção é insistir para o lado das nascentes do Nilo e temos mais de mil quilômetros a percorrer até o limite extremo alcançado pelos exploradores vindos do norte.

– E não vamos descer um instante, para desentorpecer as pernas? atalhou Joe.

– Naturalmente. E como necessitamos poupar os nossos víveres, pelo caminho, meu bravo Dick, tu nos conseguirás uma provisão de carne fresca.

– Sem dúvida, amigo Samuel.

– Teremos também de renovar a nossa provisão de água. Quem sabe se não seremos levados a terras áridas? As precauções nunca são demasiadas.

Ao meio-dia o Vitória achava-se a vinte e nove graus e quinze minutos de longitude e a três graus e quinze minutos de latitude. Ia passando sobre a aldeia de Uiofu, extremo limite setentrional do Unyamwezy, ao lado oposto do lago de Ukereué, que ainda não se podia avistar.

Foi decidido entre os três viajantes que a descida se faria rio primeiro ponto favorável. Seria uma demora prolongada e o aeróstato sofreria revisão completa. A chama do maçarico foi moderada, as âncoras jogadas para fora da barca logo roçaram as altas ervas de imenso

prado que, de certa altura, parecia coberto de capim rasteiro, mas, que, na realidade, tinha dois a dois metros e meio de espessura. O Vitória deslizou pelo matagal, sem tocá-lo, como gigantesca borboleta. Não havia obstáculo à vista. Era como um oceano de verdura sem escolhos.

– Acho que vamos correr muito tempo assim disse Kennedy. Não avisto uma só árvore de que nos possamos aproximar e a caçada parece comprometida.

– Esperemos, caro Dick. Nem poderia caçar neste capinzal mais alto do que você. Acabaremos por encontrar lugar propício.

Era em verdade passeio encantador, verdadeira viagem marítima sobre aquele oceano de verdura, quase transparente, com leves ondulações ao sopro do vento. A barquinha justificava perfeitamente o seu nome, parecendo fender as vagas, apenas sucedendo que daquelas altas ervas surgia de vez em quando uma revoada de pássaros de cores maravilhosas, por entre alegres gorjeios. As âncoras mergulhavam naquele lago florido, traçando um sulco que se fechava logo em seguida, como a esteira de um navio.

De repente, o balão sofreu forte arranco. A âncora mordera decerto alguma fenda de rocha oculta sob a relva gigantesca.

– Firmou! gritou Joe.

– Então lança a escada! replicou o caçador.

Palavras não eram ditas quando um grito agudo varou o ar e as seguintes frases cortadas de exclamações escaparam da boca dos três viajantes.

– Que será isso?

– Um grito esquisito!

– Olhe, continuamos andando!

– A âncora soltou.

– Não, está ainda firme! voltou Joe que segurava a corda.

– Então é o rochedo que caminha! Produziu-se nas ervas imenso redemoinho e, em breve, forma alongada e sinuosa emergiu delas. Uma serpente! bradou Joe.

– Uma serpente! repetiu Kennedy armando a carabina. Não! interveio o doutor. É uma tromba de elefante. Um elefante, Samuel!

E assim falando, Kennedy levou a arma ao ombro. Espere, Dick, espere!

– Não há dúvida! É o animal que nos reboca.

– E para o bom lado, Joe, para o bom lado!

O elefante avançava com certa rapidez, não tardando a alcançar clareira, onde foi possível vê-lo todo. Pelo seu tamanho gigantesco, o doutor reconheceu macho de raça magnífica. Tinhas duas presas esbranquiçadas, de admirável curvatura, com mais de dois metros e meio de comprimento. As garras da âncora haviam-se prendido fortemente entre elas.

O animal tentava em vão, com a tromba, libertar-se da corda que o ligava à barquinha.

– Avante, meu velho! gritava Joe no auge da alegria, excitando quanto podia aquele singular motor. É nova maneira de viajar, melhor ainda que o cavalo! Nada há como o elefante!

– Mas para onde nos leva ele? perguntou Kennedy, agitando a carabina que lhe queimava as mãos.

– Leva-nos aonde queremos ir, meu caro Dick. Tenha paciência!

– Wig a more! wig a more! como dizem os camponeses da Escócia! gritava o alegre Joe. Para frente! Para frente!

O animal empreendeu galope bastante rápido, projetando a tromba à direita e à esquerda e dando ao saltar violentas sacudidelas na barquinha. O doutor, de machado em punho, estava pronto a cortar a corda logo que fosse preciso.

– Em todo caso, só nos separaremos da âncora no último instante disse ele.

Aquela corrida atrás do elefante durou perto de hora e meia. O animal não dava qualquer mostra de cansaço. Tais enormes paquidermes podem correr distâncias consideráveis e de um dia para outro são encontrados em pontos afastadíssimos, como as baleias que igualam em massa a rapidez.

– De fato observou Joe é como se tivéssemos arpoado uma baleia e o que fazemos é imitar a maneira dos baleeiros na pesca.

Súbita mudança, porém da natureza do terreno obrigou o doutor a modificar o seu meio de locomoção. Densa floresta surgiu ao norte da planície, mais ou menos a quatro quilômetros, tornando-se desde logo necessário que o balão fosse separado do seu condutor. Kennedy foi encarregado de fazer parar o elefante e levou a arma à cara, mas a posição não era favorável para atingir o animal com êxito. A primeira bala, que lhe acertou o crânio, achatou-se como se batesse contra chapa de ferro e o bruto nem pareceu dar por isso. Apenas acelerou mais o passo, ao ruído da descarga, passando a correr como cavalo a galope.

– Diabo! exclamou Kennedy.

– Que cabeça dura! acudiu Joe.

– Vamos tentar algumas balas cônicas no ombro tornou Dick, carregando outra vez a carabina com método e disparando.

O animal soltou rugido terrível, mas prosseguiu mais depressa ainda.

O elefante soltou um rugido de aflição e agonia.

– Tenho de ajudá-lo, senhor Dick disse Joe apanhando uma das espingardas. Caso contrário nunca acabaremos.

Duas balas foram alojar-se nos flancos do animal. O elefante estacou, ergueu a tromba e recomeçou a toda a pressa a sua desfilada para o bosque. Sacudia a enorme cabeça e o sangue começava a jorrar-lhe dos ferimentos.

– Continuemos o nosso fogo, senhor Kennedy.

– E fogo nutrido acrescentou o doutor. Estamos a menos de quarenta metros da florestal Retumbaram mais dois tiros. O elefante deu salto medonho, a barquinha e o balão rangeram de tal modo que parecia irem despedaçar-se. O abalo fez cair o machado das mãos do doutor e a situação complicou-se enormemente. A corda da âncora, fortemente amarrada, não podia ser despreendida nem cortada pelas facas dos viajantes. O balão ia-se aproximando vertiginosamente da floresta, quando o animal recebeu uma bala no olho, no momento em que ergueu a cabeça. Estacou, hesitou, dobraram-se-lhe os joelhos e por fim apresentou o flanco ao caçador.

– Uma bala no coração disse este, descarregando pela derradeira vez a carabina.

O elefante soltou um rugido de aflição e agonia. Ainda se ergueu um instante, fazendo girar a tromba, mas logo tombou com todo o peso sobre um dos dentes, que se quebrou. Estava morto.

– Quebrou-se o dente! bradou Kennedy. Marfim que na Inglaterra valeria trinta e cinco guinéus por quarenta e cinco quilos!

– Tanto assim? volveu Joe, deslizando até ao chão pela corda da âncora.

– Não adiantam lamúrias, meu caro Dick tornou o doutor. Nós não somos traficantes de marfim, nem viemos aqui para fazer fortuna.

Joe foi examinar a âncora. Estava solidamente presa ao dente intacto.

Samuel e Dick pularam para terra, enquanto o aeróstato, meio flácido, oscilava sobre o corpo do paquiderme Magnífico animal! exclamou Kennedy. Que massa! Nunca vi na Índia elefante deste tamanho!

– Isso não é de admirar. Os elefantes do centro da África são os mais belos. Os Anderson e os Cumming caçaram tantos nos arredores do cabo que eles emigraram para o equador, onde os encontraremos em bandos numerosos.

– Mas enquanto não chega a oportunidade atalhou Joe espero que possamos provar um pouco deste. Eu me encarrego de preparar succulenta refeição à custa deste animal. O senhor Kennedy vai caçar durante uma hora ou duas, o doutor Samuel vai inspecionar o Vitória e, enquanto isso, eu vou cuidar da cozinha.

– Bem pensado respondeu o doutor. Faça o que quiser.

– Pois eu disse o caçador vou tomar as duas horas de folga que Joe se dignou conceder-me.

– Vá, mas nada de imprudências. Não se afaste muito.

– Fique tranqüilo.

E Dick, armado com seu fuzil, mergulhou na floresta. Joe assumiu então as suas funções. Primeiro, abriu no chão buraco da altura de setenta centímetros, cobrindo-o de galhos secos que alastravam o local, provenientes das picadas abertas na floresta pelos elefantes, cujas pegadas se viam ainda. Uma vez cheio o buraco, amontoou-lhe por cima outra pilha de cavacos da mesma altura e pôs-lhe fogo.

Em seguida, voltou ao cadáver do elefante, caído apenas a vinte metros do arvoredor. Cortou-lhe habilmente a tromba, que media cerca de setenta centímetros de grossura e juntou-lhe uma das esponjosas patas do animal. São estes, com efeito, os melhores bocados, como a corcova do bisonte, a pata do urso e a cabeça do javali.

Quando a lenha acabou inteiramente de arder, tanto no interior como no exterior, o buraco, desobstruído das cinzas e carvões, oferecia temperatura muito elevada. Os pedaços do elefante, envolvidos em folhas aromáticas, foram depositados no fundo daquele forno improvisado e recoberto de cinzas quentes. Depois, Joe ergueu sobre ele nova fogueira e, uma vez consumida a lenha, a carne estava convenientemente assada.

Joe tirou o jantar do forno, colocou a apetitosa carne em novas folhas verdes e dispôs o banquete no meio de um relvado magnífico. Foi buscar biscoitos, aguardente e café e trouxe água fresca e límpida de regato próximo. A mesa assim disposta dava gosto de ver e Joe pensava, não com excessiva vaidade, que talvez desse ainda mais gosto de comer.

– Uma viagem sem canseiras e sem perigos! pensava ele. Comida à hora, liteira perpétua, que mais se pode desejar? E o senhor Kennedy que não queria vir!

Por seu lado, o doutor Fergusson entregava-se a exame metucioso do aeróstato, que, aliás, não parecia ter sofrido com o incidente. O tafetá e a guta-percha tinham resistido maravilhosamente. Tomando a altura real do solo e calculando a força ascensional do balão, concluiu que o hidrogênio se mantinha na mesma quantidade. O invólucro mostrara-se até aí perfeitamente impermeável.

Havia apenas cinco dias que os viajantes tinham deixado Zanzibar. A carne ensacada não fora ainda tocada e as provisões de biscoitos e conservas bastavam para longa viagem. Só a

reserva de água necessitava ser renovada. Os tubos e a serpentina pareciam em perfeito estado. Graças às articulações de borracha, tinham-se prestado a todas as oscilações do aeróstato. Terminado o exame, o doutor cuidou de pôr as suas notas em ordem. Fez esboço muito aceitável da campina circundante, com o longo prado a perder de vista, a floresta de camaldores e o balão imóvel sobre o monstruoso corpo do elefante.

Ao cabo das suas duas horas, Kennedy regressou com numerosas perdizes.

– O jantar está na mesa! gritou Joe.

E os três viajantes não fizeram mais do que sentar-se sobre aquele verde relvado. A pata e a tromba do elefante foram declaradas preciosas. Bebeu-se como sempre em honra da Inglaterra e pela primeira vez deliciosos havanas perfumaram aquela terra encantadora. Kennedy comia, bebia e conversava por quatro. Estava eufórico e chegou a propor com toda a seriedade ao seu amigo Fergusson instalarem-se naquela floresta, construírem uma cabana de folhagem e iniciarem a dinastia dos Robinsons africanos.

A proposta não teve maiores conseqüências, embora Joe se houvesse oferecido para desempenhar o papel de Sexta-Feira.

O lugar parecia tão sossegado e deserto que o doutor resolveu passar a noite em terra. Joe fez um círculo de fogueiras, barricada indispensável contra os animais ferozes. As hienas, os cuguardos, os chacais, atraídos pelo cheiro da carne de elefante, andaram rondando pelas proximidades. Kennedy viu-se obrigado a descarregar várias vezes a carabina contra os visitantes mais audaciosos, mas, enfim, a noite decorreu sem incidente desagradável.

AS FONTES DO NILO

No dia seguinte, logo às cinco horas, começaram os preparativos da partida. Joe, com o machado que, felizmente, tornara a encontrar, cortou os dentes do elefante. O *Vitória*, outra vez livre, levou os viajantes para nordeste a uma velocidade de trinta e cinco quilômetros.

O doutor estabeleceu cuidadosamente a sua posição pela altura das estrelas, durante a noite anterior, que era de dois graus e quarenta minutos de latitude abaixo do equador. Transpôs as rampas de Rubembé e encontrou mais tarde, em Tenga, os primeiros contrafortes da cadeia de Karagwah que, na sua opinião, deriva necessariamente das montanhas da lua. Ora, a antiga lenda que considerava aquelas montanhas o berço do Nilo, não andava longe da verdade, pois elas confinam com o lago Ukereué, pretense reservatório das águas do grande rio.

De Cafuro, grande distrito de mercadores do país, avistou por fim no horizonte aquele tão desejado lago que o capitão Speke entreviu a três de agosto de 1858. Samuel Fergusson comoveu-se. Estava quase alcançando um dos pontos principais da sua exploração e, de luneta em punho, não perdia um recanto daquela misteriosa região que o seu olhar assim detalhava: por baixo, um solo geralmente estéril, à exceção de algumas ravinas cultivadas; o terreno, semeado de cones de altura média, tendia a achatar-se nas proximidades do lago e campos de cevada substituíam os arrozais. A reunião de cinquenta cubatas circulares, recobertas de colmo florido, constituíam a capital de Karagwah.

Ao meio-dia, o *Vitória* encontrava-se a um grau e quarenta e cinco minutos de latitude austral e, à uma hora, o vento impelia-o para o lago.

Este lago foi denominado *Vitória* pelo capitão Speke. Naquele ponto, devia medir noventa milhas de largura. Na sua extremidade meridional, o capitão encontrou um grupo de ilhas a que chamou o arquipélago de Bengala. Levou o seu reconhecimento até Muanza, na costa leste, onde foi bem recebido pelo sultão.

O *Vitória* ia abordando o lago mais ao norte, com grande pesar do doutor que desejaria determinar-lhe os contornos inferiores. As margens, cobertas de vegetação espinhosa e de matagais inextrincáveis, desapareciam literalmente sob miríades de mosquitos de cor castanho-clara. Devia ser região inabitável e desabitada. Bandos de hipopótamos chafurdavam entre as florestas de caniços ou mergulhavam nas águas claras do lago. Este, visto de cima, oferecia, para oeste, horizonte tão largo que se diria um mar. A distância entre ambas as margens é tão grande, que não se podem estabelecer comunicações. Além disto, as tempestades são ali muito fortes e freqüentes, com ventos que se desencadeiam naquela bacia elevada e descoberta.

O doutor teve dificuldade de orientação, temendo ser arrastado para leste. Mas por sorte uma corrente levou-o para o norte, e às seis horas da tarde o *Vitória* pairava sobre pequena ilha deserta, a mais de trinta quilômetros da costa. Os viajantes lançaram âncora numa árvore e o vento acalmou-se ao cair da noite. Puderam manter-se tranqüilos. Não puderam, porém, nem pensar em descer à terra. Como nas margens do lago *Vitória*, legiões de mosquitos cobriam o chão com nuvem espessa. O próprio Joe regressou da árvore coberto de mordeduras, mas não se irritou, tão natural lhe parecia aquilo da parte dos mosquitos.

Em todo o caso, o doutor, menos otimista, soltou o máximo de corda que pôde, a fim de escapar aos implacáveis insetos que já subiam com zumbido inquietador.

– Estamos numa ilha! disse Joe, coçando-se a ponto de fazer sangue.

– Não levaríamos muito tempo a dar uma volta por ela respondeu o caçador e a não serem esses amáveis insetos não se percebe outro ser vivo.

– As ilhas de que este lago está semeado interveio o doutor Fergusson não são a bem dizer senão picos de colinas imersas. Mas tivemos sorte de encontrar aqui um abrigo, porque as margens do lago são habitadas por tribos ferozes. Durmam, portanto, visto que o céu nos promete uma noite tranqüila.

– Não vai fazer o mesmo, Samuel?

– Não, eu não poderia pregar olho. Amanhã, amigos, se o vento for favorável, marcharemos para o norte a descobrir talvez as nascentes do Nilo, esse segredo até agora impenetrável. Tão perto das origens do grande rio eu não conseguiria dormir.

Kennedy e Joe, que as preocupações científicas não inquietavam a tal ponto, não tardaram a adormecer profundamente.

Na quarta-feira, vinte e três de abril, o *Vitória* aparelhou-se às quatro horas da manhã, com céu pardacento. A treva custava a deixar as águas do lago, que denso nevoeiro envolvia. Logo, porém, rude vento dissipou toda a bruma. O *Vitória* balançou durante alguns minutos em sentidos diversos e por fim encaminhou-se diretamente para o norte.

O doutor Fergusson esfregava as mãos de contente.

– Estamos em bom caminho! disse ele. Veremos o Nilo hoje ou nunca mais. Estamos entrando em nosso hemisfério!

– Ah! exclamou Joe. O senhor acha que o equador passa por aqui?

– Justamente por aqui, meu rapaz!

– Nesse caso, com sua licença, parece-me conveniente fazer-lhe um brinde.

– Pois seja concordou o doutor rindo. Tomemos alguma coisa. Afinal, é um modo de entender a cosmografia que não deixa de ter seu cabimento.

E assim foi celebrada a passagem da linha do equador, a bordo do *Vitória*. O balão deslizava rapidamente. Avistava-se a oeste a costa baixa e pouco acidentada. Ao fundo, os planaltos de Uganda e de Usoga. A velocidade do vento ia-se tornando excessiva. As águas do lago erguidas com violência, espumavam como ondas do mar.

– Este lago tornou o doutor é sem dúvida, pela sua posição elevada, o reservatório natural dos rios da parte A bacia do rio alargava-se, salpicada de ilhas...

oriental da África. O céu devolve-lhe em chuva o que rouba em vapores aos seus afluentes. Parece-me certo que o Nilo tem aqui a sua origem Havemos de certificar-nos replicou Kennedy.

Pelas nove horas, a costa de oeste aproximou-se. Parecia deserta e coberta de matas. O vento levantou-se um pouco para leste e foi possível entrever a outra margem do lago. Curvava-se de modo a terminar por ângulo muito aberto, a dois graus e quarenta minutos de latitude setentrional.

Altas montanhas erguiam os seus cumes áridos naquela extremidade do lago, mas, entre elas, garganta funda e sinuosa dava passagem a um rio fervilhante. Manobrando o aeróstato, o doutor Fergusson examinava a região com olho ávido.

– Olhem! berrou ele. As narrativas dos árabes eram exatas! Eles falavam de um rio pelo qual

o lago Ukereué se descarregava ao norte, e esse rio existe. Vemo-lo descendo e correndo com uma velocidade comparável à nossa! Essa gota de água que foge debaixo de nós vai com certeza misturar-se às vagas do Mediterrâneo. É o Nilo.

– É o Nilo! respondeu Kennedy, deixando-se contagiar pelo entusiasmo de Samuel Fergusson.

– Viva o Nilo! gritou Joe, que de bom grado aplaudia qualquer coisa quando estava de bom-humor.

Enormes rochedos embaraçavam aqui e ali o curso do misterioso rio. A água refervia, em rápidos e cataratas que confirmavam o doutor nas suas suposições. Das montanhas circundantes afluíam numerosas torrentes, que espumavam na queda. Podiam-se contar por centenas. Viam-se surgir do chão numerosos filetes de água, dispersos, cruzando-se e confundindo-se, competindo em rapidez e todos correndo para aquele ribeiro nascente que se mudava em rio depois de havê-los absorvido.

– É o Nilo repetia o doutor com convicção. A origem do seu nome apaixonou os sábios, tanto quanto a origem das suas águas. Fizeram-no derivar do grego, do copta, do sânscrito. Afinal, isso pouco importa, visto que ele nos entregou enfim o segredo das suas nascentes!

– Mas atalhou o caçador como iremos certificar-nos de que este rio é o mesmo reconhecido pelos viajantes do norte?

– Obteremos provas incontestáveis, irrecusáveis, infalíveis volveu Fergusson, se o vento favorecer-nos por mais uma hora.

As montanhas separavam-se, abrindo lugar a aldeias numerosas e campos cultivados de sésamo e cana-de-açúcar. As tribos da região mostravam-se inquietas e hostis, parecendo mais próximas da cólera que da adoração. Pressentiam estrangeiros e não deuses. Dir-se-ia que quem subisse às nascentes do Nilo ia roubar-lhes alguma coisa. O Vitória precisou manter-se fora do alcance dos mosquetes.

– Abordar aqui será difícil disse o escocês.

– Tanto pior para os indígenas replicou Joe. Ficarão privados do encanto da nossa palavra.

– Contudo, preciso descer declarou o doutor Fergusson, ainda que seja por um quarto de hora. Sem isso não posso confirmar os resultados da nossa exploração.

– É indispensável, Samuel?

– Indispensável. Desceremos ainda que seja preciso defender-nos a tiro!

– A coisa não me desagrada tornou Kennedy, afagando a carabina.

– Quando quiser, meu amo acrescentou Joe, preparando-se para o combate. É para já?

– Ainda não. Vamos até subir mais um pouco para observar a configuração exata do país.

o hidrogênio dilatou-se e em menos de dez minutos o Vitória planava à altura de oitocentos metros acima do solo. Avistava-se dali uma inextrincável rede de riachos que o rio acolhia em seu leito. Vinham mais numerosos do oeste, entre as colinas e pelo meio dos campos férteis.

– Estamos a menos de cento e cinqüenta quilômetros de Gondocoro disse o doutor apontando no mapa e a menos de dez do ponto alcançado pelos exploradores vindos do norte. Agora vamos aproximar-nos de terra com precaução.

O Vitória desceu mais de seiscentos metros.

– Atenção, amigos! preparem-se para o que der e vier!

– Estamos prontos responderam Dick e Joe.

– Muito bem!

O balão não tardou a acompanhar o leito do rio, a menos de trinta metros. O rio media setenta metros naquele ponto e os indígenas agitavam-se tumultuosamente nas aldeias que orlavam as duas margens. Formavam ali uma cascata a pique de cerca de trinta metros de altura, intransponível por conseqüência.

Lá está a cascata a que se referiu Debonol gritou o doutor.

A bacia do rio alargava-se, salpicada de ilhas que o doutor ia devorando com os olhos, parecendo procurar ponto de referência que ainda não avistara. Alguns negros tinham avançado num barco para debaixo do balão e Kennedy saudou-os com um tiro de espingarda que, sem atingi-los, obrigou-os a regressar à margem.

– Boa viagem! desejou-lhes Joe. No lugar deles não me arriscaria a voltar, com medo deste monstro que despede raios à vontade.

Mas eis que o doutor Fergusson apanhou de repente o óculo, apontando-o para uma ilha reclinada em meio do rio.

– Quatro árvores! exclamou ele. Vejam, lá adiante! Com efeito, erguiam-se na ilha quatro árvores isoladas. É a ilha de Bengala! É ela! tornou Fergusson.

– E então? perguntou Dick.

– É lá que vamos descer, se Deus quiser. Mas parece habitada, senhor Samuel!

– Joe tem razão. Se não me engano, estou vendo um grupo de vinte indígenas.

– Havemos de pô-los em fuga, não será difícil replicou Fergusson.

– Seja como diz volveu o caçador.

O sol estava no zênite. O Vitória aproximou-se da ilha.

Os negros, pertencentes à tribo de Macado, romperam em gritos enérgicos e um deles agitava no ar o seu chapéu de casca de árvore. Kennedy tomou-o por ponto de mira, fez fogo e o chapéu voou em pedaços. Foi uma debandada geral, Os indígenas precipitaram-se para o rio e atravessaram-no a nado. De ambas as margens veio uma saraivada de balas e uma chuva de flechas, mas sem perigo para o aeróstato, cuja âncora mordera fenda de uma rocha. Joe escorregou para terra.

– A escada! gritou o doutor. Venha comigo, Kennedy! Que vai fazer?

– Desçamos. Necessito de testemunha. Aqui vou.

– Joe, trate de vigiar bem!

– Fique sossegado, meu amo, respondo por tudo.

– Vamos, Dick tornou o doutor, pondo pé em terra.

Levou o companheiro para um grupo de rochedos que se erguiam na ponta da ilha e andou procurando por algum tempo. Esquadrinhou o mato até ficar com as mãos em sangue.

De repente, segurou com força o braço do caçador. Olhe! berrou.

– Letras! exclamou Kennedy.

Com efeito, duas letras gravadas na rocha apareciam com toda a nitidez. Liam-se perfeitamente: A. D.

– A. D. continuou o doutor Fergusson. Andréia Debono! A própria assinatura do explorador que mais longe alcançou o curso do Nilo! Não pode haver a menor dúvida, amigo Samuel. Está convencido agora? É o Nilo, não há que ver!

O doutor olhou pela derradeira vez aquelas preciosas iniciais e tomou-lhes exatamente a forma e as dimensões.

- Agora tornou ele para o balão!
 - E vamos depressa, porque alguns indígenas parecem dispostos a atravessar de novo o rio.
 - Já não importa! Se o vento nos levar para o norte durante algumas horas, alcançaremos Gondocoro e poderemos apertar a mão aos nossos compatriotas!
- Dez minutos depois, o Vitória subia majestosamente, enquanto o doutor Fergusson, em sinal de bom êxito, desfraldava o pavilhão com as armas da Inglaterra.

A SENHORA BLANCHARD

- Em que direção vamos? perguntou Kennedy vendo o amigo consultar a bússola.
- Nor-noroeste.
 - Que diabo! mas então não é o norte!
 - Com efeito, Dick, e parece-me que teremos dificuldade em alcançar Gondocoro. Lamento, mas enfim já ligamos as explorações de leste com as do norte e não nos podemos queixar. O Vitória afastava-se pouco a pouco do Nilo.
 - Um último olhar acrescentou o doutor a esta latitude inacessível que os mais intrépidos viajantes nunca ultrapassaram! Aí estão as intratáveis tribos assinaladas por Petherick, d'Arnaud e Miani, e pelo jovem viajante Lejean, a quem devemos os melhores trabalhos sobre o alto Nilo.
 - De modo perguntou Kennedy que as nossas descobertas concordam com as previsões da ciência?
 - Inteiramente. As nascentes do Rio Branco, do Bahr-elAbiad, mergulham num lago que pelo seu tamanho pode ser considerado mar. É lá que ele nasce. A poesia talvez perca com isso, pois gostava-se de atribuir a esse rei dos rios origem celeste. Os antigos davam-lhe o nome de Oceano e não andavam muito longe de acreditar que ele emanava diretamente do sol. Mas temos de submeter-nos e aceitar, de vez em quando, o que a ciência nos demonstra. Nem sempre haverá sábios, mas poetas sempre há de haver!
 - Ainda se vêem as cataratas observou Joe .
 - São as cataratas de Maquedo, a três graus de latitude. Nada há mais certo) Que pena não podermos acompanhar durante algumas horas o curso do Nilo! E lá longe, à nossa frente? perguntou o caçador. Parece-me avistar cume de montanha!
 - É o monte Logwek, a Montanha Oscilante dos árabes. Toda a região foi visitada por Debono, que a percorreu sob o nome de Latif Effendi. As tribos vizinhas do Nilo são inimigas e andam em permanente guerra de extermínio. Imaginem os perigos que deve ter enfrentado! O vento levava então o Vitória para noroeste. A fim de evitar o monte Logwek, era necessário procurar corrente mais inclinada.
 - Amigos disse o doutor aos companheiros , agora é que verdadeiramente iniciamos a nossa travessia africana. Até aqui seguimos as pegadas dos nossos predecessores. Doravante, entramos no desconhecido. Não nos irá faltar coragem?
 - Nunca! gritaram ao mesmo tempo Dick e Joe.
 - Então, a caminho e que o céu nos proteja!
- As dez horas da noite, por sobre barrancos, florestas e aldeias espalhadas, os viajantes chegaram ao flanco da Montanha Oscilante, cujas rampas suaves afluíam. Naquele memorável dia vinte e três de abril, num percurso de quinze horas, impelidos por vento rápido, haviam percorrido distância de mais de trezentas e quinze milhas.
- Mas esta última parte da viagem deixara-lhes triste impressão. Completo silêncio reinava na barquinha. Estaria o doutor Fergusson absorto nas suas descobertas? Seus dois companheiros meditariam acaso naquela travessia por entre regiões desconhecidas? Era um pouco de tudo

isso, sem dúvida, unido às mais vivas recordações da Inglaterra e dos amigos distantes. Apenas Joe mostrava despreocupada filosofia, achando muito natural que a pátria não estivesse ali, uma vez que estava ausente. Contudo, respeitou o silêncio de Samuel Fergusson e Dick Kennedy. Às dez horas da noite, a Vitória ancorava em frente da Montanha Oscilante. Fez-se refeição substancial e cada qual adormeceu sucessivamente sob a guarda dos outros. No dia seguinte, ao acordar, as idéias estavam mais serenas. Fazia lindo tempo e o vento soprava do lado favorável. Bom almoço, alegrado por Joe, acabou dispendo bem os espíritos. A região naquele momento percorrida é imensa, confinando com as montanhas da Lua e as do Farfur. Qualquer coisa do tamanho da Europa.

– Estamos atravessando, sem dúvida disse o doutor, o que se imagina ser o reino de Usoga. Alguns geógrafos têm afirmado existir no centro da África vasta depressão, imenso lago central. Veremos se há alguma aparência de verdade.

– Esta região será toda habitada? perguntou Joe.

– Decerto, e mal habitada.

– Logo vi.

– As tribos que por aí vivem espalhadas estão compreendidas na denominação geral de Niam-Niam. Este nome outra coisa não é que uma onomatopéia. Reproduz o ruído da mastigação.

– É mesmo! concordou Joe niam! Niam! Meu caro Joe, se você fosse a causa imediata dessa onomatopéia, não a acharia tão apropriada. Que quer o senhor dizer?

– Que estas tribos são consideradas antropófagas. Isso é certo?

– Certíssimo. Houve mesmo quem pretendesse que estes indígenas eram providos de cauda, como simples quadrúpedes, mas logo se identificou tal apêndice com peles dos animais com que eles se cobriam.

À tarde, o céu cobria-se de nevoeiro quente que subia do chão, mal permitindo distinguir os objetos terrestres, de modo que o doutor, temendo esbarrar com algum pico imprevisto, pelas cinco horas deu sinal de parada.

A noite passou sem novidade, mas fora preciso redobrar de vigilância naquela profunda escuridão.

A monção soprou com extrema violência durante a manhã do dia seguinte. O vento engolfava-se nas cavidades inferiores do balão, agitando violentamente o apêndice pelo qual penetravam os tubos de dilatação. Foi preciso segurá-los com cordas, manobra que Joe executou muito habilmente.

Ficou ao mesmo tempo verificado que o orifício do aeróstato permanecia hermeticamente fechado.

– Isto tem dupla importância para nós berrou o doutor Fergusson. Em primeiro lugar, evitamos o desperdício de gás precioso. Depois, não deixamos em redor de nós rastro inflamável, ao qual mais tarde ou mais cedo acabaríamos deitando fogo.

– Seria desagradável incidente de viagem disse Joe.

– E cairíamos ao chão? perguntou Dick.

– Cair, não! O gás por-se-ia a arder vagarosamente e nós iríamos descendo aos poucos. Acidente igual aconteceu a uma aeronauta francesa, a senhora Blanchard, que incendiou o balão ao lançar alguns fogos de artifício, mas não caiu, nem decerto teria morrido se a barquinha não fosse contra uma chaminé, de onde resultou ser atirada ao chão.

– Esperemos que nada de semelhante nos aconteça volveu o caçador. Até aqui a nossa

travessia não me pareceu perigosa, nem vejo motivos que nos impeçam de alcançar nosso fim.

– Eu também não vejo, caro Dick. Os incidentes sempre foram causados pela imprudência dos aeronautas ou pela má construção dos aparelhos. Apesar disso, sobre vários milhares de ascensões aeronáuticas não se contam vinte quedas que causassem a morte. Em geral, as chegadas e as partidas é que oferecem os maiores perigos. Portanto, também nesses casos não devemos negligenciar nenhuma precaução.

– Estamos na hora do almoço interveio Joe. Teremos de contentar-nos com carne de conserva e café, até que o senhor Kennedy encontre meio de presentear-nos com boa peça de caça.

INTERVENÇÃO DIVINA

O vento ia-se tornando violento e irregular. O vitória dava autênticas reviravoltas nos ares. Arrojado às vezes para o norte, outras para o sul, não havia meio de encontrar sopro constante.

– Andamos muito depressa, mas sem avançar muito, observou Kennedy, reparando nas freqüentes oscilações da agulha magnética.

– O Vitória corre com velocidade de pelo menos sessenta quilômetros à hora esclareceu Samuel Fergusson. Debruce-se e veja como a terra foge rapidamente debaixo dos nossos pés. Olhe! Até parece que a floresta vai precipitar-se contra nós!

– A floresta já se mudou em clareira respondeu o caçador.

– E a clareira em aldeia acrescentou Joe, instantes depois. Vejam as caras espantadas daqueles negros!

– É natural tornou o doutor. Os camponeses de França quando, pela primeira vez, viram balões, dispararam as suas armas contra ele, tomando-os por monstros aéreos, não sendo, portanto, demais que um negro do Sudão arregale os olhos.

– Por Deus! acudiu Joe, quando o Vitória passava sobre uma aldeia a trinta metros do chão. Com sua licença, vou-lhes atirar uma garrafa vazia, meu amo! Se ela chegar inteira, vão adorá-la. Se se quebrar, farão amuletos com os cacos! Assim dizendo, jogou uma garrafa, que, como era de esperar, se quebrou em mil pedaços, enquanto os indígenas corriam para as suas redondas cubatas, soltando grandes brados. Pouco mais adiante, Kennedy exclamou:

– Reparem que estranha árvore aquela! A parte de cima é de uma espécie e a de baixo, de outra! Essa é boa comentou Joe. Por aqui as árvores crescem uma sobre as outras.

– É simplesmente um tronco de figueira explicou o doutor sobre a qual se depositou um pouco de terra vegetal. Um belo dia, o vento atirou lá um grão de palmeira, que se desenvolveu como em pleno campo.

– É um método interessante disse Joe que eu vou introduzir na Inglaterra. Dará muita vida aos parques de Londres. Sem se falar que é meio de multiplicar as árvores frutíferas e construir jardins suspensos. Os pequenos proprietários iriam achar a idéia ótima. Naquele momento foi necessário dar maior altura ao Vitória para que ele pudesse transpor floresta de árvores com mais de dez metros, espécie de banianas seculares.

– Que árvores formidáveis! exclamou Kennedy. Nunca vi coisa tão bonita como esta floresta! Repare só, Samuel.

– A altura das árvores é uma coisa maravilhosa, meu caro Dick. No entanto, não seria nada de extraordinário nas florestas do Novo Mundo.

– Como? Existem árvores mais altas?

– Claro que sim, entre as que chamamos de árvores mamutes. Na Califórnia, por exemplo, encontrou-se um cedro com cento e cinquenta metros de altura, mais alta que a torre do Parlamento inglês e até que a grande pirâmide do Egito. A base tinha quarenta metros de circunferência e as camadas concêntricas do bosque onde estava localizada indicavam mais de quatro mil anos de existência.

– Então, não há nada demais, meu senhor. Quando se vive quatro mil anos, a coisa mais natural do mundo é ter belo desenvolvimento.

Pouco depois, a floresta já cedera lugar a extensa reunião de choupanas dispostas em círculo em volta de urna praça. Ao centro, erguia-se uma única árvore. Examinando-a, disse Joe:

– Bem! Se há quatro mil anos aquela árvore produz flores assim, não hei de ser eu que lhe dou os parabéns.

E apontava monstruoso sicômoro, cujo tronco desaparecia todo sob um montão de ossadas humanas. As flores de que falava Joe eram as cabeças recentemente cortadas, suspensas de punhais cravados na casca.

– É a árvore de guerra dos canibais! disse o doutor. Os índios arrancam o couro cabeludo e os africanos a cabeça inteira.

– Questão de modo! replicou Joe.

Mas já a aldeia de sanguinolentas cabeças desaparecia no horizonte, substituída por outra, mais além, oferecendo espetáculo não menos repugnante. Eram os cadáveres meio devorados, esqueletos desfazendo-se em pé, membros humanos espalhados, tudo abandonado para servir de pasto às hienas e aos chacais.

– São decerto corpos de criminosos, que, tal como se faz na Abissínia, são deixados aos animais ferozes, os quais, depois de os terem estraçalhado a dentada, acabam de devorá-los em sossego.

Joe, com a excelente vista de que tão bem se servia, notou alguns bandos de aves de rapina que pairavam no horizonte.

– São decerto corpos de criminosos, que, tal como se faz conhecido com o óculo. Aves magníficas cujo vôo é tão rápido quanto o nosso.

– Deus nos livre dos seus ataques! acudiu o doutor. São mais perigosas para nós que as feras ou as tribos selvagens.

– Ora! volveu o caçador nós as escorraçaríamos a tiro.

– Prefiro não ter de recorrer à sua perícia. O tafetá do nosso balão não resistiria a uma das suas bicadas. Felizmente, acho essas temíveis aves mais assustadas do que atraídas pela nossa máquina.

– Tive uma idéia! exclamou Joe. Aliás, hoje estou cheio delas. Se conseguíssemos uma parrelha de águias vivas, nós poderíamos atrelá-la à barquinha para nos carregarem pelo ar! A idéia foi apresentada com seriedade disse o doutor, mas acho pouco viável com animais tão insubmissos.

– Ah! Mas a gente daria um jeito replicou Joe. Em lugar de freio, elas seriam guiadas por antolhos para limitar a sua vista. Com um olho tapado, iriam para a direita ou para a esquerda: com os dois tapados, parariam.

– Desculpe, meu rapaz, mas ainda prefiro vento favorável às suas águias atreladas. Dá menos despesas com alimentação e é um pouco mais seguro.

– Está bem, patrão, mas que a idéia é boa, isso é.

Era meio-dia. Havia algum tempo que o Vitória se mantinha em marcha mais moderada. O chão caminhava-lhe por baixo, já não fugia.

Bruscamente, gritos e silvos feriram os ouvidos dos viajantes, que se debruçaram, avistando, em planície aberta, um espetáculo emocionante. Duas tribos em luta batiam-se encarniçadamente, fazendo voar aos ares nuvens de flechas. Os combatentes, ávidos de se

matarem uns aos outros, nem se aperceberam da chegada do Vitória. Eram mais ou menos trezentos, chocando-se em inextrincável confusão. A maioria deles, vermelhos do sangue dos feridos em que se chafurdavam, compunha um amontoado horrível de ver. A aparição do aeróstato houve uma pausa. Os rugidos aumentaram, algumas flechas foram disparadas contra a barquinha e uma delas passou tão perto que Joe a segurou com a mão.

– Subamos para fora de alcance deles! exclamou o doutor Fergusson. Nada de imprudências! A carnificina prosseguia de parte a parte, a golpes de machado e de zagaia. Quando um inimigo caía ao chão, o adversário apressava-se a cortar-lhe a cabeça. As mulheres, misturadas àquela barafunda, apanhavam as cabeças ensangüentadas e iam empilhá-las em ambas as extremidades do campo de batalha. Frequentemente batiam-se também para conquistar um dos horrendos troféus.

– Cena pavorosa! declarou Kennedy com intensa repugnância.

– São uns pobres-diabos! acrescentou Joe.

– Estou com vontade furiosa de intervir na batalha tornou o caçador, brandindo a carabina.

– Não! disse vivamente o doutor nada de nos metermos na vida alheia! Sabes acaso de que lado está a razão para que representes o papel de Providência? Fugamos quanto antes a este medonho espetáculo!

O chefe de um daqueles bandos selvagens fazia-se notar por envergadura atlética, unida a força hercúlea. Com uma das mãos mergulhava a lança nas compactas fileiras inimigas e com a outra abria grandes clareiras a golpes de machado. Em dado momento, jogou para longe de si a zagaia coberta de sangue, correu para um ferido cujo braço decepou de um só golpe, apanhou-o e, levando-o à boca, rompeu em furiosas dentadas.

– Ah! berrou Kennedy horrível fera! não me agüento mais!

E o guerreiro, atingido por uma bala na frente, caiu para trás.

A sua queda produziu enorme assombro entre os guerreiros. Aquela morte sobrenatural apavorou-os, reanimando por outro lado o ardor dos contrários. Num segundo, o campo de batalha foi abandonado pela metade dos combatentes.

– Vamos procurar mais acima uma corrente que nos leve disse o doutor. Estou farto do espetáculo.

Mas não partiu tão depressa que não chegasse a ver a tribo vitoriosa precipitando-se sobre os mortos e os feridos, a fim de disputar aquela carne ainda quente e repastar-se nela com avidez.

– Puf! acudiu Joe isto é revoltante!

O Vitória subia dilatando-se e os urros daquela horda em delírio perseguiram-no ainda alguns instantes. Por fim, levado para o sul, o balão afastou-se daquela cena de carnagem e canibalismo.

O terreno oferecia agora acidentes variados, com numerosos cursos de água derivando para leste. Iam, decerto, lançar-se nos afluentes do lago Nu ou no rio das Gazelas.

Ao cair da noite, o Vitória lançou ferro após travessia de trezentos quilômetros.

ASSALTO NOTURNO

A noite ia-se fazendo escura e o doutor não pôde reconhecer a região. Prendeu a âncora a uma árvore muito alta, cuja massa confusa mal distinguia na sombra. Conforme o seu hábito, escolheu o quarto das nove horas e, à meia-noite, Dick veio substituí-lo.

– Vigie bem, Dick! Vigie com toda a cautela. Há alguma novidade?

– Não, mas pareceu-me ouvir uns vagos rumores por baixo de nós. Não sei onde o vento nos trouxe e um acréscimo de prudência não nos pode prejudicar.

– Ouviu por acaso o rugido de alguma fera?

– Não, pareceu-me coisa bem diferente. Enfim, ao menor alarma não deixe de acordar-nos.

– Fique descansado.

Depois de ter aplicado atentamente o ouvido uma derradeira vez, o doutor, não percebendo nada, jogou-se sobre a manta e não tardou a adormecer.

O céu estava forrado de espessas nuvens, mas nem um sopro agitava o ar. O Vitória, seguro apenas por uma âncora, não experimentava a menor oscilação. Kennedy, acotovelado ao rebordo da barca de modo a espreitar o maçarico em atividade, considerava a calma escuridão. Interrogou o horizonte e, como sucede aos espíritos inquietos ou prevenidos, julgava por vezes surpreender indecisas claridades. Houve um momento em que julgou mesmo avistar uma a duzentos passos de distância. Mas foi apenas um relâmpago, depois do qual não viu mais nada. Era talvez uma dessas sensações luminosas que o olhar experimenta nas profundas escuridões.

Kennedy sossegou e ia voltando a sua indecisa contemplação, quando agudo silvo atravessou os ares. Seria o grito de um animal, ou de uma ave noturna? Viria de lábios humanos?

Dick, consciente da gravidade da situação, esteve a ponto de acordar os companheiros, mas refletiu que, fossem homens ou animais, estavam fora de alcance. Lançou um olhar às suas armas e com o óculo de noite mergulhou outra vez no espaço.

Em breve, pareceu-lhe entrever por baixo do balão formas vagas que corriam furtivamente para a árvore. Um raio de luar que se filtrou de repente entre duas nuvens revelou-lhe distintamente um grupo de vultos que se agitavam no escuro. Ocorreu-lhe à lembrança a aventura dos cinocéfalos e ele pousou a mão no ombro do doutor que logo acordou.

– Cuidado! murmurou Kennedy falemos em voz baixa.

– Há alguma coisa? Sim, acordemos Joe.

Quando Joe se levantou, o caçador contou o que tinha visto.

– Outra vez esses malditos macacos! disse o rapaz. Talvez, mas precisamos ter cautela.

– Joe e eu propôs Kennedy vamos descer até à árvore pela escada.

– E enquanto isso acrescentou o doutor eu tomarei medidas para podermos subir rapidamente.

Certo.

– Desçamos tornou Joe.

– Só recorram às armas em caso extremo acudiu ainda o doutor não há vantagem em revelarmos a nossa presença nestas paragens.

Os dois responderam com um aceno e deixaram-se escorregar em silêncio até à árvore, onde tomaram posição no garfo de fortes ramos em que se encravará a âncora. Ficaram alguns minutos escutando, mudos e imóveis entre a folhagem. Percebendo ligeiro roçar na casca da árvore, Joe tocou o braço do escocês:

– Não está ouvindo?

– Estou, a coisa aproxima-se.

– E se for uma serpente? O silvo que o senhor ouviu... Não! Tinha qualquer coisa de humano. Por mim prefiro os selvagens. Esses répteis enjoam-me. O ruído parece aumentar tornou Kennedy alguns instantes depois.

– Sim! Estão subindo...

– Espreita desse lado que eu me encarrego deste. Está bem.

Achavam-se ambos isolados num galho dominante, sobranceiro à altura da floresta, que se chama baobá. A escuridão, aumentada pela espessura da folhagem, era impenetrável.

Contudo, Joe, inclinando-se para o ouvido de Kennedy e indicando-lhe a parte inferior da árvore, disse:

– São negros.

Alguns sons trocados em voz baixa chegaram mesmo até aos viajantes. Joe apontou a espingarda. Esperei acudiu Kennedy.

Alguns selvagens tinham, com efeito, escalado o baobá e surgiam de todos os lados colando-se aos ramos como répteis, trepando com lentidão e segurança. Denunciavam-se já pelas emanções dos corpos, untados de um óleo infecto. Duas cabeças não tardaram a surgir aos olhos de Kennedy, justamente à altura do ramo que ocupavam.

– Atenção! disse Kennedy. Fogo!

O duplo tiro ressoou como trovão, perdendo-se entre gritos de dor. Num momento a horda inteira desapareceu.

Mas, em meio aos uivos, percebera-se um grito singular, inesperado, impossível! Uma voz humana proferia claramente estas palavras em francês:

– Socorro! Socorro!

Kennedy e Joe, estupefatos, regressaram à barca o mais depressa que puderam.

– Vocês ouviram? perguntou o doutor. Com toda a certeza!

– Um francês nas mãos destes bárbaros? Algum viajante!

– Um missionário, talvez!

– Algum desgraçado que estão assassinando ou martirizando acrescentou o caçador.

Fergusson debalde tentava disfarçar a emoção.

Não pode haver dúvida disse ele. Um desventurado francês caiu nas garras destes selvagens. Mas não sairemos daqui sem ter feito o que for humanamente possível para salvá-lo. Pelos nossos tiros ele decerto adivinhou socorro inesperado, intervenção providencial. Não desanimaremos dessa derradeira esperança. Estão de acordo?

– Inteiramente, Samuel, e prontos a obedecê-lo.

– Combinemos então a manobra e ao amanhecer tentaremos livrá-lo.

– Mas como vamos afugentar esses miseráveis negros? perguntou Kennedy.

– É evidente para mim volveu o doutor, pelo modo como eles fugiram, que não conhecem as armas de fogo. Devemos, pois, tirar proveito desse pavor, mas esperar que amanheça para agir, quando então traçaremos o nosso plano de ataque de acordo com a disposição do lugar.

- O pobre infeliz não deve estar longe interveio Joe porque...
 - Socorro! Socorro! tornou a voz mais enfraquecida.
 - Que bárbaros! exclamou Joe nervoso. E se o matarem durante a noite?
 - É verdade, Samuel interveio Kennedy, por sua vez, segurando a mão do doutor, e se eles o matarem durante a noite?
 - Não é provável, amigos. Em geral os selvagens matam os prisioneiros à luz do dia, necessitam do sol!
 - E se eu aproveitasse a escuridão para esgueirar-me até esse desgraçado? insistiu o escocês.
 - Eu vou com você, senhor Dick.
 - Devagar, amigos, devagar! Esse intuito faz-lhes honra ao coração e à coragem, mas desse modo todos seríamos prejudicados, inclusive aquele que desejamos salvar.
 - Como assim? volveu Kennedy. Esses brutos fugiram, espalharam-se, não voltarão mais.
 - Dick, peço-lhe que me obedeça. Eu trabalho para a salvação comum. Se por um acaso se deixasse surpreender, tudo estaria perdido!
 - Mas o infeliz que aguarda, que tem esperança, não receberá nenhuma resposta? Ninguém irá socorrê-lo? Ele vai pensar que os sentidos o enganaram, que nada ouviu!...
 - Podemos tranqüilizá-lo disse o doutor Fergusson.
- E de pé, em meio à escuridão, fazendo das mãos um porta-voz, gritou, com energia, na língua do desconhecido:
- Quem quer que esteja aí, tenha confiança! Três amigos cuidam dos meios de salvá-lo.
- Respondeu-lhe terrível clamor, abafando decerto a resposta do prisioneiro.
- Estão matando-o! Vão matá-lo! gritou Kennedy. A nossa intervenção só serviu para apressar-lhe o suplício! Precisamos agir!
 - Mas como, Dick? Que pretende fazer nesta escuridão? Oh! se fosse dia! exclamou Joe.
 - Sim, e se fosse dia? interrogou o doutor em tom singular.
 - Nada mais simples, Samuel respondeu o caçador. Desceria à terra e dispersaria essa canalha a tiro. E você, Joe? tornou a perguntar o doutor.
 - Eu, meu amo, agiria com mais prudência, sugerindo ao prisioneiro que fugisse em determinada direção. E como lhe daria o aviso?
 - Por meio desta flecha que apanhei no ar e à qual prenderia um bilhete, ou mais simplesmente falando-lhe em voz alta, visto que essa pretalhada não compreende a nossa língua.
 - Todos esses planos são impraticáveis, amigos. A maior dificuldade para o infeliz seria salvar-se, mesmo admitindo que conseguisse iludir a vigilância dos seus carrascos. O seu projeto, caro Dick, com muita audácia e aproveitando o terror produzido pelas nossas armas de fogo, talvez desse algum resultado. Mas se falhasse, estaria perdido e ficariam duas pessoas a salvar, em vez de uma. Não! Devemos colocar do nosso lado todas as probabilidades de êxito e agir de forma diferente.
 - Mas agir sem perda de tempo replicou o caçador. Talvez! respondeu Fergusson, sublinhando a palavra. Meu amo será capaz de dissipar estas trevas? Quem sabe?
 - Ah! Se fizesse isso, eu o proclamaria o primeiro sábio do mundo.
- O doutor calou-se durante alguns instantes, refletindo. Seus dois companheiros observavam-no com emoção, excitados pela extraordinária ocorrência. Fergusson não demorou a retomar a palavra:

– Aqui está o meu plano disse ele. Dispomos de cem quilos de lastro, visto que os sacos que trouxemos ainda estão intactos. Admitindo que esse prisioneiro, sem dúvida esgotado pelos sofrimentos, pese tanto quanto um de nós, ainda nos restam trinta quilos a jogar fora para subirmos mais depressa.

– E como pretende manobrar? perguntou Kennedy.

– Vejamos: decerto admite que se eu conseguir chegar até ao prisioneiro e jogar fora quantidade de lastro igual ao seu peso, em nada altero o equilíbrio do balão. Mas nessa altura, se desejo obter ascensão mais rápida para escapar à horda de negros, necessito empregar meios mais enérgicos que o maçarico. Ora, libertando-me desse excedente de lastro no momento preciso, tenho a certeza de que subiremos com grande rapidez.

– Não há dúvida.

– Mas por outro lado há um inconveniente: é que, para descer mais tarde, precisarei perder uma quantidade de gás proporcional ao excedente de lastro que tiver jogado fora e o gás é coisa preciosa. De qualquer modo, não podemos lastimar tal perda quando se trata da salvação de um homem.

– Tem razão, Samuel, devemos sacrificar tudo para salvá-lo.

– Nesse caso, mãos à obra e tragam os sacos para borda da barquinha, a fim de que eles possam ser jogados fora imediatamente.

– E a escuridão?

– Oculta os nossos preparativos e não se dissipará senão quando eles estiverem terminados. Tratem de pôr as armas ao alcance da mão, pois talvez sejam necessários alguns tiros. A carabina dispara um, mais quatro das duas espingardas, mais doze dos dois revólveres, ao todo dezessete tiros que podem ser disparados num quarto de minuto. Talvez nem precisemos recorrer a tanto estrondo. Estão prontos?

– Prontíssimos respondeu Joe.

Os sacos estavam dispostos, as armas carregadas.

– Bem disse o doutor olho em tudo. Joe fica encarregado de jogar o lastro e Dick de raptar o prisioneiro, mas não façam nada sem esperar minhas ordens. Joe, comece por soltar a âncora e suba imediatamente para a barca.

Joe deixou-se escorregar pelo cabo, tornando a aparecer decorridos alguns instantes. O Vitória, liberto, flutuava no ar, quase imóvel.

Enquanto isso, o doutor certificou-se da presença de quantidade suficiente de gás na câmara de mistura para alimentar, em caso de necessidade, o maçarico, sem que houvesse necessidade de recorrer durante algum tempo à ação da pilha de Bunsen. Retirou os dois fios condutores perfeitamente isolados que serviam para a decomposição da água e em seguida, procurando no seu saco de viagem, encontrou dois pedaços de carvão talhados em ponta que fixou na extremidade de cada fio.

Os dois amigos olhavam-no sem compreender, mas nada diziam. Quando o doutor acabou o trabalho, foi para o meio da barca e, tomando em cada mão um dos carvões, aproximou-lhes as pontas. Uma intensa e deslumbrante claridade se produziu com insustentável fulgor entre as duas pontas de carvão, um jato imenso de luz elétrica varou literalmente a escuridão noturna.

– Oh! Meu amo! bradou Joe.

– Silêncio! acudiu o doutor.

O MISSIONARIO

Fergusson assestou para os diversos pontos do espaço o seu potente raio de luz, demorando-o num lugar onde estalaram gritos de pavor. Os dois companheiros olharam com avidez. O baobá sobre o qual se mantinha o Vitória quase imóvel erguia-se ao centro de uma clareira. Entre duas plantações de gergelim e de cana-de-açúcar avistavam-se cerca de cinquenta cabanas baixas e cônicas, em redor das quais formigava tribo numerosa.

Cinquenta metros abaixo do balão, estava cravado um poste e, junto a ele, uma criatura humana, homem de trinta anos quando muito, de longos cabelos negros, meio nu, magro, ensangüentado, coberto de ferimentos, a cabeça pendida sobre o peito, como Cristo na cruz. Alguns cabelos mais curtos no alto do crânio indicavam ainda o lugar de uma tonsura meio apagada.

– Um missionário! Um sacerdote! exclamou Joe.

– Pobre desgraçado! acrescentou o caçador.

– Havemos de salvá-lo, Dick interveio Fergusson, havemos de salvá-lo.

A multidão de pretos, ao avistar o balão semelhante a um cometa enorme com cauda de incomparável esplendor, foi assaltada de pavor fácil de conceber. Ouvindo os gritos, o preso ergueu a cabeça, brilhou-lhe no olhar um raio de esperança e sem compreender bem o que se passava estendeu as mãos para os seus inesperados salvadores.

– Está vivo! Está vivo! gritou Fergusson. Deus seja louvado! Os selvagens estão convenientemente apavorados, havemos de salvá-lo! Estão prontos, amigos?

– Estamos prontos, Samuel.

– Joe, apaga o maçarico.

A ordem do doutor foi cumprida. Uma brisa apenas perceptível impelia brandamente o Vitória para cima do prisioneiro, ao mesmo tempo em que ia baixando aos poucos por efeito da contração do gás. Por uns dez minutos ficou balançando em meio às ondas luminosas. Fergusson projetava sobre a turba o luminoso fecho, que espalhava aqui e além bruscas e vivas placas de luz. A tribo, dominada por indescritível terror, foi-se refugiando nas cubatas e a solidão não tardou a fazer-se em redor do poste. O doutor tivera razão em contar com a fantástica aparição do Vitória, despejando raios de sol naquela densa treva. A barquinha aproximou-se do chão, enquanto alguns negros mais atrevidos, compreendendo que a vítima ia escapar-lhes, voltaram com grandes brados. Kennedy apanhou o fuzil, mas o doutor ordenou-lhe que não atirasse.

O padre, ajoelhado, não tendo já força para manter-se de pé, nem sequer estava amarrado ao poste porque a sua fraqueza tornava inútil qualquer sujeição. No instante em que a barca chegou ao solo, o caçador, largando a arma, agarrou o sacerdote pela cintura e meteu-o para dentro, justamente quando Joe atirava fora às pressas os cem quilos de lastro. O doutor esperava subir com extrema rapidez, mas ao contrário das suas previsões, o balão, depois de elevar-se um pouco, imobilizou-se. Que é que nos retém? gritou ele assustado.

Alguns selvagens corriam, lançando gritos ferozes.

-Oh! exclamou Joe, debruçando-se para fora. Um desses malditos pretos agarrou-se ao fundo

da barca!

– Dick! Dick! berrou o doutor a caixa-d'água.

Kennedy compreendeu a idéia do amigo, e, erguendo uma das caixas-d'água, que pesava mais de cinqüenta quilos, jogou-a por cima da borda. O Vitória, subitamente aliviado, deu um salto de cem metros nos ares em meio aos rugidos da tribo, à qual o preso escapava entre fulgurantes raios de luz.

– Hurra! gritaram os dois companheiros do doutor.

De repente, o balão deu novo pulo que o levou a mais de trezentos metros de altura.

– Que é isso? perguntou Kennedy que quase perdera o equilíbrio.

– Não é nada! Deve ser esse patife que nos deixa respondeu tranqüilamente Samuel Fergusson.

Joe, debruçando-se rapidamente, pôde ainda avistar o selvagem, de mãos estendidas, rolando no espaço e logo espedaçando-se no chão. O doutor afastou então os dois fios elétricos e de novo se fez treva. Era uma hora da manhã.

O francês, que desmaiara, abriu os olhos.

– O senhor está salvo disse-lhe o doutor.

– Salvo murmurou o outro em inglês com triste sorriso sim, salvo de morte cruel! Obrigado, meus irmãos. Meus dias, porém, estão contados, até minhas horas; não me resta muito tempo para viver!

E o missionário, esgotado, recaiu em seu torpor.

– Vai morrer! exclamou Dick.

– Não, não respondeu Fergusson, debruçando-se sobre ele, mas está muito fraco. Deitemo-lo debaixo do toldo.

Estenderam devagar por cima das mantas aquele pobre corpo emagrecido, coberto de cicatrizes e de feridas ainda sangrentas, onde o ferro e o fogo haviam deixado em vários lugares os seus dolorosos vestígios. O doutor fez com o auxílio de um lenço uma espécie de gaze que estendeu sobre as chagas depois de as ter lavado, procedendo habilmente e com os cuidados de um médico. Em seguida, tomando um cordial da sua farmácia portátil, derramou algumas gotas entre os lábios do paciente.

Este franziu levemente os compassivos lábios e mal teve fôrças para dizer:

– Obrigado! Obrigado!

O doutor compreendeu que necessitava deixá-lo em absoluto repouso e, correndo os panos do toldo, regressou ao governo do balão.

Este, tomando em conta o peso do novo hóspede, fora deslastrado de quase noventa quilos, podendo manter-se sem a ajuda do maçarico. Aos primeiros alvares do dia uma corrente impeliu-o brandamente para nor-noroeste. Fergusson foi observar por alguns instantes o padre adormecido.

– Oxalá, possamos conservar este companheiro que o céu nos enviou disse o caçador. Tem esperança? Tenho, Dick. Com alguns cuidados e este ar puro...

– Como este homem deve ter sofrido! acudiu Joe emocionado. Fez uma façanha muito maior que a nossa, vindo sozinho para o meio destas tribos.

– Certamente respondeu o caçador.

Durante todo aquele dia, o doutor não consentiu que o sono do enfermo fosse interrompido. Era uma longa modorra, entrecortada de murmúrios de dor que não deixavam de preocupar

Fergusson. A noite, o Vitória estacionou em meio à escuridão e, durante todo o tempo em que Joe e Kennedy se revezaram à cabeceira do doente, Fergusson velou pela segurança de todos.

No outro dia de manhã, o Vitória mal derivara para oeste. O dia anunciava-se puro e maravilhoso e o doente já pôde chamar os seus novos amigos com voz mais clara. Correram-se os panos do toldo e ele aspirou com delícia o ar puro da manhã.

– Como está passando? perguntou-lhe Fergusson.

– Creio que melhor respondeu ele. Mas, meus amigos, apenas os vi como num sonho! Mal posso compreender o que se passou. Como se chamam, para que os seus nomes não sejam esquecidos na minha derradeira prece?

– Nós somos viajantes ingleses respondeu Fergusson. Estamos tentando a travessia da África em balão e, de passagem, tivemos a sorte de salvá-lo.

– A ciência tem os seus heróis disse o missionário.

– Mas a religião tem os seus mártires redargüiu o escocês.

– O senhor é missionário? perguntou o doutor.

– Sou padre da missão dos lazaristas. Deus enviou-me os senhores, Deus seja louvado por isso. O sacrifício da minha vida estava feito! Mas os senhores vêm da Europa! Falem-me da Europa, da França! Não recebo notícias há cinco anos!

– Cinco anos, sozinho, entre estes selvagens! exclamou Kennedy.

– São almas que é preciso resgatar continuou o jovem sacerdote, nossos irmãos ignorantes e bárbaros que só a religião pode instruir e civilizar.

Samuel Fergusson, atendendo ao desejo do missionário, falou largamente da França. O padre ouvia-o avidamente, com as lágrimas a escorrer dos olhos. O pobre moço tomou devagar as mãos de Kennedy e de Joe entre as suas, que ardiavam em febre. O doutor preparou-lhe algumas chávenas de chá que ele bebeu com satisfação. Pôde então erguer-se um pouco e sorrir, vendo-se arrebatado naquele céu tão puro.

– São uns intrépidos viajantes disse ele e não de vencer nessa arrojada empresa. Tornarão a ver parentes e amigos, a amada pátria!...

A debilidade do jovem sacerdote mostrou-se tão grande que foi preciso tornar a deitá-lo. Uma prostração de algumas horas deixou-o como morto nos braços de Fergusson, que mal podia conter a emoção, sentindo fugir aquela vida. Iriam perder tão depressa aquele que haviam arrancado ao suplício? Pensou de novo as horríveis chagas do mártir e necessitou sacrificar a maior parte da sua provisão de água para refrescar-lhe os membros ardentes. Cercou-o dos cuidados mais ternos e inteligentes. O doente renasceu-lhe pouco a pouco nos braços, recuperando, se não a vida, pelo menos o sentimento. O doutor ouviu-lhe a história em frases entrecortadas.

– Fale na sua língua materna disse-lhe ele. Eu compreendo-a muito bem e isso o fatigará menos.

O missionário era um pobre moço da aldeia de Aradon, na Bretanha, em pleno Morbihan. Seus primeiros instintos levaram-no para a carreira eclesiástica. A vida de abnegação quis ainda acrescentar uma vida de perigos, entrando para a ordem dos padres da Missão de que São Vicente de Paula foi o glorioso fundador, e aos vinte anos trocava o seu país pelas inóspitas plagas da África. De lá, pouco a pouco, transpondo obstáculos, enfrentando privações, caminhando e rezando, avançou até ao meio das tribos que habitam os afluentes do

Nilo superior. Durante dois anos, sua religião foi repelida, seu zelo ignorado, sua caridade mal compreendida. Ficou prisioneiro de uma das mais cruéis tribos do Niambara alvo de toda a sorte de maus tratos. Mas continuava ensinando, instruindo, rezando. Dispersa a tribo que o deixou por morto após um desses combates tão freqüentes entre as populações africanas, em vez de voltar prosseguiu na peregrinação evangélica. Seu tempo mais feliz foi aquele em que o tomaram por louco. Familiarizou-se com os idiomas dessas terras e entrou a catequizar. Enfim, durante mais dois longos anos percorreu aquelas regiões bravias, levado pela energia sobre-humana que vem de Deus. Havia um ano que estava residindo com a tribo dos Niam-Niam, chamada Barafi, uma das mais selvagens. Como o chefe tivesse morrido dias antes, a ele atribuíam essa morte inesperada, resolvendo imolá-lo. Seu suplício durava já cerca de quarenta e oito horas e, como adivinhara o doutor, iria morrer ao sol do meio-dia. Ao ouvir os disparos das armas de fogo, não se conteve e gritou por socorro, acreditando ter sonhado quando uma voz vinda do céu enviou-lhe palavras de conforto.

– Não lastimo esta vida que me foge acrescentou ele. Minha vida pertence a Deus! Não perca a esperança tornou-lhe o doutor, nós estamos aqui e havemos de salvá-lo da morte como já o salvamos do suplicio.

– Não peço tanto a Deusolveu o sacerdote resignado. Bendito seja Ele por me haver dado, antes de morrer, alegria de apertar mãos amigas e de ouvir a língua da minha pátria! O missionário tornou a enfraquecer e o dia passou assim entre a esperança e o temor, com Kennedy e Joe emocionados, enxugando os olhos às escondidas.

O Vitória andava pouco, o vento parecia querer poupar o seu precioso fardo. Joe assinalou à tardinha enorme clarão para oeste. Nas latitudes mais elevadas acredita-se às vezes em grande aurora boreal. O céu parecia em chamas. O doutor foi observar atentamente o fenômeno.

– Só pode ser um vulcão em atividade disse.

Mas o vento leva-nos para cima dele acudiu o outro.

– Não faz mal. Passamos-lhe por cima a uma altura suficiente.

Três horas depois, o Vitória achava-se em plena montanha. Diante dele uma cratera esbraseada golfava torrentes de lava em fusão, projetando blocos de pedra a enorme altura. Havia rios de fogo líquido caindo em cascatas deslumbrantes. Espetáculo magnífico e perigoso, porque o vento, com fixidez constante, arrastava o balão para aquela atmosfera incendiada.

Era necessário transpor aquele obstáculo que não se podia ladear. O maçarico teve a sua chama aberta até ao máximo e o Vitória passou a quase mil e oitocentos metros de altura, deixando entre si e o vulcão um espaço de mais de seiscentos metros.

Do seu leito de dor, o padre moribundo pôde contemplar a cratera em fogo donde fugiam com estrépito mil deslumbrantes girândolas.

– Como é belo disse ele e como é infinito o poder de Deus mesmo nas suas manifestações mais terríveis!

Aquele derrame de lavas ígneas revestia os flancos da montanha de verdadeiro tapete de chamas. O hemisfério inferior do balão resplandecia na treva e calor tórrido subia até à barquinha, onde o doutor Fergusson cuidava de fugir àquela perigosa situação.

Às dez horas da noite, a montanha já não era mais que um ponto rubro no horizonte e o Vitória prosseguia tranqüilamente a sua viagem em zona menos elevada.

A MORTE DE UM JUSTO

Estendia-se sobre a terra noite magnífica. O sacerdote dormia em serena prostração.

– Não escapará observou Joe. Pobre homem, apenas trinta anos!

– Vai-nos morrer nos braços! disse o doutor desanimado. Sua respiração já tão débil enfraqueceu ainda mais. Nada posso fazer para salvá-lo.

– Infames! volveu Joe. E pensar que este digno padre ainda encontrou palavras para lastimá-los e perdoá-los.

– O céu dá-lhe uma noite bem linda, talvez a sua última noite. De agora em diante, pouco mais sofrerá, a morte será para ele um quieto sono.

O moribundo sussurrou algumas palavras entrecortadas. O doutor aproximou-se. A respiração do doente ia-se tornando difícil. Correram-se todos os panos das cortinas e ele respirou deliciado os brandos sopros daquela noite transparente. As estrelas dirigiam-lhe a sua luz vacilante e a lua envolvia-o no brando lençol do seu luar.

– Amigos disse ele num fio de voz, dentro em pouco terei partido! Que Deus os recompense e conduza aonde desejam, pagando-lhes por mim a minha dívida de gratidão!

– Tenha esperança tornou-lhe Kennedy. É uma fraqueza passageira. O senhor não vai morrer, não é possível morrer com uma noite destas!

– A morte está aqui volveu o missionário, bem a pressinto. Deixem-me olhá-la de frente. A morte, começo da vida eterna, é apenas o fim dos trabalhos deste mundo. Peço-lhes, meus irmãos, que me ajudem a ficar de joelhos!

Kennedy soergueu-o. Dava pena ver dobrarem-se aqueles membros exaustos.

– Meus Deus! meu Deus! clamava o apóstolo moribundo tende piedade de mim! Sua face resplandecia. Longe daquela terra, onde jamais conhecera alegrias, em meio à noite que o envolvia com suas mais brandas claridades, a caminho do céu para o qual se erguia como em ascensão miraculosa, parecia já reviver da existência nova. Seu derradeiro gesto foi uma bênção suprema àqueles amigos de um dia e caiu nos braços de Kennedy por cuja face corriam grossas lágrimas.

– Morto! acudiu o doutor debruçando-se sobre ele.

Morto! E os três amigos ajoelharam ao mesmo tempo para rezar em silêncio.

– Amanhã de manhã disse Fergusson dali a pouco sepultá-lo-emos nesta terra de África regada pelo seu sangue.

Durante o resto da noite, o corpo foi velado sucessivamente pelos três navegantes, sem que uma palavra perturbasse o religioso silêncio. Todos choravam. No dia seguinte, o vento soprava do sul e o Vitória marchava com certa ligeireza sobre vasto planalto de montanha. Aqui, crateras extintas, ali barrancos incultos, nem uma gota de água naquelas cristas ressequidas. Rochedos amontoados, blocos irregulares, caangueiras esbranquiçadas, tudo denotava profunda esterilidade. Ao meio-dia, o doutor, a fim de proceder ao sepultamento do corpo, resolveu baixar num barranco, entre rochas plutônicas de formação primitiva. As montanhas circundantes iriam abrigá-lo e permitir-lhe trazer a barca até ao chão, pois não existia nenhuma árvore que pudesse oferecer-lhe ponto de amarra.

Mas, como ele fizera compreender a Kennedy, em conseqüência de perda de lastro por ocasião do rapto do padre, não podia descer agora sacrificando quantidade proporcional de gás. Abriu, pois, a válvula do balão externo, o hidrogênio vazou e o Vitória baixou serenamente para o barranco.

Quando a barca tocou em terra, o doutor fechou a válvula. Joe saltou para o chão, segurando-se com uma das mãos à borda exterior, enquanto com a outra apanhava certo número de pedras destinadas a substituir o seu próprio peso. Depois disto, pôde utilizar as duas mãos, não tardando a amontoar na barquinha quase trezentos quilos de pedregulhos.

O doutor e Kennedy puderam então descer por sua vez.

O Vitória encontrava-se equilibrado e a força ascensional era impotente para levantá-lo.

Não havia sido preciso empregar grande número de pedras, porque os blocos apanhados por Joe eram extremamente pesados, o que chamou um momento a atenção de Fergusson.

O solo estava semeado de quartzo e de rochas porfíricas.

"Eis uma singular descoberta!" pensou consigo o doutor.

Enquanto isto, Kennedy e Joe afastaram-se alguns passos a fim de escolher lugar para a cova. Fazia calor tremendo naquela ravina encaixada como espécie de fornalha. O sol o meio-dia atirava-lhe, a prumo, os seus raios ardentes. Primeiro, foi preciso limpar o terreno dos fragmentos de rocha que o entulhavam. Depois, abriu-se uma fossa bastante profunda para que as feras não pudessem desenterrar o cadáver e o corpo do mártir foi ali depositado com respeito. A terra recobriu os despojos mortais e por cima foram dispostos grossos blocos de pedra, à maneira de túmulo.

Durante esse tempo, o doutor ficou imóvel e imerso nas suas reflexões, sem mesmo ouvir o chamado dos companheiros que o convidavam a buscar abrigo contra o calor do dia.

– Em que pensa, Samuel? perguntou-lhe Kennedy.

Num singular contraste da natureza, num curioso efeito do acaso. Sabem em que terra este homem abnegado, este pobre coração foi sepultado?

– Não compreendo o que quer dizer volveu o escocês. Pois este apóstolo, que fizera voto de pobreza, repousa agora em mina de ouro.

– Mina de ouro! exclamaram Kennedy e Joe.

– Mina de ouro repetiu serenamente o doutor. Estes blocos que estamos calcando com os pés, como se fossem pedras sem valor, são mineral de grande pureza.

Não é possível! Não é possível! dizia Joe.

– Se procurarmos nestas fendas de xisto cor da ardósia, encontraremos pepitas importantes.

Joe correu como um louco para aqueles fragmentos esparsos e pouco faltou para que Kennedy o imitasse. Acalma-te disse o amo.

– O senhor pode falar à vontade...

– Como! Então um filósofo da sua têmpera!

– Ah! Senhor Fergusson, não há filosofia que me impeça. Reflita um pouco, rapaz. De que nos servirá toda essa riqueza se a não podemos levar conosco?

– Não a podemos levar conosco? Ora essa!

...O doutor ficou imóvel e imerso nas suas reflexões...

É um pouco pesada para a nossa barca. Até hesitei em comunicar-lhe essa descoberta, com receio de excitar sua cobiça.

– Mas, então! tornou Joe abandonar estes tesouros? Deixar uma fortuna que é nossa e bem

nossa?

– Tenha cuidado, amigo. Será que o atacou a febre do ouro? Então o morto que acaba de enterrar não lhe ensinou sobre a vaidade das coisas humanas?

– Tudo isso é verdade, mas, enfim, trata-se de ouro! Senhor Kennedy, não quer ajudar-me a apanhar alguns destes milhões?

– E que faremos com eles, meu pobre Joe? voltou o caçador, não podendo deixar de sorrir. Não vimos aqui buscar fortuna, nem a devemos levar.

– São um tanto pesados, os milhões interveio o doutor e não é fácil mete-los no bolso.

– Enfim insistiu Joe, reduzido aos argumentos finais, não será possível, em vez de areia, levar este mineral como lastro?

– Está bem, concordo! respondeu Fergusson mas com a condição de não fazer caretas quando tivermos de jogar pela borda alguns milhares de libras.

– Milhares de libras! tornou Joe. Será possível que tudo isto seja ouro?

– Sim, amigo, é uma espécie de cofre onde a natureza há muitos séculos vem acumulando os seus tesouros. Há aí com que enriquecer países inteiros! Uma Austrália e uma Califórnia reunidas no fundo de um deserto!

– E tudo isto ficará inútil?

– Talvez! Em todo caso, aqui está o que farei para consolá-lo.

– Será difícil replicou Joe com ar contrito.

– Escute. Vou levantar a planta exata desta jazida, que lhe darei. No seu regresso à Inglaterra poderá fazer comunicação aos seus concidadãos, se acredita que tanto ouro pode dar-lhes felicidade.

– Está bem, meu amo, vejo que tem razão. Resigno-me, porque não posso fazer outra coisa. Enchamos a nossa barquinha deste precioso mineral. O que restar no fim da viagem será sempre lucro.

E Joe pôs mãos à obra com a melhor vontade, não tardando a recolher cerca de quinhentos quilos de fragmentos de quartzo, no qual o ouro se achava encerrado como ganga de extraordinária pureza.

O doutor observava-o sorrindo. Durante o trabalho, anotou a posição da tumba do missionário, localizada a vinte e dois graus e vinte e três minutos de longitude e quatro graus e cinquenta e cinco minutos de latitude setentrional. Lançando depois derradeiro olhar à intumescência do solo sob a qual repousava o corpo do jovem francês, regressou à barquinha. Gostaria de plantar uma cruz modesta e rude sobre aquele túmulo abandonado em meio aos desertos da África, mas não se avistava nenhuma árvore nos arredores.

– Deus se lembrará disse ele.

Uma preocupação bastante séria ia-se insinuando no espírito de Fergusson que teria dado muito daquele ouro para encontrar um pouco de água. Queria substituir a que lançara fora com a caixa, por causa do negro que se agarrara à barca, mas isso era impossível naqueles terrenos áridos. O problema não cessava de preocupá-lo. Obrigado a alimentar constantemente o maçarico, começava a achar-se à míngua de recursos para satisfazer às necessidades da sede. Prometeu a si mesmo não desprezar nenhuma ocasião de renovar a reserva.

De volta à barca, achou-a atravancada com as pedras do cobiçoso rapaz e subiu sem dizer nada. Kennedy tomou o seu lugar costumeiro e Joe seguiu-os, não sem atirar olhar lamentoso

aos tesouros que ficavam no barranco. O doutor acendeu o maçarico. A serpentina aqueceu, a corrente de hidrogênio formou-se, ao cabo de alguns minutos, o gás dilatou-se, mas o balão não se mexeu.

Joe observava-o com inquietação, mas em silêncio. Joe chamou o doutor.

Ele não respondeu.

– Joe, não me ouve?

O criado acenou que ouvia, mas que não queria compreender.

– Vai fazer-me o favor continuou o doutor Fergusson de jogar fora uma parte desse mineral.

– Mas, meu amo, o senhor concordou...

– Concordei que substituísse o lastro, nada mais. Todavia

– Quer que fiquemos eternamente neste deserto?

Joe atirou um olhar desesperado a Kennedy, mas o caçador encolheu os ombros como quem nada pode fazer. Então, Joe?

– O seu maçarico não funciona mais? insistiu o cabeçudo.

– O meu maçarico está aceso, como vê, mas o balão não se levantará enquanto não o deslastrarmos um pouco.

Joe coçou a orelha, apanhou um fragmento de quartzo, o menor de todos, sopesou-o, repesou-o, fê-lo saltar nas mãos.

Teria de quilo e meio a dois. Jogou-o fora, mas o Vitória não se moveu.

– Como! exclamou ele então ainda não subimos? Ainda não respondeu o doutor. Continue.

Kennedy ria. Joe atirou fora mais cinco quilos e o balão continuou imóvel. Joe empalideceu.

– Meu pobre amigo disse-lhe Fergusson, nós três pesamos, se não estou enganado, cerca de duzentos quilos.

E preciso, portanto, aliviar o balão, desembaraçá-lo de peso pelo menos igual ao nosso visto que ele nos estava substituindo. Lançar fora duzentos quilos de ouro! exclamou Joe lastimosamente.

-E alguma coisa a mais, para subirmos. Vá, coragem! O pobre moço, soltando profundos suspiros, pôs-se a deslastrar o balão. De vez em quando parava.

– Ainda não estamos subindo? inquiria.

– Ainda não estamos subindo era-lhe invariavelmente respondido.

– Agora parece que se mexeu disse ele por fim. Continue repetiu Fergusson. Está subindo, tenho a certeza! Continue, sempre tornou Kennedy.

Então Joe, apanhando com desespero mais um bloco, jogou-o por cima da borda da barquinha. O Vitória elevou-se alguns metros e com a ajuda do maçarico não tardou a dominar os picos circundantes.

– Agora, Joe disse o doutor, ainda lhe resta uma bela fortuna se conseguirmos conservar o resto até o fim da viagem. Ficará rico para o resto dos seus dias.

Joe não respondeu e foi estender-se cautelosamente no seu leito de mineral.

– Veja, meu caro Dick tornou o doutor, a influencia que esse metal exerce no ânimo do melhor rapaz do mundo! Quantas paixões, quanta cobiça, quantos crimes desencadearia o conhecimento de tal mina! E para entristecer! À tarde, o Vitória tinha avançado cento e setenta quilômetros para oeste. Achava-se então, em linha reta, a dois mil e seiscentos quilômetros de Zanzibar.

PREOCUPAÇÕES DE Fergusson

O Vitória, amarrado a uma árvore solitária e quase seca passou a noite em perfeita tranquilidade. Os viajantes puderam usufruir um pouco de sono de que andavam necessitados. As emoções dos dias anteriores tinham-lhes deixado penosas recordações.

De manhã, o céu retomou a sua lustrosa limpidez e o seu calor. O balão ergueu-se nos ares e, após várias tentativas malogradas, encontrou corrente, embora pouco rápida, que o levou para noroeste.

– Não estamos avançando mais observou o doutor , e se não me engano realizamos metade da nossa viagem em cerca de dez dias, mas na velocidade em que vamos necessitaremos meses para concluí-la. Isso é tanto mais desagradável quanto estamos ameaçados de ficar sem água.

– Havemos de encontrá-la respondeu Dick. É impossível não descobrirmos algum rio, algum riacho, uma poça nesta enorme extensão de terra.

– Deus o queira!

– Não será o carregamento de Joe que atrasa a nossa marcha?

Kennedy falava assim para divertir-se com o excelente rapaz e fazia-o de tanto melhor vontade quanto ele mesmo experimentara, por instante, as alucinações de Joe. Como nada deixara transparecer, alardeava espírito forte, sempre sorridente. Pensava agora, não sem secretos terrores, nas vastas solidões do Saara, onde se passam semanas sem que as caravanas encontrem um poço onde matar a sede. Passou a observar com minuciosa atenção as mais insignificantes depressões do solo.

Essas precauções e os últimos incidentes tinham sensivelmente modificado a disposição de espírito dos três viajantes, que falavam menos e se absorviam mais em seus próprios pensamentos.

O bom Joe não era já o mesmo desde que os seus olhos tinham mergulhado naquele oceano de ouro. Calava-se, olhando com avidez as pedras amontoadas no fundo da barca, então sem valor mas depois inapreciáveis.

O aspecto daquela parte da África era realmente inquietador. O deserto ia surgindo pouco a pouco. Nenhuma aldeia mais, sequer uma reunião de cubatas. A vegetação tornava-se escassa, apenas algumas plantas definhadas como nos terrenos arenosos da Escócia, um começo de areias alvacentas e de pedras calcinadas, alguns lentiscos e moitas espinhosas. Em meio a essa esterilidade, a carcaça sedimentar do globo surgia em arestas de rochas vivas e cortantes. Aqueles sintomas de aridez davam que pensar ao doutor Fergusson, mas agora não era possível recuar. Tinham de ir para diante e o doutor não desejava outra coisa. O que poderia desejar ainda era que uma tempestade o levasse para longe daquela região. E nem uma nuvem no céu! No fim do dia o Vitória não tinha progredido cinquenta quilômetros.

Se ao menos não faltasse água! Mas restavam ao todo quinze litros! Fergusson separou cinco litros destinados a mitigar a sede ardente que um calor de cinquenta graus centígrados tornava intolerável. Restavam ainda dez litros para alimentar o maçarico, que produziriam dezessete mil litros de gás, enquanto o maçarico gastava mais ou menos trezentos litros por hora; tinham, portanto, pela frente, cinquenta e quatro horas de marcha. Todos os cálculos eram

rigorosamente matemáticos.

– Cinquenta e quatro horas! disse ele aos companheiros. Ora, como eu estou bem decidido a não viajar de noite, com receio de que me escape algum regato, uma fonte ou uma poça, dispomos de três dias e meio de viagem, no decorrer dos quais precisamos encontrar água a qualquer preço. Julgo dever preveni-los desta grave situação, caros amigos, porque apenas reservei cinco litros para a nossa sede e devemos sujeitar-nos a severo racionamento.

– Pois racione respondeu o caçador , mas ainda não é caso para desesperar. Temos três dias à nossa frente?

– Justamente, meu caro Dick.

– Como nada adiantaríamos com lamentações, haverá tempo de tomar uma resolução durante esses três dias. O essencial é redobramos de vigilância.

Na refeição da noite, a água foi rigorosamente distribuída. A quantidade de aguardente aumentou nos grogues, mas convinha desconfiar da bebida, mais própria a dar sede do que a matá-la.

A barca pousou, à noite, em imenso platô que apresentava forma de depressão, a uma altura de duzentos e sessenta metros acima do nível do mar. Essa circunstância devolveu alguma esperança ao doutor, lembrando-lhe as presunções dos geógrafos acerca da existência de vasto lençol de água no centro da África. Se o lago existia, era indispensável alcançá-lo, mas nenhuma mudança se produzia no céu sereno.

A noite tranqüila, à sua estrelada magnificência, sucederam o dia inalterável e os ardentes raios do sol. Logo aos primeiros alvares, a temperatura foi-se fazendo escaldante. Às cinco horas da manhã, o doutor deu o sinal de partida e durante largo espaço de tempo o Vitória permaneceu sem movimento em atmosfera plúmbea. O doutor poderia escapar ao calor intenso, refugiando-se nas zonas superiores, mas seria preciso consumir maior quantidade de água, coisa impossível na ocasião. Contentou-se, pois, em manter o aeróstato a trinta metros do solo, sob leve corrente que o impelia para o horizonte ocidental. O almoço compôs-se de um pouco de carne seca e alguma conserva. Ao meio-dia, o Vitória escassamente percorrera alguns quilômetros.

– Não podemos andar mais depressa esclareceu o doutor. Aqui não comandamos, obedecemos.

– Ah! Meu caro Samuel acudiu o caçador , nesta ocasião um propulsor viria mesmo a propósito!

– Realmente, mas desde que ele não precisasse de água para pôr-se em movimento, porque, então, a situação seria a mesma. Aliás, até hoje não se inventou nada praticável.

Os balões estão ainda no ponto em que se encontravam os navios antes da invenção do vapor. Foram precisos seis mil anos para inventar as pás e as hélices, de modo que temos ainda muito que esperar.

– Maldito calor! disse Joe, enxugando a testa molhada de suor.

O solo, entretanto, ia-se deprimindo cada vez mais.

– Se houvesse água, este calor nos prestaria certo serviço, porque dilataria o hidrogênio do aeróstato, podendo ser mais fraca a chama da serpentina. Mas também é verdade que se não estivéssemos à míngua de líquido não precisaríamos economizá-lo. Ah! Maldito selvagem que nos custou aquela preciosa caixa.

– Não se arrepende do que fez, Samuel?

– Não, Dick, visto que pudemos salvar aquele infeliz de morte horrível. Em todo caso, a água que jogamos fora bem útil nos seria nesta ocasião. Seriam mais doze ou treze dias de marcha garantidos, com certeza o suficiente para atravessar este deserto.

– De qualquer modo já fizemos metade da viagem? perguntou Joe.

– Como distância creio que sim, mas não como duração se o vento abandonar-nos. E a verdade é que ele está com tendência a diminuir.

– Vamos, meu amo tornou Joe, não há razão para queixas. Até aqui temo-nos saído bem, e, seja como for, não consigo perder as esperanças. Havemos de encontrar água, é o que lhe digo.

O solo, entretanto, ia-se deprimindo cada vez mais. As ondulações das montanhas auríferas vinham morrer na planície, como os derradeiros esforços de uma natureza exausta. As ervas esparsas substituíam as belas árvores do leste e algumas faixas de verdura ressequida lutavam ainda contra a invasão das areias. Os enormes pedregulhos caídos dos cimos distantes, e esmagados na queda, tinham-se esboroadado em seixos agudos que logo seriam saibro grosso e mais além poeira impalpável.

– Eis a África tal como a imaginava, Joe. Razão tinha eu para recomendar paciência!

– Então, meu amo, isto pelo menos é natural: calor e areia! Absurdo seria procurar outra coisa em semelhante terra. Eu nunca acreditei muito nos prados e florestas de que o senhor me falava acrescentou ele. Era um contra-senso! Não valia a pena vir de tão longe para encontrar os mesmos campos de Inglaterra! Agora é que eu verdadeiramente me sinto na África e não me importo de lhe sofrer um pouco os inconvenientes.

À tarde, o doutor verificou que o Vitória não progredira trinta quilômetros naquela jornada ardente. Treva abafada envolveu-os logo que o sol desapareceu no horizonte, que aparecia com nitidez de linha reta.

O dia seguinte era quinta-feira, primeiro de maio, mas os dias sucediam-se com desesperadora monotonia. Cada manhã era igual à manhã que a precedera, o meio-dia lançava em profusão os mesmos raios sempre inesgotáveis e a noite condensava em sua treva o calor esparso que o dia seguinte com toda a certeza transmitiria à noite seguinte. O vento, apenas perceptível, ia-se tornando mais expiração do que sopro e podia-se pressentir o momento em que até esse mesmo hálito se extinguiria.

O doutor reagia contra a tristeza daquela situação, conservando a calma e o sangue-frio de um coração intrépido. De óculo em punho ia esquadrinhando todos os pontos do horizonte, vendo decrescer insensivelmente as derradeiras colinas, apagar-se a última vegetação e surgir à sua frente a imensidade do deserto. A responsabilidade que lhe pesava afetava-o muito, embora não o deixasse transparecer. Tinha arrastado aqueles dois homens, Dick e Joe, ambos amigos, para tão longe, quase pela força da amizade ou do dever. Fizera bem? Não estaria tentando caminhos proibidos? Não andaria tentando, naquela viagem, transpor os limites do impossível? Não teria Deus reservado para séculos futuros o conhecimento do ingrato continente?

Todas estas idéias, como sucede nas horas de desalento, se lhe multiplicavam na cabeça e por irresistível associação delas Samuel deixava-se arrastar para além da lógica e do raciocínio.

Depois de haver analisado o que não deveria ter feito, perguntava-se o que deveria fazer agora. Seria impossível voltar atrás? Não existiriam correntes superiores que o levassem a regiões menos áridas? Conhecedor das terras por que já passara, ignorava as que estavam

para vir e, como a consciência principiasse a falar-lhe alto, resolveu explicar-se francamente com os dois companheiros. Expôs-lhes a situação com clareza, mostrou-lhes o que fora feito e o que restava fazer. A rigor, podia-se recuar ou pelo menos tentá-lo. Qual era a opinião deles?

– Eu não tenho outra opinião a não ser a de meu amo – respondeu Joe. O que ele enfrentar também eu poderei fazê-lo e até melhor. Para onde ele for, irei também.

– E você, Kennedy?

– Eu, meu caro Samuel, não sou homem para desanimar. Ninguém conhecia melhor do que eu os perigos da empresa, mas resolvi ignorá-los inteiramente desde que o vi disposto a enfrentá-los. Pertença-lhe, pois, de corpo e alma. Na presente situação acho que devemos perseverar e ir até ao fim, tanto mais que os perigos do regresso me não parecem muito menores. Portanto, avante, e pode contar conosco!

– Obrigado, meus dignos camaradas! – respondeu o doutor sinceramente comovido. Estava precisando dessas palavras encorajadoras. Mais uma vez, obrigado!

E os três homens apertaram-se as mãos com amizade.

– Escutem-me tornou Fergusson. De acordo com as minhas anotações não estamos a mais de quinhentos quilômetros do golfo de Guiné. O deserto não pode, pois, estender-se indefinidamente, visto a costa ser habitada e reconhecida a certa profundidade pela terra adentro. Se for necessário, dirigir-nos-emos para a costa, e é impossível que não encontremos algum oásis, algum poço onde renovemos a nossa provisão de água. O que nos falta é o vento e sem ele ficaremos em calma inócua no meio dos ares.

– Esperemos com resignação volveu o caçador.

E cada um deles ficou por sua vez a interrogar baldadamente o espaço durante aquele interminável dia, sem que nada surgisse capaz de alentar uma esperança. Os últimos acidentes do terreno desapareceram ao pôr do sol, cujos raios horizontais se estenderam em longas linhas ígneas por sobre aquela plana imensidade. Era o deserto.

Os viajantes não haviam transposto sequer vinte e cinco quilômetros, tendo gasto, contudo, como no dia anterior, cinco mil litros de gás para alimentar o maçarico e dois litros de água sobre oito foram sacrificados para estancar a sede ardente.

A noite decorreu tranqüila, muito tranqüila. O doutor não dormira.

O DIA SEGUINTE

A mesma limpidez de céu, a mesma imobilidade da atmosfera. O Vitória subiu a uma altura de duzentos metros, porém mal se deslocou para oeste.

– Estamos em pleno deserto comentou o doutor. Que imenso areal! Que estranho espetáculo! Que singular disposição da natureza! Por que lá longe aquela vegetação luxuriante e aqui esta excessiva aridez, na mesma latitude, sob os mesmos raios de sol?

– O porquê, meu caro Samuel, interessa-me pouco respondeu Kennedy. A razão preocupa-me menos que o fato. É assim e isto é o importante.

– Mas podemos filosofar um pouco, meu caro Dick. Não nos fará mal nenhum.

– Pois filosofemos, tanto mais que há tempo bastante para isso. Acho que não estamos andando. O vento tem medo de soprar, parece adormecido.

– Isto não vai durar muito. Creio avistar faixas de nuvens a leste.

– Joe tem razão respondeu o doutor.

– Seria excelente encontrarmos uma nuvem com boa chuvarada e bom vento que nos fustigasse o rosto!

– Veremos, Dick, veremos.

– Não teme o efeito deste sol ardente sobre o nosso balão? perguntou Kennedy ao doutor.

– Não, a guta-percha de que o tafetá está embebido suporta temperaturas muito elevadas. Aquela a que eu a submeto interiormente por meio da serpentina alcançou, por vezes, setenta graus centígrados e o invólucro não parece ter-se ressentido.

O POÇO DO DESERTO

– Uma nuvem! Uma autêntica nuvem! gritou Joe, cuja vista penetrante desafiava qualquer luneta.

Na verdade, uma faixa espessa e agora mais distinta se erguia lentamente no horizonte, parecendo profunda e como intumescida. Era um amontoado de pequenas nuvens que conservavam, invariavelmente, a sua forma primitiva, de onde o doutor concluiu não existir nenhuma corrente de ar entre aquela aglomeração.

A massa compacta surgiu pelas oito horas da manhã e só às onze atingiu o sol, que desapareceu atrás da espessa cortina. Justamente naquele instante a parte inferior da nuvem se desprendia da linha do horizonte que brilhou em plena luz.

– É uma nuvem isolada observou o doutor. Não devemos contar muito com ela. Repare, Dick, a sua forma continua sendo a mesma da manhã.

– Com efeito, Samuel, ela não traz chuva nem vento, pelo menos para nós.

– Assim o receio, visto que se conserva a grande altura. E se fôssemos ao encontro daquela nuvem que não quer precipitar para nós?

– Não creio que nos adiante grande coisa respondeu o doutor. Significará dispêndio de gás e, portanto, de água, o que é ainda pior. Mas na situação em que estamos, nada devemos desdenhar, de modo que vamos subir.

O doutor abriu toda a alta chama do maçarico nas espirais da serpentina. Desenvolveu-se calor violento e o balão não tardou a erguer-se sob a ação do hidrogênio dilatado. A cerca de quinhentos metros do chão encontrou a massa opaca da nuvem e entrou em denso nevoeiro, mantendo-se nessa altura. Mas não encontrou o menor sopro de vento, o nevoeiro parecia mesmo desprovido de qualquer umidade e os objetos expostos ao seu contacto mal se umedeceram. O Vitória, rodeado daquele vapor, alcançou talvez marcha mais sensível, mas foi tudo. O doutor verificou com melancolia o resultado obtido pela manobra e, de repente, Joe gritou em tom de mais viva surpresa:

– Ora essa! Que foi, Joe?

– Meu amo! senhor Kennedy! que coisa estranha! Mas que foi?

Não havia indícios de umidade.

– Não somos os únicos aqui! Alguém roubou a nossa invenção!

– Estará louco? pensou Kennedy, olhando Joe que parecia a estátua do espanto, tal a sua imobilidade.

– Será que o sol desarranjou a cabeça do pobre rapaz? pensou, igualmente, o doutor voltando-se para ele. Não me dirá que...

– Veja, meu amo disse Joe, indicando ponto no espaço.

– Por São Patrício! berrou Kennedy por sua vez não é possível! Samuel! Samuel, venha ver! Já estou vendo respondeu tranqüilamente o doutor.

– É outro balão! Outros viajantes como nós!

Realmente, a setenta metros, um aeróstato flutuava no ar com a sua barquinha e os seus viajantes, seguindo exatamente a mesma rota do Vitória.

– Bem! acrescentou o doutor não nos resta senão fazer-lhes sinais. Tome a bandeira, Kennedy, e mostre-lhes as nossas cores.

Dir-se-ia que os viajantes do outro aeróstato tiveram no mesmo instante a mesma idéia, pois a mesma bandeira repetiu de modo idêntico a mesma saudação num braço que a agitava do mesmo modo.

– Que significa isso? perguntou o caçador.

– Devem ser macacos! interveio Joe. Parecem escarnecer de nós!

– Isso significa explicou Fergusson rindo que é você que faz a si próprio o sinal, meu caro Dick! Quer dizer que somos nós mesmos que estamos na segunda barca! Aquele balão é muito simplesmente o nosso Vitória.

– Ah! Meu amo, salvo o respeito que lhe devo, nunca poderei acreditar em semelhante coisa!

– Suba à borda da nossa barca, levante os braços e verá. Joe obedeceu e viu os seus gestos perfeita e instantaneamente reproduzidos.

– É apenas efeito de miragem e não outra coisa esclareceu o doutor. Simples fenômeno de óptica, devido a rarefação desigual das camadas de ar e nada mais.

– É maravilhoso! repetia Joe, sem poder convencer-se e multiplicando as experiências à força de braços.

– Que singular espetáculo! disse Kennedy. Mas dá gosto ver o nosso valente Vitória! Sabem que ele possui bela aparência e se mantém majestosamente?

– O senhor pode dar a explicação que quiser tornou Joe mas o caso é que o efeito é extraordinário!

Enquanto isto, a imagem foi-se gradualmente apagando. As nuvens subiram a grande altura, abandonando o Vitória, que desistiu de segui-las, e, ao fim de uma hora, desapareceram em pleno céu.

O vento, já quase imperceptível, diminuiu ainda mais. O doutor, desesperado, aproximou-se do solo.

Pelas quatro horas, Joe notou qualquer coisa em relevo na imensa planície de areia e, daí a pouco, afirmava que duas palmeiras se erguiam a pequena distância.

– Palmeiras! exclamou Fergusson. Então deve haver alguma nascente ou algum poço.

Apanhou a luneta e convenceu-se de que os olhos de Joe não o enganavam.

– Enfim! repetia ele água! água! e estamos salvos, porque apesar de andarmos muito pouco estamos contudo andando e acabaremos por chegar.

– Então, meu amo propôs Joe, se bebêssemos um pouco desde já? O calor está sufocante!

– Pois bebamos, meu rapaz!

Ninguém se fez de rogado. Um litro inteiro desapareceu, reduzindo a provisão apenas a três litros e meio.

– Ah! como isto regala! exclamou Joe. Como é bom!

– São as vantagens da necessidade observou o doutor.

– Tristes vantagens, sem dúvidaolveu o caçador. E ainda que eu não gostasse de beber água haveria de bebê-la com a condição de nunca mais ver-me privado dela.

As seis horas, o Vitória planava acima das palmeiras. Eram duas magras árvores, raquíticas, ressequidas, dois espetros de árvores quase sem folhas, mais mortas que vivas. Fergusson olhou-as com terror.

Junto delas avistavam-se as pedras meio roídas de um poço que, calcinadas pelos ardores do

sol, pareciam ser apenas formadas de poeira impalpável. Não havia vestígio de umidade. O coração de Samuel oprimiu-se e ia já participar os seus temores aos companheiros, quando as exclamações destes lhe chamaram a atenção.

Para o oeste, a perder de vista, estendia-se longa linha de ossadas brancas. Pedacos de esqueletos rodeavam a fonte. Alguma caravana chegara até ali, marcando sua passagem com aquele grande ossário. Os mais fracos tinham caído pouco a pouco na areia e os mais fortes, logrando alcançar a tão desejada fonte, haviam encontrado ao pé dela morte horrível.

Os viajantes encararam-se, empalidecendo.

– Não vale a pena descer disse Kennedy. Fugamos quanto antes deste medonho espetáculo! Não há aí uma gota de água a recolher.

– Não, ainda que seja só por descargo de consciência. Tanto vale passar a noite aqui como além. Esquadrinharemos o poço até ao fundo. Houve aí uma nascente e é possível que ainda reste qualquer coisa.

O Vitória desceu. Joe e Kennedy introduziram na barca peso de areia equivalente ao deles e saltaram, correndo para o poço onde penetraram por escada quase desfeita em pó. A nascente parecia extinta há longos anos. Romperam a cavar na areia seca e esboroável, a mais árida que se possa imaginar. Não havia indícios de umidade. O doutor viu-os regressar à superfície do deserto, suados e esfalfados, cobertos de fina poeira, abatidos, desanimados, desesperados.

Compreendeu a inutilidade das buscas. Era o que esperava e, portanto nada disse. Sentiu que a partir daquele instante necessitava ter coragem e energia por três. Joe trazia pedacos de outra pele endurecida, que jogou fora com raiva para o meio das ossadas dispersas pelo chão.

Durante a ceia, os viajantes não trocaram palavras e parecia comerem com repugnância.

Contudo, não haviam ainda sofrido verdadeiramente as torturas da sede. Apenas receavam pelo futuro.

PESQUISAS DESESPERADAS

O caminho percorrido pelo Vitória no dia precedente não excedera quinze quilômetros e haviam sido consumidos cinco mil e oitocentos litros de gás. No sábado pela manhã o doutor deu o sinal de partida.

– O maçarico não poderá funcionar mais de seis horas informou ele. Se nesse espaço de tempo não descobriremos poço ou nascente, só Deus sabe o que será de nós.

– Há pouco vento esta manhã, meu amo! observou Joe. Mas talvez ele ainda se levante acrescentou, vendo a tristeza mal disfarçada de Fergusson.

Baldada esperança! Fazia no ar, calma completa. O calor tornava-se intolerável e o termômetro à sombra, debaixo do toldo, marcava quarenta e cinco graus.

Joe e Kennedy, estendidos lado a lado, buscavam, se não no sono pelo menos no torpor, esquecer a situação.

As torturas da sede começaram a manifestar-se cruelmente. A aguardente, longe de atenuar a imperiosa necessidade, aumentava-a, merecendo bem o nome de leite de tigres que lhe dão os naturais da África. Restavam apenas dois litros de um líquido morno. Todos cobiçavam com os olhos aquelas poucas gotas preciosas, nenhum ousando mergulhar nelas os lábios. Dois litros de água, no meio do deserto!

Então, o doutor Fergusson, imerso em suas reflexões, perguntou a si mesmo se porventura agira com prudência. Não teria agido melhor conservando aquela água decomposta em pura perda para se manter na atmosfera? Decerto progredira no caminho. Mas que adiantava isso? Ainda que se achasse a oitenta quilômetros atrás, naquela latitude, que importava se a água lhe faltava ali? O vento, se enfim se levantasse, tanto sopraria lá como aqui, talvez aqui ainda menos rápido se viesse de leste! Mas a esperança não abandonou Fergusson, apesar de que aqueles nove litros de água consumidos em vão bastariam para nove dias de parada no deserto. Talvez mesmo, se conservasse a água, tivesse podido subir mais, jogando fora lastro, perdendo depois gás para tornar a descer. Mas o gás do balão era o seu sangue e a sua vida! Estas e outras mil reflexões tumultuavam-lhe a cabeça, que segurou entre as mãos sem a erguer durante horas inteiras.

– É preciso fazer derradeiro esforço! disse consigo às dez horas da manhã. Tentaremos mais uma vez encontrar corrente atmosférica que nos arraste! Temos de arriscar os últimos recursos!

E, enquanto os companheiros dormitavam, elevou a alta temperatura o hidrogênio do aeróstato, que se arredondou pela dilatação do gás e subiu entre os raios perpendiculares do sol. Em vão o doutor buscou um sopro de vento desde trinta até nove mil metros; o ponto de partida continuava obstinadamente em baixo dele. Parecia reinar calma absoluta até aos derradeiros limites do ar respirável. Por fim, a água esgotou-se. O maçarico extinguiu-se por falta de gás, a pilha de Bunsen deixou de funcionar e o Vitória, contraído-se, desceu vagarosamente sobre a areia, no próprio lugar que antes tinham cavado.

Era meio-dia. A tomada de posição revelou dezenove graus e trinta e cinco minutos de longitude e seis graus e cinquenta e um minutos de latitude, a cerca de novecentos

quilômetros do lago Tchad, a mais de oitocentos das costas ocidentais da África. Ao chegarem à terra, Dick e Joe saíram do seu pesado torpor.

– Paramos aqui? perguntou o escocês.

– Não há outro remédio respondeu Samuel em tom grave.

Os companheiros compreenderam. O solo achava-se então ao nível do mar, em virtude da sua constante depressão, de modo que o balão se manteve em perfeito equilíbrio e absoluta imobilidade.

O peso dos viajantes foi substituído por carga equivalente de areia e todos desceram. Cada qual se mergulhou nas suas preocupações e durante várias horas ninguém falou. Joe preparou a ceia, composta de biscoito e carne de conserva, em que mal tocaram. Um gole de água quente completou a triste refeição.

Durante a noite, ninguém velou, mas também ninguém dormiu. O calor era sufocante. No dia seguinte, apenas restava meio litro de água, que o doutor pôs de lado, decidido a não tocar senão em recurso extremo.

– Sinto-me abafar disse Joe pouco depois. O calor aumenta! Mas não é de admirar acrescentou depois de ter consultado o termômetro. Sessenta graus!

– A areia queima! acudiu o caçador com a sensação de estar dentro de um forno. E nem uma nuvem neste céu implacável! É de ficar louco!

– Não desanimemos volveu o doutor. A estes grandes calores sucedem invariavelmente tempestades nestas latitudes, que chegam com a rapidez dos relâmpagos. Apesar da acabrunhadora serenidade do céu, poderão sobrevir grandes mudanças em menos de uma hora.

– Mas de qualquer modo haveria indício! tornou Kennedy.

– Bem! respondeu o doutor parece-me que o barômetro tem ligeira tendência para baixar.

– Deus o ouça, Samuel, pois estamos colados neste chão como aves de asas quebradas.

– Apenas com a diferença de que as nossas asas estão intactas e espero que elas ainda nos possam servir.

– Ah! Quem me dera um pouco de vento que nos levasse a um riacho ou a um poço! exclamou Joe. Então, nada nos faltaria. Nossos víveres são suficientes e com água poderemos esperar um mês sem dificuldade! Mas a sede é coisa terrível.

A sede e também a contemplação incessante do deserto cansavam o espírito. Não havia nenhum acidente de terreno, nenhum montículo de areia, ou um calhau onde se detivesse o olhar. Aquela uniformidade desanimava, causando aquilo que se chama o mal do deserto. A impassibilidade do árido azul do céu e da infundável amarelidão da areia terminava por horrorizar. Naquela atmosfera incandescente o calor parecia vibrar como por sobre fogueira em chamas. O espírito cansava-se de ver aquela imensa calma, sem entrever motivo algum que fizesse cessar tal estado de coisas, pois a imensidão é uma espécie de eternidade. Os infelizes, privados de água sob aquela temperatura tórrida, começaram experimentando sintomas de alucinação. Os olhos arregalavam-se, turvavam-se-lhes a vista. Chegada a noite, o doutor decidiu combater a inquietadora predisposição por meio de caminhada rápida, propondo correrem a planície arenosa durante algumas horas, não em busca de qualquer coisa mas simplesmente para andar.

– Venham disse ele aos companheiros. Acreditem que isso nos fará bem.

– Impossível respondeu Kennedy não conseguiria dar um passo.

– Quanto a mim, prefiro dormir declarou Joe.

– Mas o sono ou o repouso vão ser-lhes funestos, amigos. Reajam contra esse torpor. Vamos, venham comigo! Todavia, não pôde convence-los e afastou-se sozinho em meio à estrelada transparência da noite. Os primeiros passos foram difíceis como os de um homem debilitado e desacostumado de andar. Mas não tardou a reconhecer que aquele exercício lhe seria benéfico. Andou vários quilômetros para oeste e seu ânimo já se recuperava quando, de repente, o tomou urna vertigem. Pareceu-lhe debruçar-se num abismo, os joelhos vergavam-lhe, a vasta solidão aterrou-o. Sentia-se como o ponto matemático, o centro de circunferência infinita, nada, enfim! O Vitória diluía-se inteiramente nas trevas. O doutor sentiu-se prêsas de invencível pavor, ele tão impassível, tão ousado viajante! Quis voltar, mas em vão. Chamou! Sequer um eco lhe respondeu e a sua voz caiu no espaço como pedra em abismo sem fundo. Caiu desfalecido na areia, só, em meio ao grande silêncio do deserto.

A meia-noite, recobrou os sentidos nos braços do fiel Joe que, inquieto da prolongada ausência do amo, lhe seguira as pegadas claramente estampadas na areia, onde o encontrou desmaiado.

– Que tem, meu amo? perguntou-lhe.

– Não é nada, apenas um momento de fraqueza.

– Não há de ser nada, com efeito, senhor, mas levante-sê. Encoste-se em mim e regressemos ao Vitória.

o doutor, pelo braço de Joe, repercorreu o caminho feito. Podia ter sido assaltado e roubado acrescentou ele rindo. Agora falemos seriamente.

– Estou ouvindo, pode dizer.

– Precisamos absolutamente tomar resolução. Esta situação poderá quando muito prolongar-se alguns dias e se não houver vento estaremos perdidos.

O doutor não respondeu.

– É portanto indispensável que alguém se sacrifique à sorte comum e naturalmente serei eu.

– Que quer dizer com isso? Tem algum projeto?

– Um projeto muito simples: apanhar alguns víveres e caminhar sempre em frente, até chegar a alguma parte, o que não pode deixar de suceder. Enquanto isso, se Deus lhes enviar vento favorável, o senhor deverá partir sem esperar-me. Por meu lado, se eu encontrar alguma aldeia, arranjar-me-ei com algumas palavras árabes que o senhor me dará por escrito e, ou lhes levarei socorros, ou deixarei por aí a minha pele. Que lhe parece a minha idéia?

– Insensata, mas digna do seu valente coração. Isso é impossível, não consinto que nos deixe.

– Mas, enfim, meu amo, precisamos tentar alguma coisa. Isto em nada o prejudicará porque, como já lhe disse, não precisa esperar-me e é provável que eu consiga alguma coisa! Não, Joe, não! Não nos separemos. Seria mais um desgosto acrescentado aos que já nos atormentam. Estava escrito que assim havia de ser e também provavelmente estará escrito que as coisas mudarão no futuro. O que nos cumpre é esperar com resignação.

– Pois seja assim, meu amo, mas previno-o de uma coisa: dou-lhe apenas um dia e não esperarei mais. Hoje é domingo ou, antes, segunda-feira, pois já passa da meia-noite. Se terça-feira não partirmos, tentarei a aventura. É uma determinação irrevogável.

O doutor não respondeu. Não tardaram a alcançar a barca e ele foi acomodar-se junto de Kennedy, mergulhado em silêncio absoluto que não devia ser efeito do sono.

O OASIS

No dia seguinte, o primeiro cuidado do doutor foi consultar o barômetro. A coluna de mercúrio mal acusava pequena depressão.

– Nada! exclamou ele. Nadai Saiu da barca e foi examinar o tempo. O mesmo calor, a mesma limpidez, a mesma implacabilidade Teremos de desanimar? bradou ele.

Joe nada disse, absorto na sua idéia e meditando em seu projeto de exploração.

Kennedy levantou-se doente e presa de excitação inquietadora. Sofria horrivelmente de sede. A língua e os lábios inchados mal conseguiam articular um som. Restavam ainda umas gotas de água. Todos o sabiam, todos pensavam nela e se sentiam atraídos para ela, mas nenhum ousava dar um passa.

Aqueles três companheiros, três amigos, olhavam-se com olhos esgazeados, num sentimento de bestial avidez que, sobretudo se manifestava em Kennedy. Sua robusta organização sucumbia mais depressa àquelas intoleráveis privações. Durante todo o dia se manteve em delírio andando de um lado para outro, soltando urros, mordendo os punhos, pronto a abrir as veias para beber o próprio sangue.

– Ah! Terra da sede! exclamou ele. Seria melhor que te chamassem terra do desespero!

Em seguida, caiu em profunda prostração. Apenas se lhe ouvia o silvo da respiração entre os lábios ressequidos. A noite, Joe foi por sua vez atacado de começo de loucura. Aquele vasto deserto de areia afigurava-se-lhe como lago imenso, de águas claras e límpidas. Mais de uma vez jogou-se ao chão ardente para beber, levantando-se com a boca cheia de poeira.

– Maldição! gritava ele furioso. É água salgada!

Então, vendo Fergusson e Kennedy estendidos imóveis, entregou-se à idéia irresistível de esgotar as poucas gotas de água deixadas em reserva.

Era uma coisa mais forte que ele. Avançou para a barquinha, arrastando-se sobre os joelhos, procurou com os olhos a garrafa onde se continha o líquido, atirou-lhe olhar esgazeado, agarrou-a e levou-a aos lábios.

Naquele momento as palavras: "De beber! de beber!" foram pronunciadas num tom confrangedor.

Era Kennedy que se arrastava para junto dele. O infeliz dava dó, suplicava de joelhos, chorava.

Joe, chorando também, estendeu-lhe a garrafa, cujo conteúdo o outro esvaziou até à derradeira gota.

– Obrigado! disse Kennedy.

Mas Joe não o ouviu, de novo tombando como ele na areia.

O que se passou durante aquela noite pavorosa ninguém o saberia dizer. Mas na terça-feira de manhã, sob os jatos de fogo com que os vergastava o sol, os desventurados sentiam os membros secarem-se pouco a pouco. Quando Joe quis erguesse não o conseguiu, nem pôde pôr em execução o seu projeto.

Lançou os olhos em redor. Na barca, o doutor, acabrunhado, com os braços cruzados no peito, olhava no espaço um ponto imaginário com fixidez idiota. Kennedy estava aterrorador.

Balançava a cabeça para a direita e para a esquerda, como fera enjaulada. De repente, os olhos do caçador deram com a carabina, cuja coronha ultrapassava a borda da barca.

– Ah! gritou ele erguendo-se com esforço sobre-humano. E correndo para a arma, desvairado, louco, levou-lhe o cano à boca.

– Senhor Kennedy! Senhor Kennedy! acudiu Joe, lançando-se atrás dele.

– Deixe-me! Vá embora! rugiu o escocês.

Ambos lutaram com furor.

– Saia daqui, ou o matarei! repetia Kennedy.

Mas Joe agarrara-se a ele com todas as fôrças. Lutaram, sem que o doutor parecesse dar por isso, durante cerca de um minuto. Subitamente, durante a luta, a carabina disparou e ao estrondo da detonação o doutor ergueu-se como espectro, olhando em redor.

O olhar animou-se-lhe de repente, estendeu a mão para o horizonte e, com voz que nada tinha de humana, gritou: Ali! Ali! Olhem!...

Havia tal energia no seu gesto que Joe e Kennedy se separaram e ambos se puseram a olhar.

O areal agitava-se como oceano em fúria, em dia de tempestade. Ondas de areia rebentavam umas sobre as outras em meio à poeira intensa. Enorme coluna vinha de sudeste redemoinhando com extrema rapidez. O sol desapareceu atrás da nuvem opaca, cuja sombra desmedida se estendia até ao Vítória. Grãos de areia fina fustigavam com a mobilidade de moléculas líquidas e a maré montante subia pouco a pouco. Firme raio de esperança brilhou nos olhos de Fergusson.

– O simuml bradou ele.

– O simuml repetiu Joe sem compreender bem.

– Tanto melhor! exclamou Kennedy com intenso ódio tanto melhor! vamos morrer!

– Tanto melhor! replicou o doutor vamos viver, pelo contrário!

Começou a deitar fora a areia que lastrava a barquinha e os companheiros, compreendendo-o enfim, correram a ajudá-lo.

– E agora, Joe disse o doutor, jogue fora também trinta quilos do seu mineral.

Joe não hesitou, embora experimentasse qualquer coisa como rápido pesar. O balão ergueu-se.

– Já era tempo! disse o doutor.

O simum chegava com efeito com a velocidade de relâmpago. Um pouco mais e o Vítória seria esmagado, despedaçado, aniquilado. A imensa tromba ia alcançá-lo e cobriu-o com nuvem de areia.

– Mais lastro fora! gritou o doutor a Joe.

– Pronto! respondeu este, atirando enorme bloco de quartzo. O Vítória saltou rapidamente acima da tromba mas, atingido pela forte deslocação de ar, foi arrastado com velocidade incalculável acima daquele mar espumante. Samuel, Dick e Joe emudeceram, olhando e esperando, refrescados pelo vento daquele turbilhão. Às três horas a tormenta cessou. A areia, ao cair, formara inumerável quantidade de montículos e o céu recobrou a sua primitiva tranqüilidade.

O Vítória, volvendo à imobilidade, planava diante de um oásis, ilha coberta de verdes árvores que subiram à superfície daquele oceano.

– Água! ali existe água! gritou o doutor.

E imediatamente, abrindo á. válvula superior, deu passagem ao hidrogênio e desceu

brandamente a duzentos passos do oásis. Em quatro horas, os viajantes haviam transposto distância de trezentos e oitenta quilômetros.

A barquinha foi equilibrada e Kennedy, seguido de Joe, saltou para o chão.

– As espingardas! berrou o doutor as espingardas, e sejam prudentes!

Dick correu para a carabina e Joe apoderou-se de uma das armas. Avançaram depois apressadamente até às árvores e penetraram sob aquela fresca verdura que lhes anunciava abundantes nascentes. Nem deram pelas enormes pegadas, vestígios recentes que marcavam aqui e ali o solo úmido.

Subitamente, um rugido soou a vinte passos.

– É o rugido de um leão! disse Joe.

– Paciência! replicou o caçador desesperado lutaremos. Sempre se é forte quando não há outro remédio!

– Cautela, senhor Dick, cautela! Da vida de um depende a vida de todos.

Mas Kennedy não o escutava. Avançou, de olhar chamejante, a carabina armada, terrível na sua audácia. Debaixo de uma palmeira, enorme leão de negra juba mantinha-se em postura de ataque. Tão depressa avistou o caçador deu o salto, mas não tinha ainda tocado terra quando uma bala no coração o fulminou e estendeu-o morto.

– Hurra! hurra! bradou Joe.

Kennedy correu para o poço, escorregou pelos degraus úmidos e estatelou-se diante de fresca fonte na qual mergulhou os lábios com avidez. Joe imitou-o e logo não se ouviu mais nada a não ser aqueles cicios de língua de animal que mata a sede.

– Cuidado interrompeu Joe respirando não devemos abusar!

Mas Dick, sem responder, continuava bebendo, mergulhando a cabeça e as mãos naquela água bendita. Inebriava-se.

– E o doutor Fergusson? perguntou Joe.

Só esta pergunta conseguiu devolver Kennedy a si mesmo. Encheu uma garrafa que trouxera e pôs-se a subir os degraus do poço. Mas qual não foi a sua estupefação quando viu um corpo enorme e opaco que lhe fechava a saída. Joe, que o seguia, recuou com ele.

– Estamos presos!

– Impossível! que será isso?

Dick ainda não acabara, quando rugido terrível lhe deu a entender que tinha de enfrentar novo inimigo.

– Outro leão! exclamou Joe.

– Não, é uma leoa! Ah! maldito animal, espere um pouco disse Kennedy, tornando a carregar à pressa a carabina.

Um momento depois disparou, mas a fera tinha desaparecido.

– Adiante! gritou ele.

– Não, senhor Dick, não, o tiro não a matou, caso contrário o corpo rolaria até aqui. Ela continua lá, pronta a saltar sobre o primeiro de nós que apareça. E esse não terá salvação!

– Mas que havemos de fazer? Precisamos sair. Samuel está à nossa esperai Vamos atrair o animal. Tome a minha espingarda e passe-me a sua carabina.

– Qual é o seu intento?

– Já vai ver.

Joe, despindo a jaqueta de lona, pendurou-a na ponta da arma e apresentou-a como isca por

cima da abertura. A fera atirou-se e Kennedy, que lhe esperava a passagem, espedaçou-lhe a espádua com uma bala. A leoa rolou pela escada rugindo e derrubou Joe. Este já imaginava sentir sobre si as imensas patas do animal, quando se ouviu segunda detonação e o doutor Fergusson surgiu à entrada do poço, de espingarda na mão ainda fumegante.

Joe ergueu-se logo, saltou por cima da fera e estendeu ao amo a garrafa cheia de água.

Levá-la aos lábios e deixá-la pela metade foi para Fergusson negócio de um instante e os três amigos agradeceram de todo o coração à Providência que tão milagrosamente os salvara.

OS SONHOS DE Joe

Depois de uma ceia reconfortante, passaram os viajantes noitada deliciosa sob a ramagem fresca das mimosas.

Kennedy percorreu em todos os sentidos a pequena área em que se achavam, dando batida nas matas ao redor. Eram eles os únicos seres animados daquele paraíso terrestre. Estenderam as cobertas e ali passaram noite sossegada que os fez esquecer as atribulações anteriores.

No dia seguinte, sete de maio, o sol brilhava em todo o seu esplendor, mas não podiam seus raios atravessar a espessa cortina de sombra. Como havia mantimentos em quantidade suficiente, resolveu o doutor esperar vento favorável.

Joe trouxera o seu fogão portátil. Dava pratos à bola para inventar iguarias e gastava água com imensa prodigalidade.

– Que estranha sucessão de sofrimentos e de prazeres! exclamou Kennedy. Esta abundância depois daquela privação! Este luxo em seguida à miséria! Ah, meus amigos! Andei bem perto da loucura!...

– Meu caro Dick ponderou o doutor, sem o Joe, você não estaria aí a discorrer sobre a instabilidade das coisas humanas.

– Obrigado, meu bom amigo! disse Kennedy ao apertar a mão de Joe.

– Não há de quê respondeu este. Prefiro, porém, que não tenha ocasião de retribuir-me o favor.

– Como é fraca a nossa natureza! retrucou Fergusson. Deixar-nos abater por tão pouco!

– Por tão pouca água, é o que o senhor quer dizer, patrão! Como a água é necessária à vida!

– Não resta dúvida. Resiste-se mais tempo sem comer do que sem beber.

– Acredito. Em caso de necessidade, a gente come qualquer coisa que encontra, até mesmo o próprio semelhante, se bem que não deixe de ser indigesta a refeição!

– Os selvagens não se importam com isso disse Kennedy.

– Sim, mas são selvagens. Estão habituados a comer carne crua. Eu ficaria com o estômago embrulhado!

– De fato, isso é tão repugnante retrucou o doutor que ninguém deu crédito às histórias dos primeiros exploradores que voltaram da África. Contaram que várias tribos se alimentavam de carne crua e ninguém admitiu o fato. Foi nessas circunstâncias que Jaime Bruce se meteu em estranha aventura.

– Conte como foi, patrão temos tempo de sobra disse Joe estendendo-se preguiçosamente na relva fresca.

– Pois não. Jaime Bruce era um escocês do condado de Stirling, que, entre 1768 e 1772, percorreu toda a Abissínia até o lago Tiana, à procura das nascentes do Nilo. Em seguida, voltou à Inglaterra, onde só em 1790 publicou relato de suas viagens. Não acreditaram em absoluto em suas histórias, incredulidade que é comum entre nós. Os hábitos dos abissínios pareciam tão diferentes dos usos e costumes ingleses que ninguém queria dar crédito àquelas histórias. Entre outros pormenores, Jaime Bruce ousava afirmar que os povos da África oriental comiam carne crua. Revoltaram-se todos contra isso. Que tolice! Ninguém poderia

provar o contrário... Bruce era homem muito destemido e genioso. Aquelas dúvidas deixavam-no irritado ao extremo. Um dia, num salão de Edimburgo, um escocês retomou em sua presença o tema das zombarias cotidianas e declarou peremptoriamente que em relação ao caso da carne crua a coisa não era possível, nem verdadeira. Bruce não deu resposta e retirou-se. Daí a momentos voltou trazendo um bife, temperado com sal e pimenta à moda africana. "Senhor disse ele ao escocês, o senhor me ofendeu ao duvidar do fato que eu afirmei, dizendo-o impraticável. Enganou-se redondamente. E para prová-lo a todos, o senhor ou vai comer imediatamente este bife cru ou terá de dar-me satisfação de suas palavras."

O escocês teve medo e engoliu o bife, fazendo caretas horríveis. Então, com o maior sangue-frio, Jaime Bruce acrescentou: "Ainda que admitindo que a coisa não seja verdadeira, o senhor pelo menos não irá mais afirmar que é impossível,"

– Boa resposta disse Joe. Se o escocês teve indigestão, foi bem feito. E se, quando voltarmos à Inglaterra, puserem em dúvida a nossa viagem... Que fará você?

– Os que não acreditarem terão que engolir os pedaços do Vitória, sem sal e sem pimenta! Passou-se assim o dia em convívio agradável. Com as forças voltava a esperança e com a esperança, a audácia. O passado apagava-se com providencial rapidez.

Joe não queria mais deixar aquele refúgio encantador. Era o reino dos seus sonhos, sentia-se ali como em sua casa. O doutor teve de dar-lhe a posição exata do oásis e foi com a maior seriedade que ele anotou na sua caderneta de viagem: quinze graus e quarenta e três minutos de longitude e oitenta graus e trinta e dois minutos de latitude. Kennedy lamentava apenas uma coisa: não poder caçar naquela floresta em miniatura. Em sua opinião, aquele éden carecia um tanto de feras.

– Entretanto, meu caro Dick, parece-me que está esquecendo com demasiada pressa objetou o doutor. Então, o leão e a leoa?

– Ora! voltou o outro com o desdém de verdadeiro caçador pelo animal abatido. Mas, com efeito, a sua presença neste oásis leva a supor que não devemos estar muito afastados de regiões mais férteis.

– Prova medíocre. Estes animais, premidos pela fome ou pela sede, percorrem muitas vezes distâncias consideráveis. Durante a próxima noite devemos ficar de atalaia e acender fogueiras.

– Com esta temperatura? exclamou Joe. Enfim, se for necessário, assim faremos. Mas terei pena de queimar estas lindas árvores, que tão úteis nos foram.

– Teremos justamente o maior cuidado em não as incendiar tornou o doutor a fim de que outros aqui possam encontrar algum dia refúgio no meio do deserto! Joe foi arranjar lenha para as fogueiras noturnas, fazendo-as as mais pequenas que pôde. As precauções foram felizmente inúteis e todos dormiram alternadamente em profundo sono.

No outro dia, o tempo ainda não mudara, mantendo-se obstinadamente calmo. O balão permanecia imóvel, sem que nenhuma oscilação denunciasse o mais leve sopro de vento. O doutor recomeçou a inquietar-se. Se a viagem fosse se prolongando daquele modo, os víveres tornar-se-iam insuficientes. Depois de quase terem morrido de sede, estariam fadados a morrer de fome? Mas em breve se tranqüilizou vendo o mercúrio baixar muito sensivelmente no barômetro. Havia indícios evidentes de próxima mudança na atmosfera e, então, resolveu cuidar dos preparativos para a partida, a fim de aproveitar a primeira ocasião. A caixa de alimentação e a caixa-d'água foram ambas inteiramente cheias.

Fergusson teve depois de restabelecer o equilíbrio do aeróstato e Joe viu-se obrigado a sacrificar parte do seu precioso mineral. Com a saúde tinham-lhe voltado às idéias de ambição, de modo que fez mais de uma careta antes de obedecer ao amo. Mas este demonstrou-lhe a impossibilidade de levantar peso tão considerável, dando-lhe a escolher entre a água e o ouro. Joe não hesitou mais e lançou à areia forte quantidade dos seus preciosos pedregulhos.

– Deixo-os aí para os que vierem depois de nós disse ele. Ficarão bem admirados de encontrar a fortuna em semelhante lugar.

– Oh! exclamou Kennedy e se algum sábio viajante vier a encontrar aqui estas pedras?

– Não tenha dúvida, meu caro Dick, de que há de ficar muito surpreendido e publicará a sua surpresa em numerosos volumes! Ainda ouviremos falar algum dia de uma jazida de quartzo aurífero no meio dos areais da África.

A idéia de mistificar talvez algum sábio consolou o excelente moço, fazendo-o sorrir.

Durante o resto do dia, em vão o doutor esperou mu dança na atmosfera. A temperatura elevou-se e, se não fossem as sombras do oásis, teria sido insuportável. O termômetro marcou ao sol sessenta graus. Autêntica chuva de fogo cruzava o ar. Foi o mais intenso calor que tinham suportado. Joe dispôs como na véspera o acampamento da noite e durante os quartos do doutor e de Kennedy nenhum novo incidente se produziu. Mas pelas três horas da manhã, quando Joe estava de vigia, a temperatura baixou subitamente, o céu cobriu-se de nuvens e a escuridão aumentou.

– Alerta! gritou Joe acordando os dois companheiros alerta! Aí está o vento!

– Enfim! desabafou o doutor contemplando o céu é uma tempestade! Ao Vitória! Ao Vitória!

Foi o tempo de chegarem. O Vitória curvava-se já sob a violência do furacão e arrastava a barquinha, que sulcava a areia. Se por acaso parte do lastro tivesse caído ao chão, o balão teria partido e, com ele, para sempre, a esperança de o tornarem a encontrar.

Mas o lesto Joe correu a toda pressa e segurou a barquinha, enquanto o aeróstato se deitava na areia com risco de rasgar-se. O doutor tomou o seu lugar habitual, acendeu o maçarico e lançou fora o excesso de peso.

Os viajantes lançaram derradeiro olhar às árvores do oásis, que vergavam sob a tempestade e, em breve, apanhando o vento leste a setenta metros do solo, desapareceram na escuridão.

UMA PAISAGEM MAGNÍFICA

Desde o instante da partida, os viajantes marcharam com grande rapidez. Apressavam-se em deixar aquele deserto que por pouco não lhes fora fatal.

As nove e um quarto da manhã foram avistados alguns sintomas de vegetação, ervas flutuando sobre aquele mar de areia, que lhes anunciavam, como a Cristóvão Colombo, a proximidade da terra: tufos verdes apontavam, timidamente, entre pedregulhos que se diriam os rochedos daquele oceano. Colinas ainda baixas ondulavam no horizonte, de vagos contornos esfumados em vasto nevoeiro. A monotonia ia desaparecendo. O doutor saudou com alegria a nova região e como marinheiro de vigia esteve a ponto de gritar:

– Terra! Terra!

Uma hora depois, o continente desdobrava-se a seus olhos, com aspecto ainda selvagem, porém menos árido e nu. Algumas árvores perfilavam-se contra o céu pardacento.

– Será que estamos em país civilizado? ponderou Kennedy.

– Civilizado, senhor Dick? Duvido. Não vimos gente até agora. Ainda estamos na região dos negros, doutor Fergusson?

– Ainda, Joe, até chegarmos à terra dos árabes.

– Árabes, patrão? Árabes de fato, com camelo e tudo?

– Camelos. Não, meu amigo. São raros e quase ninguém os conhece por estas bandas. Para encontrá-los será preciso subir um pouco para o norte.

Que pena! Por que, Joe?

– Porque, se o vento nos fosse contrário, poderiam ajudar-nos muito.

– Como?

– Foi uma idéia que me veio, patrão. Poderíamos atrelá-los à barquinha para sermos rebocados por eles. O que acha disto?

– Alguém já teve essa idéia antes de você, meu caro Joe. Um escritor francês de muito espírito, se bem que... num romance. Na história, os viajantes com o respectivo balão, fazem-se arrastar por camelos. Aí chega um leão que engole o reboque, devora os camelos, toma o lugar destes e assim por diante. Está vendo que tudo isso é fantasia e nada tem a ver com o nosso gênero de locomoção.

Joe, um tanto encabulado ao verificar que sua idéia não era inédita, começou a dar tratos à bola para imaginar quem poderia devorar o leão. Como não o conseguisse pôs-se de novo a observar a região.

Um lago, não muito grande, estendia-se diante dele, com anfiteatro de colinas que não chegavam a merecer o nome de montanhas. Ao longe, serpenteavam vales numerosos e fecundos e árvores de toda espécie erguiam para o céu as ramagens entrelaçadas. Predominavam as palmeiras, com folhas de cinco metros de comprimento e caules eriçados de agudos espinhos. O bômbax lançava ao vento que passava a fina penugem das suas sementes. O perfume ativo do pendanus, que os árabes chamam de kenda, embalsamavam os ares até a zona que o Vitória atravessava. O mamoeiro de folhas espalmadas, a estercúlia que produz as nozes do Sudão, os baobás e as bananeiras completavam a flora luxuriante das

regiões intertropicais.

– Soberba região exclamou o doutor.

– Já se vêem animais acrescentou Joe. Os homens não devem andar longe.

– Oh! que magníficos elefantes! bradou Kennedy por sua vez. Não haveria meio de caçar um pouco?

– E como vamos parar, meu caro Dick, com uma corrente desta força? Não, agüenta um pouco o suplício de Tântalo! Mais tarde se desfarrará.

Havia, com efeito, muito que excitar a imaginação de um caçador. O coração de Dick saltava-lhe no peito, os dedos crispavam-se-lhe na coronha da carabina.

A fauna do país não valia menos que a flora. O boi selvagem espojava-se em matagal denso sob o qual desaparecia inteiro. Elefantes pardos, pretos e amarelos, de vasta corpulência, passavam como trombas de vento pelo meio da floresta, quebrando, roendo, devastando, marcando a sua passagem com o sulco da destruição. Nas vertentes esmaltadas pelo verde das colinas, transpareciam cascatas e riachos correndo para o norte, onde hipopótamos chafurdavam com enorme ruído e lanlantins de quatro metros de comprimento o corpo pisciforme se estendiam nas margens, erguendo para o céu as grossas tetas redondas, túmidas de leite. Era todo um raro viveiro em estufa maravilhosa, onde aves inumeráveis e de mil cores gorjeavam por entre as plantas arborescentes.

Pela prodigalidade da natureza o doutor reconheceu o reino soberbo de Amadova.

-Penetramos de novo disse ele nas descobertas modernas. Retomamos a pista interrompida dos viajantes. É uma feliz oportunidade, amigos. Vamos poder ligar os trabalhos dos capitães Burton e Speke às explorações do doutor Barth. Deixamos os ingleses para vir ao encontro de um hamburguês e em breve chegaremos ao ponto extremo alcançado por aquele audacioso sábio.

– Parece-me observou Kennedy que entre essas duas explorações há larga extensão de terra, a julgar pelo caminho que percorremos.

– É fácil de calcular. Pegue o mapa e veja qual é a longitude da ponta meridional do lago Ukerueué atingida por Speke.

– Acha-se pouco mais ou menos a trinta e sete graus.

– E a cidade de Tola, que avistaremos esta tarde, e à qual chegou Barth, como está situada?

– Mais ou menos a doze graus de longitude.

– São portanto vinte e cinco graus. A cem quilômetros cada um, são dois mil e quinhentos quilômetros.

– Um belo trecho de passeio para quem andasse a pé interveio Joe.

– Passeio que se há de fazer. Livingstone e Moffat continuam caminhando para o interior. O Niassa, que descobriram, não fica muito longe do lago Tanganica, reconhecido por Burton. Antes de acabar o século essas imensas regiões estarão com certeza exploradas. Mas acrescentou o doutor consultando a bússola lastimo que o vento nos leve tanto para oeste. Preferia subir para o norte.

Após doze horas de marcha, o Vitória achou-se nos confins da Nigricia. Os primeiros habitantes dessa terra, os árabes chuas, apascentavam os seus rebanhos nômades. Os vastos cumes dos montes Atlântica ultrapassavam o horizonte. Nenhum pé europeu ainda os escalara e sua altitude é calculada em cerca de dois mil e quinhentos metros. A sua vertente ocidental determina o escoamento de todas as águas daquela parte da África para o oceano. São as

montanhas da Lua da região. Enfim, verdadeiro rio surgiu aos olhos dos viajantes e pelos imensos formigueiros que se vizinhavam o doutor reconheceu o Benué, um dos grandes afluentes do Níger, que os indígenas cognominaram Fontes das Águas.

– Este rio explicou o doutor aos companheiros será um dia o meio de comunicação natural com o interior da Nigéria. Sob o comando de um dos nossos bravos capitães, a vapor Plêiade já o percorreu de baixo para cima até a aldeia de Iola. Estamos, portanto, em terras conhecidas.

Inúmeros escravos trabalham nos campos cultivando o sorgo, espécie de milho que constitui a base da alimentação daquele povo. Olhavam todos estupidificados para o Vitória, que passava como meteoro. À tardinha, pararam os viajantes a sessenta e cinco quilômetros de Iola, e à sua frente, porém distantes, erguiam-se os dois cones pontiagudos do monte Mendif. O doutor mandou lançar as âncoras, que se prenderam à copa de uma árvore elevada. Mas, vento muito rijo balançava o Vitória até quase deitá-lo horizontalmente, tornando por vezes a posição da barquinha extremamente perigosa. Fergusson não fechou olho durante a noite e muitas vezes esteve a ponto de cortar a amarra e fugir diante da tormenta. Por fim, a tempestade acalmou e as oscilações do aeróstato deixaram de ser inquietadoras.

No dia seguinte, o vento apresentou-se mais moderado, mas afastou os viajantes da povoação de Tola que, novamente reconstruída pelos fulanas, excitava a curiosidade de Fergusson. Em todo caso não houve remédio senão elevar-se para o norte e mesmo um pouco para leste.

Kennedy propôs descida naquele país de caça. Joe pretendia que a necessidade de carne fresca se ia fazendo sentir, mas os costumes selvagens da região, a atitude dos habitantes, alguns tiros de espingardas disparados na direção do Vitória determinaram o doutor a prosseguir viagem. Atravessavam, então, uma terra de chacinas e de incêndios, onde as lutas dos guerreiros são incessantes e nas quais os sultões governam os seus reinos em meio às mais atrozes carnificinas. Aldeias numerosas, muito povoadas, de compridas cabanas, estendiam-se entre férteis pastagens cuja erva espessa era esmaltada de flores violáceas. Cabanas semelhando vastas colméias abrigavam-se atrás de sebes eriçadas.

A despeito dos seus esforços, o doutor marchava para nordeste, para o monte Mendif, que desaparecia entre nuvens. Os altos picos do sistema separam o vale do Níger do vale do lago Tchad.

Pelas três horas, o Vitória achava-se diante do monte Mendif. O doutor, elevando a temperatura a cem graus, deu ao balão nova força ascensional de perto de oitocentos quilos, erguendo-o a mais de três mil metros. Foi a maior elevação obtida durante a viagem e a temperatura baixou de tal modo que o doutor e seus companheiros tiveram de recorrer às mantas.

Fergusson apressou-se em descer, porque o invólucro do aeróstato ameaçava romper-se. Contudo, pôde ainda verificar a origem vulcânica da montanha, cujas crateras extintas não passam de profundos abismos. Grande aglomerações de excrementos de aves dão aos flancos do Mendif a aparência de rochas calcárias, havendo ali com que fertilizar as terras de todo o Reino Unido.

Às cinco horas, o Vitória, abrigado dos ventos do sul, percorria, suavemente, os declives da montanha, acabando por deter-se em vasta clareira longe de qualquer habitação. Ao tocar o solo, foram tomadas todas as precauções para retê-lo fortemente e Kennedy, de espingarda em punho, desapareceu na planície inclinada, não tardando a regressar com meia dúzia de

patos selvagens e uma espécie de narceja, que Joe preparou do melhor modo possível. A refeição foi agradável e a noite decorreu em perfeito sossego.

OS POMBOS INCENDIARIOS

No dia seguinte, onze de maio, o *Vitória* prosseguiu na sua jornada. Os viajantes tinham nele a confiança que um marinheiro tem no seu navio.

De furiosas tempestades, calores tropicais, decolagens perigosas e descidas mais perigosas ainda, de tudo em toda a parte ele escapara com felicidade. Pode-se dizer que Fergusson o guiava com um gesto. Por isso, embora ignorando o ponto de chegada, o doutor já não alimentava dúvida sobre o êxito da viagem. Apenas, naquelas terras de bárbaros e fanáticos a prudência obrigava-o a tomar as mais severas precauções, de modo que recomendou aos companheiros que ficassem de olho à espreita, em tudo e a toda a hora.

O vento levou-os um pouco mais para o norte e pelas nove horas avistaram a grande aldeia de Mosfeia, erguida em eminência por sua vez encaixada entre duas altas montanhas. Gozava de posição inexpugnável, para a qual estreita vereda, entre um pantanal e um bosque, servia de único acesso.

Naquele momento um xeque, acompanhado de escolta a cavalo, em trajes de vivas cores e precedido de tocadores de trombetas e batedores que afastavam a ramaria à sua passagem, ia entrando na aldeia.

O doutor desceu, a fim de contemplar aqueles indígenas de mais perto, mas à medida que o balão crescia aos seus olhos houve manifestação de profundo terror e aqueles valentes não tardaram a desenvolver toda a agilidade das suas pernas ou das dos seus cavalos.

Apenas o xeque ficou e, tomando o seu comprido mosquete, armou-o e esperou com altivez. O doutor aproximou-se à distância de cinco metros e na sua mais bela voz dirigiu-lhe saudações em árabe.

Aquelas palavras descidas do céu o xeque desmontou, prosternou-se na poeira do caminho e o doutor não pôde desviá-lo da sua adoração.

– É impossível disse ele que esses homens não nos tomem por seres sobrenaturais, visto que ao verem chegar os primeiros europeus os consideraram de raça sobre-humana. E quando esse xeque referir o encontro há de certamente exagerá-lo com todos os recursos de imaginação árabe. Calculem agora o que as lendas farão de nós algum dia.

– Não me parece vantajoso respondeu o caçador. Do ponto de vista da civilização, seria preferível passarmos por simples homens. Isto daria a eles idéia bem diferente do poderio europeu.

– De acordo, meu caro Dick, mas que podemos fazer? Ainda que explique minuciosamente aos sábios desta nação o mecanismo de um aeróstato, eles não saberão compreendê-lo e admitirão sempre qualquer intervenção sobrenatural.

– Meu amo interveio Joe, o senhor falou dos primeiros europeus que exploraram estas terras. Quais foram eles?

– Meu rapaz, estamos justamente na rota do major DeIlham. Foi na própria Mosfeia que o recebeu o sultão de Mandara. Tinha deixado o Bornu e acompanhava o xeque em expedição contra os felatas, quando assistiu ao ataque à aldeia, que resistiu valentemente com suas flechas às balas árabes e pôs em fuga as tropas do xeque. Eram tudo pretextos para

massacres, pilhagens e saques. O major foi completamente despojado, deixado nu, e se não fosse um cavalo sob cujo ventre pôde escapar aos vencedores, em desenfreado galope, talvez nunca mais regressasse a Cuca, capital do Bornu.

– Mas quem era esse major Denham?

– Um intrépido inglês que, de 1822 a 1824, comandou expedição do Bornu em companhia do capitão Clapperton e do doutor Oudney. Eles partiram de Trípoli no mês de março, alcançaram Murzuk, capital do Fezzan e, seguido o caminho que mais tarde devia tomar o doutor Barth para regressar à Europa, chegaram em dezesseis de fevereiro de 1823 a Cuca, perto do lago Tchad. Denham fez diversas explorações no Bornu, no Mandara e nas margens orientais do lago. Enquanto isso, a quinze de dezembro de 1823, o capitão Clapperton e o doutor Oudney mergulhavam no Sudão até Saccatu., e Oudney acabou morrendo de cansaço e esgotamento na aldeia de Murmur.

Mosfeia desaparecera havia muito do horizonte. O Mandara estendia aos olhos dos viajantes a sua surpreendente fertilidade, com florestas de acácias, locustas de flores vermelhas e plantas herbáceas dos campos de algodoeiros e das plantações de anil. O Sari, que vai lançar-se cento e vinte quilômetros adiante do lago Tchad, rolava a sua corrente impetuosa. Algumas canoas de dezesseis metros desciam o curso do rio e o Vitória a mais de trezentos metros do solo atraía a atenção dos indígenas. Mas o vento, que até então soprara com certa força, tendia a diminuir.

– Será que outra vez nos espera alguma calmaria? interrogou o doutor.

– Pelo menos, meu amo, não teremos falta de água nem deserto a recear.

– Sim, mas em compensação gente mais temível ainda.

– Aí está uma coisa que se parece com povoação.

– É Quernaque. Para lá nos levam os últimos sopros do vento e se nos convier poderemos levantar-lhe a planta exata.

– Não vamos aproximar-nos? perguntou Kennedy.

– Nada mais fácil; estamos justamente por cima da aldeia. Deixe-me girar um pouco a torneira do maçarico e não tardaremos a descer.

Meia hora depois o Vitória estacionava imóvel a setenta metros do chão.

– Cá estamos mais perto de Quernaque disse o doutor do que o estaria de Londres um homem agarrado à cúpula de São Paulo. Assim podemos ver tudo à vontade.

A capital de Logum patenteava-se em todo o seu conjunto como num mapa desdobrado. Era verdadeira cidade, com casas alinhadas e ruas bastantes largas. No meio de vasta praça, via-se mercado de escravos, com grande afluência de compradores, porque as mandarinas de pés e mãos de extrema pequenez são muito procuradas e colocam-se vantajosamente. A presença do Vitória causou o efeito esperado. A princípio, gritos, depois profundo espanto. Os negócios foram abandonados, os trabalhos suspensos e todo o ruído cessou. Os viajantes continuavam em perfeita imobilidade, não perdendo um só pormenor da populosa cidade. Chegaram mesmo a vinte metros do solo.

Então, o governador de Logum saiu da sua morada, desdobrando o seu estandarte verde, acompanhado dos seus músicos, que sopravam a toda a força dos pulmões em roucos chifres de búfalo. A multidão reuniu-se à sua volta. O doutor Fergusson tentou fazer-se ouvir, mas não o conseguiu.

Aquela gente de testa alta e cabelos de carapinha, nariz quase aquilino, parecia altiva e

inteligente, mas a presença do Vitória inquietava-a. Viam-se cavaleiros correr em todas as direções e em breve se tornou evidente que as tropas do governador se reuniam para dar combate ao inimigo extraordinário. Debalde Joe desfraldou lenços de todas as cores sem obter qualquer resultado.

Entretanto, o xeque, cercado da sua corte, reclamou silêncio e pronunciou um discurso de que o doutor nada logrou compreender. Era árabe misturado a baguirmi. Reconheceu, apenas, pela linguagem universal dos gestos, expresso convite para se afastarem. Bem o desejariam, mas a falta de vento tornava impossível. A sua imobilidade exasperou o governador e os cortesãos romperam num urro imenso para obrigar o monstro a fugir.

Eram indivíduos singulares aqueles cortesãos, com as suas cinco ou seis camisas de vivas cores. Tinham ventres enormes, alguns dos quais até parecendo postiços. O doutor surpreendeu os companheiros informando-os de que era essa a maneira de fazerem a corte ao sultão. A rotundidade do abdômen era indício de ambição entre as pessoas. Aqueles gordos homens gesticulavam e gritavam, sobretudo um deles, que devia ser primeiro-ministro caso lhe recompensassem a proeminência. A turba dos pretos unia os seus rugidos aos gritos da corte, repetindo-lhe os gestos à maneira dos macacos, o que produzia movimento único e instantâneo de milhares de braços.

A esses meios de intimidação que foram julgados insuficientes, juntaram-se outros mais enérgicos. Soldados armados de arco e flecha foram dispostos em ordem de batalha, mas já o Vitória se dilatava e erguia tranqüilamente para fora do seu alcance. O governador, apanhando então um mosquete, apontou-o para o balão, mas Kennedy, que vigiava, com uma bala da sua carabina despedaçou a arma nas mãos do xeque.

Aquele tiro inesperado produziu debandada geral. Cada qual entrou quanto antes na sua cubata e por todo o resto do dia a cidade ficou absolutamente deserta.

Chegou a noite, o vento deixou de soprar e tiveram de permanecer imóveis a cem metros do chão. Nenhuma fogueira brilhava no escuro, reinava silêncio de morte. O doutor redobrou de cautela. Semelhante calma poderia esconder alguma cilada. E Fergusson tinha razão de estar alerta. Pela meia-noite, toda a povoação surgiu como abrasada. Centenas de raios de luz cruzavam-se como foguetes, formando redes de linhas ígneas.

– Extraordinário! exclamou o doutor.

– Deus me perdoe! acrescentou Kennedy dir-se-ia que o incêndio sobe e se aproxima de nós. Com efeito, ao ruído de medonhos brados e detonações de mosquetes, aquela massa de fogo erguia-se para o Vitória. Joe preparava-se para jogar lastro fora, mas Fergusson não tardou a ter a explicação do fenômeno.

Milhares de pombos, de caudas guarneçadas de matérias combustíveis, haviam sido lançados contra o Vitória e, assustados, subiam traçando na atmosfera os seus luminosos ziguezagues. Kennedy iniciou descarga geral de todas as armas em meio àquela massa, mas que podia ele contra o exército inumerável? Já os pombos cercavam a barca e o balão, cujas paredes, refletindo a luz, pareciam cercados por rede de fogo. O doutor não hesitou e jogando fora um bloco de quartzo colocou-se longe do alcance das perigosas aves. Durante duas horas não cessaram de avistá-las, de um lado e outro, na escuridão, mas pouco a pouco o seu número foi diminuindo, até que por fim desapareceram de todo.

– Agora podemos dormir sossegados disse o doutor. Para selvagens, não foi mal concebido! observou Joe.

– Sim, eles empregam muito comumente esses pombos para incendiar as cabanas das povoações. Mas desta vez a povoação voava mais alto ainda que os seus voláteis incendiários!

Os viajantes estavam então seguindo diretamente o curso do Sari. As encantadoras margens desse rio desapareciam sob as umbrosas árvores de variados matizes. Lianas e plantas trepadeiras enroscavam-se por todos os lados, produzindo estranhas superposições de cores. Os crocodilos brincavam ao sol ou mergulhavam nas águas com vivacidade de lagartos.

Foi assim, através de natureza rica e verdejante, que se passou o distrito de Mafatai e, às nove horas da manhã, o doutor Fergusson e seus amigos alcançaram enfim a margem meridional do lago Tchad, pelas três horas da manhã, Joe, estando de quarto, viu enfim a aldeia deslocar-se a seus pés. O Vitória recomeçava a marcha. Kennedy e o doutor acordaram.

Fergusson consultou a bússola e observou com satisfação que o vento os levava para nor-nordeste.

– Estamos com sorte disse ele, tudo nos corre bem. Ainda hoje avistaremos o lago Tchad.

– É uma grande extensão de água? perguntou Kennedy.

– Considerável, meu caro Dick. No seu maior comprimento e na sua maior largura, o lago pode medir cento e noventa quilômetros.

– Sempre dará um pouco de colorido à viagem passear sobre superfície líquida.

– Parece-me que não temos razão de queixa. Ela tem sido bem variada e, sobretudo decorre nas melhores condições possíveis.

– Não há dúvida, Samuel. Excetuadas as privações do deserto, não corremos nenhum perigo sério.

– O nosso valente Vitória tem-se comportado maravilhosamente. Hoje são doze de maio, partimos a dezoito de abril, temos pois vinte e cinco dias de marcha. Mais dez dias e chegaremos ao termo.

– Onde?

– Isso não sei. Mas também que nos importa?

Ali estava o Cáspio da África, cuja existência durante tanto tempo foi relegada para a categoria das fábulas, aquele mar interior que somente fora atingido pelas expedições de Denham e de Barth.

O doutor experimentou fixar-lhe a configuração atual, muito diferente já da de 1847, mas na verdade a planta do lago é impossível de traçar. Está cercado de pântanos lodosos e quase intransponíveis, nos quais Barth esteve a ponto de morrer. De um ano para outro, os pântanos, cobertos de caniços e de papiros de cinco metros, incorporam-se ao próprio lago, não sendo raro também que aldeias erguidas nas suas bordas sejam submersas, como sucedeu a Ngornu em 1856. Ainda agora, os hipopótamos e crocodilos mergulham nos lugares onde se viam as habitações de Bornu.

O sol derramava os seus raios ardentes sobre aquela água tranqüila, e ao norte os dois elementos confundiam-se no mesmo horizonte.

O doutor desejou verificar a natureza da água, que por muito tempo se julgou salgada, e como não houvesse o menor perigo em aproximar-se da superfície do lago, a barca veio aflorá-lo, como ave, a dois metros de distância.

Joe mergulhou uma garrafa e retirou-a cheia pela metade. Acharam a água pouco potável e

com certo gosto de carbonato de sódio.

Enquanto o doutor anotava o resultado da experiência, um tiro de espingarda estalou a seu lado. Kennedy não pudera resistir ao desejo de enviar uma bala a monstroso hipopótamo. O animal, que respirava tranqüilamente, desapareceu ao ruído da detonação e a bala cônica do caçador não pareceu causar-lhe outro inconveniente.

– Teria sido melhor arpoá-lo comentou Joe. E como?

– Com uma de nossas âncoras, um arpão à altura do animal.

– Não é que o Joe teve uma boa idéia?

– Que eu peço por favor não seja posta em prática! replicou o doutor. O animal nos arrastaria sabe Deus para onde.

– Ainda mais agora que sabemos que a água do Tchad é de má qualidade. Será que se come tal peixe, senhor Fergusson?

– Esse peixe é simplesmente um mamífero do gênero dos paquidermes. Dizem que sua carne é excelente e é muito apreciada pelas tribos ribeirinhas do lago, que dela fazem objeto de comércio.

– E pena que o tiro do senhor Dick tenha falhado. aquele animal só é vulnerável no ventre e entre as coxas. A bala deve ter resvalado. Se, porém, o terreno me parecer propício, vamos parar na extremidade setentrional do lago. Lá o Kennedy vai encontrar boa coleção e poderá tirar a desforra à vontade.

– Que ótimo! exclamou Joe. Tomara que o senhor Kennedy apanhe um hipopótamo! Não seria mau provar a carne do bicho! Não tem cabimento a gente chegar ao centro da África para continuar comendo galinholas e perdizes como na Inglaterra.

SACRIFÍCIO SUBLIME

A sua chegada ao lago Tchad, o Vitória encontrara corrente que se inclinava mais para oeste. Algumas nuvens atenuavam o calor do dia e sentia-se vibração ligeira naquele vasto lençol de água. Lá pelas treze horas, o balão, tendo cortado em diagonal aquela parte do lago, avançou outra vez pelas terras, por extensão de doze quilômetros.

O doutor, um pouco contrariado a princípio com a direção, não pensou mais em queixar-se quando avistou a cidade de Cuca, a célebre capital do Bornu. Pôde entrevê-la por instante, rodeada das suas muralhas de argila branca. Algumas grosseiras mesquitas erguiam-se pesadamente acima daquela multidão de dados de jogar com que se parecem as casas árabes. Nos pátios das moradas e nas praças públicas avultavam palmeiras e seringueiras, coroadas por zimbório de folhagem com mais de trinta metros de largura. Joe observou que aqueles imensos guarda-sóis estavam em relação com o ardor dos raios solares, daí extraindo conclusões muito lisonjeiras para a Providência.

Cuca compõe-se, realmente, de duas cidades distintas, separadas pelo dental, largo bulevar de seiscentos metros, então atulhado de peões e cavaleiros. De um lado, coloca-se a cidade rica, com suas casas altas e arejadas. Do outro, comprime-se a cidade pobre, triste amontoado de cabanas baixas e cônicas onde vegeta população indigente, pois Cuca não é comercial nem industrial. Kennedy achou-lhe alguma semelhança com uma Edimburgo que se estendesse em planície com suas duas cidades perfeitamente determinadas.

Mas os viajantes mal puderam dar a tudo aquilo um relance de olhos, porque, com a mobilidade que caracteriza as correntes da região, um vento contrário desviou-os bruscamente, levando-os por cerca de setenta e cinco quilômetros sobre o lago Tchad.

Era novo espetáculo. Podiam-se contar as numerosas ilhas do lago, habitadas pelos biddiomahs, piratas sanguinários muito temidos e cuja vizinhança é tanto para temer quanto a dos tuaregues do Saara. Os selvagens preparavam-se para receber corajosamente o Vitória a golpes de flecha e a pedradas, mas este não tardou a passar pelas ilhas sobre as quais adejava como gigantesco escaravelho.

Joe olhava o horizonte e, dirigindo-se a Kennedy, disse-lhe:

– Com a brecai o senhor que anda sempre pensando em caça tem ali com que se distrair.

Que é, Joe?

– E desta vez meu amo não se há de opor aos seus tiros. Mas que há, afinal?

– Não vê além aquele enorme bando de aves que se dirige para nós?

– Aves! acudiu o doutor apanhando a luneta.

– Agora as vejo respondeu Kennedy. São pelo menos uma dúzia.

– Catorze, se me dá licença! emendou Joe.

– Deus permita que elas sejam de alguma espécie bem maligna, para que o sensível Fergusson nada tenha a objetar-me!

– Nada objetarei interveio o doutor, mas preferia bastante ver aquelas aves longe de nós.

– Está com medo delas? perguntou Joe.

– São variedade de abutres e dos maiores. Se nos atacarem, . .

– Ora essa! Pois defendamo-nos, Samuel! Temos bom arsenal para recebe-los. Não me parece que sejam assim tão temíveis!

– Quem sabe? respondeu o doutor.

Dez minutos depois o bando estava ao alcance do tiro de espingarda. As catorze avantesmas enchiam o ar com os seus gritos roucos, avançando para o Vitória, mais irritadas que assustadas com a sua presença.

– Como grasnam! exclamou Joe que barulho! Decerto não concordam que lhes invadam os domínios ou se atrevam a voar como eles.

– Joe! Joe! bradou Fergusson atordoado.

– Com efeito observou o doutor têm ar bastante façanhudo e parecer-me-iam em verdade temíveis se estivessem armadas de carabinas.

– Não precisam dissoolveu Fergusson, com um ar muito sério.

Os abutres voavam traçando imensos círculos que se iam contraindo pouco a pouco em redor do Vitória. Sulcavam o ar com velocidade fantástica, precipitando-se às vezes com rapidez de bala e quebrando a sua linha de projeção por ângulo brusco e ousado. O doutor, preocupado, resolveu elevar-se na atmosfera para escapar à perigosa vizinhança e dilatou o hidrogênio do balão que não demorou a subir. Os abutres subiram com ele, pouco dispostos a abandoná-lo.

– Não parecem ter boas intenções! disse o caçador armando a carabina.

Na verdade as aves aproximavam-se e mais de uma, chegando apenas a quinze metros, pareciam desafiar as armas de Kennedy.

– Estou com imensa vontade de mandar-lhes uma bala acrescentou.

– Não, Dick, não! Vamos enfurece-los sem motivo. Seria o mesmo que convidá-los a atacarnos.

– Ah! Eu logo daria cabo deles!

– Engana-se, Dick.

– Temos uma bala para cada um.

– E se eles se lançarem contra a parte superior do balão, como vai atingi-los? Precisa agir como se se encontrasse em presença de um bando de leões em terra, ou de tubarões em pleno oceano! Para aeronautas, a situação não é menos perigosa.

– Fala sério, Samuel?

Com a maior seriedade.

– Neste caso, esperemos.

– Espere. Apronte-se para o caso de ataque, mas não faça fogo sem minha ordem.

As aves amontoavam-se então a pequena distância. Distinguiam-se perfeitamente os pescoços pelados tensos por efeito dos gritos, e as cristas cartilagosas, guarnecidas de papilas violetas, que se erguiam com furor. Eram de enorme envergadura. O corpo tinha mais de metro de comprimento e a parte inferior das asas brancas resplandecia ao sol. Dir-se-iam tubarões alados, com os quais de resto muito se assemelhavam.

– Estão-nos seguindo disse o doutor vendo-os erguer-se com ele e não adianta subirmos mais porque eles sempre nos acompanhariam.

– Que fazer, então? perguntou Kennedy.

O doutor não respondeu.

– Escute, Samuel tornou o caçador, esses abutres são catorze, nós temos dezessete tiros à

nossa disposição, fazendo fogo com todas as armas. Não haverá meio de destruí-los ou dispersá-los? Eu por mim encarrego-me de bom número.

– Não duvido da sua perícia, Dick. De bom grado considero mortos os que passarem ao alcance da sua carabina. Mas, repito, por pouco que eles ataquem o hemisfério superior do balão, não conseguirá vê-los. Se eles romperem o invólucro que nos sustenta, não se esqueça de que estamos a dez mil metros de altura!

Naquele instante, uma ave mais feroz veio direta ao Vítória, de bico e garras abertas, pronta a despedaçá-lo. Fogo! fogo! gritou o doutor.

Mal acabava de falar e já a ave, ferida de morte, caía rolando no espaço. Kennedy apanhou logo uma das espingardas de dois canos e Joe levou outra à cara.

Assustados com a detonação, os abutres afastaram-se um momento, mas voltaram quase imediatamente à carga com redobrada fúria. Kennedy ao primeiro disparo cortou o pescoço do mais próximo e Joe despedaçou a asa de outro.

– Apenas onze disse ele.

Mas então as aves mudaram de tática e de comum acordo elevaram-se acima do Vítória. Kennedy olhou Fergusson.

Apesar da sua energia e impassibilidade, este empalideceu o houve um momento de silêncio aterrador. Em seguida, ouviu-se um dilacerar estridente como o de seda que se rasga o a barca fugiu sob os pés dos viajantes.

– Estamos perdidos! gritou Fergusson levando os olhos ao barômetro, que subia com rapidez. Depois acrescentou:

– Fora o lastro, fora! Em alguns segundos todos os fragmentos de quartzo tinham desaparecido.

– Continuamos caindo! Esvazie as caixa-d'água, Joe! Está ouvindo? Vamos cair no lago!

Joe obedeceu e o doutor debruçou-se. O lago parecia vir ar seu encontro como a maré quando sobe. Os objetos cresciam a olhos vistos, a barca não estava a mais de setenta metros da superfície do Tchad.

– As provisões! As provisões! tornou a gritar o doutor.

A caixa que as continha foi jogada no espaço. A queda tornou-se menos rápida, mas os desventurados caíam sempre. Mais! Joguem tudo fora!– gritou o doutor pela última vez.

– Não há mais nada respondeu Kennedy.

– Há, sim! interveio laconicamente Joe, persignando-se com mão rápida.

E atirou-se pela borda da barca.

– Joe! Joe! bradou Fergusson aterrado.

Mas Joe já não o podia ouvir. O Vítória deslastrado retomou a sua marcha ascensional, subiu a trezentos metros nos ares e o vento engolfando-se no invólucro murcho arrastou-o para as bandas setentrionais do lago.

– Perdido! gritou o caçador com gesto de desespero.

– Perdido para salvar-nos! acrescentou Fergusson.

o aqueles homens tão intrépidos sentiram duas grossas lágrimas escorrer-lhes dos olhos. Debruçaram-se com o intuito de avistar ainda o infeliz Joe, mas já estavam longe.

– Que iremos fazer? perguntou Kennedy.

– Descer à terra logo que isso seja possível, Dick, e depois esperar.

Após travessia de mais de cem quilômetros, o Vítória pousou numa costa deserta, ao norte do

lago. As âncoras prenderam-se a uma árvore de pequena altura e o caçador foi segurá-las bem.

Caiu a noite, mas nem Fergusson nem Kennedy puderam adormecer por um momento.

EXPLORAÇÃO DO LAGO TCHAD

No dia seguinte, treze de maio, os viajantes começaram por reconhecer a parte da costa que ocupavam. Era uma espécie de ilha de terra firme em meio de imenso pântano. A volta daquele pedaço de terreno sólido erguiam-se canaviais altos como as árvores da Europa e que se estendiam a perder de vista. Aqueles pantanais inacessíveis tornavam segura a posição do Vitória, devendo-se apenas vigiar do lado do lago. O vasto lençol de água ia-se alargando, sobretudo, para leste e nada aparecia no horizonte, continente ou ilhas.

Os dois amigos não haviam tido coragem de falar do desventurado companheiro. Kennedy foi o primeiro a participar as suas conjeturas ao doutor.

– Joe talvez não esteja perdido disse ele. É um rapaz esperto e um nadador como existem poucos. Ainda o havemos de tornar a ver. Quando e como não sei, mas do nosso lado nada esqueceremos para dar-lhe ocasião de vir ter conosco.

– Deus o ouça, Dick! voltou o doutor emocionado. Faremos tudo o que for possível para tornar a encontrar o nosso amigo. Começemos por orientar-nos, mas antes de mais nada desembaracemos o Vitória desse invólucro exterior que não tem mais utilidade. Simplesmente nos libertamos de peso considerável, de trezentos e vinte quilos, o que vale bem a pena.

O doutor e Kennedy puseram mãos à obra. Tiveram grandes dificuldades, pois foi necessário arrancar pedaço a pedaço o tafetá muito resistente e cortá-lo em pequenas tiras para desprende-lo das malhas da rede. O rasgão produzido pelo bico das aves de rapina estendia-se por vários centímetros.

A operação levou pelo menos quatro horas, mas, por fim, o balão interno, completamente livre, parecia nada ter sofrido. O Vitória ficou diminuído de um quinto, diferença sensível bastante para surpreender Kennedy.

– Será que chega? perguntou ele ao doutor.

– Quanto a isso não se preocupe. Eu restabelecerei o equilíbrio e, se o nosso pobre Joe voltar, retomaremos com ele a costumada rota.

– Quando se iniciou a nossa queda, Samuel, se a memória não me falha, devíamos estar perto de uma ilha.

– Também me recordo, mas tal ilha, como em geral as do Tchad, é com toda a certeza habitada por alguma raça de piratas e assassinos. Os selvagens foram talvez testemunhas da nossa catástrofe e se Joe lhes caiu nas mãos não vejo o que será dele a menos que a superstição o proteja.

– Repito que ele é homem para livrar-se de apertos. Tenho confiança na sua habilidade e inteligência.

– Assim o espero. Agora vá caçar nos arredores, mas sem se afastar muito. Precisamos renovar os víveres cuja maior parte foi sacrificada.

– Está bem, Samuel, não ficarei muito tempo ausente.

Kennedy apanhou uma espingarda de dois canos e avançou através das altas ervas para um matagal próximo. Frequentes detonações logo informaram o doutor de que a caçada estava sendo proveitosa.

Enquanto isso, Fergusson ocupou-se em fazer levantamento dos objetos conservados na barca e procurar o equilíbrio do segundo aeróstato. Restavam quinze quilos de carne de conserva, alguns pacotes de chá e café, cerca de seis litros de aguardente e uma caixa-d'água completamente vazia. A carne-seca desaparecera toda.

Sabia o doutor que com a perda do hidrogênio do primeiro balão a sua força ascensional se encontrava reduzida de mais ou menos quinhentos quilos, e teve de basear-se nesta diferença para reconstituir o equilíbrio. O novo Vitória tinha a cubagem de dois mil, quatrocentos e doze metros cúbicos e encerrava mil, trezentos e cinco metros cúbicos de gás. O aparelho de dilatação parecia em bom estado e tanto a pilha como a serpentina nada haviam sofrido. A força ascensional do novo balão era pois de mil e quinhentos quilos aproximadamente. Somando-se o peso do aparelho, dos viajantes, da provisão de água, da barquinha e seus acessórios, e embarcando cinqüenta galões de água e cem quilos de carne fresca, chegava-se ao total de mil, quatrocentos e vinte quilos. Era portanto possível conduzir oitenta e cinco quilos de lastro para os casos imprevistos e o aeróstato encontrar-se-ia equilibrado no ar ambiente.

Foram tomadas disposições adequadas e o peso de Joe foi substituído por acréscimo de lastro. O dia inteiro foi gasto nos diversos preparativos, que só terminaram com o regresso de Kennedy. O caçador lograra boa colheita: vinha carregado de gansos, patos selvagens, narcejas, cércetas e tarambolas, caça que tratou de preparar e secar. Cada peça, enfiada em delgado espeto, foi suspensa sobre fogueira de lenha verde. Quando Kennedy, que entendia do assunto, julgou o preparo conveniente, armazenou tudo na barquinha. No dia seguinte completaria as suas provisões.

A noite surpreendeu os viajantes em meio daquele trabalho. Cearam carne de conserva, biscoito e chá. A fadiga, que começara por dar-lhes apetite, trouxe-lhes também o sono. Cada qual durante o seu quarto de vigia interrogou as trevas, imaginando por vezes ter ouvido a voz de Joe, mas estava bem longe essa voz que tanto desejariam ouvir!

Aos primeiros raios do sol o doutor acordou Kennedy.

- Pensei muito disse ele no que devemos fazer para encontrar o nosso companheiro.
- Seja qual for o seu projeto, Samuel, aprovo-o de antemão. Fale.
- Antes de tudo, é imprescindível que Joe tenha notícias nossas.
- Evidentemente! De outro modo o digno rapaz iria julgar que o abandonamos.
- Não! Ele conhece-nos muito bem. Nunca semelhante idéia lhe ocorreria, mas precisa saber onde estamos.

De que maneira?

- Vamos entrar na barquinha e subir.
- E se o vento levar-nos para longe?
- Tal não acontecerá, felizmente. Observe, Dick, o vento nos levará para o lago e esta circunstância que ontem era prejudicial, é hoje propícia. Nossos esforços tenderão a manter-nos sobre aquela vasta extensão de água durante todo o dia. Joe não poderá deixar de ver-nos nas alturas, para onde incessantemente volverá os olhos. Talvez até consiga informar-nos do lugar onde se encontra.
- Se estiver sozinho e livre, não há dúvida de que o fará.
- E se estiver prisioneiro continuou o doutor, como não é costume dos indígenas trancar os seus cativos, ele há de ver-nos e compreenderá o fim das nossas buscas.

– Mas enfim tornou Kennedy , como é natural prevermos todas as hipóteses, se não encontrarmos nenhum indício, se ele não tiver deixado nenhum vestígio da sua passagem, que faremos?

– Tentaremos alcançar de novo a parte setentrional do lago, mantendo-nos o mais em evidência possível. Lá esperaremos, percorrendo e esquadrinhando as margens, às quais Joe sem dúvida tentará chegar, e não sairemos dali sem esgotar todos os meios de encontrá-lo.

– Vamos então respondeu o caçador.

O doutor levantou a planta exata daquela região de terra firme que ia deixar. Calculou, de acordo com seu mapa, que se encontrava ao norte do Tchad entre a povoação de Lari e a aldeia de Ingemini, ambas visitadas pelo major Denham. Enquanto isso, Kennedy completou as suas provisões de carne fresca. Embora os pântanos circunvizinhos apresentassem indícios da existência de rinocerontes, lamantins e hipopótamos, não se encontrou um único desses enormes animais.

Às sete horas da manhã, não sem grandes dificuldades que o pobre Joe venceria facilmente, a âncora foi desprendida da árvore. O gás dilatou-se e outra vez o Vitória subiu a setenta metros. A princípio hesitou girando sobre si mesmo, mas por fim, levado por corrente bastante viva, avançou para o lago, não tardando a correr com velocidade de quarenta quilômetros à hora.

O doutor mantinha-se constantemente a uma altura que variava de sessenta a duzentos metros. Kennedy descarregou várias vezes a carabina. Por cima das ilhas, os viajantes aproximavam-se até com alguma imprudência, esquadrinhando com a vista os bosques, as matas, as balseiras, por toda a parte onde alguma sombra, alguma anfractuosidade de rocha pudesse abrigar o companheiro perdido. Desciam perto das longas pirogas que sulcavam o lago e os pescadores ao vê-los jogavam-se à água e nadavam até às ilhas com evidentes demonstrações de terror.

– Não conseguimos ver nada disse Kennedy após duas horas de buscas.

– Esperemos, Dick, não convém desanimar. Devemos estar perto do lugar do acidente.

As onze horas, o Vitória tinha avançado cento e setenta quilômetros, encontrando então nova corrente que, quase em ângulo reto, levou-o para leste durante cerca de doze quilômetros. Planava sobre uma ilha muito grande e muito povoada, que o doutor julgou ser Farram, onde se encontra a capital dos biddiomahs. Esperava ver Joe surgir de alguma moita, fugindo e chamando-o. Livre, poderiam recolhê-lo sem dificuldade. Prisioneiro, renovando-se a manobra empregada com o missionário, logo estaria entre os seus amigos. Mas nada apareceu, nada aconteceu. Era para desesperar!

O Vitória chegou às duas horas e meia à vista de Tangália, cidade situada na margem oriental do Tchad, e que marcava o ponto extremo alcançado por Denham na época da sua exploração.

O doutor preocupou-se com a persistente direção do vento percebendo-se levado para leste, impelido para o centro da África, onde se estendem os desertos intermináveis.

– Precisamos urgentemente parar disse ele , e até mesmo descer em terra. Sobretudo no interesse de Joe devemos regressar ao lago. Mas antes, cuidemos de achar corrente oposta.

Durante mais de uma hora procurou em diferentes zonas. O Vitória continuava derivando para a terra firme mas, felizmente, a trezentos metros, vento bem forte levou-o para noroeste.

Não era possível que Joe tivesse ficado retido numa das ilhas do lago, pois, em caso

afirmativo, teria achado meio de indicar a sua presença. Decerto, haviam-no transportado para terra. Assim cogitava o doutor quando tornou a avistar a margem setentrional do Tchad. Pensar que Joe se tivesse afogado era inadmissível. Uma idéia pavorosa atravessou o espírito de Fergusson e Kennedy: os crocodilos são numerosos naquelas paragens! Mas nenhum deles teve coragem de formular tal apreensão. Contudo ela ocorreu tão manifestamente a ambos, que o doutor disse sem outros preâmbulos.

– Só há crocodilos nas margens das ilhas ou do lago. Joe seria bastante hábil para evitá-los. De resto, eles são pouco perigosos e os africanos banham-se impunemente sem receio de ataques.

Kennedy não respondeu, preferindo calar-se a discutir a terrível possibilidade.

O doutor assinalou a povoação de Lari às cinco horas da tarde. Os habitantes ocupavam-se da colheita do algodão diante das cabanas de caniços entrelaçados, dentro de cercados limpos e cuidadosamente mantidos. Aquele aglomerado de cinquenta cabanas ocupava leve depressão do terreno num vale estendido entre montanhas baixas. A violência do vento levava o doutor para mais longe do que pretendia, mas ele mudou outra vez e conseguiu voltar ao ponto de partida, justamente àquela espécie de ilha firme onde passara a noite anterior.

A âncora, não tendo encontrado ramos de árvores, prendeu-se a um bloco de caniços seguros ao lado espesso do pântano e de considerável resistência. Fergusson teve bastante dificuldade em conter o aeróstato, mas por fim o vento cedeu com a noite e os dois amigos ficaram ambos de vigia, quase desesperados.

O FURACÃO

Às três horas da manhã, o vento rugia e soprava com tal violência que o Vítória não poderia ficar perto de terra sem grande perigo. Os caniços fustigavam-lhe o invólucro, ameaçando rasgá-lo.

– Precisamos partir disse o doutor. Não podemos ficar nesta situação.

E Joe, Samuel?

– De modo algum penso abandoná-lo! Ainda que o furacão me levasse duzentos quilômetros para o norte, eu voltaria. Mas aqui, estamos comprometendo a segurança de todos!

– Partir sem ele! tornou o escocês, em tom de profunda mágoa.

– Imagina então volveu Fergusson que o meu coração não sangra como o seu? Obedeço apenas a imperiosa necessidade!

– Estou a seu dispor respondeu Kennedy. Vamos lá! Mas a saída apresentava grandes dificuldades. A âncora, profundamente encravada, resistiu a todos os esforços, e o balão, puxando em sentido inverso, mais ainda aumentava a resistência. Kennedy não conseguiu arrancá-la. Além disso, naquela posição a manobra tornava-se muito perigosa, pois o Vítória podia elevar-se antes que eles lograssem embarcar.

O doutor, não desejando correr semelhante risco, obrigou o escocês a entrar na barquinha e resignou-se a cortar a corda da âncora. O Vítória deu um salto de cem metros para o ar e rompeu em direção ao norte.

Fergusson, impossibilitado de resistir à tormenta, cruzou os braços e mergulhou em profundas reflexões.

Após alguns instantes de completo silêncio, voltou-se para Kennedy não menos taciturno.

– Estou-me convencendo de que tentamos a Deus disse ele. Não compete a simples homens empreender semelhante viagem!

Um suspiro de tristeza escapou-lhe do peito.

– Ainda há poucos dias acrescentou o caçador nos Felicitávamos de ter escapado a grandes perigos, apertando-nos a mão todos três!

– Pobre Joe! Bela e boa alma! Bravo e leal coração! Um momento deslumbrado pelas riquezas, logo se prontificou a sacrificar os seus tesouros! Agora está longe de nós, e o vento arrasta-nos com invencível rapidez!

– Vejamos, Samuel, admitindo que ele tenha achado asilo entre as tribos do lago, não lhe poderá suceder o mesmo que aos viajantes que aqui estiveram antes de nós, a Denham e a Barth? Esses tornaram a ver a pátria!

– Ah! meu pobre Dick, Joe não sabe uma palavra dessa língua! Está sozinho e sem recursos. Os viajantes de que falas só avançaram mandando aos chefes numerosos presentes, entre escoltas, armados e preparados para tais expedições. E ainda assim não puderam evitar sofrimentos e tribulações da pior espécie! Que queres tu que suceda ao nosso desventurado companheiro? É horrível pensar nisso, e este é um dos maiores desgostos que até hoje tenho experimentado!

– Mas nós voltaremos, Samuel!

– Sim, devemos de voltar, ainda que para tanto devemos abandonar o Vitória, ainda que tenhamos de alcançar a pé o lago Tchad e travar relações com o sultão de Bornu! Os árabes não guardam talvez má impressão dos primeiros europeus.

– Irei também Samuel respondeu o caçador com energia. Podes contar comigo! Ainda que tenhamos de renunciar ao fim da viagem! Joe sacrificou-se por nós, devemos sacrificar-nos por ele! Essa resolução levantou um pouco o ânimo dos dois homens que se sentiram fortes da mesma idéia. Fergusson empregou todos os meios para se lançar numa corrente contrária que os aproximasse do Tchad; mas foi impossível, e a mesma descida se tornava impraticável num terreno despido e com um furacão daquela violência.

O Vitória atravessou então o país dos tibues, transpôs o Belad el Djérid, região inóspita que forma a orla do Sudão, e penetrou no deserto de areia sulcado de longas pegadas de caravanas. A derradeira linha de vegetação logo se confundiu com o céu no horizonte meridional, não longe do principal oásis daquela parte da África, cujos cinquenta poços ficam à sombra de árvores maravilhosas. Mas foi impossível parar. Um acampamento árabe, com tendas de panos raiados, e alguns camelos que estendiam na areia as suas cabeças de víbora animavam aquela solidão, O Vitória passou como estrela candente, percorrendo distância de cento e quinze quilômetros em três horas, sem que Fergusson lograsse orientar-lhe a corrida.

– Não podemos parar! disse ele nem podemos descer! Não há uma árvore, um relevo de terreno. Iremos atravessar o Saara? Positivamente, Deus está contra nós!

Falava assim com intenso desespero, quando viu ao norte as areias do deserto erguerem-se em densa nuvem, revolvendo-se sob o impulso de correntes opostas.

Em meio ao turbilhão, quebrada, dispersa, desordenada, uma caravana inteira desaparecia sob a avalanche de areia. Os camelos em confusão soltavam gemidos surdos e lastimosos. Gritos e rugidos rompiam daquele nevoeiro sufocante. Por vezes, alguma veste de pano colorido cortava o caos com as suas vivas cores, enquanto o mugido da tormenta dominava a cena de destruição. A areia não tardou a acumular-se em massas compactas e ali onde momentos antes se desdobrava planície lisa, erguia-se agora colina ainda movediça, túmulo gigantesco de uma caravana sepultada.

O doutor e Kennedy, pálidos, contemplavam o terrível espetáculo, sem poderem manobrar o balão que redemoinhava entre correntes contrárias, não obedecendo mais às diferentes dilatações do gás. Envolvida naqueles desencontros do ar, a barca turbilhonava com vertiginosa rapidez, descrevendo vastas oscilações. Os instrumentos suspensos sob o toldo ameaçavam quebrar-se nos choques, os tubos da serpentina dobravam-se até a ruptura, as caixas-d'água deslocavam-se com estrépito. A setenta centímetros de distância, os viajantes não conseguiam ouvir-se e, com as mãos crispadas seguras ao cordame, tentavam equilibrar-se no furor da tormenta. Kennedy, de cabelos revoltos, olhava sem nada dizer. O doutor recuperara toda a sua audácia no meio do perigo e nada transparecia em seu rosto das violentas emoções que sentia, mesmo quando após derradeiro giro o Vitória se encontrou subitamente detido em calma inesperada: o vento norte apanhara-o por baixo e impelia-o em sentido inverso para a rota da manhã com velocidade não inferior.

– Para onde vamos? gritou Kennedy.

– Para onde a Providência quiser, meu caro Dick. Fiz mal em duvidar dela. Ela sabe melhor do que nós o que convém e aqui estamos voltando a lugares que não mais esperávamos ver.

O chão, tão plano e igual durante a ida, estava agora revolvido como mar depois da tempestade. Infinidade de pequenos montículos mal firmes pontilhava o deserto, o vento soprava com violência e a Vitória corria pelo espaço. A direção seguida pelos viajantes pouco diferia da que tinham seguido de manhã, de modo que pelas nove horas, em vez de encontrarem as margens do Tchad, viam ainda o deserto estender-se diante deles.

Kennedy fez uma observação nesse sentido.

– Isso não importa respondeu o doutor o que interessa é voltar ao sul. Encontraremos as aldeias de Bornu, Wuddia ou Cuca e não hesitarei em parar.

– Se assim o entende, também eu volveu o caçador. Mas queira Deus não sejamos obrigados a atravessar o deserto como aqueles infelizes árabes! O que vimos é horrível.

– E repete-se com muita frequência, Dick. As travessias do deserto não são menos perigosas que as do oceano. O deserto esconde todos os perigos do mar, até o afogamento, e, além disso, canseiras e privações insuportáveis.

– Parece-me atalhou Kennedy que o vento tende a acalmar. A poeira das areias é menos compacta, o revolteio diminui e o horizonte clareia.

– Tanto melhor! Precisamos examinar atentamente com a luneta, de modo que nenhum ponto nos escape.

– Eu me encarrego disso, Samuel, e não passará uma árvore sem que seja avisado.

E o caçador, empunhando a luneta, instalou-se à frente da barquinha.

A HISTORIA DE Joe

Que fora feito de Joe durante as buscas inúteis do amo?

Ao precipitar-se no lago, o seu primeiro movimento à superfície foi olhar para cima. Viu o Vitória, já muito alto, subir com enorme rapidez, que em seguida decresceu pouco a pouco e, logo depois, levado por forte corrente, desaparecer para o norte. Seu amo, seus amigos estavam salvos.

– Foi uma sorte pensou eu ter tido esta idéia de atirar-me ao Tchad. Ela não deixaria de ocorrer ao senhor Kennedy e sem dúvida ele não hesitaria em fazer o mesmo que eu, pois é muito natural que um homem se sacrifique para salvar outros dois. Isto é infalível.

Tranqüilo a esse respeito, Joe cuidou de pensar em si. Estava no meio de lago imenso, cercado de tribos desconhecidas e provavelmente ferozes. Mais uma razão para tentar sair do apuro, contando apenas consigo, e nem por isso se assustou mais.

Antes do ataque das aves de rapina, que na sua opinião se tinham conduzido como verdadeiros abutres, ele avistara uma ilha no horizonte. Resolveu dirigir-se para ela e pôs-se a desenvolver todos os seus recursos em matéria de natação, depois de haver-se desembaraçado da parte mais incômoda das roupas. Um passeio de nove ou dez quilômetros não o preocupava muito, de modo que ao ver-se em pleno lago só pensou em nadar vigorosamente. Ao cabo de hora e meia, a distância que o separava da ilha já era pequena.

A medida, porém, que se ia aproximando da terra, uma idéia, a princípio vaga e logo persistente, apoderou-se de seu espírito. Sabia que as margens do lago estavam coalhadas de enormes crocodilos e conhecia a voracidade de tais feras.

Embora fosse hábito seu achar tudo muito natural neste mundo, o digno moço sentiu-se invencivelmente perturbado. Receava que a carne branca fosse especialmente do agrado dos crocodilos e avançou com as maiores precauções, de olho à espreita. Não distava mais de uma centena de braços de uma das praias sombreadas de árvores verdes, quando uma lufada de ar, carregada de penetrante aroma de almíscar, o envolveu.

– Bem! disse ele eis aí o que eu temia. O crocodilo não anda longe!

E mergulhou rapidamente, mas não tanto que lhe permitisse evitar o contacto de um corpo enorme cuja epiderme escamosa o arranhou de passagem. Julgou-se perdido e saiu a nadar com desesperada velocidade. Voltou à tona, respirou e tornou a desaparecer. Teve ali um quarto de hora de indizível angústia que nem toda a sua filosofia pôde vencer, julgando sempre ouvir atrás de si o ruído daquela vasta mandíbula pronta e devorá-lo. Ia deslizando entre duas águas, o mais devagar possível, quando se sentiu seguro por um braço e, depois, pelo meio do corpo. Pobre Joe! Depois de último pensamento ao amo, rompeu a lutar com desespero, sentindo-se atraído não para o fundo do lago, como é costume fazerem os crocodilos para devorar a presa, mas para a superfície. Mal pôde respirar e abrir os olhos, viu-se entre dois negros cor de ébano. Os africanos seguravam-no fortemente, soltando estranhos gritos.

– Que diabo! não pôde Joe impedir-se de exclamar negros em vez de crocodilos? Bolas! Prefiro isto! Mas como é que estes velhacos ousam banhar-se nestas paragens?

Joe ignorava que os habitantes das ilhas do Tchad, como muitos outros pretos, mergulham impunemente nas águas infestadas de crocodilos, despreocupados da sua presença. Os anfíbios daquele lago gozam da merecida reputação de sáurios inofensivos.

Mas não teria Joe evitado um perigo justamente para cair noutra? Foi o que deixou aos acontecimentos decidirem e como nada podia-fazer consentiu que o levassem para a margem sem mostrar o menor temor.

"Sem dúvida disse consigo esta gente viu o Vitória passar sobre as águas do lago como monstro dos ares. Testemunhou de longe a minha queda e não pode deixar de ter deferências com um homem caído do céu! Vamos a ver o que acontece!"

Assim refletia Joe no momento de chegar a terra, em meio a uma turba ululante, de todos os sexos, de todas as idades, mas não de todas as cores. Achava-se numa tribo de biddiomahs de esplêndida negrura. Nem sequer teve de corar pela sua roupa sumária, pois encontrava-se despido segundo a moda do país.

Antes, porém, de ter tempo de pensar na sua situação, notou as adorações de que era objeto, o que não deixou de agradá-lo, embora lhe voltasse à memória o episódio de Kazeh.

"Pressinto que vou tornar-me um deus, um filho da lua! Pois bem! Tanto vale este ofício como outro, visto não haver por onde escolher. O essencial é ganhar tempo. Se o Vitória tornar a passar, aproveitarei a minha nova posição para dar aos meus adoradores o espetáculo de uma ascensão miraculosa." Enquanto refletia desse modo, a turba comprimia-se em redor dele. Prosternava-se, uivava, apalpava-o, ia-se familiarizando, mas ainda assim teve a idéia de oferecer-lhe festim magnífico, composto de leite azedo com arroz moído e mel. O digno moço, tirando partido de tudo, fez então uma das melhores refeições da sua vida e deu ao seu povo uma alta idéia do modo como os deuses devoram nas grandes ocasiões.

Ao cair da noite, os feiticeiros da ilha tomaram-no, respeitosamente, pela mão e conduziram-no a uma espécie de casa cercada de talismãs. Antes de entrar, Joe lançou olhar bastante inquieto aos montes de ossos que se erguiam à volta do santuário, ficando-lhe muito tempo para meditar na sua situação depois de ser fechado na cabana.

Durante uma parte da noite ouviu cantos festivos, os rufos de uma espécie de tambor e tinir de ferros, decerto bem suaves para ouvidos africanos. Coros de uivos acompanharam danças intermináveis que envolviam a sagrada cabana em suas contorções e caretas.

Joe pôde observar o conjunto atordoante através das paredes de barro e bambu da cabana. Talvez em qualquer outra circunstância experimentasse vivo prazer em contemplar aquelas estranhas cerimônias, mas não tardou a atormentá-lo uma idéia bastante desagradável. Mesmo tomando as coisas pelo pouco.

Seu lado melhor, achou idiota e muito triste estar perdido naquela terra selvagem, entre semelhante gente. Poucos viajantes haviam tornado a ver a pátria depois de se terem aventurado até aquelas paragens. Podia, além disso, confiar na adoração de que se via objeto? Boas razões tinha para acreditar na vaidade das grandezas humanas! E perguntava a si mesmo se naquela terra a adoração não iria até ao extremo de comer o adorado.

A despeito da perspectiva, após algumas horas de meditação, a fadiga prevaleceu sobre as idéias sombrias, e Joe caiu em sono bem profundo, que decerto se prolongaria até ao romper do dia seguinte se inesperada umidade não acordasse o dorminhoco.

A umidade não tardou a fazer-se água e a água subiu tanto que lhe chegou à cintura.

"Que diabo será isto? perguntou-se. Inundação? Tromba? Ou algum novo suplício destes

:pretos? Por Deus! não esperarei que ela me suba ao pescoço!”

Assim dizendo, derrubou a parede com um encontrão. E onde pensa o leitor que ele se encontrou? Em pleno lago! Da ilha não restava mais nada, ficara submersa durante a noite! Em seu lugar estava a imensidade do Tchad.

– Triste país para os proprietários! disse Joe, retomando logo as suas faculdades natatórias. Fenômeno bastante freqüente no lago Tchad libertara o animoso rapaz. Mais de uma ilha assim têm desaparecido, embora parecesse ter a solidez da rocha. Muitas vezes as populações ribeirinhas têm de recolher os infelizes que escapam a essas terríveis catástrofes. Joe ignorava tal particularidade, mas nem por isso deixou de aproveitar. Avistou um barco errante do qual logo se aproximou. Era uma espécie de tronco de árvore grosseiramente cavado. Continha felizmente um par de pagaias e Joe, servindo-se de corrente bastante rápida, deixou-se derivar.

"Orientemo-nos pensou ele. A estrela polar, que desempenha honradamente o seu ofício de apontar a rota do norte a todo o mundo, não recusará vir em meu auxílio."

Percebeu com satisfação que a corrente o levava para a margem setentrional do Tchad e deixou-se ir. Pelas duas horas da manhã desembarcava num promontório coberto de espinhosas plantas, excessivamente importunas mesmo para um filósofo. Mas uma árvore crescia ali, expressamente para oferecer-lhe leito em seus ramos. Joe escalou-a para maior segurança e, embora sem propriamente dormir, esperou o raiar do dia.

Já a despeito dos maiores esforços e de desesperada resistência sentia-se aftendar pouco a A manhã chegou com a rapidez das regiões equatoriais e Joe, lançando um olhar à árvore que o abrigara durante a noite, ficou aterrado à vista do espetáculo que se lhe oferecia: os ramos da árvore estavam literalmente cobertos de serpentes e camaleões, a folhagem quase desaparecia sob os seus entrelaçamentos. Dir-se-ia uma árvore de nova espécie, que produzia répteis. Aos primeiros raios do sol tudo aquilo deslizava e se estorcía. Joe experimentou vivo sentimento de terror e repugnância e pulou para o chão entre o silvar daquela companhia.

– Aqui está uma coisa em que ninguém jamais acreditaria! exclamou ele.

Depois do que acabava de ver resolveu ser mais cauteloso no futuro e, orientando-se pelo sol, pôs-se a caminho em direção ao nordeste, evitando com o maior cuidado cabanas, casas, choças, covis, numa palavra: tudo o que pudesse servir de asilo à raça humana.

Quantas vezes, olhou para o céu! Esperava avistar o Vitória, mas embora o buscasse inutilmente durante aquele dia, isso não diminuiu a sua confiança no amo. É necessária uma grande energia de caráter para encarar tão filosoficamente tal situação. A fome juntava-se à fadiga, porque a nutrição de raízes, miolo de arbustos, frutos de palmeira não sustenta um homem. Apesar disso, conforme o seu cálculo, avançou para oeste cerca de cinquenta quilômetros. Seu corpo guardava em muitos pontos os vestígios que milhares de espinhos dos arbustos do lago, das acácias e das mimosas tinham deixado, e os pés ensangüentados tornavam-lhe a marcha extremamente dolorosa. Mas, enfim, conseguiu reagir contra as dores e ao entardecer resolveu passar a noite nas margens do Tchad.

Teve de suportar as atrozes picadas de miríades de insetos, moscas, mosquitos, formigas de meia polegada que cobrem literalmente o chão. Ao cabo de duas horas não restava a Joe uma tira da pouca roupa que o cobria. Os insetos haviam devorado tudo! Foi uma noite horrível, que, irão deu ao cansado viajante uma hora de sono. Durante todo aquele tempo os javalis, os

búfalos selvagens e o ajub, espécie de lamantim bastante perigoso, faziam terrível barulho na mata ou sob as águas do lago. O concerto das feras retumbava no silêncio da noite. Joe não ousava mexer-se. Sua resignação e paciência foram difíceis de conter em semelhante situação.

Enfim o dia chegou. Joe levantou-se precipitadamente, e avalie a repugnância que sentiu ao ver o animal imundo que partilhara a sua cama: um sapo! mas um sapo de cinco polegadas de grossura, um sapo monstruoso, nojento, que o fitava com grandes olhos redondos. Joe sentiu engulhos, mas tirando um resto de força da sua repugnância correu a mergulhar nas águas do lago. O banho acalmou um pouco as comichões que o torturavam e, depois de ter mastigado algumas folhas, retomou a marcha com obstinação e teimosia que nem estava em condições de avaliar. Dir-se-ia ter perdido a consciência dos seus atos e contudo sentia em si força superior ao desespero. Uma fome terrível torturava-o e o estômago, menos resignado que ele, reclamava. Foi obrigado a apertar fortemente um cipó em redor da cintura. Felizmente a sede podia ser mitigada a cada passo e recordando-se dos sofrimentos do deserto experimentou relativo conforto em não ter de sentir os tormentos daquela imperiosa necessidade.

"Onde estará o Vitória? perguntava-se. O vento sopra do norte, ele deveria voltar ao lago! Decerto o doutor Fergusson procedeu a uma nova instalação para restabelecer o equilíbrio, mas o dia de ontem devia ter bastado para esse trabalho. Talvez não seja impossível que hoje... Em todo caso é melhor agir como se eu nunca mais devesse tornar a vê-los. Por fim, se eu conseguir alcançar uma dessas grandes cidades do lago, encontrar-me-ei na situação dos viajantes de que meu amo nos falou. Por que não hei de sair de apuros como eles? Outros lograram salvar-se, que diabo! ... Vamos, coragem!"

Assim monologando e caminhando sempre, o intrépido Joe caiu em plena floresta, no meio de um grupo de selvagens. Parou a tempo de não ser visto. Os pretos ocupavam-se em envenenar as suas flechas com suco de eufórbio, grande preocupação das tribos dessas terras e que se leva a efeito com uma espécie de cerimônia solene. Joe, imóvel, contendo a respiração, ia esconder-se numa brecha, quando ao erguer os olhos, por um intervalo da folhagem, avistou o Vitória, o próprio Vitória que se dirigia para o lago, apenas a trinta metros acima dele. Era impossível fazer-se ver!

Veio-lhe uma lágrima aos olhos, não de desespero, mas de gratidão. O amo andava a sua procura! O amo não o abandonava! Necessitou esperar a partida dos negros, quando então pôde deixar o esconderijo e correr para as margens do Tchad. Mas o Vitória já se perdia ao longe, no céu. Joe resolveu esperar: ele passaria outra vez, com certeza! E passou, com efeito, porém mais a leste. Joe correu, gesticulou... Em vão! Forte vento arrastava o balão com excessiva pressa.

Pela primeira vez a energia e a esperança abandonavam o coração do infeliz. Viu-se perdido. Imaginou que o amo partia para não mais voltar. Deixou de pensar, não queria refletir. Como louco, com os pés em sangue e o coração ferido, marchou durante todo aquele dia e uma parte da noite. Arrastava-se, umas vezes de joelhos, outras com as mãos. Via chegar o momento em que as forças lhe faltariam e acabaria por morrer.

Prosseguindo disse modo foi dar a um pântano ou, antes, a um lugar que só depois veio a saber que era um pântano, porque a noite já descera havia algumas horas. Inesperadamente, caiu num lamaçal compacto e a despeito dos maiores esforços e de desesperada resistência sentia-se afundar pouco a pouco no lodo movediço. Minutos depois estava enterrado até à

cintura.

"Chegou a morte pensou ele , e que morte!"

Debatia-se com fúria, mas os movimentos só serviam para o enterrar cada vez mais no túmulo que para si mesmo ia cavando. Nem um pedaço de madeira a que apegar-se, nem um caniço para agarrar! Compreendeu que nada mais lhe restava... fecharam-se-lhe os olhos.

– Meu amo! Meu amo! Socorro!... gritou.

E sua voz desesperada, isolada, já rouca, perdeu-se na escuridão.

OS ÁRABES PERSEGUEM Joe

Depois que Kennedy retomou o seu posto de observação na frente da barquinha, não cessou de investigar o horizonte com a maior atenção.

Ao fim de certo tempo, voltou-se para o doutor e disse:

– Se não me engano há lá embaixo uma tropa em movimento, de homens ou animais. Ainda é impossível distingui-los. Em todo caso vão em grande alvoroço, porque levantam enorme nuvem de poeira.

– Não será mais algum vento contrário volveu Samuel, uma tromba que nos repila para o norte?

E ergueu-se para observar o horizonte.

– Não creio, Samuel tornou Kennedy. Deve ser um bando de gazelas ou de bois selvagens.

– Talvez, Dick. Mas o grupo está pelo menos a vinte quilômetros de nós e mesmo com a luneta nada posso ainda perceber.

– Não o perderei de vista. Há ali qualquer coisa de extraordinário que me intriga. Às vezes parece manobra de cavalaria. Ah! Não me enganei, são cavaleiros! Olhe!

O doutor examinou com atenção o grupo indicado.

– Acho que tem razão disse ele. É um destacamento de árabes ou de tibbus, fugindo na mesma direção que nós. Mas como temos maior velocidade, depressa os alcançaremos.

Daqui a meia hora estaremos em situação de ver e julgar se é conveniente intervir.

Kennedy retomara o óculo e assestara-o atentamente. A massa dos cavaleiros ia-se tornando mais visível, alguns dentre eles isolavam-se.

– Não há dúvida de que se trata de manobra ou de caçada tornou Kennedy. Parece que estão perseguindo alguma coisa. Gostaria bem de saber o que é.

– Tenha paciência, Dick. Dentro em pouco os alcançaremos e até lhes passaremos adiante se continuarem naquela direção. Marchamos com velocidade de trinta e oito quilômetros à hora e não há cavalo que acompanhe semelhante corrida.

Kennedy voltou a observar e minutos depois acrescentou:

– São árabes correndo a toda velocidade. Distingo-os perfeitamente. Serão uns cinqüenta. Vejo-lhe os albornozes encherem-se de vento. É um exercício de cavalaria. O chefe vai cem passos à frente e eles correm-lhe no encalço.

– Quem quer que seja, nada temos a temer, Dick, porque se for necessário subirei um pouco mais.

– Espere, espere um pouco, Samuel! É curioso! acrescentou ele após novo exame há qualquer coisa que não entendo. Pelos seus esforços e pela irregularidade da linha que seguem, aqueles árabes têm antes o ar de perseguir do que de seguir alguém.

– Tem certeza, Dick?

– Sem dúvida. Não me posso enganar! É uma caçada, e uma caçada a um homem! Não é um chefe que os precede, mas um fugitivo.

– Um fugitivo! exclamou Samuel emocionado.

– Com certeza!

– Então não os perca de vista e esperemos.

Três ou quatro milhas foram prontamente ganhas sobre os cavaleiros que avançavam com prodigiosa velocidade.

– Samuel! Samuel! gritou Kennedy com voz trêmula. Que foi, Dick?

– Será uma alucinação? Não é possível! Que quer dizer?

– Espere.

O caçador limpou rapidamente as lentes do óculo e tornou a olhar.

– Então? perguntou o doutor. É ele, Samuel! Ele! acudiu este último.

Ele dizia tudo. Não havia necessidade de nomear.

– É ele, a cavalo, apenas a cem passos dos inimigos!

Está fugindo!

– É, com efeito, Joe tornou o doutor empalidecendo. Naquela corrida não pode ver-nos!

– Há de ver-nos respondeu Fergusson, abrandando a chama do maçarico.

– De que modo?

– Daqui a cinco minutos estaremos a quinze metros do chão, dentro de quinze planaremos sobre ele.

– Precisamos avisá-lo com um tiro!– Não, ele não pode voltar, está impedido. Que faremos, então? Esperar.

– Esperar! E os árabes?

– Vamos alcançá-los! Vamos passar-lhes à frente! Estamos apenas a quatro quilômetros de distância. O essencial é que o cavalo de Joe agüente.

– Santo Deus! bradou Kennedy. Que há?

Kennedy lançara tal brado de desespero ao ver Joe cair ao chão. Seu cavalo, evidentemente esfalfado, rolara na areia. Ele viu-nos! gritou o doutor. Ao levantar-se fêz-nos sinal! Os árabes vão agarrá-lo! Que espera ele? Ah! Valente rapaz! Hurra! berrou o caçador não se contendo.

Joe, erguendo-se logo após a queda, no instante em que um dos mais velozes cavaleiros ia saltar sobre ele, pulou como pantera, evitou-o com um desvio, atirou-se-lhe à garupa, segurou o árabe pelo pescoço com as suas mãos nervosas e seus dedos de ferro, estrangulou-o, derrubou-o na areia e prosseguiu a sua fuga terrível.

Retumbou nos ares imenso brado dos árabes, os quais estavam tão empenhados na perseguição que nem viram o Vitória quinhentos passos atrás deles e apenas a dez metro do solo. Eles mesmos não distavam do fugitivo cinqüenta corpos de cavalo. Um dos perseguidores aproximou-se sensivelmente de Joe e ia vará-lo com a sua lança, quando Kennedy, com olho fixo e mão firme, deteve-o com uma bala jogando-o ao chão. Joe nem se voltou ao ouvir o tiro.

Uma parte do bando suspendeu a corrida e tombou de face na poeira ao avistar o Vitória. Os outros continuaram a perseguição.

– Mas que está fazendo Joe? gritou Kennedy. Ele não pára!

– Faz melhor do que isso, Dick, já o entendi: mantém-se na direção do aeróstato. Confia na nossa inteligência! Ah! Valente moço! Vamos arrebatá-lo nas barbas desses árabes! Não estamos a mais de duzentos passos.

– Que devo fazer? perguntou Kennedy.

– Põe a espingarda de lado.

– Pronto! voltou o caçador, pousando a arma.

– Poderá suportar nos braços setenta quilos de lastro? Até mais.

– Não, isso basta.

O doutor empilhou alguns sacos de areia entre os braços de Kennedy.

– Fique na parte traseira da barca, pronto a jogar o lastro fora de uma só vez. Mas, pela sua vida, não o faça sem minha ordem!

– Fique sossegado.

– Caso contrário falharemos e Joe estará perdido! Não se preocupe.

O Vitória quase dominava então o grupo dos cavaleiros que corriam a toda brida no encaço de Joe. O doutor, na frente da barquinha, segurava a escada de corda, pronto a lançá-la no momento requerido. Joe conservara a distância que o separava dos perseguidores, mais ou menos vinte metros. O Vitória passou-lhes à frente.

– Atenção! gritou Samuel a Kennedy. Estou preparado.

– Joe! Atenção! berrou o doutor na sua voz retumbante, desdobrando a escada, cujos primeiros degraus arrastaram-se pela poeira do chão.

Ao apelo do doutor, sem parar o cavalo, Joe voltara-se. A escada passava junto dele e, no instante em que ele se agarrou, o doutor gritou a Kennedy.

– Jogue fora! Pronto!

O Vitória, aliviado de peso superior ao de Joe, deu para os ares um salto de cinquenta metros.

Joe segurou-se fortemente à escada durante as violentas oscilações que ela descreveu. Depois, fazendo aos árabes um gesto indescritível e trepando com agilidade de palhaço, chegou até aos companheiros que o receberam de braços abertos.

Os árabes soltaram um brado de surpresa e de raiva. O fugitivo acabava de ser-lhes arrebatado em vôo e o Vitória afastava-se rapidamente.

– Meu amo! Senhor Dick! exclamou Joe.

E sucumbindo à emoção e à fadiga desmaiou, enquanto Kennedy, quase em delírio, gritava:

– Salvo! Está salvo!

– Com a breca! desabafou o doutor, recuperando a sua impassível tranqüilidade.

Joe estava quase nu. Os braços ensangüentados, o corpo coberto de contusões, tudo indicava os sofrimentos por que passara. O doutor pensou-lhe as feridas e deitou-o sob o toldo. Joe, recuperando os sentidos, pediu um trago de aguardente, que o doutor entendeu não recusar, convencido de que ele não devia ser tratado como qualquer outro. Depois de ter bebido, Joe apertou a mão dos dois companheiros e declarou-se pronto a contar a sua história.

Mas não consentiram que falasse e o moço recaiu em profundo sono, do qual parecia estar bastante necessitado. O Vitória seguia então linha oblíqua para oeste. Empurrado por vento excessivo tornou a avistar a orla do espinhoso deserto, sobre palmeiras curvadas ou arrancadas pela tempestade. Depois de ter feito caminhada de cerca de quarenta quilômetros desde o rapto de Joe, passou ao entardecer o décimo grau de longitude.

UMA NOITE PERTO DE AGADÉS

O vento repousou durante a noite dos violentos esforços do dia e o *Vitória* permaneceu quietamente sobre a copa de alto sicômoro. O doutor e Kennedy ficaram de vigia alternadamente e Joe aproveitou para dormir de um sono só vinte e quatro horas.

– É o remédio de que ele precisa observou Fergusson. A natureza se encarregará de curá-lo. No outro dia, o vento voltou com força, mas caprichoso. Virava repentinamente do norte para o sul, mas por fim o *Vitória* foi levado para oeste.

O doutor, com o mapa na mão, identificou o reino do Damerghu, terreno onduloso de grande fertilidade, com as choças das aldeias feitas de grandes caniços entremeados de ramos de asclepiádeas. As moendas de grãos erguiam-se nos campos cultivados, sobre pequenos andaimes destinados a preservá-las da invasão dos ratos e formigas brancas.

Em breve alcançaram a aldeia de Zinder, reconhecível pela sua vasta praça de execuções. No centro, levanta-se a árvore da morte, junto à qual vigia o carrasco. Quem pisar a sua sombra é imediatamente enforcado. Consultando a bússola, Kennedy não pôde deixar de dizer:

– Cá estamos outra vez a caminho do norte!

– Não tem importância. Se formos dar a Tombuctu não teremos de que nos queixar! Nunca se fará mais bela viagem em melhores circunstâncias!

– Nem com melhor saúde respondeu Joe, passando a boa face risonha através dos panos do toldo.

– Ora, aí temos o nosso valente amigo! bradou o caçador. O nosso salvador! Então, como vai isso?

– Muito naturalmente, senhor Kennedy, muito naturalmente! Nunca me senti tão bem. Não há nada para fortalecer um homem como uma viagemzinha de recreio iniciada por um mergulho no Tchad! Hein, meu amo?

– Excelente alma! respondeu Fergusson, apertando-lhe a mão. Quantas angústias e preocupações nos causou!

– E os senhores, então? Imaginam que eu estava tranqüilo quanto à sorte do *Vitória*? Podem gabar-se de haver-me pregado um bom susto!

– Nunca nos entenderemos, Joe, se continua a tomar as coisas por esse lado.

– Vejo que a queda não o modificou Kennedy.

– A sua dedicação foi sublime, meu rapaz. Salvou-nos, porque o *Vitória* ia cair no lago e assim ninguém se salvaria.

– Mas se tal dedicação, como o senhor prefere chamar ao meu tombo, salvou-os, não é verdade que me salvou também a mim, visto que aqui estamos todos três de perfeita saúde? Creio que em vista disto nada há a censurar!

– Nunca nos entenderemos com este rapaz volveu o caçador.

– O melhor meio de nos entendermos replicou Joe é não falarmos mais do caso. O que passou, passou, bom ou mau já não se pode remediar.

– Teimoso! tornou o doutor rindo. Pelo menos vai contar-nos as suas peripécias.

– Se fazem questão! Mas antes vou preparar este gordo pato para o comermos, pois pelo visto

o senhor Dick não perdeu tempo.

– Parece que sim, Joe.

– Vamos então ver como é que uma caça de África se comporta em estômagos europeus. acrescentou

O pato foi logo submetido à chama do maçarico e depois lentamente saboreado. Joe devorou-lhe uma boa parte, como pessoa que não come há vários dias. Depois da chá e dos grogues, pôs os companheiros ao corrente das suas aventuras.

Falava com certa emoção, encarando os acontecimentos com a sua habitual filosofia. O doutor não pôde impedir-se de apertar-lhe várias vezes a mão, sempre que sentia o dignoservidor mais preocupado com a salvação do amo do que com a sua própria. A propósito da submersão da ilha dos biddiomahs, explicou-lhe a frequência do fenómeno no lago Tchad.

Enfim, Joe, continuando o seu relato, chegou ao momento em que, atolado no pântano, soltara derradeiro grito de desespero.

– Considerei-me perdido, meu amo disse ele , e meus pensamentos eram para o senhor. Rompi a debater-me. Como? Não sei dizer. O certo é que estava resolvido a não me deixar engolir sem discussão, quando a dois passos de mim avisto uma ponta de corda recentemente cortada. Consegui fazer um derradeiro esforço e de qualquer modo agarrei o cabo. Puxei, ele resistiu. Icei-me e finalmente pus pé em terra firme. No extremo da corda, encontrei uma âncora... Ah! meu amo! ela bem merece o nome de âncora da salvação, se o senhor não vê inconveniente nisto. Reconheci-a, era uma âncora do Vitória. O senhor tinha baixado naquele ponto! Segui a direção da corda, que por sua vez me apontou a direção do balão e depois de novos esforços consegui sair do pântano. Com a coragem recuperei as fôrças e caminhei grande parte da noite, afastando-me do lago. Cheguei, enfim, à orla de floresta imensa. Ali, dentro de um cercado, alguns cavalos pastavam pacificamente. Há ocasiões na vida em que todo o mundo sabe montar a cavalo, não é? Não perdi um minuto a refletir, saltei para o lombo de um deles e eis-nos correndo à desfilada em direção ao norte. Não lhes falarei das cidades que não vi, nem das aldeias que evitei. Não. Atravessei campos lavrados, pulei sebes, saltei paliçadas, fustigando o animal, excitando-o. Alcancei o limite das terras cultivadas. Bem, o deserto! Nada mau. Pelo menos verei melhor à minha frente, e de mais longe. Esperava sempre avistar o Vitória, correndo ao mesmo rumo. Nada. Ao cabo de três horas fui cair como idiota num acampamento de árabes! Ah! que caçada! ... Olhe, senhor Kennedy, um caçador não pode saber o que é uma caçada, se por sua vez não foi objeto de caça! Em todo caso, se me permite, aconselho-o a não experimentar. Meu cavalo caía de cansa, estavam-me seguindo de perto. Tombo e salto para a garupa de um árabe. Eu não lhe queria mal nenhum e até espero que ele não me guarde rancor por havê-lo esganado! Mas eu tinha-os visto! ... O resto já os senhores sabem. O Vitória chegou perto de mim e fui arrebatado do chão, como cavaleiro que atravessa uma argola com a lança. Razão tinha eu de contar com os senhores! Como vê, doutor Fergusson, é tudo muito simples. Não há nada mais natural no mundo, e estou pronto a recomeçar se isto lhe puder ser de alguma utilidade. De resto, como já lhe disse, meu amo, não vale a pena tornar a falar disto.

– Meu bravo Joe! respondeu o doutor comovido. Tínhamos razão em confiar na sua inteligência e destreza!

– Ora, senhor! basta seguir os acontecimentos para fugirmos às dificuldades. O mais certo, como vê, ainda é aceitar as coisas como elas se apresentam.

Durante o relato de Joe, o balão atravessara com rapidez grande extensão do país. Kennedy não tardou a avistar no horizonte um amontoado de casas que tinha a aparência de aldeia. O doutor consultou o mapa e identificou a povoação de Tagelel no Damerghu.

– Retomamos aqui disse ele a rota de Barth. Foi aqui que ele se separou dos dois companheiros, Richardson e Owegew. O primeiro devia tomar a direção de Zinder, o segundo a de Maradi. Como devem lembrar-se, dos três viajantes, Barth foi o único que tornou a ver a Europa.

– Quer então dizer interveio o caçador, acompanhando no mapa a direção do Vitória que estamos subindo para o norte?

– Diretamente para o norte, meu caro Dick. E isso não o inquieta um pouco? Por quê?

– E que este caminho nos leva a Trípoli, por sobre o grande deserto.

– Ah! Não iremos tão longe, amigos! Pelo menos assim o espero.

– Mas onde tenciona parar?

– Vamos ver, Dick, não tem curiosidade de conhecer Tombuctu?

– Tombuctu?

– Naturalmente interveio Joe. Não é possível fazer uma viagem à África sem visitar Tombuctu! Será o quinto ou sexto europeu que já viu aquela cidade misteriosa!

– Pois toca para Tombuctu! Neste caso, quando chegarmos a dezessete ou dezoito graus de latitude, buscaremos vento favorável que nos leve para oeste.

– Bem tornou o caçador, temos ainda muito que andar para o norte?

– Pelo menos trezentos quilômetros. Então vou dormir um pouco.

– Durma, senhor Kennedy aconselhou Joe. E o senhor, meu amo, faça o mesmo. Devem estar precisando de repouso, porque eu os obriguei a ficar de vigia de modo realmente excessivo.

O caçador estendeu-se sob o toldo, mas Fergusson, que a fadiga nunca vencida, permaneceu no seu posto de observação.

Ao fim de três horas, o Vitória ia atravessando com extrema velocidade terreno pedregoso, com filas de altas montanhas nuas de base granítica, onde certos picos isolados chegavam a atingir mais de trezentos metros de altura. Girafas, antílopes e avestruzes pulavam com maravilhosa agilidade entre florestas de acácias, mimosas, suahs e tamareiras. Após a aridez do deserto, a vegetação retomava o seu império. Era o país dos cauilas, que escondem a face com uma tira de algodão, como os seus vizinhos tuaregues.

Às dez horas da noite, após esplêndida travessia de quinhentos quilômetros, o Vitória parou sobre importante povoado, uma parte do qual, arruinada, se podia entrever ao luar. Algumas flechas de mesquita apontavam aqui e além, tocadas de branco raio de luz. O doutor tomou a altura das estrelas e concluiu achar-se na latitude de Agadés.

O Vitória, não tendo sido avistado no escuro, desceu à terra três quilômetros além da cidade, em vasto milharal. A noite foi bastante sossegada e desvaneceu-se pelas cinco horas da manhã, quando vento ligeiro solicitava o balão para oeste e mesmo um pouco para o sul. Fergusson apressou-se em aproveitar a boa oportunidade e, subindo rapidamente, desapareceu em longa esteira de raios de sol.

O NIGER

A jornada de dezessete de maio foi tranqüila e sem qualquer novidade. O deserto recomeçou. Vento regular levava o Vitória para sudoeste, sem desviá-lo para a direita ou para a esquerda. A sua sombra traçava na areia linha rigorosamente reta.

Antes da partida, o doutor mandara renovar prudentemente a provisão de água, temendo não poder descer nas terras infestadas de tuaregues aueliminianos. A planície, colocada a seiscentos metros acima do nível do mar, deprimia-se para o sul. Os viajantes, tendo percorrido a rota de Agadés a Murzuk, tantas vezes batida dos pés dos camelos, alcançaram ao entardecer dezesseis graus de latitude e quatro graus e cinquenta e cinco minutos de longitude, após terem transposto trezentos e cinquenta quilômetros de grande monotonia.

Durante o dia, Joe aprontou as derradeiras peças de caça que apenas tinham recebido preparo sumário e, à ceia, foi servido um assado de narcejas muito apetitoso. Como o vento estivesse de feição, o doutor resolveu prosseguir a viagem durante a noite, que a lua ainda quase cheia tornava resplandecente.

O Vitória ergueu-se à altura de cento e sessenta metros e, no decorrer da travessia noturna de cerca de cento e vinte quilômetros, nem o leve sono de uma criança teria sido perturbado.

No domingo de manhã, nova mudança na direção do vento, que soprava para noroeste. Algumas aves sulcavam os ares e, no horizonte, bando de abutres que felizmente se manteve afastado.

A vista daquelas aves levou Joe a cumprimentar o amo pela idéia dos dois balões.

– Onde estaríamos nós disse ele com um único invólucro? O segundo balão é como a chalupa de um navio. Em caso de naufrágio sempre há possibilidade de salvamento.

– Tem razão, amigo. Apenas com a diferença de que a chalupa preocupa um pouco, pois não vale o navio.

– Que quer dizer com isso? perguntou Kennedy.

– Quero dizer que o novo Vitória não vale o antigo. Ou porque o tecido já está muito gasto, ou porque a gutapercha se derreteu ao calor da serpentina, observo certo desperdício de gás. Até aqui não é grande coisa, mas enfim não se pode desdenhar. Estamos com tendência para baixar e para manter-me sou obrigado a dilatar mais o hidrogênio.

– Diabo! exclamou Kennedy para isso não vejo remédio.

– Realmente não existe, caro Dick. Por isto, faríamos melhor apressando-nos e evitando mesmo as paradas noturnas.

– Estamos ainda longe da costa? perguntou Joe.

– Que costa, rapaz? Podemos saber onde o acaso nos levará? Tudo o que posso dizer é que Tombuctu se acha ainda a oitocentos quilômetros a oeste.

– Quanto tempo levaremos a chegar lá?

– Se o vento não nos desviar muito, conto avistar a cidade terça-feira à tarde.

– Então acrescentou Joe, apontando longa fila de animais e homens que serpenteavam em pleno deserto, sempre chegaremos antes daquela caravana.

Fergusson e Kennedy debruçaram-se e avistaram enorme aglomeração de seres de toda

espécie. Eram mais de cento e cinquenta camelos, desses que por doze mutkals de ouro vão de Tombuctu a Tafilaleet com carga de duzentos e cinquenta quilos no lombo. Todos levavam sob a cauda pequeno saco destinado a receber-lhes os excrementos, único combustível com o qual se pode contar no deserto. Os camelos dos tuaregues são da melhor raça, podendo ficar de três a sete dias sem beber e dois sem comer. Sua marcha é superior à dos cavalos e eles obedecem com inteligência à voz do khabir, o guia da caravana. São conhecidos no país pelo nome de inchari.

Tais foram as informações dadas pelo doutor, enquanto os companheiros contemplavam aquela multidão de homens, de mulheres e de crianças, que andava com dificuldade em areia meio movediça que alguns cardos, uma relva emurchecida e espinheiros sustinham com dificuldade. O vento apagava-lhe as pegadas quase instantaneamente.

Joe indagou como conseguiam os árabes orientar-se no deserto e chegar aos poços espalhados naquela imensa solidão.

– A natureza deu aos árabes explicou Fergusson um maravilhoso instinto de orientação. Qualquer pedra insignificante, cascalho, moita de relva, até mesmo a cor diferente das areias, lhes servem de indício. Um europeu se sentiria perdido, mas eles caminham com segurança e à noite se guiam pela estrela polar. Só andam quatro quilômetros por hora e descansam durante os grandes calores do meio-dia. Por aí podem imaginar quanto tempo levam para atravessar o Saara que tem mil e quinhentos quilômetros.

Mas o Vitória já desaparecera diante dos olhos espantados dos árabes, que invejaram certamente a sua rapidez. À tarde passaram a dois graus e vinte minutos de longitude (zero do meridiano de Paris) e andaram mais de um grau durante a noite.

Na segunda-feira, o tempo mudou completamente e a chuva começou a cair com violência. Foi preciso resistir àquele dilúvio e ao aumento de peso que influía sobre o balão e sobre a barquinha. O aguaceiro contínuo era a razão dos pântanos e dos brejos que cobriam quase toda a superfície daquela região. A vegetação começava a reaparecer. Aqui e ali surgiam mimosas, baobás, tamarineiras.

Ali estava o Sonrav, com suas aldeias cobertas de telhados que se inclinavam como bonés armênios. A parte montanhosa parecia insignificante, apenas um número pequeno de colinas, justamente o necessário para a formação de barrancos de reservatórios, sobre os quais voavam narcejas e galinhas-d'angola. As vezes uma torrente impetuosa cortava os caminhos que os indígenas atravessavam agarrando-se aos cipós estendidos entre uma árvore e outra. As florestas substituíam a mata espessa onde se movimentavam jacarés, hipopótamos e rinocerontes.

– Não tardaremos a ver o Níger declarou o doutor. A região se transforma nas proximidades dos grandes rios. Aquelas estradas que, por assim dizer, caminham, segundo feliz conceito, trouxeram com elas a vegetação, como vão trazer mais tarde a civilização. O Níger, por exemplo, em seu percurso de quase cinco mil quilômetros, semeou nas suas margens as cidades mais importantes da África.

– Ah! exclamou Joe. Isto me lembra a história daquele grande admirador da Providência que a louvava pelo cuidado que tivera de fazer com que os rios atravessassem as grandes cidades!

Ao meio-dia, o Vitória passava por cima de pequena povoação, composta de grupo de choças miseráveis, Gao, que foi outrora grande capital.

– Foi ali que Barth atravessou o Níger ao voltar de Tombuctu. Lá está o rio famoso na antiguidade, o rival do Nilo, ao qual a superstição pagã deu origem celeste. Preocupou sempre a atenção dos geógrafos de todos os tempos a sua exploração que, como a do Nilo, causou numerosas vítimas.

O Níger corria entre duas margens largamente separadas.

Suas águas rolavam com certa violência, para o sul, mas os viajantes, levados pelo vento, mal puderam apreciar-lhe os curiosos contornos.

– Vou-lhes falar sobre este rio que já se afasta de nós declarou Fergusson. Sob os nomes de Dhiouleba, de Maio, de Eggkirreou, de Quorra e outros ainda, ele percorre extensão imensa de terra e quase rivaliza em comprimento com o Nilo. Esses nomes significam simplesmente o rio, conforme as regiões que atravessa.

– Terá o doutor Barth seguido este caminho? perguntou Kennedy.

– Não, Dick. Deixando o lago Tchad, atravessou as cidades principais do Bornu e veio cortar o Níger em Sai, quatro graus acima de Gao. Penetrou depois no seio das regiões inexploradas na parte em que o Níger forma espécie de cotovelo e, depois de oito meses de novas fadigas, conseguiu chegar a Tombuctu, o mesmo percurso que agora faremos em três dias apenas, se o vento for favorável.

– As nascentes do Níger foram descobertas? indagou Joe.

– Há muito tempo respondeu o doutor. O reconhecimento do Níger e dos seus afluentes atraiu inúmeras explorações, e posso indicar-lhes as principais. De 1749 a 1758, Adamson descobre o rio e visita Goréa. De 1785 a 1788, Golberry e Geoffroy percorrem os desertos da Senegambia e sobem até à região dos mouros, que assassinaram Saugnier, Brisson, Adam, Riley, Cochelet e tantos outros desventurados. Surge então o ilustre Mungo-Park, o amigo de Válder Scott, escocês como ele. Enviado em 1795 pela Sociedade Africana de Londres, chega a Bambarra, vê o Níger, percorre mil quilômetros em companhia de um mercador de escravos, descobre o rio de Gambia e volta para a Inglaterra em 1797. Torna a partir a trinta de janeiro de 1805 com o cunhado de nome Anderson, com o desenhista Scott e com um grupo de operários. Chegando à Goréa, a eles se associa um destacamento de trinta e cinco soldados. Revê o Níger no dia dezanove de agosto, mas, então, devido ao cansaço, aos maus tratos, às inclemências do céu e à insalubridade da região, só restavam onze vivos dentre os quarenta europeus da expedição. Chegaram as últimas cartas de Mungo-Park para a esposa no dia dezesseis de novembro e, um ano mais tarde, soube-se por comerciante daquela região que, ao chegar a Boussa, sobre o Níger, no dia vinte e três de dezembro, viu o infeliz viajante que as cataratas do rio lhe tinham destruído a barca e acrescentou que os indígenas acabaram por massacrá-lo.

– E esse fim terrível não deteve os exploradores?

– Pelo contrário, Dick, porque então eram obrigados não só a fazer o reconhecimento do rio como a encontrar os documentos dos viajantes. Já em 1816 se organiza expedição em Londres e dela faz parte o major Gray. Tal grupo chega ao Senegal, penetra no Fouta-Djallon, visita as populações fulahs e mandingues e volta à Inglaterra sem qualquer resultado. Em 1822, o major Laing explora toda a parte da África ocidental vizinha das possessões inglesas e foi ele que chegou às fontes do Níger. Segundo os documentos desse explorador não chega a setenta centímetros de largura a nascente do rio imenso.

– Fácil de saltar observou Joe.

– Pois sim! Fácil! replicou o doutor. Segundo a tradição, quem tentar saltar a nascente é imediatamente tragado. Quem quer que se aventure a apanhar ali um pouco de água sente-se repellido por mão invisível.

– E é permitido não se acreditar em nada disso? perguntou Joe.

– De certo. Cinco anos mais tarde, o major Laing lançou-se através do deserto, chegou até Tombuctu e morreu estrangulado, alguns quilômetros acima, pelos oulad shiman, que queriam obrigá-lo a tornar-se muçulmano.

– Mais uma vítima! comentou o caçador.

– Foi então que um moço corajoso realizou por conta própria a mais extraordinária das viagens modernas. Refiro-me ao francês Renato Caillié. Depois de diversas tentativas, em 1819 e em 1824, ele partiu novamente a dezenove de abril de 1827, do rio Nunez. No dia três de agosto, chegou tão exausto e doente a Timé, que só em janeiro de 1828, seis meses depois, prosseguiu a viagem. Juntou-se então a uma caravana, protegido por sua vestimenta oriental, atingiu o Níger a dez de março, penetrou na cidade de Jenné, tomou embarcação no rio e desceu até Tombuctu, onde chegou a dez de abril. Outro francês, Imbert, em 1670, e um inglês, Roberto Adams, em 1810, talvez tenham visto a curiosa cidade, mas Renato Caillié foi o primeiro europeu que dela trouxe dados exatos. No dia quatro de maio deixou aquela rainha do deserto. No dia nove fez o reconhecimento do próprio lugar onde foi assassinado o major Laing. A dezenove chegou a El-Araouan, o deixou essa cidade de próspero comércio para transpor, através de mil perigos, as vastas solidões que se estendem entre o Sudão e as regiões setentrionais da África. Finalmente, entrou em Tânger e no dia vinte e oito de maio embarcou para Tulono. Em dezenove meses, a despeito de cento e oitenta dias de enfermidade, havia atravessado a África do oeste para o norte. Ah! Se Caillié tivesse nascido na Inglaterra, seria considerado como o mais intrépido viajante dos tempos modernos e colocado na mesma altura que Mungo-Park. Mas na França não lhe dão o devido valor.

– Era homem de fibra opinou o caçador. E que fim teve?

– Morreu aos trinta e nove anos, em virtude de grandes esforços despendidos. O cansaço matou-o. Acharam que era bastante conceder-lhe o prêmio da Sociedade de Geografia em 1828. As maiores homenagens lhe teriam sido prestadas na Inglaterra! Aliás, enquanto ele realizava sua maravilhosa viagem, um inglês idealizava o mesmo empreendimento e o tentava com a mesma coragem e a mesma felicidade. Foi o capitão Clapperton, companheiro de Denham. Em 1829, voltou à África pela costa oeste do golfo de Benin. Retomou as pistas de Mungo-Park e de Laing, encontrou em Boussa os documentos relativos à morte do primeiro, chegou a vinte de agosto a Sacatu, onde foi feito prisioneiro e lançou o último suspiro nos braços de Dick Lander, seu fiel empregado.

– E que aconteceu com esse Lander? perguntou Joe no auge do interesse.

– Conseguiu chegar à costa e voltou a Londres, trazendo os documentos do capitão e um relatório exato de sua própria viagem. Ofereceu, então, seus serviços ao governo para completar o reconhecimento do Níger. Juntou-se a ele o irmão John e ambos, entre 1829 e 1831, tornaram a descer o rio desde Boussa até à embocadura, descrevendo-o aldeia por aldeia, quilômetro por quilômetro.

– Então esses dois irmãos escaparam à má sorte dos outros? indagou Kennedy.

– Sim, pelo menos durante essa exploração, pois em 1833 Dick realizou terceira viagem ao Níger. Uma bala perdida matou-o perto da foz do rio. Como vêem, meus amigos, esta região

que estamos atravessando foi testemunha de nobres dedicações que, na maior parte das vezes, só tiveram a morte por recompensa.

OS MONTES HOMBORI

Durante o dia enfadonho de segunda-feira, o doutor Fergusson entreteve-se a dar aos companheiros mil pormenores sobre a região que iam atravessando. O solo bastante plano não oferecia qualquer obstáculo à marcha. A única preocupação do doutor provinha do maldito vento do nordeste que soprava com violência e o afastava da latitude de Tombuctu.

O Níger, depois de subir ao norte até àquela cidade, arredonda-se como imenso jato de água e vai lançar-se no oceano Atlântico, como feixe que se desatasse. Nesse cotovelo, o terreno é muito variado, às vezes de luxuriante fertilidade, outras de extrema aridez. As planícies incultas sucedem-se aos milhares, por sua vez seguidas de vastas extensões cobertas de giestas. Todas as espécies de aves aquáticas, pelicanos, cercetas, pica-peixes e outras, vivem em numerosos bandos, à borda das torrentes e dos lamaçais.

Surgiam, de vez em quando, acampamentos de tuaregues. Abriam-se debaixo de tendas de couro, enquanto as mulheres se ocupavam dos trabalhos exteriores, ordenhando as camelas e fumando compridos cachimbos.

Pelas oito horas da noite, o Vítória andara mais de trezentos quilômetros na direção do oeste, e os viajantes foram então testemunhas de magnífico espetáculo.

Raios de luar abriram caminho por uma fissura das nuvens e, deslizando entre as riscas de chuva, caíram sobre a cadeia dos montes Hombori. Nada mais estranho do que aqueles píncaros de aparência basáltica. Perfilavam-se como silhuetas fantásticas no céu que escurecia. Dir-se-ia que eram ruínas lendárias de imensa cidade da Idade Média, espetáculo igual ao que oferecem em noites sombrias, ao olhar deslumbrado do viajante, as enormes massas de gelo dos mares glaciais.

– Não parece paisagem dos Mistérios de Udolfo? perguntou o doutor. Ana Radcliff não teria desenhado estas montanhas com aspecto mais aterrador.

– Credo! exclamou Joe. Eu não gostaria de andar sozinho à noite nesta região de fantasmas. Quer saber de uma coisa, patrão? Se não fosse tão difícil, levaria esta paisagem para a Escócia. Ficaria ótima nas margens do lago Lamond e tudo que é turista havia de querer vê-la.

– Nosso balão não é tão grande assim para que você possa fazer uma coisa dessas, Joe. Parece, porém, que estamos mudando de direção. Ainda bem! Os duendes do lugar são muito amáveis. Estão soprando um ventinho sudeste que nos vai fazer voltar ao caminho certo.

Efetivamente, o Vítória retomou direção mais para o norte e no dia vinte, de manhã, passou por cima de intrincada rede de canais, de torrentes e de rios: o emaranhamento completo dos afluentes do Níger. Alguns desses canais, cobertos de relva espessa, tinham a aparência de viçosos prados. Foi aí que o doutor encontrou o caminho de Barth, quando este embarcou no rio para descer até Tombuctu. Com a largura de mil e seiscentos metros, o Níger corria entre duas margens abundantes em crucíferos e tamarindos. Rebanhos saltitantes de gazelas, com chifres espiralados, metiam-se pela relva crescida, onde crocodilos silenciosos estavam à espreita.

Longas filas de jumentos e camelos, carregados de mercadorias de Jenné, mergulhavam sob aquelas árvores magníficas. Depois surgiu um anfiteatro de casas baixas numa volta do rio.

Nos terraços e nos tetos estava amontoada toda a forragem colhida nos arredores.

– É Cabral bradou alegremente o doutor. É o porto de Tombuctu. A cidade não dista dez quilômetros daqui! Está tão contente, meu amo? perguntou Joe, Encantado, meu rapaz.

– Bem, tanto melhor assim.

Com efeito, daí a duas horas a rainha do deserto, a misteriosa Tombuctu, que teve, como Atenas e Roma, as suas escolas de sábios e as suas cátedras de filosofia, patenteou-se aos olhos dos viajantes. Fergusson seguia-lhes todos os pormenores no plano traçado pelo próprio Barth, comprovando-lhe a extrema exatidão.

A cidade forma vasto triângulo, em enorme planície de areia branca. A ponta dirige-se para o norte e corta uma orla do deserto. Nada nos arredores, a não ser algumas gramíneas, mimosas anãs e arbustos raquíticos. Quanto ao aspecto de Dir-se-ia que eram ruínas lendárias de imensa cidade da Idade Média...

Tombuctu, imagine-se um amontoado de dados e bolas de bilhar. É o efeito que produz vista de cima. As ruas, bastante estreitas, são ladeadas de casas de um só pavimento, construídas de tijolos cozidos ao sol e de choças de palha e caniços, estas cônicas e aquelas quadradas. Nos terraços, vêm-se indolentemente estendidos alguns habitantes com as suas roupas coloridas, de lança ou mosquete na mão. Mulheres não há, a essa hora do dia.

– Mas dizem que são bonitas acrescentou o doutor. Lá estão as três torres das três mesquitas, únicas que restam de um grande número. A cidade perdeu muito do seu antigo esplendor! No vértice do triângulo, ergue-se a mesquita de Sancore, com as suas galerias mantidas por arcadas de desenho bastante puro. Mais além, perto do bairro de SaneGungu, a mesquita de Sidi-Yahia e algumas casas de dois andares. Não busqueis palácios ou monumentos. O xeque é simples traficante e a sua morada real um balcão.

– Parece-me que estou vendo muralhas meio demolidas disse Kennedy.

– Foram destruídas pelos fulanas em 1825. A cidade era então três vezes maior, pois Tombuctu, desde o século XI objeto de cobiça geral, pertenceu sucessivamente aos tuaregues, aos sonraianos, aos marroquinos e aos fulanas. E esse grande centro de civilização, onde um sábio como AkmedBaba possuía, no século XVI, biblioteca de mil e seiscentos manuscritos, não passa hoje de entreposto de comércio da África Central.

A cidade parecia, efetivamente, abandonada. Revelava o descuido epidêmico das cidades que decaem. Imensas ruínas se amontoavam nos subúrbios e formavam com a colina do mercado os únicos acidentes do terreno. A passagem do Vitória, houve certo alvoroço e batidas de tambor. Contudo, foi tão rápida que mal deu tempo para que o último sábio da cidade corresse para observar o novo fenômeno. Os viajantes, impelidos pelo vento do deserto, retomaram o curso sinuoso do rio e dentro em pouco Tombuctu era apenas mais uma das rápidas lembranças daquela viagem.

– E agora disse o doutor que Deus nos leve para onde melhor entender.

– Contanto que seja para oeste! replicou Kennedy.

– Oral interveio Joe ainda que fosse preciso voltar a Zanzibar pelo mesmo caminho, ou atravessar o oceano até à América, isso não me assustaria!

– Em primeiro lugar era preciso que fosse possível, Joe.

– E que nos falta para isso?

– Gás, meu amigo. A força ascensional do balão diminui sensivelmente, e teremos de fazer grandes economias para que ele nos leve até à costa. Serei mesmo obrigado a jogar lastro

fora. Estamos pesando demais.

– Eis aí o resultado de não fazer coisa alguma, meu amo! Ficando o dia inteiro estendido como ociosos na rede, a gente engorda e torna-se mais pesada. A nossa é uma viagem de preguiçosos e no regresso estaremos horrorosamente gordos e flácidos.

– São reflexões bem dignas de Joe volveu o caçador. Mas espere até ao fim. Sabe porventura o que o céu nos reserva? Estamos ainda longe do termo da viagem. Onde imagina ir encontrar a costa de África, Samuel?

– Teria grande dificuldade em responder-lhe, Dick. Estamos à mercê de ventos muito variáveis, mas enfim ficaria contente se chegasse entre Serra-Leoa e Portendique. Há ali certo ponto onde encontraríamos amigos.

– Seria um prazer apertar-lhes a mão. Mas seguimos pelo menos a direção desejada?

– Não muito, Dick. Observe a agulha magnética. Estamos indo para o sul e subindo de novo para as nascentes do Níger.

– Seria uma excelente ocasião de descobri-las disse Joe, se elas não estivessem já descobertas. Não seria possível encontrar-lhe outras?

– Não, Joe, mas sossegue, espero não ter de ir até lá.

Ao cair da noite, o doutor jogou fora os últimos sacos de lastro e o Vitória elevou-se. O maçarico, embora funcionando com toda a chama, mal conseguia mantê-lo. Achavam-se então a cento e vinte quilômetros ao sul do Tombuctu e, no dia seguinte, acordaram nas margens do Níger, não longe do lago Debo.

Até mesmo searas, para impedir o vôo desses insetos, mas as primeiras vagas atiram-se às chamas, extinguem-nas pela sua massa, e o resto da nuvem passa irresistivelmente. Por felicidade, nestas terras há uma espécie de compensação para os seus estragos: os indígenas recolhem os insetos aos milhares e comem-nos com grande prazer.

– São os melhores camarões do ar observou Joe, lamentando não os ter provado, para informar-se a respeito.

Ao cair da tarde, o terreno tornou-se mais pantanoso. Grupos isolados de árvores substituíam as florestas. Viam-se nas margens do rio algumas plantações de tabaco e brejos de plantas para forragem. Numa grande ilha apareceu então a cidade de Jenné, com as duas torres de sua mesquita de terra e o cheiro infecto que partia de milhões de ninhos de andorinhas que se acumulavam nas paredes.

Algumas copas de baobás, de mimosas e de tamareiras irrompiam entre as casas. A atividade parecia muito grande, mesmo à noite. Jenné é com efeito cidade de muito comércio. Acode a todas as necessidades de Tombuctu. As barcas no rio e as caravanas através dos caminhos sombreados transportam as diversas produções de sua indústria.

– Se nossa viagem não atrasasse disse o doutor, eu teria tentado descer na cidade. Talvez encontrássemos algum árabe habituado a viagens à França e à Inglaterra e já conhecedor do nosso gênero de locomoção. Mas não seria prudente.

– Nossa visita ficará para a próxima excursão disse Joe, rindo.

– Aliás, se não me engano, meus amigos, o vento está começando a soprar do leste. Não vamos perder esta oportunidade.

O doutor lançou fora alguns objetos inúteis, garrafas vazias e uma caixa de carne que já não serviam para nada, logrando manter o Vitória em zona favorável aos seus intuitos. As quatro horas da manhã, os primeiros raios de sol iluminaram Segou, capital de Bambarra,

perfeitamente reconhecível pelos quatro bairros que a compõem, as mesquitas mouriscas e o vaivém incessante das barcaças que transportam os viajantes para os diversos pontos. Mas os viajantes não foram avistados, nem puderam ver, levados, rapidamente, em direção ao noroeste, o que tranquilizou um pouco o doutor.

– Mais dois dias nesta direção disse ele e na marcha em que vamos alcançaremos o rio Senegal.

– E estaremos em país amigo? perguntou o caçador.

– Não inteiramente, mas se o Vitória viesse a falhar poderíamos chegar a possessões francesas! Se ele se mantiver por mais algumas centenas de quilômetros, chegaremos sem canseiras, sem temores e sem perigos à costa ocidental.

– E tudo acaba! exclamou Joe. Tanto pior! Se não fosse pelo gosto de contar a viagem, não desejaria mais pôr pé em terra. O senhor acha que irão acreditar nas nossas aventuras, meu amo?

– Quem sabe, bravo Joe! Em todo o caso há um fato incontestável: mil testemunhas nos viram partir de uma costa da África, algumas hão de ver-nos chegar do outro lado.

– Neste caso interveio Kennedy, parece-me difícil dizer que não fizemos a travessia.

– Ah! Senhor Samuel! tornou Joe com um fundo suspiro nunca me conformarei com a perda dos meus pedregulhos de ouro maciço! É uma coisa que daria autoridade à nossa história e verossimilhança aos nossos relatos. A um grama de ouro por ouvinte, arranjaría uma bela multidão para ouvir-me e até para admirar-me!

PARADA ACIMA DE UM BOSQUE

A vinte e sete de maio, pelas dez horas da manhã, A região apresentou-se com novo aspecto. As extensas rampas mudavam-se em colinas fazendo prever montanhas próximas. Tinham de transpor a cadeia que separa o vale do Niger do vale do Senegal e determina o escoamento das águas tanto para o golfo de Guiné como para a baía de Cabo Verde. Até ao Senegal, essa parte da África é tida como perigosa. O doutor Fergusson sabia-o pelos relatos dos seus antecessores, que haviam sofrido mil privações e corrido mil perigos entre os negros bárbaros. O clima funesto devorou a maior parte dos companheiros de Mungo-Park. Fergusson estava, portanto, mais do que decidido a não descer naquela terra inóspita. Mas não teve um momento de descanso. O Vitória baixava de maneira sensível e foi preciso desfazer-se de outra porção de objetos mais ou menos inúteis, sobretudo quando tiveram de passar uma crista. E foi assim durante mais duzentos quilômetros. Cansaram-se de subir e de descer. O balão, novo rochedo de Sísifo, recaía incessantemente, e as forlrias do aeróstato, já um pouco murcho, distendiam-se mais. O vento cavava-lhe extensas depressões no invólucro meio flácido.

Kennedy não pôde deixar de fazer uma observação: Terá o balão alguma ruptura?

– Não respondeu o doutor. Mas a guta-percha evidentemente amoleceu ou derreteu-se com o calor e o hidrogênio escapa através do tafetá.

– Não haverá meio de impedir a fuga?

– É impossível. Aliviar-nos é o único meio. Lancemos fora tudo o que for dispensável.

– Mas o quê? tornou o caçador, olhando a barca já bem desguarnecida.

– Desembaracemo-nos do toldo, cujo peso é bastante considerável.

Joe, a quem a ordem dizia respeito, subiu ao círculo onde se enfeixavam as cordas da rede e facilmente despreendeu os pesados panos do toldo, jogando-os fora.

– Isto vai fazer a felicidade de toda uma tribo de negros disse ele. Há aí com que vestir um milheiro de indígenas, que são bastante econômicos em matéria de pano.

O balão ergueu-se um pouco, mas logo se tornou claro que voltava a aproximar-se do solo.

– Desçamos propôs Kennedy a ver o que se pode fazer com o invólucro.

– Asseguro-lhe, Dick, que não temos meio algum de consertá-lo.

Mas então que faremos?

– Sacrifiquemos tudo o que não for absolutamente indispensável. Quero a qualquer preço evitar descida nestas paragens. As florestas que estamos sobrevoando não oferecem a menor segurança.

– Haverá leões, hienas? atalhou Joe com desdém.

– Pior do que isso, meu rapaz: homens, e os mais cruéis de toda a África.

– Como é que se sabe?

– Pelos viajantes que nos antecederam. Não estamos muito longe do rio Senegal acrescentou o doutor, mas prevejo que o nosso balão não nos levará até à outra margem.

– Se chegarmos à margem de cá replicou o caçador já será vantagem.

– É o que estou tentando volveu o doutor. Apenas uma coisa me inquieta.

Qual?

Precisamos atravessar montanhas, e vai ser difícil porque não posso aumentar a força ascensional do aeróstato, mesmo produzindo o maior calor possível.

– Esperemos, então, para ver o que sucede! disse Kennedy.

– Pobre Vitória! exclamou Joe. Afeiçoei-me a ele como marinheiro ao seu navio. Já não é o que era à partida, concordo, mas não devemos desprezá-lo. Prestou-nos reais serviços e será para mim uma dor no coração abandoná-lo! Sossegue, Joe. Se o abandonarmos será a contragosto de todos. Há de servir-nos até ao extremo das suas fôrças. Só lhe peço mais vinte e quatro horas.

– Está nas últimas! tornou Joe, considerando-o. Emagreceu, a vida foge-lhe. Pobre balão.

– Se não me engano interveio Kennedy, lá estão no horizonte as montanhas de que falava, Samuel.

– São elas respondeu o doutor depois de tê-las examinado com o óculo. Parecem-me muito altas e não vai ser fácil transpô-las.

– Não poderíamos evitá-las?

– Creio que não, Dick. Repare a enorme extensão que ocupam: quase metade do horizonte!

– Parece até que se apertam à volta de nós disse Joe. Avançam pela direita e pela esquerda.

– Necessitamos absolutamente passar-lhes por cima.

Os perigosos obstáculos pareciam aproximar-se com extrema rapidez ou, para melhor dizer, o vento muito forte atirava o Vitória contra as agudos píncaros. Era preciso erguê-lo a todo o custo, sob pena de choque desastroso.

– Despeje a caixa-d'água ordenou Fergusson. Guardemos apenas o necessário para um dia.

– Pronto! respondeu Joe.

– Ergueu-se o balão? perguntou Kennedy.

– Um pouco, talvez quinze metros respondeu o doutor, que não tirava os olhos do barômetro. Mas ainda não é bastante.

Com efeito, os altos picos aproximavam-se, dando a impressão de que os viajantes iam chocar-se com eles. Faltava muito para sobrevoá-los, pelo menos duzentos metros. A reserva de água do maçarico foi igualmente jogada fora, conservando-se apenas alguns metros, mas isso também se revelou insuficiente.

– Temos de passar continuou o doutor.

– Lancemos fora as caixas, visto que já as esvaziamos sugeriu Kennedy.

– Pois seja.

– Pronto! disse Joe. É triste irmo-nos assim desfazendo aos pedaços.

– Veja lá, Joe, não vá repetir a façanha do outro dia! Suceda o que suceder, jure-me que não nos deixará!

– Fique tranqüilo, meu amo, não nos separaremos mais.

O Vitória conseguira subir cerca de quarenta metros, mas a crista da montanha continuava sobranceira. Era uma aresta a pique, elevando-se a mais de setenta metros acima dos viajantes.

– Dentro de dez minutos a nossa barca se despedaçará contra aqueles rochedos, se não conseguirmos sobrevoá-los declarou o doutor.

– E então, senhor Samuel? perguntou Joe.

– Guarde só a carne de conserva e jogue fora todo o resto que pesa.

O balão foi deslastrado de mais vinte e cinco quilos, erguendo-se razoavelmente, mas pouco adiantou visto isso não lhe permitir ultrapassar a linha das montanhas. A situação era medonha. O Vitória corria com grande velocidade e percebia-se que ia ficar reduzido a pedaços. O choque seria terrível.

O doutor olhou em redor de si na barca quase vazia.

Ah ! Samuel, Samuel!

Suas armas, suas reservas de pólvora e chumbo podem custar-nos a vida!

– Estamos perto! gritou Joe. Estamos perto!

Vinte metros! A montanha passava acima do Vitória ainda vinte metros. Joe pegou as mantas e atirou-as fora.

Se for necessário, Dick, terá de sacrificar as suas armas.

– As minha armas! volveu o caçador emocionado.

Meu amigo, se eu pedir, é porque não há outro recurso. Sem dizer palavra, Kennedy lançou também vários saquinhos de balas e de chumbo.

O balão subiu, venceu a perigosa crista e o seu pólo superior iluminou-se com os raios do sol. Mas a barquinha achava-se ainda um pouco abaixo dos blocos de rocha, contra os quais ia inevitavelmente despedaçar-se.

– Kennedy! Kennedy! gritou o doutor. Jogue fora as armas ou estamos perdidos.

– Espere um momento, senhor Dick atalhou Joe, esperei E Kennedy, voltando-se, viu-o lançar-se fora da barca. Joe! gritou ele Joe! Desgraçado! exclamou o doutor.

A crista da montanha devia ter naquele ponto sete metros de largura e do outro o declive era mais suave. A barca chegou justamente ao nível daquele platô muito liso, raspando por um chão feito de calhaus agudos que pareciam estalar a sua passagem.

– Estamos passando! Estamos passando! Passamos! gritou uma voz que fez estremecer o coração de Fergusson.

O intrépido rapaz segurava-se com as mãos ao rebordo inferior da barquinha, corria a pé sobre a crista, libertando desse modo o balão da totalidade do seu peso. Via-se mesmo obrigado a retê-lo fortemente, pois ele tendia a escapar-lhe. Ao chegar à vertente oposta e quando o abismo se lhe apresentou debaixo dos pés, Joe, por vigoroso esforço dos braços, tornou a erguer-se e, agarrando-se às cordas, saltou de novo para junto dos companheiros.

– Nada há mais fácil disse ele.

– Meu valente Joe! Meu amigo! bradou o doutor emocionado.

– Ora! O que eu fiz não foi pelo senhor e, sim, pela carabina do senhor Dick redargüiu ele. Estava em débito com ele desde o caso do árabe! Gosto de pagar as minhas dividas e agora estamos quites acrescentou, estendendo ao caçador a sua arma predileta. Lamentaria vê-los separarem-se.

Kennedy apertou-lhe fortemente a mão sem dizer palavra.

O Vitória só tinha agora que descer, o que não lhe era difícil, não demorando a encontrar-se a setenta metros do solo, onde ficou em equilíbrio. O terreno parecia convulsionado, apresentando numerosos acidentes muito difíceis de evitar durante a noite, com um balão que já não obedecia. À noite desceu de repente e apesar da sua contrariedade o doutor não pôde deixar de parar.

– Vamos procurar lugar favorável disse ele.

– Ah! interveio Kennedy sempre resolveu!

– Com efeito. Meditei longamente sobre o projeto que vamos pôr em prática. São apenas seis horas da tarde, teremos tempo. Lance as âncoras, Joe.

Joe obedeceu e as duas âncoras ficaram pendendo por fora da barca.

– Vejo grandes florestas disse o doutor. Vamos correr-lhe por cima até nos prendermos a alguma árvore. Por nada deste mundo consentirei em passar a noite em terra.

– Então não vamos descer? perguntou Kennedy.

– Para quê? Repito-lhe que seria perigoso separarmo-nos. De resto, preciso de ambos para tarefa difícil.

O Vitória, que raspava os cimos da floresta imensa, não tardou a parar de súbito, com as âncoras retidas. Como o vento cedera ao entardecer, quase se imobilizou sobre aquele vasto campo de verdura formado pelas copas de uma floresta de sicômoros.

O INCÊNDIO

O doutor Fergusson começou por levantar a sua posição, servindo-se da altura das estrelas e achou-se apenas a quarenta quilômetros do Senegal.

– Tudo o que podemos fazer, amigos disse ele depois de haver anotado o seu mapa, é passar o rio. Mas como não há ponte nem barca, torna-se indispensável atravessá-lo em balão, e para isso temos de alijar mais carga ainda.

– Não sei como o havemos de conseguir respondeu o caçador, temendo pelas suas armas a não ser que um de nós resolva sacrificar-se, ficando para trás... e agora cabe-me esta honra.

– Ora essa! atalhou Joe eu já estou acostumado...

– Não quero dizer que qualquer um de nós se jogue da barca, mas que alcance a pé a costa de África. Eu sou bom andarilho, bom caçador...

– Não concordarei jamais! replicou Joe.

– Essa luta de generosidade não adianta tornou Fergusson. Espero que não cheguemos a tanto. Se isso fosse preciso, não iríamos separar-nos, antes ficaríamos juntos para atravessar este país.

– Bem, isso sim volveu Joe. Um passeiozinho não nos faria mal nenhum.

– Mas antes disso continuou o doutor vamos empregar o último recurso para aliviar o nosso Vitória.

– Qual? perguntou Kennedy. Estou bem curioso de sabê-lo.

– Temos de desembaraçar-nos das caixas do maçarico, da pilha de Bunsen e da serpentina. São quase quatrocentos e cinqüenta quilos bem pesados a arrastar pelos ares.

– Mas, Samuel, como obterá depois a dilatação do gás?

– Não a obterei. Passaremos sem ela.

– Mas enfim...

– Ouçam, amigos, já calculei com toda a exatidão a força ascensional que nos resta e encontrei-a suficiente para transportar-nos com os poucos objetos que nos restam. Totalizaremos apenas duzentos e cinqüenta quilos, incluídas as duas âncoras que pretendo conservar.

– Meu caro Samuel tornou o caçador você é mais competente do que nós nessa matéria e o único juiz da situação. Diga o que devemos fazer e nós obedeceremos.

– Estou às suas ordens, meu amo.

– Repito-lhes, amigos, por muito grave que seja esta determinação, precisamos sacrificar o nosso aparelho.

– Pois sacrifiquemo-lo! disse Kennedy.

– Mãos à obra! gritou Joe.

O trabalho não era fácil. Precisaram desmontar o aparelho peça por peça. Tiraram primeiro a ânfora de mistura, depois a caixa do maçarico e por fim o dispositivo onde se operava a decomposição da água. Para arrancar os recipientes do fundo da barca, onde estavam solidamente encravados, os três viajantes tiveram de empregar as suas fôrças conjuntas. Mas Kennedy era tão vigoroso, Joe tão hábil e Samuel tão engenhoso que tudo saiu bem. As

diversas peças foram sucessivamente jogadas fora, desaparecendo através de largos buracos abertos na folhagem dos sicômoros.

Em seguida, passaram a ocupar-se dos tubos instalados no balão e que se ligavam à serpentina. Joe conseguiu cortar alguns centímetros acima da barca as articulações de borracha, mas, no que se refere propriamente aos tubos, foi mais difícil, pois estavam seguros pela extremidade superior e presos por fios de latão ao círculo da válvula.

Foi então que Joe mostrou a sua extraordinária agilidade. Descalço, para não prejudicar o invólucro, logrou, com o auxílio da rede e apesar das oscilações, subir até ao cume exterior do aeróstato, e lá, após mil dificuldades, seguro com uma das mãos na superfície escorregadia, desprende as porcas externas que retinham os tubos. Estes deslocaram-se então facilmente e foram retirados pelo apêndice inferior, hermeticamente fechado por meio de forte ligadura.

Um círculo de fogo envolvia o Vitória...

O Vitória, aliviado daquele peso considerável, ergueu-se no ar esticando fortemente a corda da âncora.

A meia-noite, os trabalhos estavam felizmente terminados, embora à custa de grandes fadigas. Fizeram à pressa ligeira refeição de conservas e grogue frio, pois Fergusson já não dispunha de calor para colocar à disposição de Joe.

Aliás, tanto ele como Kennedy estavam a cair de cansaço.

– Deitem-se e durmam, amigos disse-lhe Fergusson.

Eu farei o primeiro quarto. Às duas horas acordarei Kennedy e às quatro Kennedy acordará Joe. Às seis horas partiremos, o que Deus vele por nós durante esta última jornada!

Sem se fazerem rogar, os dois companheiros do doutor estenderam-se no fundo da barca e adormeceram de um sono tão rápido quanto profundo.

A noite era serena. Algumas nuvens destacavam-se contra o último quarto da lua, cujos raios débeis mal rompiam a escuridão. Fergusson, acotovelado à borda da barca, passeava os olhos em redor. Vigiava com atenção a negra cortina de folhagem estendida a seus pés e que lhe impedia a vista do chão. O menor ruído parecia-lhe suspeito e ele procurava interpretar até o mais ligeiro frêmito da ramaria.

Em verdade, aquela situação nada oferecia de tranqüilizadora, numa região bárbara e com meio de transporte que no fim de contas podia falhar de um momento para outro. O doutor já não podia contar, inteiramente, com o seu balão. Já se fora o tempo em que o manobrava com audácia, certo da sua obediência.

Dominado por estas impressões, imaginava por vezes surpreender rumores indeterminados na vasta floresta. Pareceu-lhe, mesmo, ver brilhar entre as árvores rápido clarão e, olhando vivamente, assestou o seu óculo noturno. Mas nada avistou e até se fez silêncio mais profundo.

Fora decerto alucinação. Aplicou o ouvido sem perceber o menor barulho e, como o tempo do seu quarto tivesse passado, acordou Kennedy, recomendou-lhe a maior vigilância e foi estender-se ao lado de Joe, que dormia profundamente.

Kennedy acendeu o cachimbo com pachorra, esfregando os olhos que mal podia conservar abertos, acomodou-se a um canto e pôs-se a fumar com energia para expulsar o sono.

Reinava à sua volta o mais completo silêncio. Um vento leve agitava as copas das árvores e balançava docemente a barca, convidando o caçador a um sono que a seu pesar o dominava.

Ainda quis resistir-lhe, abriu várias vezes as pálpebras, enviou à escuridão alguns desses olhares que já nada vêm e, por fim, sucumbindo à fadiga, adormeceu.

Quanto tempo ficou mergulhado naquele estado de inércia? Não o podia saber ao acordar subitamente, estremunhado por crepitação inexplicável.

Esfregou os olhos e levantou-se com forte calor no rosto. A floresta estava em chamas.

– Fogo! Fogo! gritou ele sem compreender ainda bem o que se passava.

Os dois companheiros levantaram-se. Que há? perguntou Samuel.

– Um incêndio! bradou Joe. Mas quem pôde... Naquele momento explodiram uivos sob a folhagem violentamente iluminada.

– Ah! Foram os selvagens! gritou Joe. Incendiaram a floresta para queimar-nos com mais segurança!

– Devem ser os Talibas! disse o doutor.

Um círculo de fogo envolvia o Vitória. O crepitar da madeira seca misturava-se ao ranger dos ramos verdes. As lianas e as folhas, toda a parte viva da vegetação se estorcia em meio ao elemento destruidor. O olhar contemplava aperiamente um oceano de chamas. As árvores destacavam-se em preto naquela fornalha, com a ramaria bordada de carvões incandescentes e o conjunto ígneo, o imenso braseiro refletia-se nas nuvens, envolvendo os viajantes como em esfera de fogo.

– Fugamos! berrou Kennedy para terra! Mas Fergusson deteve-o com mão firme e correndo para a corda da âncora cortou-a com um golpe de machado. As labaredas estendiam-se para o balão, lambendo-lhe já as paredes iluminadas, mas o Vitória livre das amarras subiu nos ares mais de trezentos metros. Gritos espantosos ressoaram na floresta, seguidos de numerosas detonações de armas de fogo. O balão, levado por corrente que soprava com o romper do dia, afastou-se para oeste.

Eram quatro horas da manhã.

O RIO SENEGAL

Se não tivéssemos tido a precaução de nos aliviarmos ontem à noite comentou o doutor, estaríamos agora perdidos sem remédio!

– É o resultado de se fazerem as coisas a tempo replicou Joe. Acabamos salvando-nos e não há nada mais natural.

– Ainda não estamos fora de perigo voltou Fergusson. Que receia mais? perguntou Dick. O Vitória não pode descer sem sua licença. E se descesse? Se descesse, Dick? Olhe!

Acabavam de passar a orla da floresta e os viajantes puderam avistar cerca de trinta cavaleiros de largas calças e albornozes ondeantes. Estavam todos armados, uns com lanças e outros com longos mosquetes, seguindo ao ligeiro galope dos seus cavalos fogosos na esteira do Vitória, que avançava em marcha moderada. Ao verem os viajantes, soltaram gritos selvagens, brandindo raivosamente as armas. A cólera e as ameaças transpareciam nos rostos morenos, tornados mais ferozes por uma barbicha rala, mas eriçada, e atravessavam sem dificuldades as planuras e brandos declives que descem para o Senegal.

– São realmente os ferozes talibas! tornou o doutor. Antes queria estar em plena floresta, no meio de um círculo de feras, do que cair nas mãos desses bandidos!

– Não parecem muito tratáveis! interveio Kennedy e são uns latagões de causar respeito!

– Felizmente essas feras não voam observou Joe. Sempre é alguma coisa.

– Vejam tornou Fergusson, aldeias em ruínas, cabanas incendiadas! Tudo isso é obra deles! Enfim, não nos podem alcançar teimou Kennedy, e se conseguirmos meter o rio de permeio estaremos em segurança.

– Com efeito, Dick, mas para isso é indispensável não cairmos respondeu o doutor, lançando os olhos ao barômetro.

– De qualquer modo, Joe voltou Kennedy, não será mau irmos preparando as nossas armas.

– Não há dúvida, senhor Dick, e agora aparece a vantagem de as não termos jogado fora no caminho.

– Ah! Minha carabina! bradou o caçador espero nunca me separar de ti! E Kennedy pôs-se a carregá-la com todo amor. Tinha ainda pólvora e balas em quantidade suficiente.

– A que altura estamos? perguntou ele a Fergusson.

– Mais ou menos a duzentos e cinquenta metros, mas já não temos a faculdade de procurar correntes favoráveis, subindo ou descendo. Estamos à mercê do balão.

– É pena voltou Kennedy. O vento é bem fraco, e se encontrássemos um furacão igual ao de dias passados há muito esses bandidos nos teriam perdido de vista.

– Os malditos nos vêm seguindo facilmente a pequeno trote disse Joe. Como se fosse num passeio.

– Se os tivesse ao meu alcance, havia de divertir-me a desmontá-los um após outro acrescentou o caçador.

– Que está dizendo! exclamou Fergusson. Nesse caso também nós ficaríamos ao alcance deles e o nosso Vitória seria alvo excelente para as balas dos seus compridos mosquetes. E se conseguissem vará-lo, bem pode calcular a nossa situação!

A perseguição dos talibas continuou toda a manhã. Pelas onze horas, os viajantes mal tinham feito trinta quilômetros para oeste.

O doutor espreitava as menores nuvens no horizonte, temendo sempre mudança atmosférica. Se fosse repellido para o Níger, que seria dele? Por outro lado, verificava que o balão tendia a baixar assustadoramente. Depois da saída já haviam perdido mais de cem metros, e o Senegal devia distar vinte e cinco quilômetros. Na velocidade em que iam, precisavam ainda de três longas horas de viagem.

Naquele momento, novo alarido chamou-lhe a atenção. Os talibas apressavam-se, esporeando os cavalos. O doutor consultou o barômetro e percebeu a causa daquela agitação.

– Estamos descendo? perguntou Kennedy.

– Estamos respondeu Fergusson.

– Diabo! pensou Joe.

Um quarto de hora depois, a barca não estava a mais de cinquenta metros do solo, mas o vento soprava com mais força. Os talibas fustigaram os cavalos e não demorou que uma descarga de mosquetes explodisse nos ares.

– Ainda estão muito longe, idiotas! gritou Joe. Mas acho bom ir mantendo esses patifes à distância.

E visando um dos mais avançados cavaleiros, disparou. O taliba rolou no chão, os companheiros estacaram e o Vitória pede adiantar-se.

– São prudentes! notou Kennedy.

– Porque estão certos de apanhar-nos volveu o doutor, e vão consegui-lo se continuarmos a descer. Precisamos absolutamente subir!

– Que mais havemos de jogar fora? perguntou Joe.

– Tudo o que resta de carne em conserva. São mais quinze quilos de que nos desembaraçamos.

– Pronto, senhor! disse Joe, obedecendo às ordens do amo.

A barquinha, que quase raspava o chão, elevou-se em meio aos gritos dos talibas, mas daí a meia hora o balão tornava a descer velozmente com o gás escapando pelos poros do invólucro. A barca não tardou a tocar no chão. Os negros Al-Hadji correram, mas, como sempre acontece em casos desses, o Vitória, mal tocou em terra, deu um pulo e foi cair outra vez dois quilômetros adiante.

– Não conseguiremos escapar! disse Kennedy furioso.

– Lance fora à reserva de aguardente, Joe gritou o doutor, os instrumentos e tudo quanto representa algum peso, até a âncora, visto que assim é preciso!

Joe arrancou os barômetros e os termômetros, mas isso era pouco, e o balão, que subira um momento, logo voltou a cair. Os talibas voavam-lhe no encalço, não distantes mais de duzentos passos.

– Jogue fora as espingardas! gritou o doutor.

– Não pelo menos antes de as ter descarregado respondeu o caçador.

E quatro tiros sucessivos fenderam a massa dos cavaleiros, onde quatro talibas tombaram em meio aos gritos frenéticos do bando.

O Vitória tornou a erguer-se. Dava saltos enormes como imensa bala elástica ricocheteando no chão. Singular espetáculo o daqueles desventurados tentando fugir em gigantescas passadas e que, à maneira de Anteu, pareciam readquirir novas fôrças cada vez que tocavam terra! Mas

uma tal situação não podia prolongar-se. Era quase meio-dia. O Vitória esgotava-se, esvaziava-se, adelgaçava-se, o invólucro ia-se tornando flácido e flutuante, as pregas do tafetá já se esfregavam umas nas outras.

O céu abandona-nos! disse Kennedy. Joe não respondeu, observando o amo.

– Não volveu este. Temos ainda setenta e cinco quilos a jogar fora.

– O quê? perguntou Kennedy, julgando que o doutor enlouquecera.

– A barca respondeu este. Agarremo-nos à rede! Podemos pendurar-nos nas malhas e alcançar o rio. Depressa, depressa!

E aqueles homens corajosos não hesitaram em tentar semelhante meio de salvação. Seguraram-se às malhas da rede, como ensinara o doutor, e Joe, agüentando-se com uma só mão, cortou as cordas da barquinha, a qual tombou no justo momento em que o aeróstato ia definitivamente abater-se.

– Hurra! hurra! gritou ele, enquanto o balão deslastrado subia cem metros no ar.

Os talibas fustigavam cada vez mais os cavalos, correndo em desfilada, mas o Vitória, achando vento mais ativo, ultrapassou-os de muito e rompeu em direção a uma colina que barrava o horizonte a oeste. Foi uma circunstância favorável para os viajantes, que puderam transpô-la enquanto a horda de Al-Hadjis era forçada a contornar pelo norte o derradeiro obstáculo.

Os três amigos mantinham-se agarrados à rede, que haviam conseguido amarrar por baixo e formava agora uma espécie de bolsa flutuante. Bruscamente, uma vez transposta a colina o doutor gritou:

– O rio! O rio! O Senegal!

Com efeito, quatro quilômetros adiante, rolava extensa massa de água. A margem oposta, baixa e fértil, oferecia retiro seguro e ponto favorável para operar a descida.

– Mais um quarto de hora acrescentou Fergusson e estaremos salvos!

Mas não havia de ser assim. O balão vazio caía pouco a pouco em terreno quase inteiramente desprovido de vegetação. Eram grandes declives e planos pedregosos. Apenas algumas moitas e erva densa e ressequida pelos ardores do sol.

Várias vezes o Vitória tocou o chão e ergueu-se. Seus pulos diminuía de altura e extensão. Por fim, prendeu-se pela parte de cima da rede aos ramos de um baobá, única árvore isolada em meio àquela região desértica. É o fim disse o caçador.

– E a cem passos do rio! lamentou Joe.

Os três infelizes desceram e o doutor arrastou os dois companheiros para o Senegal. Naquele ponto o rio fazia ouvir mugido prolongado, e, ao chegar à margem, Fergusson reconheceu as quedas de Gouinal. Nenhum barco no rio, nenhum ser animado! Numa largura de setecentos metros o Senegal precipitava-se de altura de cinquenta, com ruído ensurdecido. Corria de leste para o este, e a linha de rochedos que lhe barrava o curso estendia-se de norte para sul. No meio da queda erguiam-se penedos de forma estranha, como imensos animais antediluvianos petrificados no meio das águas.

A impossibilidade de atravessar aquele abismo era evidente. Kennedy não pôde conter um gesto de desespero, mas o doutor Fergusson, com tom de audácia na voz, gritou:

– Nem tudo está perdido!

– Eu bem sabia! respondeu Joe, com aquela confiança no amo que jamais o abandonava.

A vista daquela erva ressequida inspirara ao doutor ousada idéia, que era a única esperança

de salvação. Arrastou outra vez os companheiros para o invólucro do aeróstato.

– Temos pelo menos uma hora de avanço sobre aqueles bandidos disse ele e, portanto, amigos, não podemos perder tempo. Apanhem grande quantidade de ramos secos, necessito de pelo menos cinquenta quilos dela. Não tenho mais gás? Pois bem! atravessarei o rio com ar quente!

– Ah! Meu valente Samuel! exclamou Kennedy você é verdadeiramente um grande homem! Joe e Kennedy lançaram-se ao trabalho e em breve um monte enorme foi empilhado junto ao baobá.

Enquanto isso o doutor aumentara o orifício do aeróstato, cortando-o na sua parte inferior, tendo o cuidado prévio de fazer sair pela válvula tudo o que lá restava de hidrogênio. Em seguida, amontoou certa quantidade de galhos secos sob o invólucro e pôs-lhe fogo. Pouco tempo se necessita para encher um balão com ar quente. Uma temperatura de cem graus centígrados basta para reduzir de metade o peso de ar que ele encerra, rarificando-o. O Vitória começou assim a retomar notoriamente a sua forma arredondada. Não faltavam ramos, o lume ativava-se pelos cuidados do doutor e o aeróstato crescia . olhos vistos. Era então uma hora menos um quarto.

Naquele momento, quatro quilômetros ao norte surgiu o bando dos talibas cujos gritos se ouviam, bem como o galope dos cavalos lançados a toda brida.

– Dentro de vinte minutos estarão aqui disse Kennedy.

– Lenha! Lenha, Joe! daqui a dez minutos estaremos em pleno ar! Pronto, meu amo!

O Vitória estava com dois terços do seu volume.

– Amigos, agarremo-nos outra vez à rede!

– Cá estamos! respondeu o caçador.

Ao fim de dez minutos, algumas sacudidelas do balão indicaram a sua tendência para subir. Os talibas aproximavam-se, vinham apenas a quinhentos passos.

– Segurem-se bem! gritou Fergusson.

– Não tenha receio, meu amo! não tenha receio!

E com o pé o doutor empurrou para a fogueira novo monte de galhos.

O balão, completamente dilatado pelo aumento de temperatura, elevou-se raspando pela ramaria do baobá.

– A caminho! bradou Joe.

Respondeu-lhe descarga de mosquetes, uma bala aflorou-lhe mesmo o ombro. Mas Kennedy, inclinando-se e disparando a sua carabina, jogou por terra mais um inimigo. Gritos de ódio impossíveis de descrever acolheram a fuga do aeróstato, que subiu a cerca de duzentos e cinquenta metros. Um vento rápido apanhou-o, forçando-o a algumas inquietadoras oscilações, enquanto o intrépido doutor e seus companheiros contemplavam o abismo das cataratas que se lhes abria sob os olhos. Dez minutos depois, sem haverem trocado uma palavra, os valentes aeronautas desciam lentamente para a outra margem do rio.

Ali, surpreendido, maravilhado, espantado, via-se um grupo de dez homens, envergando o uniforme francês. Imagine-se a admiração deles quando viram o balão erguer-se na margem direita do rio. Não estavam longe de acreditar em fenômeno celeste. Mas os chefes, um tenente de marinha e um guarda-marinha, conheciam pelos jornais da Europa a audaciosa tentativa do doutor Fergusson e imediatamente compreenderam o que se passava.

O balão, desinflando-se pouco a pouco, caía com os ousados passageiros agarrados à rede e

parecia duvidoso que pudessem alcançar a terra. Imediatamente os franceses correram para o rio, recebendo os três ingleses nos braços no momento em que o Vitória tombava a alguns metros da margem esquerda do Senegal.

– O doutor Fergusson? berrou o tenente.

– Ele mesmo respondeu pacatamente o doutor e os seus dois companheiros.

Os franceses conduziram os viajantes para além do rio, enquanto o balão, quase vazio, levado por corrente rápida, foi como uma bola imensa precipitar-se, com as águas do Senegal, nas cataratas de Gouina.

– Pobre Vitória! exclamou Joe.

O doutor não pôde conter uma lágrima, abriu os braços e seus dois amigos correram para ele, sob o império de forte emoção.

CONCLUSÃO

A expedição que se encontrava às margens do rio fora enviada pelo governador do Senegal. Compunha-se de dois oficiais, senhor Dufraisie, tenente de infantaria naval, e Rodamel, guarda-marinha, e de mais um sargento e sete soldados. Havia dois dias que se ocupavam na escolha do lugar mais propício para o estabelecimento de posto em Gouina, quando foram testemunhas da chegada do doutor Fergusson.

Pode-se facilmente fazer idéia das felicitações e dos abraços que foram prodigalizados aos três viajantes. Os franceses, que tinham podido controlar pessoalmente a realização do audacioso projeto, tornavam-se as testemunhas naturais de Samuel Fergusson. O doutor solicitou antes de tudo que atestassem oficialmente a sua chegada às cataratas de Gouina.

– Têm alguma objeção em assinar um relatório? perguntou ele ao tenente Dufraisie.

– Absolutamente. Estamos às suas ordens respondeu este.

Os ingleses foram levados a um posto provisório estabelecido nas margens do rio. Foram alvo das maiores atenções e puderam alimentar-se lautamente. Foi redigido, então, nos seguintes termos, o relatório que figura hoje nos arquivos da Sociedade Geográfica de Londres.

"Nós, abaixo assinados, declaramos que nesta data vimos chegar, suspensos à rede de um balão, o doutor Fergusson e seus companheiros, Dick Kennedy e Joseph Wilson, balão este que caiu a alguns passos de distância, no leito do rio, e foi levado pela correnteza para as cataratas de Gouina. Em testemunho de verdade, assinamos o presente, juntamente com os acima mencionados, para fins de direito. Redigido nas cataratas de Gouina, em vinte e quatro de maio de 1862.

Samuel Fergusson; Dick Kennedy; Joseph Wilson; Dufraisie, tenente de infantaria naval; Rodamel, guarda-marinha; Dufays, sargento Flippeau, Mayor, Péliissier, Lorois, Rascagnet, Guillon, Lebel, soldados."

Aqui termina a assombrosa viagem do doutor Fergusson e de seus corajosos companheiros, comprovada por testemunhas incontestáveis. Achavam-se eles agora entre amigos, no meio de tribos hospitaleiras, cujas relações são freqüentes com estabelecimentos franceses.

Haviam chegado ao Senegal no sábado, vinte e quatro de maio, e a vinte e sete do mesmo mês atingiram o posto de Medina, situado um pouco mais ao norte na margem do rio.

Os oficiais franceses os receberam como hóspedes insignes, dispensando-lhes toda sorte de atenções e delicadezas. O doutor e os companheiros puderam embarcar quase imediatamente no pequeno navio a vapor, o Basilic, que descia até a foz do Senegal.

Catorze dias depois, chegaram a São Luís, onde o governador os acolheu magnificamente. Achavam-se então já completamente restabelecidos das emoções e do cansaço. Aliás, Joe dizia a quem quisesse ouvi-lo:

– Afinal de contas, foi uma viagem sem grandes sensações. Não a aconselho a quem ama emoções. No final, tornou-se até fastidiosa. Se não fossem as aventuras do lago Tchad e do Senegal, teríamos morrido de tédio! Uma fragata inglesa estava prestes a partir e os três viajantes tomaram passagem a bordo. A vinte e cinco de junho chegaram a Portsmouth e no dia seguinte a Londres.

Não descreveremos o acolhimento que lhes fez a Sociedade Real de Geografia, nem as homenagens a eles tributadas. Kennedy partiu imediatamente para Edimburgo com a sua famosa carabina. Tinha pressa de tranquilizar a sua velha governanta.

O doutor Fergusson e seu fiel Joe continuaram a ser os mesmos homens que conhecemos. Uma mudança, entretanto, se operara neles, sem que o percebessem.

Tinham-se tornado amigos.

Os jornais da Europa inteira não pouparam elogios aos audazes exploradores e o Daily Telegraph fez tiragem de novecentos e setenta e sete mil exemplares no dia em que publicou o resumo da viagem.

O doutor Fergusson, em sessão pública, na Sociedade Real de Geografia, fez o relato de sua expedição aeronáutica e obteve, para ele e os dois companheiros, a medalha de ouro destinada a galardoar a mais notável exploração do ano de 1662.